

The secrets between them
are only getting darker.

THE GOOD LIE

A. R. TORRE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

**T H E
G O O D
L I E**



SUSPENSE

SINOPSE

Seis adolescentes assassinados. Um suspeito atrás das grades. Um pai desesperado. Num caso tão sombrio, a verdade é fácil de esconder.

A psiquiatra Dra. Gwen Moore é especialista em assassinos. Ela passou uma década tratando os predadores mais depravados da Califórnia e desvendando seus motivos - predadores muito parecidos com o famoso serial killer Bloody Heart ou BHK, o Assassino do Coração Sangrento, cuja última vítima adolescente escapou e identificou o professor local Randall Thompson como seu captor. O caso contra Thompson como o Assassino do Coração Sangrento é contundente - e encerrado, no que diz respeito à Gwen e à mídia. Se não fosse por um novo desenvolvimento...

O advogado de defesa Robert Kavin é um pai ainda traumatizado cujo próprio filho foi vítima do assassino de BHK. Convencido da inocência de Thompson, ele intervém para representá-lo. Agora Robert quer que Gwen entreviste o acusado, crie um perfil psicológico do assassino e de suas vítimas e ajude a limpar o nome de seu cliente.

À medida que Gwen e Robert se aproximam e ela se aprofunda na investigação, surgem questões graves. O mesmo acontece com a suspeita de Gwen de que Robert está escondendo algo - e que ele pode não ser o único com um segredo...

CAPÍTULO UM



A prestigiada rua ainda guardava segredos do horror. Os panfletos sobre pessoas desaparecidas estavam pregados nas palmeiras das Ilhas Canárias, com as cores desbotadas pelos elementos, as bordas enroladas pela chuva e pelo vento. A mansão de tijolos brancos no final da rua não tinha mais carros de polícia estacionados em seu acesso circular. As vans de imprensa e as câmeras foram lentamente avançando para outras histórias. Os portões de ferro, necessários para manter afastado o público bem-intencionado, estavam desertos. O peso do silêncio pairava no ar ensolarado de Los Angeles.

Scott Harden cambaleou pela calçada ladeada de palmeiras em direção aos grandes portões. À medida que se movia, a casa branca balançava diante dele, a vista turva pelo suor queimando os cantos dos olhos. Sua camisa pólo com monograma, manchada por semanas de uso, grudava em suas costas. Contusões e cortes causados pela corda rígida circundavam ambos os pulsos, ele acelerou os passos, começando a correr à medida que se aproximava de casa. Enquanto o sangue escorria da incisão em seu peito, ele cambaleou até parar no painel de segurança dos portões.

Ele pressionou o código no teclado, deixando impressões digitais ensanguentadas. Os portões soaram e zumbiram quando se abriram.



Nita Harden ficou diante do espelho do banheiro e tentou encontrar energia e motivação para pegar sua escova de dente. Seu balcão, antes lotado de perfumes e cosméticos caros, estava vazio. Seus cabelos loiros, que sempre foram acompanhados por visitas quinzenais ao salão, agora tinham meia polegada de raízes cinzas-escuras. Vestindo um traje de ioga preto pendurado em seu corpo, ela não se parecia em nada com a socialite organizada que havia conquistado o mais alto escalão da sociedade de Beverly Hills. O mau hálito importava quando seu filho estava desaparecido? Fazia *alguma coisa* quando cada dia era apenas um horrível jogo de espera para que alguém descobrisse seu corpo?

O Bloody Heart Killer ou Assassino do Coração Sangrento, era confiável. Ele sequestrou adolescentes bonitos e populares, como o Scott dela.

Ele manteve cada menino prisioneiro por um mês ou dois, estrangulou-os e mutilou seus corpos, depois os descartou como se fossem sacos de lixo. Houve seis meninos antes de Scott. Foram encontrados seis corpos nus, com um coração esculpido no peito. Já se passaram quase sete semanas desde que Scott desapareceu. Qualquer dia, o corpo dele apareceria e ela seria chamada ao necrotério para identificar o filho.

Os sons do sistema de segurança soaram e ela ergueu os olhos da escova de dentes, ouvindo um dos sons personalizados dos portões da frente. Quando construíram a casa, cada um deles escolheu um código de portão exclusivo e um som de notificação. Cada vez que ela estacionava seu Jaguar até o portão e usava seu controle remoto ou código pessoal, o toque suave de sinos soava. A do marido dela era a canção de luta da UCLA. O de Scott era um trinado simples... Sua escova de dentes caiu na pia enquanto a campainha pessoal de Scott soava no grande banheiro.

Uma nova pontada de emoção crua rasgou seu coração, e ela soltou um grito doloroso ao ouvir aquele toque familiar, que ela considerava natural há anos, que instantaneamente trouxe à mente o grande sorriso de Scott. Ele sempre entrava com a mochila pendurada no ombro, correndo para pegar algo para comer. Ela foi até a grande janela no final do banheiro e olhou para o jardim da frente, esperando ver o carro de um dos amigos dele, ou a van da equipe de limpeza ou paisagistas, a qualquer um dos quais Scott poderia ter dado seu código. Nenhum veículo apareceu através da folhagem, e ela colocou a mão no vidro e tentou ver os portões de entrada.

Uma figura moveu-se rigidamente pelo centro do caminho de granadas esmagadas, uma perna arrastando-se um pouco e desenhando uma longa linha atrás dele. Sua respiração ficou dolorosamente presa na garganta ao ver a familiar camisa polo cinza, idêntica às dezenas que ainda estavam penduradas no armário de Scott. Seu rosto não estava visível, sua atenção voltada para frente, mas ela percebeu isso instantaneamente. Girando, ela tropeçou em uma das patas de cobre da banheira e caiu de joelhos. Soluçando um soluço de emoção e dor, ela se levantou e passou pela abertura em arco que levava ao quarto deles. Correndo para o corredor, ela passou por uma empregada enquanto contornava a escada e descia correndo, a mão apertada no corrimão, à visão turva pelas lágrimas.

— GEORGE! — ela gritou, virando a cabeça na direção do escritório do marido, onde ele costumava trabalhar em casa. — GEORGE! — Sem parar para ver se ele estava em casa ou se tinha ouvido, ela puxou a pesada maçaneta de bronze da porta da frente e abriu-a o suficiente para poder sair.

Seus pés descalços se agitaram contra as conchas esmagadas, a dor ignorada enquanto ela corria pelo meio do caminho, gritando o nome do filho.

A cabeça de Scott se levantou e ele parou cambaleando, suas feições exaustas enquanto sua boca se curvava em um sorriso. Ele levantou lentamente os braços e ela caiu sobre eles.

Seu filho, contra todas as probabilidades, estava em casa.

CAPÍTULO DOIS



Ouvi a mensagem de voz de John Abbott e me perguntei se aquele seria o dia em que ele mataria a esposa.

— Dra. Moore — ele disse com voz rouca, sua voz irregular e emocionada — Me ligue de volta. Ela vai me deixar por ele. Eu sei disso. É isso.

John - que sempre chegava cinco minutos mais cedo para nossos compromissos, com roupas bem passadas e uma forma meticulosa, que preenchia meus cheques em letras maiúsculas dolorosamente organizadas - parecia estar desmoronando. Escutei até o final da mensagem de voz, pressionei a tela e reproduzi novamente.

Suspirando, retornei sua ligação. Eu havia determinado, ao longo de um ano de sessões individuais de psiquiatria, que John sofria de ciúme patológico. Tínhamos passado os primeiros dois meses concentrados na esposa dele e na suposta paixão dela pelo paisagista. John era resistente à terapia comportamental e se opunha veementemente à ideia de tomar fenotiazinas. Após semanas de insistência, ele seguiu meu conselho e demitiu o paisagista, o que resolveu a situação. Ele agora havia encontrado uma nova fonte de preocupação: o vizinho. Suas suspeitas pareciam infundadas, o que não seria muito alarmante se ele também não sofresse de uma compulsão crescente para matar a referida esposa.

Enquanto esperava ele responder, abri a geladeira e tirei um galão de leite. Se John Abbott tinha capacidade para matar era motivo de debate. Ainda assim, o fato de ele ter considerado isso

consistentemente por quase um ano foi uma validação suficiente.

Ele não atendeu e eu encerrei a ligação e coloquei meu telefone no balcão. Servi um copo alto, depois afastei as rígidas cortinas de renda e espiei pela janela acima da pia. Através de uma fina camada de pólen, vi minha gata amassar as garras ao longo do acabamento vermelho polido do capô dianteiro do meu conversível. Batendo no vidro, tentei chamar a atenção dela. — Ei!

Clementine me ignorou. Bebi o leite de um só gole e bati com mais força na janela. Nenhuma reação.

Enxaguando o copo, coloquei-o na prateleira de cima da máquina de lavar louça e olhei para o celular. Esta foi a primeira vez que John Abbott ligou para meu celular. Ao contrário de Rick Beekon, que não conseguia reservar um horário para jogar golfe sem obter minha aprovação, John era o tipo de cliente que considerava um pedido de ajuda fraco e incapaz. Para ele, deixar uma mensagem de voz numa manhã de terça-feira foi significativo. Ele pegou Brooke? Ou sua paranoia e ciúme chegaram ao limite?

Ela vai me deixar por ele. Eu sei disso. É isso.

A perda, para um homem como John, poderia ser um conceito revolucionário, especialmente porque ele tinha um foco singular e uma visão distorcida de sua esposa. Esse foco se transformou em uma obsessão, com uma linha violenta que pairava em direção à maníaca.

Liguei para ele novamente, minha preocupação aumentando enquanto o telefone tocava e tocava sem resposta. As possibilidades apareceram, indesejáveis em minha mente. O farmacêutico com a caligrafia perfeita e duas consultas perdidas neste mês, de pé ao lado da esposa, com uma faca ensanguentada na mão.

Não, eu me corriji. Não é uma faca. Não com Brooke. Seria outra coisa. Algo menos prático. Tóxico. Essa tinha sido sua recente fantasia preferida.

Verifiquei o relógio do microondas. Mais de duas horas desde que ele me ligou. Qualquer coisa poderia ter acontecido em duas horas. Foi isso que ganhei por dormir até tarde. O Ambien¹, que parecia uma

ótima ideia às 3 da manhã, me custou essa chamada perdida.

Mais uma ligação, disse a mim mesma. Eu esperaria um pouco, depois tentaria mais uma vez e seguiria em frente com o meu dia. A obsessão, como frequentemente dizia aos meus clientes, nunca afetava situações externas. Elas apenas pioraram suas lutas internas - e as ações e decisões pessoais resultantes.

Preparei uma torrada e comi, mastigando lenta e deliberadamente enquanto me sentava à mesa da sala de jantar e assistia a um episódio de *Seinfeld* no celular. Depois de limpar a bancada, ensacar novamente o pão e lavar as mãos na pia, tentei novamente.

E assim como nas duas primeiras vezes, ele ignorou minha ligação.



As nove e quarenta e cinco, quando me dirigia ao consultório para minha primeira consulta, John Abbott não compareceu ao seu turno na Farmácia Breyer.

Houve uma preocupação imediata. O homem era um tirano em relação à pontualidade, tanto que dois farmacêuticos juniores desistiram em prantos depois de serem submetidos a seus longos e quase violentos discursos sobre a responsabilização do prazo. Depois que seu atraso chegou às dez e meia, depois às onze horas, e repetidas ligações para seu celular ficaram sem resposta, os três membros da equipe se reuniram no fundo das estantes médicas para decidir o que fazer. A fila de clientes, que nunca havia ultrapassado a seção de fraldas para adultos do corredor, agora se estendia até os remédios fitoterápicos. Na frente, um homem com bigode branco e espesso e chapéu de cowboy pigarreou.

Foi tomada a decisão de encontrar a esposa de John no Facebook

e enviar-lhe uma mensagem. Concluída a tarefa, esperaram mais quinze minutos e depois enviaram o membro mais jovem e dispensável da equipe para ir até sua casa.

Joel Blanker tinha 21 anos e era estagiário de farmácia em Little Rock, Arkansas. Ele gostava de Dungeons and Dragons, de mulheres latinas e de frango com ketchup extra. Enquanto ouvia Phil Ankerly meditar sobre um documentário que ele assistiu sobre Ted Bundy, Joel estacionou na rua e mandou uma mensagem para o farmacêutico assistente para avisá-lo de que o carro de John estava lá, estacionado atrás de um sedã branco. As instruções que Joel recebeu foram simples: toque a campainha. Pergunte a John se ele vem trabalhar. Abaixar-se e cobrir-se se ele começar a gritar.

Joel começou pela porta da frente da casa térrea, com as axilas úmidas do calor de Los Angeles enquanto ouvia o sino ecoar pela casa. Depois de um segundo toque, e sem nenhum som vindo de dentro de casa, ele foi até a garagem. Batendo suavemente na porta lateral, ele esperou, depois, hesitante, colocou as mãos em concha no vidro e espiou dentro.

Ao ver o sangue e o corpo, ele cambaleou para trás, e o sapato ficou preso no meio-fio da garagem. Seu celular deslizou pelo chão e parou contra um pilar de sustentação. Ele rastejou pela superfície bem varrida e pegou o telefone. Ignorando a nova teia de rachaduras em sua tela, ele desbloqueou o dispositivo e digitou 9-1-1.



Depois da minha segunda consulta matinal, passei pela academia Forty-Fifth na Quinta Avenida. Minhas preocupações com a mensagem de voz de John Abbott desapareceram quando coloquei roupas de ginástica e subi na esteira. Aumentei a velocidade e examinei a fileira de telas de televisão, me concentrando em uma que mostrava o rosto de um apresentador, as palavras ASSASSINO BH em negrito sob seu

queixo. Começando a correr confortavelmente, mantive meus olhos no tópico de legendas ocultas da coletiva de imprensa, tentando entender o que a atualização estava cobrindo. A visão da câmera mudou para mostrar um adolescente bonito com camisa de botão e calça cáqui parado ao lado de sua mãe, um sorriso tímido no rosto enquanto ela o agarrava pela cintura.

— ...grata por tê-lo em casa. Por favor, dê-nos privacidade enquanto passamos esse tempo com nosso filho...

Apertei o botão “Parar sessão” na esteira e peguei meu telefone. Apesar da parada no ritmo, meu batimento cardíaco aumentou. A última vítima do Coração Sangrento escapou? Junto com a maioria dos Angelenos, passei os últimos três anos colada à cobertura, acompanhando cada caso trágico, desde o desaparecimento até a morte. Uma vítima que escapasse, especialmente uma em condições saudáveis, parecia impossível. Esse era o período em que o cadáver de uma vítima era normalmente encontrado, seu pênis toscamente removido, seu cadáver nu recebendo o mesmo cuidado que um cigarro descartado.

Este assassino era único e preciso, sua experiência comprovada através de seis vítimas. Fiquei surpresa por ele ter sido descuidado o suficiente para permitir uma fuga. Poderia ser este um assassino imitador? Um engano? Ou um momento fraco na estratégia e na execução? Desbloqueei meu telefone e procurei as últimas notícias, depois olhei novamente para a televisão sem som.

— ...escapou do assassino BH e correu quilômetros até encontrar o caminho de casa...

Lá estava. Confirmação em preto e branco. Como Scott Harden escapou? Saí da máquina, corri pela movimentada área de cardio e subi as escadas, descendo correndo os degraus largos em direção ao nível inferior da academia. Quando cheguei ao último degrau, o display do telefone mudou e meu toque soou nos fones de ouvido. A ligação era do meu escritório, coloquei meu segundo fone de ouvido e atendi. — Olá?

— Dra. Moore? — Jacob falou em um tom abafado. Imaginei-o em

nossa recepção, os óculos de armação de arame escorregando pelo nariz, uma gota de suor já na metade de sua testa marcada por acne.

— Oi, Jacob. — Empurrei a porta do vestiário feminino e peguei uma toalha fofa com monograma do topo da pilha.

— Tem um detetive aqui para ver você. Ted Saxe. Ele disse que é urgente.

Passei por um grupo de entusiastas de ioga vestidos de neon e encontrei meu armário. — Ele disse do que se trata?

— Ele não me conta e se recusa a ir embora.

Merda. Já se passaram quase seis horas desde a mensagem de voz de John Abbott, e eu não ouvi nada além de silêncio. Aconteceu alguma coisa? Ou esta visita era sobre um dos meus outros clientes? — Vou voltar agora. — Equilibrei o celular no ombro enquanto passava o short de corrida pelos quadris. — Oh, e Jacob?

— Sim?

— Não o deixe entrar no meu escritório. E não dê nenhuma informação a ele. Eu não me importo com o que ele pede.

Nosso recepcionista de meio período, que afinava pianos e comia salgadinhos de goma em forma de tubarão no almoço, não perdeu o ritmo. — Feito e feito.

— Obrigada. — Encerrei a ligação e fiz uma pausa, meu short em volta dos tornozelos, minha calcinha de algodão vermelho à mostra de qualquer pessoa na área. Rolando para baixo até a caixa postal de John, excluí rapidamente o arquivo, depois entrei em minhas mensagens de voz excluídas e limpei o registro de backup dele.

O ato foi instintivo. Meu treinamento em psiquiatria culparia uma história de infância de encobrir meus rastros e esconder qualquer coisa que pudesse deixar minha mãe alcoólatra furiosa. Mas aqui não havia risco de uma dona de casa beligerante me dar um tapa na cara. As consequências de John Abbott prejudicar sua esposa – se é disso que se trata – seriam muito piores. Uma possível investigação sobre minha prática. Uma revisão do conselho médico. A atenção da mídia sobre mim e meus clientes – clientes que exigiam total

confidencialidade.

Afinal, não tratei workaholics com problemas de insegurança. Eu me especializei em assassinos. Assassinos depravados e voláteis.

Colocando meu celular no banco, tirei o short e girei o botão de combinação do armário, ansiosa para chegar ao escritório e acabar logo com isso.



O detetive Ted Saxe era um oficial alto, vestindo um terno cinza barato e com o distintivo pendurado em um cordão em volta do pescoço. Abri meu escritório e gesticulei para a dupla de cadeiras verdes macias que ficavam em frente à minha mesa. — Por favor, sente-se.

Por despeito ou teimosia, ele permaneceu de pé. Dei a volta e coloquei minha bolsa na gaveta lateral da minha mesa antes de afundar na cadeira de couro com rodinhas. — Como posso ajudá-lo?

Inclinando-se para frente, deixou cair um saco de provas no meio da superfície de madeira limpa. Peguei a sacola transparente e examinei o item dentro dela.

Era um dos meus cartões de visita, de estilo discreto, com apenas meu nome, designação médica e número do consultório. No verso estava o número do meu celular, escrito com a minha letra. Olhei de volta para ele. — Onde você encontrou isso?

— Na carteira de John Abbott. — Ele tirou um par de óculos de aviador do alto da cabeça careca e os passou pela gola da camisa de botão. Esse cara saiu direto do elenco central. Magro e duro, com pele negra e uma carranca desconfiada. — Você conhece o Sr. Abbott? — ele perguntou.

A preocupação persistente de que John Abbott iria agir

transformou-se em alarme. O que ele fez? Colocando o saco de evidências na mesa, limpei a garganta enquanto minha mente trabalhava horas extras com as possibilidades. — Sim. Ele é um cliente meu.

Os Princípios Éticos dos Psicólogos e o Código de Conduta da Associação Americana de Psicologia eram firmes quanto à confidencialidade devida aos clientes. Também ficou claro que essa confidencialidade poderia ser quebrada se eu pensasse que meu cliente representava um perigo para si mesmo ou para outras pessoas.

As sessões anteriores de John Abbott, nas quais ele descreveu suas lutas contra o desejo de prejudicar sua esposa, tecnicamente caíram em áreas relatáveis. Sua mensagem de voz esta manhã poderia facilmente ser classificada como um incidente alarmante digno de intervenção policial.

Mas era apenas uma mensagem de voz. Um homem inseguro dizendo a mesma coisa que me disse durante um ano de sessões. Só porque ele brincou com a ideia de matar Brooke, não significava que algum dia o faria, e se eu chamasse a polícia toda vez que um de meus clientes pensasse em matar alguém, colocaria um monte de gente inocente na prisão e esgotaria minha lista de cliente.

A verdade é que querer machucar ou matar alguém é uma parte comum do circo mental humano. Embora existam alguns santos morais por aí que nunca desejaram o mal a ninguém, vinte por cento dos seres humanos pesaram os prós e os contras de matar alguém em algum momento de suas vidas.

Cinco por cento têm flexibilidade moral para agir de acordo com a possibilidade.

Um décimo de por cento fica obcecado com isso, e os mais bem intencionados procuram ajuda psiquiátrica para resolver sua fixação. Meus clientes eram os melhores dos piores e eu tinha um forte senso de dever de protegê-los e ao mesmo tempo tratar suas confissões mais honestas.

Afinal, seus pensamentos não eram ações. As pessoas não morriam por atividades mentais. Somente se esses pensamentos se

transformassem em ações... esse era o risco perigoso neste jogo que eu jogava diariamente com os clientes.

Agora, com um detetive sentado à minha frente... os sinais eram claros. No jogo de John Abbott, eu perdi e os riscos venceram.

Saxe limpou a garganta. — John Abbott não apareceu para trabalhar esta manhã. Seus colegas de trabalho ficaram preocupados e um deles passou para ver se ele estava bem. Foi então que a polícia foi chamada.

Coloquei a mão no peito, esfregando a seda macia da minha camisa e desejando que meu coração se acalmasse. Eu estava prestes a perguntar se John estava sob custódia quando o detetive continuou.

— Os corpos estavam ambos no chão da cozinha. O funcionário da farmácia viu o Sr. Abbott pela janela.

Todos os meus pensamentos pararam. *Corpos? Do Sr. Abbott?*

— Parece que Brooke Abbott teve um ataque cardíaco enquanto eles tomavam café da manhã. Encontramos o marido dela ao lado dela. Um aparente suicídio.

Eu fiz uma careta. — O quê? Tem certeza?

— O homem foi esfaqueado no abdômen. O ângulo e a situação nos levam a acreditar que foi autoinfligido.

Tentei não imaginar Brooke Abbott, que conheci no mês passado em um encontro estranho no supermercado. Uma bela mulher. Olhos gentis. Um sorriso amigável. Ela me cumprimentou calorosamente, sem fazer ideia das dezenas de conversas que tive com seu marido sobre por que matá-la era uma má ideia.

Um ano de sessões e Brooke Abbott morreu de ataque cardíaco poucas horas depois de ele me ligar? Eu não acredito.

— Por que você estava tratando John?

Eu estalei minha língua. — Isso é confidencial, detetive.

— Oh, vamos lá — ele zombou. — O paciente faleceu.

— Consiga-me um mandado. — Eu disse. — Olha, sinto muito, mas

estou sujeita a um código de ética.

— E tenho certeza de que você amplia os limites desse código. — Ele bufou. — Todos nós sabemos qual é a sua especialidade, Dra. Moore. — Ele finalmente sentou-se, o que foi lamentável, porque agora eu estava pronta para ele partir. — Doutora da Morte? Não é assim que te chamam?

Suspirei com o apelido. — Tendências violentas e obsessões são minha especialidade, mas não são o único tipo de transtorno que trato. Muitos dos meus clientes são indivíduos perfeitamente normais e agradáveis. — A mentira rolou suavemente. Eu não tinha um cliente normal há uma década.

Ele sorriu. — Assassinos — disse ele. — Você trata assassinos. Atual, futuro e passado. Você terá que me perdoar, doutora. Eu chamo isso como eu vejo.

— Bem, como eu disse, não posso discutir o Sr. Abbott.

— Quando foi a última vez que você falou com ele?

O sapateado estava começando. Escolhi minhas palavras com cuidado, ciente de que eles provavelmente já estavam cientes de suas ligações. — Nossa última consulta foi há duas semanas. Ele cancelou a programada para esta semana. E ele me ligou esta manhã. Perdi sua ligação e liguei de volta várias horas depois, mas ele não respondeu.

Saxe não pareceu surpreso com a informação, o que significava que eles já tinham seu registro de chamadas. Graças a Deus eu não tinha deixado uma mensagem de voz. — O que ele disse quando ligou para você?

— Só me pediu para ligar para ele.

— Eu gostaria de ouvir essa mensagem de voz.

Suspirei. — Eu deletei. Sinto muito, não pensei nada sobre isso.

Ele assentiu, como se entendesse, mas se estava encarando aquilo como um ataque cardíaco e suicídio, não entendeu. — Esse número no seu cartão, foi para ele que ele ligou?

— O número nas costas, sim. Esse é o meu celular.

— Você dá seu número de celular para todos os seus clientes? — Ele franziu a testa. — Mesmo os perigosos?

— É um celular. — Recostei-me na cadeira. — Não é meu endereço residencial ou o código da minha porta. Se eles abusarem, eu paro de trabalhar com eles. Se eu precisar mudar o número, eu mudo o número. Não é grande coisa.

— Vindo de alguém que olha cadáveres o dia todo, devo dizer, doutora, que não acho que você leve sua segurança a sério. Você é uma mulher atraente. Basta que um desses malucos fique obcecado por você e você terá um problema sério.

— Agradeço o conselho. — Forcei um sorriso. — Mas eles não são malucos. São pessoas normais, detetive. Algumas pessoas lutam contra a depressão; outros lutam com impulsos violentos. Se meus clientes não se importassem em proteger os outros, eles não estariam no meu escritório.

— É por isso que John Abbott estava tendo sessões com você? Ele não queria machucar as pessoas?

Mantive minhas feições agradáveis. — Como eu disse, trato os clientes por uma variedade de coisas. Alguns só precisam de alguém com quem conversar. Se você quiser saber mais do que isso, preciso de um mandado.

— Ei, eu tinha que tentar. — disse ele, levantando as mãos em sinal de rendição. Olhando para minha janela, ele estudou a vista do parque por um longo momento. — Alguma razão para eu considerar isso algo diferente de suicídio?

Ele estava questionando a morte errada. — Não que eu saiba.

— Você juraria isso sob juramento?

— Absolutamente. — *Só, por favor, não pergunte sobre Brooke.*

Ele assentiu lentamente. — Entrarei em contato se tiver mais alguma dúvida, Dra. Moore. — Ele empurrou os braços da cadeira e se levantou. — Obrigado pelo seu tempo.

Levei-o até o saguão e dei um sorriso tranquilizador para Jacob,

que nos observou com interesse. Voltando ao meu escritório, fechei a porta e soltei um suspiro estremecido.

As chances eram altas, muito altas, de que isso fosse culpa minha. Eu tinha um trabalho a fazer e falhei de forma épica com Brooke - mas também com John. Por causa disso, duas pessoas morreram.

CAPÍTULO TRÊS



— Isso não é culpa sua. — Meredith semicerrou os olhos para mim por causa de um sanduíche de atum com couve de bruxelas. — Diga-me que você sabe disso.

— Embora eu aprecie seu bote salva-vidas emocional, você está errada. — Enfieí meu garfo em um pedaço de melão e presunto. — Ele procurou tratamento comigo porque queria matar a esposa. Ele matou sua esposa. Ele se matou. Se eu tivesse feito meu trabalho direito, os dois estariam vivos.

— Ok, primeiro, você não tem provas de que ele matou a esposa. — Ela falou com a boca cheia de comida, um dedo levantado no ar enquanto começava a contar uma lista de besteiras. — Ela teve um ataque cardíaco.

— Alguém pode desencadear um ataque cardíaco. — Larguei meu garfo. — Ele era farmacêutico. Confie em mim.

— Então ligue para o detetive. Peça para ele fazer um exame toxicológico. — Ela esperou, o sanduíche pairando diante de sua boca.

— Você sabe que não posso fazer isso. — eu disse de má vontade, baixando a voz enquanto olhava ao redor do café lotado no centro da cidade.

— Você pode fazer isso. — ela ressaltou. — Você simplesmente não quer. Porque então eu posso estar certa e você terá que se livrar dessa culpa auto-imposta e seguir em frente com sua vida de uma maneira feliz e produtiva.

Era por isso que eu não deveria ter feito amizade com uma colega psiquiatra. Não poderíamos almoçar simples sem nos analisarmos.

Estudei o desenho estampado ao longo da borda do meu prato. — Eu não deveria fazer isso — emendei — Por vários motivos. — Eu poderia desperdiçar todo o nosso almoço pensando por que essa era uma ideia horrível. Se eu estivesse errada, e a morte de Brooke fosse natural, eu seria motivo de chacota por tentar manchar o nome do meu próprio cliente. Se eu estivesse certa e meu cliente tivesse matado a esposa, eu estaria sob um microscópio, teria que entregar seus arquivos, e para quê? Por justiça para um homem que já havia imposto a sua própria sentença de morte? Era um desperdício de recursos e tempo do governo.

Meredith tomou um gole de chá de ervas e encolheu os ombros. — Qualquer que seja. Cave sua própria cova mental. Você ligou para aquele cara cujo número eu te dei? O faz-tudo?

— Eu não liguei para o faz-tudo. — Rasguei um pedaço de pão. — Agradeço à casamenteira, mas já tenho um novo homem na minha vida e não preciso de outro.

— Um pacote de esponjas Mr. Clean não conta. — Ela franziu a testa para mim e tirou um broto da frente da blusa.

— Sim, bem. Ele é o primeiro homem dentro da minha casa além do meu irmão... — Apertei os olhos e fiz as contas deprimentes. — Dezoito meses? Então, estou contando isso como um passo na direção certa.

— Mais uma razão para ligar para Mimmo. Você já comeu um italiano antes? — Ela soltou um assobio baixo. — Querida. É uma experiência espiritual. Além disso, ele é um amor total.

— Então você disse. — Coloquei uma garfada de melão frio na boca.

— Oh, você ouviu? — Ela se animou, seu faz-tudo esquecido. — Eles pegaram o Assassino do Coração Sangrento.

Em meio à notícia da morte de John Abbott, eu tinha esquecido. — Perdi a história completa. O que aconteceu? — Tomei um gole de água

gelada. — O garoto escapou?

— Certo. Aquele veterano do Beverly High - aquele que se foi há sete semanas? Ele... — Ela tomou um gole de chá, fez uma pausa e depois tossiu, com o punho fechado na frente da boca enquanto dizia o que quer que a estivesse incomodando. — Desculpe por isso.

— A vítima de BH. — eu a estimulei.

— Então ele foge do cara e volta para sua mansão em Beverly Hills, onde seus pais enlouquecem, o filho pródigo voltou, blá, blá blá e eles chamam a polícia. Acontece que o garoto sabe quem é o assassino. — Ela apontou o dedo para mim. — Olha só: o cara é professor na Beverly High.

— Uau. — Eu me inclinei mais perto. — O que sabemos sobre ele?

— Solitário. Nunca casado. Cara de aparência inofensiva, parece um Papai Noel de shopping. Ganhou o professor do ano á uma década.

— É interessante. — Refleti sobre as informações. — Eu me pergunto por que ele só agora escolheu um garoto do Beverly High. Normalmente a primeira vítima é sempre alguém proximo.

Ela encolheu os ombros. — Assassinos são sua coisa. Estou perfeitamente feliz em ficar do meu lado do escritório com minhas mãos de lacrosse sedentas de orgasmo.

— Falando nisso... — olhei meu relógio — Tenho um compromisso em quarenta e cinco, então preciso encerrar isso.

— Sim, tenho que ir até a lavanderia de qualquer maneira. — Ela meio que levantou a mão, chamando a atenção do nosso garçom, que tirou a carteira de notas do avental e a colocou sobre a mesa.

Eu estendi a mão para pegá-lo. — Eu cuido disso. Obrigada pela sessão de aconselhamento.

Colocando algumas notas sobre a mesa, tomei um último gole de água e me levantei. Eu precisava me apressar. Uma aspirante a assassina provavelmente já estava no meu saguão, batendo em seus sapatos de salto alto de dez centímetros e esperando.

CAPÍTULO QUATRO



— Você sabe, a maioria dos assassinos começa com um familiar próximo ou amigo.

O fato foi contado por Lela Grant, que usava um vestido amarelo brilhante com um cardigã branco e uma bolsa de grife enfiada entre os saltos azul turquesa. Nos primeiros trinta minutos do nosso encontro, ela reclamou do marido, conversou com entusiasmo sobre a adição de um buffet de saladas à hora de almoço do seu clube de campo e me mostrou fotos de duas opções de espreguiçadeiras que estava considerando para sua varanda. Depois que fizemos a dolorosa escolha de escolher a espreguiçadeira de bambu com almofadas brancas e verdes, finalmente explicamos por que eu a estava tratando: suas fantasias violentas com a irmã de seu marido.

— Sim, estou ciente dessa estatística. — Desenhei uma pequena linha de rosas no topo do meu bloco de notas e fiz um lembrete mental para encomendar uma coroa fúnebre para o serviço de John e Brooke.

— O problema é que ela mora tão perto. Ele vai querer ir na casa dela para a ceia de Natal, e o que posso dizer? Não tenho uma boa desculpa. A casa de Sarah é maior que a nossa, os filhos dela não o veem há meses e ela faz uma torta de limão da qual ele não se cansa. Quero dizer, é torta de limão. Quão espetacular poderia ser?

Dei de ombros. — Eu não gosto de torta.

— Bem, uma torta é uma torta. Eu disse isso a ele e ele ficou ofendido. Deixe-me dizer, fiz cem tortas para aquele homem e ele

nunca elogiou nenhuma delas. Eu deveria ser aquela que está ofendida. Honestamente, Gwen, não acho que posso sentar à mesa dela e vê-la entrar com aquela sobremesa e não ficar violenta. Você percebe quantas facas estarão naquela mesa? — Suas bochechas se contraíram de preocupação, um ato que inchou ainda mais seus lábios injetados. Sua testa, desafiando todas as probabilidades naturais, permaneceu perfeitamente lisa.

— Você não vai pegar uma faca e esfaqueá-la. — Eu disse pacientemente.

— Eu acho que vou. Você não sabe quantas vezes eu vi isso na minha cabeça. — Uma calma quase sonhadora tomou conta do rosto de Lela enquanto ela repassava mentalmente o derramamento de sangue. Suas pálpebras se abriram. — Você não pode me dar um atestado médico? Algo para me tirar dessa?

— Temos dois meses até o Natal. — Apontei. — Vamos levar as coisas uma de cada vez. — Mudei a conversa para uma direção melhor. — Gostaria que você me contasse algo legal sobre Sarah.

— O que você quer dizer?

— Compartilhe algo que você gosta nela. Uma qualidade redentora.

Ela olhou para mim como se eu fosse louca. Esperei pacientemente, minhas mãos cruzadas no bloco. Lela não era uma assassina, embora certamente quisesse ser. Ela estava entediada, tinha assistido muitos documentários sobre mulheres assassinas na TV e odiava a cunhada. Quem não odiou alguém? Eu tinha uma lista de pelo menos três pessoas que preferiria dispensar. Eu pegaria uma faca de peru e atacaria sua jugular? Não. Mas Lela também não. Ela apenas gostava da ideia de ser interessante, e a ideia de que tinha uma inclinação homicida secreta e subjacente era uma fantasia de dia chuvoso que ela abraçou com vigor maníaco.

— Vou te dar um dever de casa. — Peguei minha caneta. — Antes da consulta da próxima semana, pense em três coisas que você gosta ou admira em Sarah. — Levantei minha mão para impedir sua objeção. — Não me diga que você não consegue pensar em três coisas. Descubra

ou adie nossa próxima consulta até você pensar.

Ela torceu os lábios cor de melancia em uma careta.

Eu dei a ela um sorriso tranquilizador e me levantei. — Acho que fizemos um bom progresso hoje.

Ela se abaixou e agarrou as alças da bolsa. — Eu odeio esse dever de casa.

Sufoquei uma risada e joguei-lhe uma muleta emocional. — Se quisermos manter seus impulsos sob controle, temos que treinar novamente a maneira como seu cérebro olha para Sarah. Confie em mim, isso é importante para o seu tratamento. — *E o seu casamento, acrescentei silenciosamente.*

— Tudo bem. — Ela bufou e ficou de pé. — Obrigada, doutora.

— Claro. — Levantei-me e engoli a nova e estranha onda de insegurança que crescia em meu peito. Eu estava errada ao acreditar que Brooke Abbott estava a salvo do marido.

Eu também estava errando com o alvo de Lela Grant?

CAPÍTULO CINCO



Fiquei no meio de um mar de estranhos vestidos de preto e ouvi todo mundo falar sobre John como se ele fosse um santo.

— Era véspera de Natal e ele entrou na farmácia só por minha causa. Alguém roubou minha bolsa na academia e eu precisava de mais remédios para o coração... — A mulher mais velha colocou a mão sobre o peito grande, bem ao lado de um broche de borboleta dourada.

Oh, abençoado John e seu remédio para o coração para o resgate. Honestamente, é com as pessoas mais legais que você mais precisa se preocupar. Ed Gein, o assassino que criou trajes de pele feminina, foi descrito como o homem mais legal da cidade. O Dr. Harold Shipman, que assassinou mais de duzentos pacientes, fazia visitas domiciliares e tinha maneiras calmantes e educadas ao lado do leito. Parte do jogo, para muitos assassinos, é enganar os inocentes, esconder o monstro, enganar com sucesso que lhes prova que são mais espertos, portanto, superiores.

— Nos dias chuvosos, John trazia meu jornal. Disse que estava preocupado que eu conseguisse descer com minha bengala... — Um homem mais jovem com aparelho nas pernas falou em voz baixa, e eu manobrei em torno do grupo, indo direto para a estação de café.

— Você podia ver o amor que eles tinham. Você sabe, seria o aniversário de quinze anos deles este ano... — Outro grupo restrito de pessoas em luto, esta discussão liderada por uma mulher com cabelo curto em um tom brilhante de magenta.

Claro, quinze anos dele pairando sobre ela com um olhar crítico. Separando-a para conversas e amizades inofensivas. Em um ano, eu mal tinha arranhado a superfície de onde vinham as inseguranças e os problemas de controle de John, mas eles pareciam aumentar e diminuir em torno do comportamento de Brooke.

Eles estavam casados há quinze anos, mas a complicada mistura de emoções de John pela esposa só se transformara em inclinações violentas no último ano. Ele procurou minha ajuda pela primeira vez quando uma discussão entre eles o levou a colocar as mãos em volta do pescoço dela e apertar até que ela desmaiasse. O ato lhe deu uma onda de endorfinas sexuais e fez com que ela se retraísse emocionalmente... que era semelhante a uma criança fugindo de um cachorro grande. As orelhas se levantaram, a cauda se contraiu, o tempo de perseguição começou.

John pode ter trazido jornais para vizinhos com deficiência e aberto a farmácia no fim de semana para distribuição de remédios para o coração, mas também calculou combinações de remédios que matariam sua esposa e pensou em trancá-la no porta-malas do carro em um dia quente de verão para “ensine-lhe uma lição” sobre lealdade e confiança.

Com exceção de seu primeiro incidente de engasgo, o restante de suas fantasias nós controlávamos por meio de sessões regulares e medicamentos prescritos, os últimos dos quais ele muitas vezes ignorava ou ignorava completamente.

Parei no final de uma longa fila de recepção. À nossa frente estava um trio de familiares. Observei seus rostos enquanto a fila avançava, curiosa para saber se algum deles tinha visto o monstro atrás do homem.

“Estrangulá-la seria melhor. Para minha diversão, quero dizer. Gosto da ideia de olhar nos olhos dela. De ela entender o que está acontecendo. Caso contrário, estou preocupado que ela se distraia com a dor.”

Passei os últimos quatro dias pensando em nossas sessões. Todas as noites, eu ouvia as gravações de nossas consultas, concentrando-me na melodia animada de sua voz enquanto ele descrevia as diferentes

maneiras como a machucaria. Em retrospectiva, havia muitos sinais, um aumento gradual de intensidade entre a primeira e a última visita. Eu ouvi e fiz anotações, mas fui tola o suficiente para acreditar que o poder do meu conselho era suficiente para mantê-lo na linha. Meu ego, foi isso que matou Brooke.

Parei na frente da irmã de John, com o rímel escorrendo pelo rosto. — Sinto muito pela sua perda. — eu disse a ela. Dei um passo para o lado e repeti a rotina com seu irmão. Ambos eram magros e estudiosos - um contraste marcante com o corpo grande de John.

— Sra. Caldwell. — Acenei com a cabeça para a mãe de Brooke, que estava flácida, com o rosto marcado por profundas linhas de tristeza, toda a cor desbotada de sua pele.

Eu fiz isso. Sou a razão pela qual ela não tem mais uma filha.

Eu poderia ter quebrado o código de silêncio médico se acreditasse que meu paciente era uma ameaça iminente e violenta para outras pessoas.

Eu poderia ter ido à polícia. Compartilhado tudo que John me contou.

Mas então o quê? Eles o teriam questionado. Questionando-o. E então o soltado. Você não pode prender alguém por pensar em matar alguém. Eles o teriam deixado ir, ela poderia tê-lo deixado durante o evento, e ele poderia tê-la matado então.

Justificativas. O problema com as iniciais depois do meu nome era que eu podia sentir o cheiro das minhas próprias besteiras.



Saí cedo e acabei em um bar a dois quarteirões da funerária. Eu peguei uma cabine nos fundos, atrás de uma mesa de sinuca e ao lado de um alvo de dardos torto. Estava quieto, o bar meio vazio, e sentei-

me no assento de plástico e puxei um balde de metal cheio de amendoins empoeirados para mim.

A garçonete estava grávida e se aproximou com um bocejo desinteressado. Economizei algumas viagens extras para ela pedindo um balde de cerveja.

— Quer alguma coisa para comer? — Seu olhar vagou pelo meu terninho preto com o tipo de curiosidade que indicava que roupas passadas raramente passavam pelas portas.

— Só a cerveja. — Forcei um sorriso.

— Vocês estão em algum tipo de convenção?

— Com licença?

Ela apontou para a entrada. — Você e ele.

Segui sua direção e vi um homem de terno de três peças em um banquinho no bar. — Não.

Ela encolheu os ombros. — OK. Se precisar de mais amendoins, me avise.

A jukebox começou a tocar, alguma música vibrante sobre Amarillo pela manhã. Sentei-me na cabine até que minha cabeça descansou na almofada. Fazia uma década que eu não ia a um bar, e talvez fosse por isso que ainda estava solteira. Era difícil encontrar um namorado quando você passava a maior parte do tempo cercada por colegas psicóticos e pacientes psicóticos. A última vez que pisei em um bar, os sons delicados de um pianista tocavam enquanto conversas silenciosas aconteciam sob luminárias caras. Tomei um gole de uma bebida artesanal, guarnecida com especiarias e servida em um copo defumado.

Este lugar era o oposto, o tipo de estabelecimento onde erros eram cometidos e tristezas afogadas, e foi exatamente por isso que parei na entrada e empurrei a porta. Se eu pudesse beber durante as últimas duas horas, talvez pudesse dormir sem ver a mãe de Brooke Abbott soluçando na lateral do caixão.

— Aqui. — A garçonete estava de volta, colocando um balde de

metal cheio de garrafas de Bud Light sobre a mesa. — Se enchermos, você terá que ir até o bar. As cabines são para festas de dois ou mais.

Eu balancei a cabeça. Se eles lotassem, eu sairia pela porta e faria sinal para um táxi. Peguei uma cerveja do gelo e tirei a tampa, bebendo até meu cérebro flexionar em resposta ao frio.



Duas cervejas depois, voltei do banheiro e recuperei meu lugar, minhas garrafas restantes tortas e esperando no gelo. Peguei uma carte de menu pegajosa e revisei a pequena lista de ofertas.

— Lamento interromper, mas fiz uma promessa á muito tempo de impedir qualquer mulher que estivesse prestes a cometer um grande erro.

Levantei os olhos do menu e vi um rosto que parecia tão cansado quanto o meu. Ele o usava melhor do que eu, sua beleza quase ampliada pelas linhas profundas em sua testa. — Que erro é esse?

— Você estava pensando no molho de peixe, certo? — O canto de sua boca se curvou, revelando uma sugestão de dentes retos. Ele tinha a minha idade, quase trinta anos, e procurei uma aliança de casamento, meu interesse aumentou ao ver seu dedo anelar nu.

Não que um relacionamento fosse o que eu queria. Neste momento, com a culpa pesando em cada pensamento, eu só precisava de um erro. Um erro imundo e entorpecente. Se viesse embrulhado em um terno caro e olhos de quarto, melhor ainda.

— Na verdade, eu estava pensando em ostras.

Ele estremeceu. — Como um homem que passou a última hora experimentando cada item do cardápio, recomendo as asas e nada mais.

— Vendido. — Coloquei o cartão da tenda na mesa e estendi a mão. — Eu sou Gwen.

— Robert. — Ele apertou com firmeza, mas não ao ponto de dominar. — Dia ruim?

— Semana ruim. — Fiz um gesto para o outro lado da cabine, convidando-o a sentar-se. — Você?

— O mesmo. — Ele deslizou para dentro e sua perna bateu na minha. — Gostaria de falar sobre isso?

— De jeito nenhum. — Peguei uma garrafa e ofereci a ele. — Cerveja?

Ele pegou. — Devo dizer que nunca vi uma mulher bonita beber sozinha por tanto tempo sem ser abordada.

— Acho que adiei uma vibração bastante clara de ‘Fique longe’. — Olhei ao redor. — Além disso, não há ninguém aqui.

— O que é chocante, dado o ambiente. — ele brincou.

Eu ri. — Sim. Mas não sei, combina com meu humor. — Inclinei-me para frente e coloquei minhas mãos em volta da garrafa. — Com este copo, rico e profundo, embalamos todas as nossas tristezas para dormir. — Eu dei um sorriso melancólico. — Meu pai costumava dizer isso. Embora ele fosse um escocês, não Bud Light.

Ele me estudou. — O que você está fazendo aqui? Você parece mais uma garota da cidade alta.

Eu tive que sorrir com a piada educada. — Uma esnobe — emendei. — É isso que você está dizendo?

— Estou dizendo que você carrega desinfetante para as mãos na bolsa e tocou Taylor Swift na jukebox. — ressaltou. — Dizer que você não se encaixa aqui é dizer o mínimo.

Fiquei entusiasmada ao saber que ele estava me observando, mas imediatamente me lembrei do motivo de eu estar aqui. Punição. Expição. Duas pessoas morreram sob meu comando. — Eu estava na vizinhança. — Eu peguei os olhos da garçonete. — Você?

Ele fez uma careta. — Participando de um funeral.

Fiz uma pausa, surpresa. — O funeral de Abbott?

Ele ergueu a sobrancelha. — Sim. Você?

— O mesmo. — Eu fiz uma careta. — Eu não vi você lá. — Não que eu estivesse estudando a multidão.

— Saí bem cedo. Não me dou bem em funerais. Especialmente ultimamente. — Uma sombra passou por seu rosto. — Foi um ano ruim para mim com mortes.

Eu não precisava do meu diploma de psiquiatria para saber como evitar aquele campo minado. A dor irradiava dele, se fosse por causa desse funeral, minha culpa estava prestes a piorar. Dei um leve aceno de cabeça em resposta.

Suas sobrancelhas se juntaram em pensamento. — De quem você era amiga? Brooke ou John?

Uma amiga? Eu estaria mentindo de qualquer maneira. — Brooke. — eu disse, e desejei que fosse verdade.

Ele assentiu. — John era meu farmacêutico.

— Uau. — Tomei um gole da minha cerveja. — Bom para você. Eu nem sei o nome do meu, muito menos compareceria ao funeral dele.

— Meu filho tinha diabetes. — disse ele calmamente. — Éramos clientes frequentes.

Ah. *Tinha diabetes. Um ano ruim para funerais. A menos que alguém tenha encontrado recentemente uma cura para o diabetes juvenil, eu tinha uma resposta para o olhar assombrado dele.*

— Bem. — Levantei minha cerveja. — Para John e Brooke.

— Para John e Brooke. — Ele brindou com garrafas e depois bebeu o resto das suas sem vacilar.

A garçonete parou perto da nossa mesa e puxou o balde vazio de gelo para a borda. — Você queria pedir alguma coisa?

— Sim. Uma dúzia de asas, por favor. Leve.

— E outro balde de cerveja. — Robert passou o braço por cima da cabine e sua jaqueta se abriu, revelando as linhas caras de seu colete. Um terno personalizado. O brilho de um Rolex aparecendo na manga de sua jaqueta. Um nível de conforto nesta atmosfera onde ele obviamente não se encaixava, nascido de pura confiança. Um empresário ou advogado. Provavelmente o último.

— Eu realmente não deveria ter mais. — Virei meu relógio para poder ver o mostrador. Sete e meia. Pareceu muito mais tarde.

— Vou beber todas elas. — Ele enfiou a mão no bolso e tirou dois comprimidos. Colocando um na boca, ele colocou o outro no guardanapo na minha frente. — Pegue isso. Isso vai ajudar com sua ressaca amanhã.

Olhei para o comprimido branco redondo sem tocá-lo. — O que é?

— B6. Você deveria tomá-lo antes, durante e depois de beber, mas qualquer coisa ajuda. — Ele acenou com a cabeça para a pílula. — Vá em frente. Não morde.

Deslizei o guardanapo em sua direção. — Não vai acontecer. É todo seu.

Ele riu. — Ou você é anti-remédio, bebendo para se punir por alguma coisa, ou não confia em mim.

— Os últimos dois. — Tomei um pequeno gole de cerveja. — Sem ofensa.

— Nada levado. — Ele pegou a pílula e colocou-a na língua, um brilho de dentes brancos aparecendo antes de desaparecer em sua boca. — Por que você está se punindo?

— Cometi um erro no trabalho. — Movi minha cerveja em um pequeno círculo sobre a mesa, observando enquanto ela deixava um rastro de condensação.

— Deve ter sido um grande problema.

— Era.

— Deixe-me adivinhar. — Ele inclinou a cabeça para o lado e fez um movimento óbvio para cima e para baixo no meu terninho. —

Contadora.

Curvei meu lábio superior em desgosto. — Não.

— Executiva de estúdio.

Eu ri, porque nesta cidade todo mundo queria estar no cinema. — Não. Psiquiatra.

— Ah. Definitivamente não é anti-remédio, então. — Ele me estudou. — Relógio e bolsa caros, e a liberdade de entrar em bares em áreas questionáveis da cidade bem a tempo do happy hour. Você deve ter um consultório particular. Deixe-me adivinhar, donas de casa com complexo de inferioridade?

— Consultório particular, sim. Donas de casa, não. — Eu estreitei meus olhos para ele. — Se você é um policial, você não é um bom policial.

— Definitivamente não sou um policial. Eu sento do outro lado da sala do tribunal. — Ele deu um sorriso sem remorso. — Advogado de defesa.

Sentei-me mais ereta, meu interesse despertado pela especialidade. — Crimes de colarinho branco?

— Principalmente criminoso.

— Aqui no condado de Los Angeles?

— E Orange.

— Crime pessoal ou contra a propriedade?

Ele me olhou por cima de sua cerveja. — De repente você está cheia de perguntas.

— Sou muito chamada para depoimentos de especialistas. Estou surpresa que nossos caminhos não tenham se cruzado.

— Há milhares de casos por ano. — disse ele lentamente. — Eu ficaria surpreso se eles fizessem isso. Qual é a sua especialidade?

Eu estava bêbada demais para esta entrevista. Limpei a garganta e tentei uma máscara de compostura. — Transtornos de personalidade

e compulsões violentas.

— Você fica mais interessante a cada momento, Dra. Gwen.

— Asas? — Um homem com chapéu de cowboy parou em nossa mesa com uma cesta na mão; eles estavam realmente levando longe demais o conceito de bar ocidental.

Eu levantei minha mão. — Essas são minhas.



Minha casa era a mais próxima, e eu estava rindo quando saí cambaleando do táxi, meus dedos entrelaçados aos dele enquanto atravessávamos os degraus escuros e subíamos os degraus de pedra empilhados da minha casa. Do balanço no final da varanda, Clementine miou. Robert olhou para a escuridão. — Belo gatinho.

Eu o ignorei e abri a porta. Ele me seguiu de perto, suas mãos vagando enquanto tirava minha jaqueta e beijava minha nuca. Deixei cair à cabeça para trás, apreciando a pressão suave de seus lábios contra o local negligenciado, que enviou um tremor de necessidade pela minha espinha. Meu último encontro sexual foi o resultado de um encontro às cegas e envolveu uma ereção indiferente e muitos bocejos abafados enquanto eu olhava para o relógio e ansiava por dormir.

A lâmpada do hall de entrada estava acesa, a luz refletindo as cores turquesa da pintura a óleo da Ilha de Alcatraz. Robert me empurrou contra a parede azul-marinho, espalmando meu peito através da camisa enquanto sua boca pousava na minha. Ele beijava talentoso, confiante, mas gentil, e eu afundei na moldura e deixei que ele assumisse o controle. Eu chutei um salto, depois o outro, caindo de altura enquanto ele desabotoava o botão superior da minha blusa.

— Vamos. — Eu puxei para o lado, puxando sua mão enquanto subia as escadas de madeira escura até meu quarto. Abrindo a porta,

senti uma onda de calma e segurança ao ver a cama perfeitamente arrumada e o quarto arrumado. Embora eu tivesse escolhido cores dramáticas e escuras para a sala de estar e o hall de entrada, meu quarto era todo branco, das paredes à roupa de cama e ao tapete macio e felpudo que se estendia sobre o chão de nogueira. A única cor vinha da pilha organizada de romances e dos lírios frescos na minha mesa de cabeceira e da grande lareira, que brilhava com cacos de espelho embutidos em tijolos. Paguei uma fortuna por aquela lareira e valeu cada centavo.

Se ele ficou impressionado com o quarto, ele não disse nada, permanecendo em silêncio enquanto eu me arrastava para a extensão esticada do edredom branco com monograma e me virava para encará-lo.

Ele tirou a jaqueta lentamente e depois desabotoou a camisa, dando-me tempo para pensar, analisar e recuar. Talvez fosse o álcool, talvez fosse o fato de eu não estar com um homem há mais de um ano, mas não havia hesitação em mim. Desabotoei minha calça e tirei-a.

A cama afundou quando ele se juntou a mim, e eu estendi a mão para ele, ávida pelo calor de sua pele e pela reconexão do nosso beijo. O calor de nossos corpos se juntou e era exatamente o que eu precisava: uma conexão viva em um dia cheio de morte.

CAPÍTULO SEIS



Acordei com cheiro de torrada e café. Era reconfortante e familiar, uma reminiscência da minha infância, e fechei os olhos por mais um momento antes de acordar completamente.

Meu quarto estava em perfeita ordem, como sempre. Cômoda limpa e organizada. Cortinas fechadas. Relógio num ângulo de quarenta e cinco graus em relação ao vaso de lírios, que estavam começando a murchar. Meu relógio na mesinha de cabeceira, ao lado dos romances.

O cheiro de comida estava fora de lugar. Assim como os passos vindos do andar de baixo. O advogado. Fechei os olhos com força e tentei identificar seu nome. Robert. Robert sem sobrenome. Tínhamos debatido a pena de morte durante a viagem de táxi até aqui. Oh meu Deus, meu carro. Ainda estava no estacionamento, a três quarteirões da funerária.

Sentei-me lentamente, apreciando a dor em meus músculos. Robert tinha sido... Um sorriso surgiu em meus lábios. Fantástico. Era assim que o sexo deveria ser? Deus, pensar em todos os anos que desperdicei fazendo amor medíocre. Puxei as cobertas e coloquei as pernas para o lado da cama alta, surpresa por estar nua, exceto por uma camiseta grande de Star Wars que comprei online. Robert gostou da camisa, rindo ao voltar do meu armário com ela na mão. Procurei minha calcinha, mas não a vi. Ficando de pé, estremei com a dor na minha cabeça. Eu deveria ter tomado aquele B12... ou B6, ou o que quer que tenha sido. Só o fato de ele estar acordado e preparando o

café da manhã era prova de que funcionava.

Escovei os dentes e vesti uma calcinha limpa e uma calça jeans desbotada. Abotoando a braguilha, desci silenciosamente as escadas em direção à cozinha.

O sorriso que se estendeu por minhas bochechas desapareceu assim que passei pelas portas duplas abertas do meu escritório e vi Robert parado em minha mesa, olhando para um arquivo aberto de um cliente. Arquivo de John Abbott. Eu deixei isso de lado, minha resenha foi abandonada na tarde de ontem, quando parei para me vestir para o funeral. Enquanto eu observava, ele levantou a borda de uma página.

— O que você está fazendo?

Ele olhou para cima, imperturbável pelo meu tom. — Achei que você tivesse dito que era amiga da Brooke.

Entrei no escritório, minha raiva aumentando por sua falta de desculpas. — Estes são arquivos confidenciais de pacientes.

— Arquivos confidenciais de paciente do John Abbott. — Ele tocou na página. — John era seu paciente?

— Você precisa ir embora. — eu respondi, meus sentimentos calorosos e confusos fugindo ao pensar no que ele tinha visto. Qual era a responsabilidade aqui? Eu deixei os arquivos dos pacientes abertos, mas na privacidade da minha própria casa. Ele quebrou alguma lei? Eu tinha?

Ele largou o arquivo e se afastou da mesa.

— O que você está fazendo aqui? — Fechei o arquivo e enrolei-o com um elástico. — É isso que você faz? Você dorme com alguém e depois revira todas as coisas dela?

— Tive que verificar minhas mensagens de trabalho. A bateria do meu celular acabou. — Ele acenou com a cabeça para o telefone na minha mesa. — Eu não tinha carregador e você não tem telefone na cozinha. Esta foi a primeira sala onde encontrei um. Desculpe. Seu nome chamou minha atenção.

Abri minha gaveta e coloquei a pasta dentro dela. — Você deveria ir. Posso chamar um carro para você se seu telefone estiver descarregado.

Ele não se moveu e minha frustração cresceu.

— Você sabe a que confidencialidade estou obrigada. Você tem algo muito parecido com seus clientes. — eu disse.

— Você deveria ter me contado que era a psiquiatra de John.

— Por quê? — Dei uma risada estrangulada. — Você era um estranho em um bar. Eu não lhe devia informações confidenciais sobre um cliente.

— Um cliente morto. — ele ressaltou.

— Não importa. Minhas obrigações legais não mudam. — Cruzei os braços sobre o peito e olhei para ele.

— Ok. — ele disse finalmente, com a mandíbula tensa. — Tudo bem. Não há necessidade de me chamar um carro. Obrigado pela hospitalidade.

Ele pegou a jaqueta que havia dobrado sobre uma cadeira e saiu para o corredor. Fiquei no lugar e ouvi enquanto seus sapatos soavam pelo corredor e pela porta da frente. Houve um clique silencioso quando ela voltou ao lugar. Da cozinha, alguma coisa soltava fumaça no ar.

Peguei o receptor do telefone e ouvi o tom de discagem. Estudei o conjunto de botões, depois estendi a mão e apertei o botão de rediscagem. Um número desconhecido com um código de área 310 exibido. Prendendo a respiração, ouvi o telefone tocar uma vez e depois fui para a caixa postal do escritório de advocacia Cluster & Kevin.

Eu desliguei. Então, ele ligou para seu escritório. Cluster e Kevin... Parei no meio do corredor e respirei fundo, subitamente consciente de quem era Robert.

Robert Kevin. O pai de Gabe.

CAPÍTULO SETE



Robert Kavín parou no final da entrada de Gwen e olhou para os lados, examinando a vizinhança tranquila. Estava bem estabelecido, os pátios bem cuidados, os carros todos guardados atrás das portas das garagens. Ele gostou da casa dela, gostou da ordem perfeita e do cuidado que ela continha. Era uma casa com personalidade, seu estilo elegante com um toque especial. O peso de papel com caveira enfiado em sua estante. As impressões emolduradas de respingos de sangue penduradas em seu lavabo. As ricas muralhas da marinha. Livros por toda parte. Arte que parecia ter uma história por trás de cada peça. Ele queria conhecer essas histórias, queria desvendar a mulher brilhante e sexy que rastejou em cima dele no banco de trás do táxi com uma risada contagiante que contrastava com seu exterior profissional.

Seus sentimentos calorosos por ela se dissolveram no momento em que viu aquele arquivo em sua mesa. Ele só teve a oportunidade de ler algumas páginas antes que ela o interrompesse, mas foi o suficiente para saber que as sessões dela com John Abbott foram de natureza altamente pessoal. Pessoal e cheio de violência.

Ele olhou de volta para o Tudor de dois andares e seguiu para a esquerda na rua, amaldiçoando-se pela bateria descarregada de seu telefone. Ele não prestou atenção em sua localização quando o táxi os levou para casa na noite passada, mas seguiu para o norte, esperando que a estrada levasse a uma saída no bairro, de preferência uma com um posto de gasolina ou um shopping próximo. Ele agarrou a jaqueta com a mão esquerda e foi para o lado sombreado da rua. Mesmo em outubro, o calor da Califórnia era terrível.

Se seu filho estivesse aqui, ele riria dele. Gabe faria alguma piada sobre Robert estar literalmente ferrado. Ele perguntaria por que ele saiu furioso em vez de conversar com Gwen. E se Robert dissesse que tentou, e ela tivesse se calado e falado sobre confidencialidade, Gabe diria que ele teria feito à mesma coisa.

O que era verdade. Vinte anos lidando com clientes - alguns clientes realmente terríveis - e ele nunca quebrou a confiança deles. É verdade que um caso de uma noite também nunca havia examinado seus arquivos de caso. Ele fez uma careta ao pensar em qual seria sua reação se alguém o fizesse. Reações calmas não eram seu forte.

Um Volvo com decalques de Stanford passou e ele o observou passar, relutante em sinalizar para um estranho. À frente, uma placa de caminho de carro dizia *CLUBHOUSE* com uma pequena seta. Isso não poderia estar muito longe.

O bairro parecia familiar, como aquele onde a primeira namorada de Gabe morou. Os pais dela deram uma festa de Quatro de Julho e praticamente o forçaram a comparecer. Foi no meio do julgamento de Zentenberg e ele mal teve energia para ficar de pé, mas foi embora. Fale sobre três horas dolorosas. A mesma conversa repetidas vezes sobre os Chargers, depois os incêndios florestais e depois as eleições. Um círculo ininterrupto de conversas monótonas.

Se Natasha estivesse viva, ela teria ido àquela festa com ele. Ela gostava dessas coisas. Ela poderia ficar ali, com uma bebida na mão, e rir de comentários estúpidos como se fossem a coisa mais espirituosa que ela já tinha ouvido. E não parecia falso, o que era louvável, considerando que ela sempre destroçava a pessoa assim que ela estava fora do alcance da voz. Era uma coisa que ele não sentia falta nela. A calúnia e o julgamento que pareciam nunca parar.

Depois da curva, apareceu o clube de golfe. Ele passou por cima do meio-fio e virou pela rua larga, acelerando o passo diante da perspectiva de um telefone e ar-condicionado. Ele olhou para o relógio, perguntando-se se o bar estaria aberto, apesar de ser cedo.

Neste momento, o que ele realmente precisava era de uma bebida.



O bar estava aberto e vazio, seu pedido de uísque foi recebido com um grunhido. Recostando-se no banco, ele esticou as costas, suspirando quando algo se encaixou. Ele estava velho demais para uma maratona de sexo, e ontem à noite foi à primeira vez em muito tempo que ele ficou tão... ativo.

Gwen foi uma surpresa na cama. Apaixonada e carente, mas também confiante. Ela não se cobriu quando ele olhou para ela, nem se desculpou pela celulite nas coxas. Talvez essa confiança tenha vindo de ficar sentada diante de assassinos o dia todo.

Seu humor piorou e ele puxou a bebida para mais perto.

— ...um reencontro choroso.

Ele olhou para a televisão e viu o final de um vídeo com uma família se abraçando. Seu humor piorou ainda mais.

— Coisas malucas, certo? — O barman encostou-se ao bar, com as palmas das mãos debaixo das axilas.

— Sim. — Robert olhou para o copo. Scott Harden e sua fuga milagrosa era a última coisa que ele queria ouvir.

— Você ouviu falar sobre isso, certo? Aquele garoto desaparecido, você sabe, aquele que eles pensavam ter sido levado por aquele serial killer? Ele escapou do cara.

O garoto desaparecido. Não Gabe, que não conseguiu escapar. Scott Harden. Sortudo Scott Harden.

As emoções de Robert aumentaram quando os locutores de televisão recapitularam a fuga e o reencontro. A câmera cortou para um resumo da história de BH e ele engoliu o resto da bebida aguada. O nome de Gabe foi mencionado e ele bateu o copo no balcão. Tirando a

carteira, ele pegou uma nota de vinte dólares e colocou-a no balcão. — Obrigado.

— Claro.

Sua ansiedade aumentou quando ouviu o nome de Gabe novamente. Eles estavam mostrando as fotos? Seu pé descalço pendurado debaixo da lona? Uma maldita jaqueta ensanguentada?

Ele saiu do saguão e passou pelas portas da frente e viu o táxi vindo em sua direção. Erguendo a mão para chamar sua atenção, ele fechou os olhos, mas não conseguiu bloquear a imagem, aquela que eles sempre mostravam. Seu filho, sorrindo para a câmera com sua camisa de futebol – aquela tirada apenas oito semanas antes de ser morto.

CAPÍTULO OITO



Nita Harden esperava que seu filho estivesse magro. De alguma forma, contra todas as probabilidades, seu filho havia ficado mais gordo. Agora, enquanto Scott estava sentado em uma poltrona no escritório, sua camisa branca de botões estava justa contra um peito pontilhado de pequenas queimaduras de cigarro que começavam a formar crostas. Sentada diante dele, a detetive Erica Petts ajustou o dial de um gravador de voz e colocou-o sobre os joelhos. Ela foi a primeira a chegar a casa quando Scott desapareceu e ouviu inúmeras perguntas, lágrimas e reclamações de George e Nita durante sua ausência.

— Se você ficar cansado ou precisar de uma pausa, é só me avisar. E não tenha pressa se precisar refletir sobre uma questão. — A detetive se inclinou para frente na cadeira, toda a atenção voltada para Scott.

— Sim, senhora. — Ele era um garoto tão educado. Isso foi algo em que George fez um ótimo trabalho. Na primeira série, Scott usava, *por favor e obrigado* antes de aprender a escrever. O orgulho de Nita aumentou quando ela o viu esfregar a lateral de seu lindo rosto.

— Ok, estamos gravando isso, só para não perder nada. — O outro policial se acomodou na terceira cadeira do grupo. O detetive Ed Harvey era um homem grande e corpulento, de óculos. Ele sempre adia uma vibração clara de “Saia do nosso caminho e deixe-nos fazer o nosso trabalho” que a enfureceu. Agora que Scott estava em casa, a atitude de Ed mudou para suspeita, embora ela não conseguisse

descobrir de quem.

Nita encostou-se a parede, entrelaçando as mãos enquanto observava Ed oferecer um refrigerante a Scott. Era uma marca que ele não gostava, e ela saiu da sala e correu para a cozinha. Na grande geladeira dupla, ela encontrou uma lata de cerveja. Voltando ao escritório, ela avançou e colocou-a ao lado dele na mesa.

— Obrigado, mãe. — Ele sorriu para ela.

Erica limpou a garganta. — Como você está, Scott?

Ele deu um sorriso tímido. — Estou bem. Estou feliz por estar em casa.

Ela deu uma risada curta. — Eu aposto que você está. Tem algum grande plano?

— Bem, minha mãe vai preparar lasanha esta noite. Estou muito animado com isso. Então vamos assistir *Duro de Matar*.

Nita sugeriu um filme menos violento, mas Scott revirou os olhos e persuadiu George a ficar do lado dele. Não que isso tivesse dado muito trabalho. Ela não podia recusar nada a ele. Agora mesmo, seu coração parecia que iria explodir toda vez que ela olhasse para ele.

Ela não conseguia dormir à noite por puro alívio e alegria de tê-lo de volta sob seu teto. Ela havia abordado a ideia de trazer uma cama para o quarto dele, mas o marido interrompeu a ideia com um aceno firme de cabeça.

— Ótimo filme — Ed interrompeu. — Amo Bruce Willis.

— Sim. — Scott quebrou a tampa de sua cerveja.

Houve uma pausa e Nita transferiu o peso para o outro pé.

— Você esteve fora por quarenta e quatro dias, Scott. — Erica colocou a caneta em ação. — Quanto você se lembra do dia em que foi levado?

— Tudo. Quero dizer... bem, lembro-me de tudo que me levou a desmaiar. Então me lembro de estar em casa.

— Ok, então vamos para a última coisa que você lembra, antes de

desmaiar.

— Bem, tivemos aquele jogo de futebol, contra Harvard-Westlake.
— Ele coçou a nuca. — E eu, uh, tomei banho depois do jogo. Muitos caras estavam falando sobre ir buscar comida, então peguei meu equipamento e fui para minha caminhonete.

A caminhonete de Scott foi seu presente de aniversário de dezessete anos. Uma enorme quatro portas prateada com pneus off-road e um motor barulhento demais, mas ele adorou. Quando ele desapareceu, ela subiu nele e ficou sentada por horas, inalando o ar desesperadamente, precisando do cheiro dele.

— Mas você nunca chegou a caminhonete? — Ed perguntou.

— Não, eu fiz. Ao lado da minha caminhonete, alguém estava estacionado ali. Era, hum, o professor de ciências da escola. Sr. Thompson.

— Este homem? — Erica tirou uma foto de uma pasta que tinha no colo. Nita se aproximou para ver melhor a imagem. Era um homem de quase cinquenta anos, com uma barba branca bem cuidada, cabelos ralos e um sorriso gentil. Era uma foto da equipe em que ele usava um cordão e tinha um crachá preso a uma camisa branca de botões ligeiramente amassada. Ela olhou para ele. Este foi o monstro que levou seu filho. O homem que torturou e matou outras seis pessoas. O homem por quem ela deve ter passado uma dúzia de vezes na Beverly High e nunca notou. Onde estava sua intuição maternal? Como ela não gritou com ela, com um holofote gigante brilhando em seu rosto?

— Sim, é ele.

O problema era que ela havia relaxado. Presumimos que, como Scott pesava 70 quilos e era praticamente adulto, ele estava seguro. Uma suposição estúpida, que ela nunca mais faria.

— Então o que aconteceu? — Ed perguntou.

— Ele precisava de ajuda para tirar algo do porta-malas. Abaixei-me para ajudá-lo e ele enfiou algo em meu pescoço. Seja o que for, me nocauteou desse jeito. — Scott estalou os dedos.

— Onde você estava quando acordou? — Erica perguntou.

Ele hesitou. Levou a cerveja à boca e tomou um gole. Olhou para sua mãe. — Uh... em um quarto. Em uma cama. Eu estava amarrado a isso.

Nita manteve contato visual com ele até o momento em que ele desviou o olhar. Seu estômago doeu. Durante as semanas de ausência de Scott, à medida que tinham certeza de que o assassino de BH estava envolvido, a polícia compartilhou com eles informações sobre as outras vítimas. Os detalhes sobre o que as autópsias mostraram... Nita deixou escapar um estremecimento involuntário.

Scott sempre foi um garoto bastante inocente. Nenhuma namorada séria, embora ele tivesse muitas paixões ao longo dos anos. Antes de seu desaparecimento, ela teria colocado a mão em uma Bíblia e jurado que ele era virgem. Agora, o olhar dela caiu para os pulsos enfaixados. Eles foram a primeira coisa que ela cuidou, depois de preparar um prato de comida para ele e ajudá-lo a tomar um banho quente. Ela ligou para Erica enquanto Scott estava no banheiro, a detetive praticamente gritou para ela tirá-lo de lá para preservar as provas.

Mas Scott estava imundo. E ele já sabia quem o levou, então por que as evidências importavam? Não aconteceu. O que importava era a cura. A polícia precisava encerrar as perguntas e deixá-lo em paz para que ele pudesse voltar a ser um adolescente normal com sua família.

— Você sabe onde era essa casa? Era esta? — Ed tirou uma foto, que Scott olhou.

— Talvez. Quando saí, apenas corri. Eu não olhei para a casa.

Nita o observou atentamente, viu o momento em que ele esfregou a lateral do rosto com o dedo indicador. Era uma de suas manias, ela franziu a testa, perguntando-se sobre o que ele estava mentindo.

— Você estava em um quarto? O quarto dele? — Erica perguntou.

— Não, não acho que ele morasse lá. Eu estava drogado a maior parte do tempo, então não tenho certeza.

Os dois detetives se entreolharam.

— Você precisa prendê-lo. — Nita falou. — Antes que ele

desapareça ou antes de vir para cá.

— Temos oficiais com Randall Thompson agora. — Erica encontrou seus olhos. — Estamos aguardando um mandado para revistar sua casa. Não se preocupe. Ele não estará fora de nossa vista.

— E se ele disser que não foi ele? — Scott perguntou. — Se for a minha palavra contra a dele?

— A evidência tem voto. — disse Ed. — Vai ficar tudo bem.

Scott assentiu, mas não parecia convencido. Nita avançou. — Você já fez perguntas suficientes para esta noite. Ele está exausto e deveríamos ter nosso advogado presente se você tiver mais alguma.

Seu marido assistiu de seu lugar perto da porta e acenou com aprovação. Ele queria ligar primeiro para o advogado, mas Nita discutiu com ele, insistindo que o mais urgente era prender o professor. Ela acompanhou os policiais até a porta da frente e deu um abraço de despedida em Erica, sussurrando um agradecimento no ouvido da mulher. Parando na porta, ela olhou para o filho, que ainda estava sentado. Ele olhou para ela e rapidamente desviou o olhar.

Seu desconforto cresceu. O filho dela estava escondendo algo da polícia.

O que poderia ser? E por quê?

CAPÍTULO NOVE



O Cluster & Kevin Law Firm ficava no mesmo prédio da Creative Artists Agency, o que significava que, uma vez por semana, Robert Kevin esbarrava no elevador com uma celebridade. Foi um fato que já lhe rendeu enorme credibilidade nas ruas junto ao filho, quando ele era jovem o suficiente para ficar impressionado. Essa magia desapareceu por volta da puberdade, substituída por uma expressão entediada que só parecia reagir quando dinheiro, seu carro ou garotas estavam envolvidos.

Um dia, em breve, Robert colocaria fogo em todos os seus arquivos e se mudaria para uma cabana na praia. Ele usaria shorts e boné de beisebol e não faria a barba por um ano. Ele cuidava de casos sobre acesso à praia e depósitos de aluguel e representava bares de daiquiri arenosos que pagavam em álcool e camarão no coco. Este edifício elegante, ternos passados e engomados... tudo isso ficaria para trás.

— Você está sonhando acordado de novo. — Sua recepcionista falou do seu lugar ao lado dele no elevador, um sorriso conhecedor esticado no rosto da mulher mais velha. — Deixe-me adivinhar. Aruba?

— Estou pensando no Uruguai agora. — As portas do elevador se abriram e ele colocou a mão contra a abertura, gesticulando para que ela avançasse. — Alíquota de imposto mais baixa. Quer se juntar a mim?

A imponente avó de três filhos riu ao sair do elevador. — Não consigo convencer Fred a fazer a viagem de quarenta e cinco minutos

até Costco. Não há chance de colocá-lo em um avião neste século.

Eles dobraram a esquina e passaram pelas altas portas de vidro e entraram no saguão do escritório de advocacia.

— Martin está aqui? — Ele puxou as chaves e folheou o aparelho, encontrando a da porta do escritório e empurrando-a na fechadura. Dos três sócios da empresa, ele era o único com a camada adicional de segurança, mas não se importava. Essa era a diferença entre ele e alguém como Gwen, que deixava seus arquivos para qualquer um ver. Descuido como esse foi o motivo pelo qual casos foram perdidos, segredos foram espalhados e carreiras foram destruídas.

— Ele está aqui desde as sete.

— Imagine isso. — Ele acendeu as luzes e jogou as chaves sobre a mesa, depois foi para o escritório do sócio.

Martin estava ao telefone e olhou nos olhos de Robert quando ele entrou. Acenando com a cabeça em direção à mesa de conferência no final de seu escritório, ele ergueu o dedo num gesto de “Só um minuto”. Robert pegou uma das cadeiras de couro com rodinhas e pegou um donut pegajoso de um prato descartado na beirada da enorme mesa.

— Tem coco nisso. — avisou Martin ao encerrar a ligação. — Eu juro, Joy está se unindo à minha esposa para me fazer perder peso.

— Eu gosto de coco. — disse Robert com a boca cheia.

— Certo. — Martin pegou a ponta da gravata e examinou-a, coçando um ponto com a unha. Olhando de volta para Robert, ele fez uma pausa. — Presumo que você ouviu falar de Scott Harden voltando para casa.

— Eu fiz. — Robert limpou a boca. — Um dos detetives ligou.

— Eles têm alguma pista?

— Na verdade, o garoto disse que era um de seus professores. Eles trouxeram o cara para interrogatório, e o juiz Glenn lhes deu um mandado esta manhã.

— Eles encontraram alguma evidência? — Martin colocou as mãos sobre a barriga, toda a atenção voltada para Robert. Juntos, eles

libertaram centenas de criminosos acusados de uma vida atrás das grades, na maioria das vezes, uma prova que faltava era o elo fraco que ditou o veredicto.

— Eles encontraram uma caixa de sapatos na casa dele. — Ele encontrou os olhos do homem. — Tinha lembranças de cada um dos meninos, incluindo Gabe.

Martin estremeceu. — Sinto muito, Rob.

— Está bem. — Ele deu uma última mordida no donut e se forçou a mastigar, sua mente recusando-se a abandonar as palavras do detetive. *Encontraram alguns cabelos de Gabe na caixa. Corresponde ao seu DNA. Há algumas outras coisas aqui. Um chaveiro. Precisamos que você desça e identifique-o.* Robert tossiu e depois engoliu, desejando que sua voz permanecesse calma. — Eles estão acusando o professor pelos seis assassinatos e colocando-o na Central.

— Bem. — As espessas sobrancelhas brancas de Martin ergueram-se no meio da testa escura. — Isso é ótimo. Isso deve lhe dar um pouco de paz.

Robert ficou em silêncio.

— O quê? — Seu parceiro se inclinou para frente. — O que você está pensando?

— Algo está errado. — Robert balançou a cabeça. — É muito fácil. Scott Harden escapa e volta para casa sem que esse cara o pegue. E ele conhece o assassino? As outras vítimas de BH não frequentavam a Beverly High. Então, por que quebrar a rotina? Por que levar uma criança que pode identificá-lo? É muito arriscado.

— Você está procurando a razão e esquecendo que o Assassino BH é um humano. Um humano instável. Não olhe para isso através das lentes de um promotor.

— Eu tenho. Estou apontando as mesmas coisas que eles farão.

— Robert... — Martin o avisou.

— Não há o suficiente para continuar. É a palavra de um adolescente e uma caixa que poderia ter sido plantada...

— Vamos. — A voz de Martin era calma e reconfortante, e havia uma razão para ele ser um dos advogados mais bem-sucedidos da Califórnia. Ele poderia manipular todo o humor de um júri apenas com a cadência de sua voz. — Você tem a testemunha ocular e as provas da vítima. Ele é isso. Garantiremos que ele pague pelo que fez.

— Estou preocupado que não seja ele. — Robert recostou-se e cruzou os braços, preparando-se para a resposta do parceiro às suas próximas palavras. Ele passou a noite acordado pensando na prisão de Randall Thompson e nas provas contra ele. O homem precisaria de um advogado e os defensores públicos estariam jogando batata quente para evitar a representação. Martin sempre lhe deu bastante clemência nas coisas que envolviam Gabe, mas o que ele estava prestes a dizer não iria cair bem. — Quero representá-lo.

Martin olhou para ele por um longo momento e depois riu. — Isso é uma piada?

— Como eu disse, não acho que seja ele.

— Não, você disse que está preocupado que não seja ele.

— Tudo bem. — Ele suspirou e alterou sua declaração. — Eu não acho que seja ele.

Seu sócio na empresa aproximou-se da mesa e apoiou os cotovelos na superfície, fixando-o com contato visual a laser. — É do assassino de Gabe que estamos falando. Seu filho era como se fosse meu. Eu apoiaria mais se você dissesse que deseja fazer justiça por meio de uma prisão. *Você não acha* que não é bom o suficiente, Rob. Se você quiser que isso vá a julgamento sem cortar as bolas desse idiota, então tudo bem. Mas sentado do seu lado na mesa da defesa? — Ele o estudou. — Se você fosse qualquer outra pessoa, pensaria que estava tentando sabotar o caso dele, mas você é ético demais para isso.

— Eu não tenho um motivo oculto aqui. Não acho que ele seja o cara, o que significa que a polícia parou de procurar o cara verdadeiro. — Robert encolheu os ombros e esperou que parecesse verossímil. — Eu pensei bem sobre isso, Martin. Estou entrando em contato com os tribunais esta tarde para marcar uma reunião.

Martin soltou um suspiro. — Você é um homem adulto, Rob. Você conhece o caso melhor do que ninguém. Mas isso parece podre. Não sei o que te dizer.

— Você não precisa me dizer nada. Não estou pedindo permissão. — Robert enrolou o guardanapo e jogou-o numa cesta redonda ao lado da mesa de Martin. Ele precisava encerrar esta reunião, antes que as perguntas comesçassem. Martin iria prendê-lo com perguntas brilhantes, precisas e inevitáveis, para as quais Robert não teria respostas porque não fazia sentido lógico para ele chegar a trezentos metros do caso Randall Thompson, a menos que estivesse à sua frente no tribunal.

— Ok, mas uma última coisa que precisa ser dita. Este é um enorme conflito de interesses. — Martin se levantou e contornou a mesa, cruzando os braços sobre o peito largo e prendendo a frente da gravata vermelho-sangue no lugar. — Você perde este caso e ele nos processará. Digamos que você estragou tudo intencionalmente. Ele dirá que você destruiu provas e liderou testemunhas e não o representou adequadamente.

— Eu não vou perder.

Martin soltou uma risada frustrada. — O que estou perdendo aqui? Você acha que ele é inocente? Tudo bem. Deixe a polícia e a defensoria pública cuidarem disso. Não há nada de bom que resultará do seu envolvimento.

— Eu preciso me encontrar com ele. Ver o que ele diz. Ser seu advogado em potencial me dá um tempo cara a cara que de outra forma não teria. — Ele apertou o ombro grosso do homem. — Se eu não acreditar no que ele diz, irei embora. Você sabe que vou.

Martin balançou a cabeça. — Ele não vai querer você como seu advogado. Não consigo imaginar que ele queira discutir suas atividades com o pai de um dos meninos que matou.

Robert não disse nada. Ele passou a noite procurando tudo o que pôde encontrar sobre Randall Thompson. O homem trabalhava como professor de ciências no ensino médio, dirigia um Honda Accord de cinco anos e morava em um prédio desmontado de dois quartos. Ele

não podia se dar ao luxo de recusar a representação legal gratuita do melhor advogado de defesa criminal de Los Angeles, não importando quem fosse ou tivesse sido o filho desse advogado. Robert soltou o ombro de Martin e dirigiu-se para a porta, parando quando seu parceiro falou.

— A imprensa vai crucificar você por isso. Eu sei que você acha que ele pode ser inocente, mas e se não for? E se ele matou Gabe e todos os outros garotos?

Robert olhou por cima do ombro e abriu a porta, desejando poder contar tudo ao homem. — Apenas confie em mim.

O grandalhão estremeceu. — Esse é o problema. Eu não confio.

CAPÍTULO DEZ



Fiquei à mesa da sala de jantar e estudei uma peça do quebra-cabeça e a caixa, tentando encontrar uma combinação entre as duas. Clementine passou entre minhas pernas, seu rabo fazendo cócegas na parte de trás dos meus joelhos nus. Eu me contorci. — Clem, pare.

Ela pulou na cadeira mais próxima e miou pedindo atenção. Colocando a caixa sobre a mesa, acariciei sua cabeça e olhei para o tabuleiro.

Hoje não foi um bom dia. Minha consulta às duas horas havia sido completamente silenciosa para mim, o que poderia ter sido uma agradável mudança de ritmo se eu já não estivesse paranoica com minhas habilidades como psiquiatra.

Eu nunca me preocupei com isso. Sempre fui um pouco arrogante demais, convencida de que poderia balançar a caneta, abrir a boca e vomitar um diálogo brilhante que torceria o cérebro dos meus clientes para que atuassem como eu quisesse. Mas desde que John e Brooke morreram, eu me afundei cada vez mais na crença de que meu radar emocional estava temporariamente - ou talvez até permanentemente - desligado.

Veja meu último encontro com John. Ele ficou furioso com Brooke. Lembro-me de sentar em frente a ele e sentir a saliva atingir minha bochecha enquanto ele falava sobre o homem que pensava que ela estava vendo.

Eu não acreditei, mas meu trabalho não era julgar a inocência da

esposa dele - apenas filtrar e analisar seu pensamento. A maioria dos problemas de confiança estava enraizada em experiências da vida real, originadas já na infância. John sempre recusou discussões sobre sua adolescência, o que apenas deu mais credibilidade aos seus problemas de confiança como mecanismo de defesa natural. Se meu diapasão psicológico estivesse no tom adequado, eu teria ignorado os esforços para diagnosticar a raiz de suas inseguranças, em vez disso, me concentrado na possibilidade mais evidente: que sua raiva saísse do controle e se transformasse em violência física.

Da minha televisão na sala, começou um game show. Olhei e observei o apresentador indo em direção ao palco, cumprimentando o público enquanto avançava.

Sempre defendi uma hipótese feia sobre o casamento: em algum momento, um dos cônjuges deseja secretamente que o outro morra.

Não é uma teoria popular. Quando abordo o assunto em eventos e fóruns de psicologia, sempre surge uma discussão, alguns médicos negam com suspiros e gaguejantes e insistindo que estão casados há quarenta anos e NUNCA desejaram a morte de seu cônjuge. Mas lá no fundo, no lugar escuro que eles esmagam e fingem que não existe... Eu sei que sempre houve um momento verdadeiro e fraco em que o pensamento - a esperança - tremeluziu. Para a maioria das pessoas, é passageiro. Para alguns - como John - foi uma farpa. Uma lasca profunda que se rompeu sob a pele, do tipo que era quase impossível de remover, a menos que você descascasse toda a área, e ninguém faria isso, então infeccionou. Ele ficou infectado. Ele matava e corroía os tecidos saudáveis circundantes e latejava e doía e dominava cada pensamento e ação até controlar uma vida inteira.

Eu tinha ouvido tantas deliberações e pensamentos sobre machucar Brooke que isso se tornou um ruído de fundo. Eu fiquei insensível a isso. Eu tinha aceitado o fato de que John fantasiava matar Brooke e parei de ficar horrorizada com a ideia porque não acreditava que isso iria acontecer. Eles estavam casados há quinze anos. Se ele realmente fosse matar a mulher, ele já teria feito isso. E daí se ele pensasse que Brooke estava tendo um caso? Ele ficou quase tão irado um ano antes, quando ela estacionou em uma colina e não acionou

totalmente o freio de mão e o sedã bateu em um carro estacionado.

Isso não foi minha culpa. Coloquei uma peça de cinco lados no lugar e cantei mentalmente as palavras, tentando encontrar a verdade nelas.

Isso não foi minha culpa. Eu discuti com ele em defesa de Brooke. Defendi a mulher. Apontei toda a história deles e suas falsas inseguranças.

Isso não foi minha culpa. Talvez ela realmente tenha tido um ataque cardíaco.

Levantei minha taça de vinho e tomei um gole profundo, segurando o suave merlot na língua por um momento, depois o deixei escorrer pela minha garganta.

A campainha tocou, um toque agudo de intrusão, e me virei ao ouvir o som quando Clementine passou correndo por mim e se escondeu debaixo do sofá.



Robert Kavim estava na minha varanda com um buquê de flores na mão. Parei no hall de entrada e hesitei.

Já era tarde, quase nove horas. Tarde demais para uma visita, embora eu tivesse uma política rígida contra elas a qualquer hora. Eu poderia simplesmente virar a esquina e entrar no corredor escuro. Ficar longe das janelas na esperança de que ele perca o interesse e volte para casa.

— Gwen. — Ele colocou a mão na porta. — Eu posso ver você através do vidro.

Claro que ele poderia. Eu esperava que a luz fraca do interior me escondesse, mas a sorte não tinha sido boa comigo ultimamente. Engolindo uma maldição, abri a fechadura.

— Oi, Robert — eu disse rispivamente, o mais friamente que pude, considerando o fato de que ele segurava um buquê de tulipas cor de rosa, com o rosto arrependido. Fazia anos que eu não ganhava flores. Eu as peguei dele e me esforcei para não enterrar meu rosto nelas e inalar seu cheiro.

— Eu sei que é tarde, mas precisava me desculpar.

Com as flores em mãos, eu tinha capacidade limitada de trancar a porta, então optei pelo meu tom mais duro. — Vá em frente.

— Eu não deveria ter olhado o arquivo. Não deveria ter ido ao seu escritório. Honestamente, eu não deveria ter preparado o café da manhã sem você. Eu sinto muito.

Digeri o pedido de desculpas e descobri que tinha um gosto sincero. Uma mulher mais forte teria discutido alguns pontos-chave, vestindo-o de alto a baixo por suas ações, depois arrancado as flores de suas mãos e jogando-as de volta em seu rosto, mas estava frio lá fora, meu short de dormir não estava quente o suficiente para combater a porta aberta, e era difícil ser cruel com alguém que tinha sofrido a perda de um filho. — Ok — eu disse agradavelmente. — Obrigada pelas flores.

Ele pareceu surpreso com a aceitação fácil, então assentiu lentamente, afastando-se da porta. — Claro. Eu realmente sinto muito.

— Sim. — Estudei-o à luz da varanda. Ele estava de terno, este sem a terceira peça, a gravata desfeita e pendurada no pescoço, o botão de cima da camisa desabotoado. Parecia que ele precisava de comida e sono, e eu poderia ajudar com um dos dois.

Dei um passo para trás e segurei a porta aberta. — Quer entrar? Tenho lasanha que posso esquentar se você estiver com fome.

Ele sorriu timidamente, era um crime quão bom à expressão ficava em seus belos traços. — Claro — ele disse lentamente. — Se você estiver pronta para a companhia.



Robert comeu três enormes quadrados de lasanha e depois atacou o quebra-cabeça em andamento. Sentei-me de pernas cruzadas em uma cadeira acolchoada da mesa de jantar e observei suas mãos se moverem pelo tabuleiro como um garoto da Mensa na frente de um cubo de Rubik.

— Além disso, há viagens. — Ele prendeu um pedaço escuro na borda. — Não quero me preocupar com eles em uma caixa de um canil.

Ele estava citando os motivos pelos quais não tinha animal de estimação, todos válidos, se você considerasse os animais de estimação como objetos estéreis e desconsiderasse completamente a alegria que eles traziam à sua vida.

— Quanto você viaja? — Girei a taça de vinho e observei o líquido escuro passar pelas laterais.

— Não muito — ele admitiu. — Fui para Tahoe no verão passado. Mas você sabe. Em algum momento eu irei.

— Claro. — Tomei um gole. — Um workaholic casado com seu trabalho. De um viciado para outro, viajar não vai acontecer de verdade. Você sabe disso, certo?

Ele fez uma careta.

Peguei uma peça e estudei o design. — Sinto muito pelo seu filho.

Desde que Robert saiu da minha casa, eu pesquisei sobre ele online. Seu impressionante histórico judicial e elogios legais foram enterrados na sexta página de resultados, atrás de notícias nacionais, comunicados de imprensa e centenas de vídeos e postagens em busca de pistas e justiça para Gabe Kavin. Metade dos resultados das notícias eram do período de desaparecimento. A outra metade foi depois que encontraram o corpo de seu filho atrás de uma usina de reciclagem em Burbank, com um coração tosco esculpido no peito e os órgãos genitais

jogados no lixo. As marcas de assinatura do Assassino do Coração Sangrento e sua sexta vítima oficial.

Ele ergueu os olhos do quebra-cabeça e nossos olhos se encontraram. Na penumbra do bar, eu não tinha visto toda a extensão de sua tristeza. A onda de dor assombrava seus olhos. Puxando seu rosto. Pesado na curvatura de sua postura.

Tratei de alguns pais após a perda de um filho. A dor não iria embora. Isso se diluiria em seus olhos. Ele ficaria melhor em mascará-lo, disfarçá-lo, mas sempre estaria lá. Perder um filho era como perder um membro. Você era lembrado disso toda vez que se mudava, até que os ajustes consistentes na vida se tornassem uma parte permanente de você.

Sua boca se comprimiu em uma linha reta. — Não há nada para se desculpar. As desculpas não o trazem de volta.

Não, elas não fariam isso. Mudei de assunto. — Presumo que você esteja sendo mantido informado sobre a prisão.

— Sim. — Ele vasculhou a pilha de peças desabrigadas. — Você está familiarizada com as mortes do BH?

Assassinos eram minha obsessão, e o serial killer mais famoso de Los Angeles estava sob meu microscópio desde o início. Eu meio que levantei da cadeira e peguei o vinho, servindo mais em minha taça. Sem perguntar, eu completei a dele. — Está na minha casa do leme, então sim. Mantive um interesse profissional nos assassinatos.

— Você disse na noite em que nos conhecemos que presta muitos depoimentos de especialistas.

— Eu faço.

— Perfis psicológicos?

— Às vezes. — Onde ele estava indo com isso?

— Já fez algo sobre um serial killer antes?

— Apenas na faculdade de medicina.

Ele não disse nada e esperei seu processo de pensamento.

Detectando uma possível conexão, encaixei a peça do quebra-cabeça e a travei no lugar.

— Eu gostaria de contratar você.

— Para quê?

— Um perfil psicológico do Assassino BH, para começar.

Com o que eu já sabia sobre suas mortes, eu poderia criar um perfil meio decente em um dia. Mas meio decente provavelmente não era o que Robert Kevin procurava. — Por quê?

— Meu filho morreu nas mãos dele. — Seu olhar me desafiou a questionar o pedido. — Preciso de outro motivo?

— Não. — eu disse lentamente. — Mas seu filho foi encontrado há nove meses. Por que esperar até agora por um perfil psicológico? Eles estão com o assassino.

— Eu não te conhecia há nove meses.

Ganhei alguns segundos tomando um gole lento de merlot. Não é que eu não quisesse fazer isso. Eu estava ansiosa para empurrá-lo porta fora e apontar meu lápis. Mas algo estava errado aqui e eu precisava identificar o que era. — Você tem o arquivo do caso do seu filho? — Ele não deveria. Seria uma coisa horrível para ele possuir. No entanto, algo em sua maneira autoconfiante me disse que sim.

Ele assentiu.

Ah, o trauma psicológico que cada foto de autópsia, cada nota casual de caso, tinha que causar. Tentei não estremecer externamente.

— Eu tenho o dele e posso conseguir os outros em breve, nos próximos dias.

Os outros? Inspirei na possibilidade de rever todos os detalhes de todas as seis vítimas. — Como você está conseguindo isso?

— Só sei que posso pegá-los.

Eu fiz uma careta, cética. — Certo. — Se fosse verdade, se eu pudesse olhar para todas as seis vítimas de BH e suas circunstâncias... seria o sonho de um psicólogo. E para melhorar tudo, o assassino já

estava atrás das grades. Eu poderia visitá-lo. Falar com ele. Fazer uma análise psicológica adequada, supondo que eu consiga autorização da equipe jurídica dele.

Percebi que estava olhando para ele. Endireitei-me na cadeira. — OK. Eu vou fazer isso. — Tentei manter a excitação longe da minha voz, mas ela ainda cobria as palavras.

Os cantos de sua boca se ergueram, mas não era um sorriso. Foi uma decepção e não tive tempo de processar antes que ele falasse. — Vou trazer para você uma cópia do arquivo de Gabe amanhã.

— Isso seria bom. — Observei enquanto ele jogava um pedaço na mesa sem encontrar o lugar.

— Eu vou para casa. Obrigado pela comida e pela hospitalidade.

Eu levantei. — Claro. E eu aprecio as flores. Elas são lindas. — Duas pessoas educadas circulando um adolescente morto.

— Obrigado por não bater a porta na minha cara. — Ele fez uma pausa no hall de entrada, depois se inclinou e me beijou suavemente na bochecha. A barba por fazer de sua bochecha roçou minha pele, e ele cheirava como na noite em que nos conhecemos, menos a fumaça de cigarro do bar. Bom. Muito bom.

— Boa noite. — Ele se afastou e passou pela porta, tropeçando no primeiro degrau e se recuperando.

— Cuidado. Boa noite. — Mantive a porta aberta até que ele estivesse na metade do caminho, indo em direção a uma Mercedes preta reluzente estacionada na minha entrada. Empurrei a porta e fechei a fechadura, depois estendi a mão e engatei a fechadura.

Voltando à sala de jantar, peguei nossas taças e a garrafa de vinho vazia e apaguei a luz, deixando o resto do quebra-cabeça para outra noite. De pé na pia, esguichei detergente de lavanda em uma esponja limpa e lavei o prato.

Ele era um homem interessante. Inteligência emocional muito elevada. Ele conseguia me ler tão bem ou melhor do que eu conseguia lê-lo. Por trás do charme, ele escondeu bem suas emoções. Meu pai teria dito que jogava as cartas contra o peito e teria razão. Ele era um

homem com dor e história, mas também... havia algo mais profundo ali. Eu não conseguia definir o que era e isso estava me deixando louca.

Talvez fosse apenas atração crua. Meu corpo respondeu à sua presença de maneiras perturbadoras, e eu lutei, quando nos separamos, para não me inclinar para um beijo.

Peguei um pano de prato branco e fofo e passei-o na superfície do prato de cerâmica vermelha. Também tive que encarar a possibilidade de que minha atração por Robert Kavim tivesse aumentado quando percebi sua ligação com o Assassino de BH. E agora, com ele me contratando para um perfil psicológico, minha pele estava praticamente vibrando de excitação.

Carreiras foram feitas a partir de oportunidades como essa. Se Randall Thompson fosse o assassino - e todos os relatórios pareciam indicar que ele era - então esses eventos seriam estudados por profissionais de psicologia durante décadas. Motivos. História. A transição do pensamento para a ação de forma cíclica. Randall Thompson seria comparado a Lonnie Franklin Jr. e Joseph James DeAngelo, eu daria uma olhada interna em cada detalhe. Para Robert me dar esse acesso... dane-se as flores e os orgasmos. Isso era enorme, por mais inacreditável que parecesse - todos os seis arquivos de casos? - acreditei na confiança dele quando disse que poderia obtê-los.

Aquela arrogância, a oportunidade, as lembranças da nossa noite juntos - lençóis torcidos, bocas quentes e frenéticas - tudo isso deixou Robert Kavim preso na minha mente. Uma fixação, e não totalmente saudável.

O homem estava de luto. Danificado. Gabe Kavim morreu, junto com outros cinco meninos inocentes. Um monstro foi o responsável, e eu não deveria estar salivando só de pensar em estudá-lo. Abri o armário e empilhei o prato em cima dos outros.

Seis meninos morreram e em breve eu receberia as chaves para descobrir o porquê.

CAPÍTULO ONZE



No dia seguinte, fui até o saguão com meu paciente das quatro e meia e parei ao ver Robert Kavin. O advogado alto estava parado na mesa de Jacob, e me concentrei na pasta grossa em sua mão. Olhei de volta para meu cliente, um Voyeur com problemas maternos não resolvidos. — Vejo você na próxima semana, Jeff.

Jeff Maven assentiu e depois foi direto para a escada.

— Dra. Moore? — Robert caminhou em minha direção com a confiança de um macho alfa. — Você tem um momento?

— Claro. — Segurei a pesada porta do consultório aberta e acenei para Jacob. — Por favor, segure minhas ligações. ■

Robert entrou em meu consultório e senti o leve cheiro de uma colônia cara. Dentro do consultório, ele fez uma pausa, examinando a sala. — Belas instalações.

— Tivemos sorte com nosso aluguel. Se assinássemos hoje, estaríamos pagando o triplo do aluguel líquido. — Sentei-me em uma das cadeiras baixas de couro ao lado do sofá de dois lugares.

Ele notou o balcão do café da manhã no canto da sala. — Se importa se eu pegar uma xícara de café? — Ele colocou a pasta de arquivos na minha mesa.

— De jeito nenhum. Na verdade... — Inclinei-me e peguei minha caneca quase vazia da mesinha lateral. — Você pode completar?

— Claro. — Ele pegou a caneca e seus dedos roçaram os meus.

Nossos olhos se encontraram e soltei o cabo de cerâmica.

Ele se virou e parou na frente da cafeteira. — Você é médica, então presumo que nossas conversas sejam protegidas pela confidencialidade médico-paciente?

Uma pergunta interessante. — Você está me contratando, então sim. Mas, como tenho certeza de que você sabe, essa confidencialidade é limitada.

— Oh, sim, estou ciente. — Ele se virou para mim, com duas xícaras na mão. — Se um paciente representa um perigo iminente para si mesmo ou para outras pessoas, você é obrigada a informar as autoridades. Certo?

Era interessante a maneira como ele fazia as perguntas, como se todas fossem acusatórias. Um subproduto de milhares de horas no depoimento ou - e igualmente provável - uma inclinação profundamente enraizada para suspeitar do pior nas pessoas. Ignorei a vontade de apontar o tique psicológico e balancei a cabeça. — Sim. Se for provável que um paciente cause danos a si mesmo ou a outra pessoa, somos obrigados a relatar isso.

— Tenho a sensação, considerando seus clientes, de que você já violou essa regra antes. — Ele se acomodou no assento à minha frente e levou a xícara aos lábios.

Onde ele estava indo com isso? Cruzei as pernas, mas seu olhar permaneceu no meu rosto. Foco impressionante, principalmente considerando o comprimento desta saia. Era uma que eu raramente usava e que chegava na ponta dos pés à beira do não-profissional, mas era um bom cartão para usar quando eu precisava testar um homem. Robert Kavin havia passado. Ignorei o comentário e olhei para o arquivo que ele colocou na minha mesa. Era grosso e vermelho e tinha um elástico em volta da barriga, prendendo-o com alfinetes.

— Qual é a questão da confidencialidade? — Coloquei meu caderno na mesa entre nós e relaxei no assento, esperando que a nova linguagem corporal aliviasse a tensão em seus ombros.

Não aconteceu. Na verdade, sua testa se aprofundou. — Só estou

me perguntando se você é confiável.

Peguei a caneca de café que Robert havia colocado diante de mim. — É uma necessidade no meu ramo de trabalho. Se os clientes não pudessem confiar em mim, não falariam sobre seus problemas.

— Eles confessam coisas que fizeram?

Fiz uma careta, irritada com a pergunta, que recebia com frequência. — Suas ações às vezes aparecem quando falamos sobre culpa. — Coloquei minhas mãos em volta da caneca, confortada pelo calor da cerâmica. — Cada cliente é diferente. Para alguns, falar é curativo.

Sua mandíbula se apertou e eu o estudei de perto, tentando ler entre suas perguntas. Era de se esperar alguma evasão em sua linha de trabalho. Mas havia mais do que apenas curiosidade em seu tom. E mais do que desconfiança. Houve também uma borda estreita de... raiva. Isso era interessante.

Eu cutuquei a emoção. — Por que todas as perguntas?

Em resposta, ele apontou para a pasta. — Esse é o arquivo de Gabe. Deixe-me saber se você tiver alguma dúvida. — Ele ajustou a linha da gravata, mas não olhou nos meus olhos. Com outro cliente, eu consideraria isso uma narrativa enganosa, mas considero isso uma dor.

Isso era importante para ele. Importante o suficiente para ele dirigir no trânsito da hora do rush e estar aqui pessoalmente, com uma cópia nova e rígida do arquivo de Gabe em mãos. Levantei-me e fui até lá. Soltando o elástico, abri a pasta e passei a unha ao longo da fileira de abas codificadas por cores que organizavam o conteúdo. — A quantos psicólogos você deu isso?

— Psiquiatra? Nenhum.

— Nós realmente não gostamos desse termo. — eu disse suavemente, abrindo a aba marcada — Evidência. — Havia uma linha organizada de itens e meu sangue zumbia de excitação.

— Desculpe.

— Existem maneiras melhores de curar do que ficar obcecado pelo assassino. — Eu estava morrendo de vontade de estudar o arquivo, de ler cada página detalhadamente, de encontrar as pistas escondidas. Sempre adorei pistas, por isso larguei o arquivo e voltei minha atenção para Robert. Ele estava me dando pistas - eu simplesmente não conseguia segui-las.

— A cura não é meu objetivo principal.

— Talvez devesse ser. Quer você queira reconhecer ou não, a prisão do assassino de seu filho esta semana é um grande evento emocional.

— Não me psicanalize. Apenas leia o arquivo dele e me diga o que você pensa.

Deixei escapar uma meia risada. — Psicanalizar pessoas faz parte do meu trabalho.

Seu olhar endureceu. — Não este trabalho.

— Para um perfil adequado, eu precisaria de mais do que apenas o arquivo dele. — Recostei-me no sofá, ignorando o grito silencioso da pasta. — Você disse que poderia obter todos os outros arquivos das vítimas?

— Sim. Mas olhe primeiro para ele e veja se você tem estômago para isso.

Olhei para o relógio, consciente de que tinha outra consulta em quinze minutos. — Meu estômago não será um problema, mas meu tempo está apertado. Vou precisar de alguns dias para repassar tudo.

— Você me disse na noite em que nos conhecemos que é especialista em clientes com inclinações violentas.

— Isso mesmo.

Seu joelho balançou, uma batida rápida em ritmo que parou quando olhei para ele. Foi uma revelação, eu cataloguei isso ao lado do contato visual evasivo e do toque de hostilidade em seu tom. Frustração. Angústia?

Ele se inclinou para frente e apoiou os antebraços nos joelhos,

proporcionando o contato visual direto que eu queria. Era invasivo, um nível de confronto cruzado, e eu gostei disso. — Por que passar seus dias com os indivíduos mais vis da sociedade?

— Não os vejo como vis. — respondi com sinceridade. — Eu os vejo como humanos. Todos nós lutamos contra demônios. Se estão no meu consultório é porque estão tentando consertar essa parte deles. Eu posso me identificar com isso. Você pode? — Arqueei uma sobrancelha para ele em questão.

Ele sustentou meu olhar por um longo momento, depois se levantou, abotoando o paletó com uma determinação que vinha de anos de prática. — Eu não preciso que você me analise. Basta ler o arquivo de Gabe e me enviar suas ideias iniciais, Gwen.

— Você sabe... Acho que vou passar. — Eu fiquei no lugar. — Você pode levar o arquivo com você.

Foi uma jogada mal-intencionada e uma aposta, visto que eu queria tanto o emprego quanto qualquer coisa na memória recente. Ainda assim, o risco era necessário. Eu tinha que ver o quanto ele realmente precisava de mim. Porque havia muitos especialistas por aí, mas ele estava no meu consultório, o arquivo na minha mesa. Por quê?

Ele fez uma pausa, quando se virou para mim, a frustração era evidente. — Estou contratando você para um trabalho. Você está recusando o trabalho?

— Há um potencial conflito de interesses.

— E isso... — Ele limpou a garganta e começou de novo. — Isto é o quê?

— Dormimos juntos. — apontei. — Não sou exatamente um terceiro imparcial. Você pode dar muito peso à minha opinião, ou ela pode ser distorcida da minha parte, com base em nossa história.

Foi um ponto válido e excelente, que minha consciência levantou assim que comecei a ficar entusiasmada com o projeto potencial.

— Foi uma noite. — Ele encolheu os ombros. — Não é exatamente uma história.

Meu ego murchou um pouco e sorri para esconder a dor. — Você também está de luto.

— Então?

— A morte de um ente querido pode corroer você. — eu disse calmamente. — Olhando fotos da cena do crime... obcecado por seu assassino... Eu só quero ter certeza de que isso não irá devorar você.

Um sorriso sardônico apareceu em seus lábios. — Tarde demais para isso. — Ele avançou e pegou o arquivo. — Mas se você não quiser fazer isso, não faça. Vou encontrar outro especialista. O país está cheio deles.

Ele esperou, e houve um longo momento em que jogamos um jogo silencioso de psicologia reversa, e eu perdi.

Estendi minha mão. — Dê-me alguns dias e qualquer outro arquivo de caso que você conseguir.

Ele o entregou e então, como um leão se afastando de uma carcaça, saiu da sala.

Olhei para a pasta e depois olhei novamente para o relógio. Oito minutos antes da minha próxima consulta. Tempo suficiente para dar uma espiada.

CAPÍTULO DOZE



Los Angeles recebeu Scott de braços abertos e todos queriam um pedaço. Com Nita ao lado dele, Scott apareceu no noticiário local e depois se sentou para ser entrevistado pela revista *People*. Sua mãe o acompanhou durante o cabelo e a maquiagem, a passagem de som e as entrevistas diante das câmeras. A cada apresentação, a história de Scott ficava mais suave e sua confiança florescia. Então a câmera desligava e ele voltava para o quarto, para o telefone, desinteressado da vida.

Agora, Nita estava sentada em uma sala verde, observando-o em uma bancada de monitores, com um refrigerante diet gelado na mão. Ao lado dela, uma assistente de produção com um piercing no nariz de diamante e um fone de ouvido idiota falou alto sobre Scott.

— Seu filho é um herói — ela refletiu. — Para escapar assim? E ser corajoso o suficiente para contar sua história?

— Sim, ele é. — Nita observou seu filho na tela, sua covinha aparecendo quando ele virou a cabeça para encarar o co-apresentador. O que Scott fez foi muito corajoso. Por outro lado, Scott sempre foi corajoso. Quando ele tinha seis anos e havia uma cobra gigante no quintal, ele agarrou seu rabo e puxou sem nem pensar duas vezes.

A câmera cortou para o rosto do entrevistador. — Eu sei que é doloroso contar, mas você pode contar aos nossos telespectadores como você escapou?

Scott olhou para baixo, como sempre fazia quando se deparava com uma pergunta difícil. A câmera examinou uma multidão repleta de espectadores preocupados prestando muita atenção. Nita pensou na primeira vez que ouviu a resposta dele, na grande sala de jantar, com a prataria ainda exposta no bufê, onde a governanta a estava polindo. A sala estava escura, as cortinas bem fechadas, cobrindo a vista impressionante dos jardins. Uma vez que tinha sido a casa dos seus sonhos. Agora seria sempre o lugar onde ela havia perdido e reencontrado o filho.

— Ele costumava me acorrentar. — Scott esfregou a parte inferior do pulso como se lembrasse das restrições. — Pelos meus pulsos e tornozelos.

Nita já tinha ouvido a história uma dúzia de vezes, mas forçou-se a permanecer onde estava. Se ele pudesse sobreviver a isso, ela poderia ouvi-lo.

Nu. Foi assim que o monstro amarrou o filho dela. Foi um fato que Scott deixou de fora das entrevistas à mídia, e ela se sentiu culpada por apreciar a omissão. A tortura sexual sofrida pelas vítimas de BH era algo que a polícia manteve fora dos noticiários. Conscientes disso e das famílias das outras vítimas, tomaram a decisão – entre a sua família e com a polícia – de manter a informação privada.

— Eu tinha escondido um garfo que ele me deu para jantar. Normalmente, ele me observava comer, mas desta vez não o fez. Ele tinha um telefonema ou uma reunião. Algo assim.

Scott sempre vacilou um pouco nessa parte da história. A irmã de Nita, que era conselheira escolar, disse que alguma perda de memória, especialmente em momentos de grande estresse e trauma, era normal. Nita perguntou a Scott se ele tinha alguma lacuna na memória, mas ele balançou a cabeça. Ela perguntou se ele queria falar com a irmã dela e novamente, ele balançou a cabeça.

As únicas coisas que ele não recusou foram às entrevistas na televisão. Havia muitas delas. Não era saudável para ele fazer tanto. Ele precisava descansar, se curar, passar tempo com sua família e amigos. Mas ele parecia gostar disso. A multidão de pessoas fora de

cada filmagem. Os e-mails e cartas que chegaram. Os seguidores nas redes sociais. Nas duas semanas desde sua fuga, Scott ficou obcecado com sua contagem de seguidores, verificando-a de hora em hora, e parecia encontrar alegria em cada novo pico que seu número atingia. Com o aumento de seguidores vieram ofertas. Scott era um influenciador agora, seja lá o que isso significasse. Ele recebia pacotes de produtos, dezenas de caixas diferentes chegando todos os dias, de tudo, desde óleo de coco a shakes de proteína e kits de clareamento dental. E ganhar dinheiro também. Ele ganhou dez mil dólares só para fazer uma entrevista em vídeo em uma fábrica de calçados.

Todas as pessoas e toda a atenção pareciam deixá-lo feliz. Talvez se ela tivesse ficado amarrada em um porão por sete semanas, ela desejaria grandes multidões e fãs gritando também. Talvez ela também evitasse os abraços da mãe.

— Dobrei os dentes do garfo e enfiei-o no fecho das algemas. Posso mostrar se você quiser.

Este foi o seu horário de exibição. O anfitrião, como todos eles, aproveitou a ideia, e um membro da equipe produziu um conjunto barato de algemas que provavelmente poderia ser desmontado à mão. Ainda assim, Scott seguiu em frente, seu sorriso se alargando enquanto ele abria com sucesso o fecho para o delírio e aplausos do público ao vivo.

— Então, um garfo. Foi um garfo que derrubou o Assassino de BH.
— disse o entrevistador. — O que aconteceu depois?

Então, segundo a história de Scott, ele esperou atrás da porta até que BH entrasse para lhe servir o café da manhã. Foi então que Scott o empurrou no chão e correu pela casa e saiu pela porta da frente, depois correu os oito quilômetros até casa. No momento em que ele cambaleou pelos portões, ele estava desidratado e exausto.

Ele era diferente agora do que era antes. Ela não diria isso a ninguém fora da família, mas essa era a verdade. E quem não estaria, depois dessa provação? Por baixo das roupas novas, ele sempre carregaria as cicatrizes do que lhe haviam feito. Abuso físico. Mental. Sexual.

— É simplesmente incrível. — disse a mulher ao lado dela. — Inacreditável.

Nita estudou o sorriso largo de Scott, o aceno que ele deu à multidão enquanto se levantava e saía do palco.

A estranha estava certa. Foi incrível, mas também... inacreditável. Scott estava mentindo sobre alguma coisa, e ela ainda não conseguia identificar o que era. Talvez isso não importasse. Talvez Scott estivesse dizendo tudo o que precisava para bloquear mentalmente a verdade. O buraco em seu estômago ficou mais agudo e ela pressionou a mão contra a dor, desejando que ela desaparecesse.

— Sra. Harden? — Seu produtor apareceu na porta da sala. — Posso levar você até Scott agora.

Nita levantou-se obedientemente e acenou um adeus para a mulher, movendo-se entre as fileiras de cadeiras e engolindo o medo crescente de que aquele pesadelo ainda não tivesse terminado.

CAPÍTULO TREZE



Sentei-me à minha mesa e passei o tempo lendo as primeiras páginas do arquivo de Gabe, examinando as fotos e capturas de tela tiradas de suas contas nas redes sociais. Pela aparência, ele parecia ser um cara legal. Sem respostas rudes ou postagens idiotas. Segundo o processo, ele não tinha inimigos conhecidos, mas eu estava curiosa para saber como os detetives analisaram os motivos, já que seu desaparecimento era do caso BH. Sênior atraente. Família rica. Tudo dando certo em sua vida até que um dia, quando o filho de Robert estava...

Perdido.

Gabe havia desaparecido numa quarta-feira. Ele havia saído da escola por volta das quatro, de acordo com a transmissão do CCTV no portão de saída de sua cara escola particular. A câmera capturou um vídeo de seu clássico Mustang 1969, que virou para a esquerda sem sinal de mudança de direção e desapareceu de vista. A próxima aparição do magro astro do futebol foi em um drive-thru In-N-Out, onde ele pediu um combo Double-Double com um grande 7UP.

Nesse ponto, não estava claro para onde ele foi. Seu Mustang foi encontrado em um estacionamento traseiro do shopping Beverly Center, em uma área não coberta por câmeras. Seu interior era inútil, coberto de digitais de centenas de indivíduos diferentes. Foi, como observou um detetive, provavelmente mais fácil descobrir quem não estava em seu carro do que quem estava. Não havia sangue dentro do Mustang e as chaves foram deixadas embaixo do banco dianteiro.

Triangulações de células saltaram por todo o mapa, e seu telefone foi finalmente descoberto na traseira da caminhonete de um estranho, sem que o motorista percebesse sua presença.

Gabe – como cinco adolescentes antes dele – simplesmente desapareceu na cidade.

Recostei-me na cadeira e puxei a gaveta central, recuperando o saco de ursinhos de goma que guardava lá. Afastei um verde dos outros.

Eu não sabia muito sobre o desaparecimento de Gabe. Embora eu tivesse lido praticamente todas as notícias publicadas, a essa altura a mídia estava começando a se cansar das mortes. Eles eram todos tão parecidos. Bonito, inteligente, atlético e rico. E, um após o outro, eles estavam mortos. Quando Gabe desapareceu, todos os habitantes de Los Angeles ficaram um pouco calejados com o que sabiam que inevitavelmente apareceria: um corpo nu e mutilado.

Como cidade, eles pararam de se importar porque estavam emocionalmente exaustos pelo luto. Eles começaram a olhar para o outro lado, ficaram cegos para os cartazes de pessoas desaparecidas e entediados com as enormes recompensas e os apelos chorosos das famílias.

Chuí um ursinho de goma vermelho. A cidade e a mídia podem ter ficado entediadas, mas eu nunca fiquei. Eu devorei tudo sobre os assassinatos.

Recostando-me na cadeira, virei à página, surpresa ao descobrir que o foco estava na família de Gabe. A mãe dele havia morrido sete anos antes, e eu me inclinei para frente, ignorando o toque da cafeteira. Ao assistir às reportagens, senti falta de sua condição de órfão de mãe. Pensei em Robert, sem aliança de casamento, com menções à sua falecida esposa fugazes e sem detalhes. Parecia um fato importante a ser ignorado, especialmente dada a causa da morte. Ferimento à bala. Olhei para as palavras no relatório policial, piscando para o caso de meus olhos estarem mentindo.

Bem, *isso* era interessante.

CAPÍTULO QUATORZE



Sentei-me à minha mesa redonda de café da manhã e observei Clementine se esticar na superfície, o rabo enrolado em cima de uma série de fotos. Enfiei uma colher em um pote grande de manteiga de amendoim, retirei um monte da mistura cremosa e revi o relatório sobre a morte de Natasha Kavin.

Alguns destinos familiares foram amaldiçoados, outros foram orquestrados. As chances de Robert Kavin perder um filho e uma esposa cheiravam a suspeita, e pude ver a evidência disso nestas páginas. Página após página de notas detalhadas dos detetives. Várias entrevistas com Robert. Uma transferência do arquivo da esposa do caso arquivado e de volta a ativo.

Natasha Kavin era bonita. Gostosa, na verdade. É assim que um homem a descreveria. Magra e loira, com peitos grandes e empinados que deviam ser falsos, mas quem se importava quando pareciam tão bonitos. Meus próprios seios bastante grandes fizeram um trabalho melhor em me fazer parecer pesada do que em excitar alguém.

Coloquei a colher de volta no pote e coloquei-o de lado. É verdade que Robert parecia gostar deles. Olhei para baixo e apertei os cotovelos, observando enquanto meus seios se juntavam perfeitamente com uma linha profunda de decote visível abaixo do decote em V do meu suéter.

Clem bocejou e estendeu a pata, derrubando uma página no chão. Abaixei-me e peguei-a, depois olhei novamente para o arquivo. Natasha Kavin foi baleada na casa deles enquanto Robert estava fora

da cidade e Gabe estava lá em cima, dormindo. Um ferimento de bala à queima-roupa, no peito. Uma empregada encontrou o corpo na manhã seguinte. Gabe, de dez anos, ainda estava em seu quarto, com a porta trancada por fora.

A porta trancada por fora. Alguém sublinhou essa frase duas vezes e colocou as palavras Perguntar ao Kavin ao lado dela.

Válido, pensei. Quem tinha fechadura do lado de fora do quarto de criança?

Encostei-me a parede e pensei em tudo. Foi difícil conectar o homem neste arquivo - pai enlutado e viúvo - com aquele que entrou na minha mesa no bar. Contava piadas com um sorriso tímido. Deu um beijo em meu pescoço no táxi. Prendeu meus pulsos e gemeu em meu ouvido quando ele se moveu em cima de mim. Bisbilhotei meus arquivos pessoais de clientes enquanto preparava o café da manhã. Trouxe-me flores e um pedido de desculpas e saiu como um perfeito cavalheiro.

Certamente havia dois lados nele. A do homem solteiro, romântico e sexual, e a do litigante endurecido - aquele que esteve no meu consultório e queria confidencialidade, aquele que abriu o arquivo privado de John Abbott sem hesitação, aquele que teve os detalhes da morte de seu filho facilmente acessíveis.

Dois lados não significavam que ele era maníaco. Eu tinha dois lados: minha casa e meu trabalho. A maioria das pessoas faz isso.

Clem ronronou pedindo atenção e eu passei meus dedos por sua barriga exposta, separando o pelo preto escuro.

O arquivo continha uma longa lista de possíveis suspeitos do assassinato de Natasha. Os advogados não eram exatamente os garotos mais populares na mesa do almoço, e um advogado de defesa criminal era criticado por ambos os lados. Os suspeitos incluíam criminosos que Robert não representou adequadamente e aqueles contra quem ele argumentou. Folheeí duas páginas de assassinos em potencial, a maioria dos quais havia sido examinada e descartada, mas havia alguns... Meu dedo parou no meio de uma lista.

James Whittle. Falar de uma explosão do passado. James foi um dos meus primeiros clientes, quando eu estava fazendo residência e trabalhando pro bono. Ele era um garoto de fazenda de... Fechei os olhos, tentando me lembrar de quinze anos atrás. Dakota do Sul? Eu não conseguia me lembrar. Eu não era avançada o suficiente para ter uma especialidade naquela época, e James veio por ordem judicial para trabalhar no controle da raiva. Ele não era um cliente fácil e eu era tímida e insegura - uma combinação horrível que levou outro membro mais experiente da equipe a assumir o comando.

Mesmo agora, minhas bochechas queimaram ao ver como ele descansou as mãos no topo da cabeça careca e sorriu para mim, seus lábios curvando-se para cima sob uma barba ruiva selvagem. Ele ignorou metade das minhas perguntas enquanto se recostava na cadeira de plástico, seus olhos viajando sobre mim de uma forma obscena que eu não precisava de um diploma para entender.

Movi meu dedo para descobrir as palavras ao lado de seu nome. *Sem álibi. Não foi possível verificar o paradeiro atual.*

Isso não significou nada. Metade dos nomes desta lista tinham notas semelhantes. Continuei, afastando a lembrança de James da cabeça e examinando o resto da lista. Nenhum outro nome era familiar.

Na noite em que sua esposa morreu, Robert estava em São Francisco. Havia uma conta de hotel em seu nome, junto com um recibo de cartão de crédito mostrando a cobrança de um jantar em uma churrascaria. Um filé com osso. Uma garrafa de vinho. Mousse de chocolate. Caro. Ele também dava exatamente vinte por cento de gorjeta, até o último centavo.

Havia também alguns registros telefônicos e registros de entrevistas, todos citando números de arquivos e nomes que não foram incluídos. Virei até o final da pasta e suspirei, colocando-a de lado e pegando o pote de manteiga de amendoim de volta.

Então, Robert Kevin conhece Natasha. Graduados da faculdade de direito. Exerce advocacia criminal há três anos. Ela fica grávida. Tem um filho - Gabe. Quando Gabe tem dez anos, Natasha é assassinada. O

caso continua sem solução. Sete anos se passam e Gabe é sequestrado e depois morto. Nove meses se passam e Robert dorme comigo e depois aparece em minha casa, me pedindo para fazer um perfil psicológico do assassino de seu filho.

Peguei outra colher de manteiga de amendoim e deixei minha mente flutuar na linha do tempo. Diante de mim estava o resto do arquivo, a espessa seção dedicada ao sequestro e morte de Gabe Kavin. Eu não tive coragem mental para passar por isso esta noite. Eu precisava de televisão porcaria e de um longo banho de imersão em uma banheira escaldante, com uma colher extra de sais de Epsom.

Ficando de pé, girei a tampa do pote e coloquei-o de volta no armário. Clem pegou minha colher pegajosa e eu a afastei. — Pare com isso. De volta ao chão. — Levei a colher até a pia e estava lavando quando ouvi o toque fraco do meu celular. Voltando para a mesa, abri a mensagem de texto de Jacob. O recepcionista raramente me contatava fora do horário de expediente, então me preparei, esperando um aviso de que ele não poderia trabalhar pela manhã.

Você viu isso?

A nota foi seguida por um link para uma notícia. Toquei nele, abrindo a página.

SUSPEITO DE SER CORAÇÃO SANGRENTO CONTRATA ADVOGADO.

Os problemas jurídicos de Randall Thompson foram resolvidos e a fonte pode surpreendê-lo. O homem preso por seis assassinatos na área de Los Angeles é agora representado por Robert Kavin, litigante criminal e... espere por isso... o pai da sexta vítima do Assassino do Coração Sangrento, Gabe Kavin.

Robert Kavin no tribunal é impressionante, assim como seus honorários advocatícios. Então, como esse professor do ensino médio consegue pagar sua taxa de US\$ 400 por hora? Ele não pode, e é por isso que Robert Kavin o representa pro bono.

Se você está coçando a cabeça por causa desse acordo, não está sozinho. Localizamos o advogado poderoso para obter algumas respostas.

*— Estou representando Randall porque acredito em sua inocência.
— disse Gavin. — Confie em mim quando digo que quero justiça pela morte do meu filho. A justiça não será feita se um homem inocente cumprir pena por este crime.*

O que é totalmente sagrado... Rolei de volta até o início do artigo e o li novamente, depois abri uma nova janela do navegador e procurei pelo advogado de Randall Thompson, esperando que o primeiro artigo fosse uma paródia.

Não era. Eram dezenas de artigos, todos postados nas últimas horas. Robert estava representando Thompson. Meu perfil psicológico... seria usado pela defesa, não pela acusação.

Virei à informação, examinando-a de todos os lados. Não havia nenhuma razão lógica para Robert proteger o homem que matou seu filho. Sem mencionar que isso se transformaria em um gigantesco emaranhado jurídico com anulação de julgamento e recursos estampados por toda parte.

Olhei para o arquivo, a pasta aberta zombando de mim em seu lugar inocente na mesa, os detalhes horríveis de Gabe Gavin ao meu alcance.

Qual era o jogo do pai dele e por que ele estava me puxando para ele?

CAPÍTULO QUINZE



O primeiro encontro de Robert com Randall Thompson foi supervisionado por quatro guardas e durou menos de dez minutos. Uma oferta de representação foi estendida, a papelada foi assinada e os homens se separaram. Robert entrou em sua Mercedes e seguiu em direção a Beverly Hills. Randall voltou para sua cela particular, as algemas dos tornozelos tilintando enquanto ele avançava pelo amplo corredor.

Agora, com as devidas permissões e proteções em vigor, Robert voltou para a Cadeia Central Masculina. Ele passou pela segurança e pela recepção e esperou por Randall Thompson em uma das salas de reuniões privadas, com assento separado do de Randall por um vidro de cinco centímetros de espessura. Sentado a uma pequena mesa de jogo, ele aproveitou o tempo valioso para acertar a data no relógio.

Randall era considerado um preso de alto risco e ficaria em confinamento solitário até seu julgamento. O confinamento solitário era uma bênção para alguém como ele. A população em geral acolheu pedófilos violentos com um entusiasmo único.

A porta se abriu e dois policiais introduziram Randall, que ocupou o único assento com um suspiro pesado.

— Quando terminar, basta bater na porta. — disse o guarda.

— Esta sala é privada? — Robert confirmou.

— Estaremos observando você através do vidro, mas não há câmeras ou microfones.

Robert assentiu. — Obrigado.

— Você tem uma hora. — O guarda fechou a porta atrás dele com um clique firme.

O professor de ciências, que estava considerando um mínimo de três penas de prisão perpétua, examinou Robert com desconfiança. — Você novamente?

— Eu de novo. — Ele desbloqueou seu tablet. — Precisamos revisar os detalhes iniciais do seu caso.

Randall se inclinou para frente e passou as mãos pela barba branca. — Eu gostaria de sair daqui e ir para casa. Eu tenho um cachorro. Preciso de alguém para ver como ele está.

— O resgate local de animais de estimação está com seu cachorro. Eles vão mantê-lo lá até que você seja condenado ou libertado. Se você for condenado, eles o colocarão para adoção. Se houver alguém que você conhece que aceite, eu posso providenciar isso.

Randall esfregou os dedos indicadores nos cabelos brancos e espessos acima do lábio superior. — E você está fazendo isso de graça? Foi o que você disse.

— Sim. Completamente grátis.

— Não parece certo. — o homem murmurou. Ele tossiu e algo úmido ressoou em sua garganta.

— Meu escritório aceita uma boa quantidade de casos pro bono.

— Certo, claro. — o homem retrucou. — Mas estou falando do seu filho. Ele foi morto por esse cara, certo?

Robert removeu a caneta do tablet do suporte. — Sim, ele foi. Eu revelei isso a você em nosso primeiro encontro.

— Bem, eu estava um pouco distraído então. Mas desde então, tive tempo para pensar. — O homem aproximou a cadeira do vidro e baixou a voz. — Como você sabe que não fui eu?

— Você não precisa sussurrar. Ninguém pode nos ouvir.

Seu joelho balançou contra o fundo da mesa. — Seu filho... qual

era o nome dele?

— Gabe.

O homem tamborilou os dedos grossos no tampo da mesa. — Nunca tive filhos, mas tenho um sobrinho de quem sou próximo. É, ah... Não consigo imaginar como você se sente.

Não, ele não poderia. Ninguém poderia. E não era um sentimento que você desejaria a mais ninguém. A única bênção da morte de Natasha foi que ela não teve que vivenciar isso ao lado dele.

— A quanto tempo... — Seus dedos pararam e ele olhou para cima, encontrando os olhos de Robert. — Ele, hum... ele foi levado?

A ignorância do homem sobre a história do Assassino de BH era embaraçosa. Por outro lado, se Randall fosse um especialista em mortes, Robert não o representaria.

— Ele morreu há nove meses.

Randall assentiu. — Então, ah...

— Precisamos examinar as evidências contra você.

— Bem, eu nem entendo como eles têm evidências.

Ele era frustrantemente obtuso. Relutante ou incapaz de compreender o fato de que enfrentaria uma vida inteira atrás das grades. Há um ano, segundo a legislação anterior, ele seria candidato à injeção letal.

— Bem, há duas coisas que temos que superar. Primeiro, Scott Harden identificou você como a pessoa que o sequestrou e o manteve prisioneiro por sete semanas.

— Ele está mentindo. — disse o homem categoricamente, cruzando os braços sobre o peito largo. — Eu disse isso aos detetives.

— Alguma razão para ele mentir sobre você? Você já o teve como aluno? Deu a ele uma nota baixa? Confrontou-o no corredor por causa de alguma coisa?

O homem fungou e depois limpou o nariz com a manga do uniforme. — Ele não era um dos meus alunos. Eu estava ciente dele?

Claro. Ele é uma daquelas crianças... você conhece o tipo. — Ele encontrou os olhos de Robert através do vidro arranhado. — Acha que ele é intocável. Sempre atrasado. Tem a namorada da escola pendurada no braço. Eles chamam atenção.

Ele pode estar descrevendo Scott, mas era um espelho para Gabe. O sorriso infantil e sem remorso que suavizava cada ação. A confiança que vazou dele. O bando de garotas ao redor que ligavam de hora em hora, mandavam mensagens durante o jantar e comentavam todas as postagens nas redes sociais.

— Mas... — Randall coçou a nuca. — Mesmo sabendo quem era o garoto, eu nunca... Bem, acho que nunca interagi com ele. Não sei. Talvez eu tenha gritado com ele para ir para a aula ou para não correr pelos corredores... algo assim. Talvez.

Talvez? Os júris odiavam talvez. Por enquanto, Robert deixou passar.

— Os policiais perguntaram sobre seu álibi na noite em que cada vítima foi levada e quando seus corpos foram abandonados. Você disse, e esta é uma citação do seu questionamento: 'Não sei. Provavelmente eu estava em casa'. — Robert olhou para ele. — Teremos que fazer melhor do que isso.

Randall se mexeu no assento de plástico rígido e as correntes de seus tornozelos se chocaram. — Eu vivo sozinho. Eu leio à noite e corrijo os testes. Não tenho certeza do que dizer a você. A menos que você consiga fazer com que meu cachorro ateste por mim, eles simplesmente terão que acreditar em mim.

— É difícil fazer isso, considerando a caixa que encontraram. — No tablet, Robert puxou a foto, aquela que fez sua raiva aumentar de forma quase incontrolável. Era um close de uma pequena caixa de madeira cheia de uma variedade brutal de souvenirs. Uma carteira de motorista para a vítima número um. O lóbulo de uma orelha. Um pedaço de pele com uma tatuagem esculpida em um bíceps. Um relógio, no interior gravado a data da formatura. Uma foto Polaroid de um menino, com o rosto machucado, lábios cortados e olhos fechados e inchados. *Gabe*.

— Sim. — Randall mal olhou para a foto. — Eles disseram que encontraram isso na minha casa.

— Debaixo da sua cama. Como foi parar lá?

O professor levantou as mãos. — Quem sabe? Não tenho o hábito de olhar embaixo da cama, a menos que meus óculos caiam ali. Você? Qualquer um poderia ter enfiado ali.

— Como eles entrariam em casa?

Ele balançou a cabeça em frustração. — Você está do lado de quem?

— Estou bancando o advogado do diabo. Todas essas perguntas serão feitas a você durante o julgamento.

— Olha, eu não peguei nem machuquei ninguém. — Randall trovejou, e se ele fizesse assim, havia uma boa chance de alguém no júri acreditar nele. Tudo o que eles precisavam era de um.

— Novamente, como alguém entraria?

— Alguém poderia abrir a porta e entrar. — disse ele desafiadoramente. — Não é como se eu possuísse algo de valor. Ninguém está me roubando. Tranco as portas algumas vezes, mas muitas vezes não. Se o tempo estiver bom, abro uma janela. Então me processe.

Ele não precisava ser processado. O litígio civil era uma preocupação discutível quando alguém estava atrás das grades por seis assassinatos. Seis assassinatos e sete sequestros com agressão agravada e premeditada.

Sua vida, quer ele soubesse ou não, quer Robert o livrasse ou não, havia acabado.

CAPÍTULO DEZESSEIS



Nita Harden parou na porta de Scott e encostou o ouvido na madeira, esforçando-se para ouvir o que o filho estava dizendo.

Ela não conseguiu entender. Estava muito baixo. Quietos. Quase um sussurro. Scott nunca sussurrou. Ele tocava música alta, gritava suas frases, pulava e gritava quando subia de nível ou ganhava algum jogo, mas nunca sussurrava.

Ela bateu suavemente na porta e ele ficou em silêncio. — Scott? — ela gritou.

Houve uma confusão de itens, passos no chão de madeira, então ele abriu a porta e olhou para ela pela fresta fina. — Sim?

— Você está bem? Pensei ter ouvido alguém falando.

— São apenas vídeos que estou assistindo no meu telefone. — Ele deu a ela um sorriso tímido. — É tarde, mãe. Vá para a cama.

Ele estava certo. Eram quase duas. Algumas semanas atrás, ela teria tomado um comprimido para dormir e ficaria babando no travesseiro, com o corpo colado ao de George. Mas nesta nova realidade, com o filho de volta, ela não conseguia dormir até que a luz dele fosse apagada, os sons de roncos baixos vinham de baixo da porta, e isso parecia não acontecer até as três ou quatro da manhã.

— Ok — ela disse relutantemente, desejando que ele abrisse a porta e a deixasse entrar. Desde quando ele segurava a porta assim? O que ele estava escondendo lá? Normalmente ela teria suspeitado que

fosse uma menina, mas desde que ele chegou em casa, nenhuma das meninas estava por perto. Pensando bem, nenhum dos dois tinha nenhum de seus amigos. Ele costumava ter tantos amigos.

Talvez seja por isso que a casa ainda parecia vazia. Ela continuou esperando que ele voltasse à vida. Costumava ser tão cheio de atividade e barulho. Ela tropeçava na bolsa de beisebol de Scott, deixada descuidadamente na cozinha. Resmungue sobre seus livros no balcão, as latas de refrigerante vazias espalhadas por todas as superfícies da sala de mídia e os sacos abertos de batatas fritas que atraem formigas na despensa. E, ah, as crianças. Era normal ela acordar no domingo de manhã e encontrar meia dúzia deles em estado de alerta em sua sala de estar. Aquele garoto Ralph passou dois meses no quarto de hóspedes, e todos os times de futebol e beisebol pareciam ter o código do portão e luz verde para se servirem de qualquer coisa na geladeira, inclusive a cerveja.

Para onde todos eles foram? Naqueles primeiros dias, todos ligaram e passaram por aqui, mas Scott implorou para não vê-los. Ele disse que estava ocupado e cansado, e ela deixou isso passar porque é claro que ele não teria vontade de ver ninguém depois de tudo isso - mas e agora? Já se passaram duas semanas e Scott se sentia bem o suficiente para ficar na frente das câmeras de TV ou conversar com novos seguidores nas redes sociais, mas não havia retornado uma única mensagem de seus amigos verdadeiros.

George continuou dizendo a ela para cuidar da própria vida, e talvez ele estivesse certo. E daí se Scott estava distante? Ele estava em casa e seguro. Ela estava procurando problemas em vez de contar suas bênçãos.

Ela disse boa noite e desceu as escadas até o quarto que dividia com George, jurando não pensar mais nisso. Mas Scott estava conversando com alguém. Ela sabia disso. Mesmo com a porta pesada entre eles, mesmo com a voz abafada, ela poderia jurar que ele estava implorando para que alguém ligasse de volta.

CAPÍTULO DEZESSETE



Na minha última década de aconselhamento, distribuí mais de mil cartões de visita. Nunca houve tanta dor como esta. Olhei para o cartão de visita da carteira de John Abbott, que havia voltado para minha mesa, ainda em seu saco de evidências. Por baixo dele, e sem capa protetora, estava a única coisa que eu realmente odiava ver. Um mandado.

— O que há com o café? Tem hortelã? — O detetive Saxe olhou para uma caneca azul-clara, que devia ter sido servida por Jacob.

— Se for do lobby, sim. Você pode jogá-lo fora se não gostar. — Virei a primeira página do mandado e examinei as seções apropriadas, esperando por um milagre nas descrições curtas e precisas. De acordo com o mandado, eu era obrigada a responder a perguntas sobre o estado de espírito do Sr. Abbott e qualquer atividade criminosa de que tivesse conhecimento, mas não tinha que entregar seu arquivo de cliente. *Graças a Deus.*

— Não. Está bem. Nada mal, na verdade. — Ele puxou uma das minhas cadeiras e a encarou em direção à minha mesa. — Você pode manter esse mandado. É a sua cópia.

— Obrigada — eu disse inteligentemente.

Ele se sentou e abriu seu bloco de notas. — Estamos analisando John Abbott um pouco mais de perto. — Ele olhou para mim. — Cara interessante.

— De que maneira?

Ele sorriu. — Vamos, doutora. Não vamos jogar. Consegui seu mandado. Agora vamos conversar abertamente, ok? Tenho muitos bandidos por aí que ainda preciso capturar.

Sim, e eu tinha um negócio que precisava proteger. Se a família de Brooke Abbott me processasse por negligência, eu poderia estar arruinada, tanto financeiramente quanto profissionalmente.

— Eu não quero jogar — eu disse. — Mas você não pode fazer uma observação aleatória e apenas esperar que eu transmita informações. Faça-me uma pergunta e eu responderei.

Sua expressão azedou. — Temos três relatórios de voyeurs que foram apresentados contra o Sr. Abbott. O que você pode me dizer sobre as perversões sexuais dele?

— O quê? — Se fosse possível um queixo cair, o meu caiu. Doze meses de sessões, e isto foi uma surpresa absoluta. — Quem ele estava espionando?

— Várias mulheres ricas. Foi flagrado por câmeras de segurança na maior parte do tempo. Você está me dizendo que não sabia nada sobre isso?

Eu levantei minhas mãos em inocência. — Eu juraria isso no tribunal. E para ser honesta, isso me choca. Eu... — Fiz uma pausa, não querendo violar a privacidade de John mais do que o necessário.

— O quê?

— Você tem certeza de que foi ele?

— Três relatórios separados de três mulheres diferentes ao longo de sete anos? — Ele assentiu. — Sim. Por quê?

Eu fiz uma careta. — Simplesmente não combina com seu tipo de personalidade. John era um indivíduo muito preciso e organizado. Ele refletia sobre as coisas, às vezes obsessivamente. E sexualmente? Em primeiro lugar, este mandado centra-se nas mortes de Brooke e John Abbott, por isso não vejo como uma obsessão ou desvio sexual externo seria relevante, mas não me importo de responder à pergunta, porque a resposta é simples. John Abbott não tinha perversões sexuais, como você disse. Pelo menos, nenhuma que ele compartilhou comigo.

— Nunca comentou com você? Disse algo inapropriado? Fez você se sentir desconfortável?

Eu balancei minha cabeça. — Estou chocada que ele estivesse perseguindo mulheres. Na verdade, seu foco estava completamente em sua esposa. Ele era praticamente assexuado comigo.

— Você já se sentiu insegura perto dele? Teve a sensação de que ele estava tendo um interesse anormal pela sua vida pessoal?

— Absolutamente não.

— Então, sem perversões sexuais. — Ele me olhou como se não acreditasse.

Abri minhas mãos na ignorância. — Não que eu tivesse qualquer conhecimento ou sugestão. — Mantive minha voz suave e o resto da minha opinião para mim mesma. Nas contínuas suspeitas de John em relação à esposa e a outros homens, muitas vezes suspeitei de uma homo ou bissexualidade latente. Mas isso foi pura especulação da minha parte e nunca seria sustentado em tribunal. Seria fácil e imprudente dizer que um homem que queria matar a sua esposa o fazia devido a uma frustração crescente devido à sua própria incapacidade de se sentir atraído ou de ter relações sexuais com ela. Compartilhar essa hipótese agora seria um péssimo serviço para John, bem como para a investigação do detetive Saxe, que ainda parecia turva em escopo e foco.

Mergulhei o dedo do pé em águas perigosas. — O que exatamente você está investigando?

Ele me estudou. — Não tenho certeza. Algo está errado. Com a cena na cozinha, com ele recebendo tratamento psicológico... e depois as outras coisas.

Eu fiz uma careta. — Que outras coisas?

Ele encolheu os ombros e foi sua vez de evitar a pergunta. — Tenho uma última pergunta, pelo menos por enquanto.

Aqui estava. No momento em que tudo desmoronaria. O começo do fim. Eu me forcei a não enrijecer ou recuar.

— A última vez que estive aqui, perguntei se deveria encarar isso como algo diferente de suicídio. — Ele olhou para mim. — E você disse, e cito: 'Não que eu saiba'.

Eu balancei a cabeça. — Certo.

— Você ainda manteria essa afirmação?

— Claro. — Ele ainda estava preso a isso? Questionando a morte de John Abbott e ignorando o suposto ataque cardíaco de Brooke?

— Deixe-me mudar um pouco a pergunta. Se eu lhe contasse que John Abbott foi encontrado morto com um ferimento de faca, você suspeitaria de suicídio?

Bem, essa foi uma pergunta interessante. Sorri para ele, aproveitando o jogo mental. — A esposa dele estava morta ao lado dele, certo?

— Ignorando isso.

Eu zombei. — Você não pode exatamente ignorar isso.

— A maioria dos maridos, quando a esposa morre de ataque cardíaco, não se mata.

Excelente ponto. — Para esclarecer — respondi — A maioria dos maridos emocionalmente estáveis não se mata quando a esposa morre. — *A menos que tenha sido ele quem a matou.* — Mas John Abbott não era emocionalmente estável. Não estou dizendo que ele era um predador sexual — apressei-me em esclarecer — Mas ele não era emocionalmente... — Eu fiz uma pausa. — Talvez estável não seja a palavra certa. Deixe-me voltar à sua pergunta. Se você me dissesse que John Abbott foi encontrado morto com um ferimento de faca, minha primeira inclinação seria a de qualquer pessoa: que alguém o esfaqueou. — Eu me inclinei para frente. — Mas se você me dissesse que Brooke Abbott morreu primeiro, eu imediatamente suspeitaria de suicídio. Cem por cento, sem hesitação.

Inclinei-me para frente e coloquei os antebraços sobre a mesa, apreciando o exercício hipotético. — Por um lado, porque que cenário poderia existir? Brooke morreu e então uma pessoa qualquer apareceu e assassinou John? — Eu fiz uma cara cética. — Não é

provável. Mas também, e o que você realmente deveria se preocupar... — escolhi minhas próximas palavras com cuidado — ...é que John tinha uma ligação emocional doentia com Brooke. A morte dela o afetaria de maneira diferente de um marido normal. Concordo que a resposta padrão para um marido não seria matar-se. Mas com John? — Recostei-me na cadeira. — Absolutamente provável.

— Huh.

Toda aquela visão brilhante, aquele complexo jogo de xadrez de palavras e entrega, e ele respondeu com uma palavra que estava um passo acima de um grunhido. Não que eu esperasse uma ovação de pé e uma salva de palmas, mas vamos lá.

— Deixe-me jogar algo maluco no seu colo. — Ele largou a xícara de café.

Esperei, meu pulso disparando.

— Brooke mata John e depois tem um ataque cardíaco.

Deixei escapar uma risada estranha. — Não.

— Não? — Ele ergueu uma sobrancelha escura.

— Não. — Balancei a cabeça e fiz uma pausa, certificando-me de que a reação instintiva era válida. Seria possível que John tivesse contado a ela sobre suas fantasias sombrias, ou ele tentou matá-la e ela revidou e o matou em legítima defesa?

Era uma possibilidade moderada, mas fraca diante da verdade muito mais certa: John a envenenara e depois se matara. E de jeito nenhum eu permitiria que eles arrastassem o nome de uma Brooke Abbott morta pela lama. Eu quebraria a confiança de John e arriscaria minha própria reputação se fosse necessário. Eu balancei minha cabeça. — Absolutamente não.

— OK. — Ele se levantou. — Como eu disse, era apenas uma teoria maluca. Obrigado. Entrarei em contato novamente se tiver mais dúvidas.

Peguei meu cartão de visita, ainda no saquinho plástico, e estendi para ele. — Aqui.

Ele pegou e estendeu a mão. — Obrigado pelo seu tempo, Dra. Moore.

— A qualquer momento.

Observei-o sair e implorei silenciosamente para que não voltasse.

CAPÍTULO DEZOITO



— Algo está diferente em você. — Meredith me estudou sobre o cardápio do restaurante tailandês.

— Eu cortei meu cabelo. — Virei à placa laminada gigante. — Eu nem sei o que é metade dessas coisas.

— Basta pegar o arroz frito com camarão. — Ela recostou-se enquanto uma tigela de bolinhos de carne de porco cozidos no vapor era entregue, depois recitou seu pedido para a garçonete.

Segui o exemplo e observei a garçonete recuar. — Eu queria fazer uma franja, mas me acovardei e fiz algo diferente com as camadas.

— Não é o seu cabelo que está diferente. É a sua aura.

Engoli a vontade de contar a ela o que achava de suas besteiras Nova Era. Isso pode funcionar com as donas de casa de Calabças, mas se eu dissesse a qualquer um dos meus clientes para esfregar uma pedra de positividade, eu perderia a prática em uma semana.

— Estou falando sério. O que está errado?

— Estou um pouco estressada. — Consegui dizer.

— Por causa do assassino de sua esposa morta? — Ela bateu com um trio de pacotes de adoçantes falsos na palma da mão.

Olhei ao redor do pátio externo, certificando-me de que ninguém estava ao alcance da voz. — Calma, Meredith.

— Ninguém está ouvindo. — Ela dispensou minha preocupação.

— Fale comigo. Você ainda está se sentindo culpada pelo suicídio?

— Sim, mas essa não é a principal fonte disso. — Observei um casal se levantar de seus assentos. — Estou fazendo um perfil psicológico para um novo cliente.

Ela pegou um bolinho e mergulhou no molho. — Acusação ou defesa?

— Defesa. — Expliquei-lhe o pedido inicial de Robert aos meus serviços, deixando de lado a nossa noite de bebedeira e paixão.

Os olhos de Meredith se arregalaram enquanto eu avançava na história. — Espere aí. — Ela rapidamente engoliu a boca cheia antes de falar. — Ele contrata você, lhe dá o arquivo e você não fala com ele desde então?

— Não.

— Por quê?

— Deixei uma mensagem para ele em seu escritório, mas ele não me ligou de volta.

— Eu vi uma notícia sobre esse cara... — ela disse lentamente. — O filho dele foi uma das vítimas do Assassino de BH, certo? Tipo, número cinco?

— Seis — confirmei.

Seus olhos se arregalaram enquanto ela conectava as peças. — E ele é gostoso, certo?

— Ele é muito bonito. — Admiti.

— Não. — Ela argumentou. — Ele é muito gostoso. Você precisa deixar de lado a desgraça e a tristeza e selá-lo como um ganhão premiado.

Eu me esforcei para manter um ar casual. — De qualquer forma, eu estou...

— Oh, isso está cada vez melhor. — Ela empurrou os bolinhos para longe e se curvou para frente, seus olhos verdes brilhando de interesse. — Você já fez isso, não foi?

— Eu não o selei e montei nele como um garanhão premiado. — eu disse ironicamente. — Era mais como uma avó com artrite no Tilt-A-Whirl².

Ela caiu na gargalhada e bateu palmas. — Oh, minha palavra, sua vagabunda suja.

Corei apesar de mim mesma. Afinal, esta foi a minha maior conquista sexual da década. Eu não podia acreditar que tinha guardado isso para mim por tanto tempo. Meredith normalmente farejava uma indiscrição no minuto em que a calcinha de alguém caía no chão.

— Então não é estresse — disse ela, pegando os hashis de volta. — É o brilho da satisfação sexual. A menos que tenha sido uma decepção? — Ela olhou para mim em busca de confirmação.

Eu corei, tentando não pensar nos picos sexuais que a noite havia proporcionado. — Muito satisfatório. — assegurei a ela. — Mas acho que ainda é estresse. Não tenho uma boa noite de sono há semanas.

Sua resposta foi cortada pelo telefone. Quando ela atendeu a ligação, levantei a chaleira e me servi de uma xícara pequena.

Foi um pouco chato não ter tido notícias de Robert. Deixando de lado nossa história sexual, eu havia sido contratada para um trabalho e estava aguardando o restante dos arquivos de vítimas que ele havia me prometido. É verdade que nos últimos cinco dias ele contratou o assassino de maior destaque na história da Califórnia. Seu escritório deve estar inundado com ligações para a imprensa, pedidos de descoberta e preparação para pré-audiência. Meu correio de voz provavelmente estava enterrado em uma montanha de outras mensagens.

— Então, o que há no arquivo? — Meredith encerrou a ligação e superou minhas façanhas sexuais com a mesma facilidade com que fez com os bolinhos. — Você já iniciou o perfil psicológico?

— Eu não tenho o suficiente para continuar. Preciso ver todos os arquivos das vítimas, que devo conseguir. — Não admira que ele estivesse tão confiante em consegui-los. Ele teria uma montanha de

informações se tivesse contratado Randall Thompson como cliente.

— Garota, isso é como ouro para você. Os arquivos do Coração Sangrento?

— Eu sei. Seis assassinatos. — Eu sorri.

— Tente não parecer tão alegre com isso.

Dei de ombros. Era emocionante, especialmente porque ele estava atrás das grades. Eu disse isso, e ela balançou a cabeça lentamente, algo claramente em sua mente.

— Por que você acha que ele o está representando? Quer dizer, eu assisti ao noticiário. Você acredita no que ele diz, que acha que Randall é inocente?

Era a questão do momento e suspirei. — Não sei. Se alguém matasse meu filho, eu não poderia estar na mesma sala sem arrancar seus olhos, então uma parte de mim diz que ele deve acreditar na inocência de Thompson. Mas, novamente, como ele saberia?

— A menos que ele seja o verdadeiro assassino. — ela ressaltou.

— Ele matou o próprio filho? — Eu balancei minha cabeça. Uma década estudando assassinos habituais me ensinou que eles não atacavam seus próprios filhos na sexta vítima e depois continuavam.

— Não me olhe assim. Em primeiro lugar, as pessoas matam os seus filhos. E Robert poderia ser o assassino de BH e não matar seu filho. Talvez Gavin...

— Gabe. — Eu a corriji.

— Gabe morreu de outra maneira. E todo mundo presumiu que era o assassino de BH porque o garoto era um garanhão gostoso e seu pai se livrou de seu corpo da mesma maneira.

Desviei o olhar de um casal que havia entrado no restaurante, a mão do homem apertando o ombro da namorada. Ela teria um problema com ele, se é que já não tinha. Refleti sobre a hipótese de Meredith, que poderia ter fundamento. — Isso é um exagero.

Ela encolheu os ombros. — Por quê? Porque ele era bom de

cama? Acredite em mim, quanto melhor for o movimento, mais bagunçado será o oceano.

Eu ri. — Tudo bem. — Pensei, seguindo seu raciocínio. — Então você está dizendo que Gabe Kavim morreu por alguma outra causa. E Robert Kavim é o verdadeiro Assassino de BH, mas Scott Harden aponta o dedo para Randall Thompson por algum motivo, e então Robert Kavim o defende porque ele pode matar adolescentes por hobby, mas ele tem consciência e não quer um homem inocente caindo por seus crimes.

— Ou ele matou seu filho, encenou-o para se parecer com o assassino de BH, embora isso exigisse que ele o mantivesse prisioneiro por mais de um mês... — Ela franziu a testa. — Ok, então existem algumas lacunas na lógica. — ela admitiu.

— Muitas lacunas na lógica. Praticamente nenhuma lógica. — Mudei meu chá para o lado quando nossas entradas chegaram.

Durante há meia hora seguinte, comemos, discutimos a má política da TV e da indústria e não mencionamos os adolescentes mortos.

Foi um bom adiamento - que terminou assim que saí do restaurante e olhei para o meu telefone.

Recebi uma chamada perdida e uma mensagem de voz. Robert Kavim finalmente me ligou de volta.

CAPÍTULO DEZENOVE



A mensagem de voz era da secretária de Robert, que solicitou que eu me encontrasse com ele na manhã seguinte, às 7 horas da manhã. Retornei a ligação dela com uma dura recusa, depois cedi ao seu tom digno e maternal e concordei em uma reunião às 7h30.

Depois de mais uma noite agitada, combinei um vestido conservador de gola alta com meus saltos mais altos e passei mais dez minutos prendendo meu cabelo grosso em um penteado francês. Cheguei rapidamente a Beverly Hills e entrei na elegante e intimidante entrada do prédio de Robert quinze minutos mais cedo. Depois de subir no elevador, saí e encontrei uma mulher mais velha escultural esperando por mim na entrada da Cluster & Kevin.

— Dra. Moore — disse ela calorosamente — Robert está esperando você em nossa sala de conferências.

Robert estava sentado na extremidade de uma mesa comprida, com o celular encostado ao ouvido, e seu olhar imediatamente se fixou em mim. Ele não sorriu, não reagiu, e coloquei minha bolsa no primeiro assento, depois sentei no segundo. Cruzei as pernas, desta vez, sua atenção percorreu-as e permaneceu ali.

Eu podia sentir o calor do seu olhar enquanto ele acariciava minha panturrilha e meu tornozelo. Cruzei os braços sobre o peito e adotei um ar indiferente. Apesar da nossa história, tínhamos uma relação comercial que traçava uma linha muito clara aos olhos da

minha profissão e da dele.

Ele encerrou a ligação. — Caso você não saiba, agora estou representando Randall Thompson. Tenho cópias dos seis arquivos restantes disponíveis para sua análise, incluindo o de Scott Harden. Você terminou com Gabe?

E, sem mais nem menos, ele passou pelo elefante na sala. Considerei a evasão e decidi deixar passar por enquanto.

— Eu fiz. — Estendi a mão e tirei o arquivo da minha bolsa. — A sua esposa também estava lá.

— E? — Seu rosto estava inexpressivo e percebi que seria um inferno enfrentá-lo em uma mesa de pôquer.

— Eu revisei isso.

— Eu esperava que você fizesse isso. — Ele se levantou da cadeira e caminhou ao longo da mesa até chegar ao meu lugar. Ele apoiou seu peso contra a mesa. — Você parece cansada.

Fiz uma careta, irritada comigo mesma por colocar um esforço extra na minha aparência esta manhã. — Obrigada.

— Eu não quis dizer isso como um insulto. — Sua voz se aprofundou um pouco, e me lembrei de quando ele se inclinou para mim no táxi, com o peito quente, a colônia fraca, a voz rouca. Ele beijou o lado do meu pescoço, e eu estava instantaneamente perdida.

Forcei a memória a desaparecer. — Bem, estou cansada. Reuniões de madrugada farão isso com você.

A borda de sua boca se contraiu, mas o sorriso não desapareceu. Pegando o arquivo de Gabe, ele o folheou lentamente, verificando seu conteúdo. Ele olhou para mim por cima do arquivo. — Alguma ideia?

Eu dei a ele minha opinião honesta. — Dada a perda que você sofreu, não tenho certeza se seria capaz de funcionar se fosse você.

Ele olhou para o arquivo e lentamente o colocou na superfície ao lado dele. — O trabalho, Dra. Moore, foi à única coisa que me manteve funcionando. — Sua atenção voltou para mim e não havia como confundir o olhar dele. — Trabalho e algumas distrações raras.

Eu não confiava em mim mesma para falar. Nunca tinha sido tentada por um cliente antes, mas este era um território novo e perigoso. Já sabíamos como nossos corpos se encaixavam. Conhecia o som de nossas respirações, o gemido de nossos orgasmos, o batimento cardíaco áspero, porém terno, entre nossos corpos.

Em um cenário normal, ele estaria se aproximando e eu estaria me inclinando. Rendendo-me a ele. Rendição. Em vez disso, limpei a garganta e voltei para o elefante. — Por que você está defendendo Randall Thompson?

Ele agarrou a borda afiada da mesa. — Eu acredito que ele é inocente.

— Por quê?

— Isso é o que eu preciso que você prove. — Ele acenou com a cabeça para a pasta. — Além da preocupação com meu bem-estar psicológico, você tem alguma ideia sobre o assassino de Gabe?

— Você não está respondendo à pergunta. Não estou perguntando como você vai convencer um júri de sua inocência, estou questionando por que você acredita nisso.

— Eu leio pessoas para viver, Dra. Moore. Assim como você. — Ele sorriu, mas o gesto não alcançou seus olhos.

— Não. — Eu balancei minha cabeça. — Você manipula as pessoas para viver. Manipulação para caber e acreditar na sua narrativa. Você brinca com emoções, às vezes, com fatos.

Ele riu. — Você tem uma opinião negativa sobre os advogados. Tudo bem. Estou acostumado com isso. Para ser honesto, os psiquiatras também não são minhas pessoas favoritas no mundo. Eu farei o meu trabalho, você faz o seu. Neste momento, é você quem está evitando minhas perguntas. O que você sabe sobre o assassino do meu filho?

Sua voz era de aço, e talvez ele estivesse certo. Fiquei sentada aqui por dez minutos e não contei nada a ele. Eu tinha teorias, mas era difícil estar segura de alguma coisa quando se olhava apenas para um sexto das evidências.

— Preciso ver os outros arquivos. Identificar padrões. Não sei muito agora, exceto que ele é inteligente e paciente. Alguém que planeja as coisas e não age por impulso. — Um novo pensamento me ocorreu, um pensamento que eu deveria ter considerado assim que soube de seu papel na defesa. — Você vai me colocar no depoimento?

— Depende do que você pensa, depois de ver as evidências. Se suas conclusões corresponderem às minhas suspeitas, então sim. — Seu contato visual era uma droga, que permaneceu comigo por mais tempo do que o apropriado.

— E se eu achar que Randall Thompson é culpado?

Ele soltou uma meia risada, se era uma piada, eu não percebi. — Não vou colocá-la para depor se você achar que ele é culpado. — Ele empurrou o arquivo de Gabe de volta para mim. — Mantenha isso. Enviarei cópias do resto. Assim que você tiver a chance de revisá-los, marcarei uma entrevista com você e Randall. — Ele se levantou, e o material da calça do terno roçou meus joelhos nus quando ele passou.

Levantei-me e virei-me para encará-lo. — Por que eu?

Ele fez uma pausa. — Essa é a segunda vez que você me pergunta isso.

— A última vez que perguntei foi sabendo que você queria um perfil psicológico do assassino de seu filho. Isso é outra coisa. Algo maior. Você poderia estar lutando para libertar um assassino. Vidas estão em jogo.

— A vida do meu filho estava em jogo e passarei todos os dias que estou respirando nesta terra para garantir que qualquer pessoa que pudesse ter evitado ou causado sua morte responda pelo que fez. — Ele olhou para mim com um olhar tão odioso que dei um passo para trás.

— Dormimos juntos — lembrei-lhe. — Um interrogador poderia usar isso para desacreditar meu testemunho. Existem outros psiquiatras que você poderia recorrer e que não o exporiam a esse risco.

— Ninguém vai descobrir isso. Eu não contei a ninguém. — Ele me

estudou. — Você contou?

— Sim. Eu contei a uma colega. — Corei, envergonhada pela admissão.

— Você confia nela?

— Eu confio.

Ele encolheu os ombros. — Então estamos bem.

Não estávamos bem. Isso não estava certo. Esta foi uma equação quebrada. Ele defendendo Randall. Gabe morreu há apenas nove meses. Eu, lutando contra a atração enquanto vasculho os detalhes mais íntimos de sua vida.

Éramos um carro destruído, correndo pela estrada sem luzes, com a direção travada. Eu poderia colocar um cinto de segurança. Eu poderia estender a mão e acender as luzes de emergência. Mas não conseguia desligar o carro e não conseguia abrir a porta e sair correndo.

Havia uma calamidade pela frente - eu simplesmente não tinha ideia de como seria.

CAPÍTULO VINTE



Scott estava na metade do caminho para a varanda lateral quando Nita o viu fechando a porta com cuidado, evitando que a mão batesse no batente.

— Scott! — ela chamou.

Um olhar culpado passou por seu rosto. Com a mesma rapidez, foi substituído por um olhar adolescente entediado. — Ei.

— Onde você está indo?

— Só para dar uma volta. Pensei em passar pela escola.

Beverly High. A cena de seu sequestro. A escola particular onde ele não frequentava mais aulas, suas tarefas agora eram entregues semanalmente com ofertas de aulas particulares e assistência especial impregnadas de culpa apologética. Um deles foi responsável por isso. O homem que comia donuts na sala de descanso da escola havia enfiado cigarros acesos nas costelas do filho dela. Ele havia forçado objetos nele. Ele o amarrou, nu, em sua cama, por dias seguidos.

— Eu levo você. — Nita ofereceu, colocando a bolsa por cima do ombro e abrindo a porta para que ela pudesse passar.

— Oh não. Você disse que Susan estava vindo. — Ele bloqueou o caminho dela.

— Eu não preciso estar aqui para isso. — Ela descartou a preocupação. Susan vinha limpando a casa deles há quase uma década. Ela poderia descobrir no que se concentrar sem a ajuda de Nita,

embora Nita tenha feito uma nota mental para lhe enviar uma mensagem de texto lembrando-a de tirar o pó das pás do ventilador no loft.

— Mãe, eu posso dirigir sozinho. — Scott ergueu as chaves da caminhonete, que ela poderia jurar que estavam trancadas no cofre.

— A bateria não está carregada. — ela protestou. — Você não dirige há meses.

— Papai colocou uma nova ontem.

Maldito George. Ele sabia que ela não queria que Scott dirigisse. Ela não estava pronta para isso, não suportava vê-lo ir embora e potencialmente nunca mais voltar.

— De qualquer maneira, preciso passar no supermercado. — Ela abriu caminho pela porta com uma cotovelada. — Vou fazer pizza de frutas esta noite. Aquela que você gosta, com morangos e mangas. Podemos passar no supermercado depois de irmos para a escola.

— Mãe. Pare.

Ela encontrou seus olhos e silenciosamente implorou para que ele a deixasse ir. Ele não precisava ir para a escola. Ele poderia ir na próxima semana. Ou o próximo ano. Ela precisava de apenas mais alguns dias para vencer o medo que estava fechando seu coração.

— Eu te amo, mas preciso sair dessa casa e ser normal por algumas horas, ok? Não preciso de acompanhante.

— Prometa-me que não vai sair da caminhonete. — ela disse desesperadamente. — Basta dirigir por aí. E se você tiver um pneu furado ou quebrar...

— Eu não vou. — Ele cuidadosamente a conduziu de volta para dentro. — Estarei de volta em algumas horas.

— Uma hora. — ela rebateu. — A escola fica há dez minutos daqui. Uma hora é suficiente.

Ele gemeu. — Tudo bem.

— Eu te amo.

Ele sorriu, e era quase como costumava ser. — Você também, mãe.

Ela observou quando ele se virou e caminhou em direção à garagem, a porta mais distante se levantando para revelar sua caminhonete. Eles deveriam ter comprado para ele o sedã Volvo. Cinco estrelas em cada classificação de segurança. Não era tarde demais. Ela estava olhando para eles ontem. Sua caminhonete era um capotamento esperando para acontecer. Esses pneus gigantes? O centro de gravidade era perigoso. A visibilidade era horrível. E ele tocava o rádio muito alto. Não era seguro ter a música tão alta. Ele não conseguia ouvir uma buzina ou se alguém gritasse um aviso.

O barulhento motor diesel ganhou vida e ela se perguntou se George havia colocado gasolina nele. As estações nesta área eram seguras, mas se ele seguisse uma rota panorâmica para casa e parasse em uma área questionável...

— Pare de se preocupar. — George veio por trás dela e passou um braço em volta de sua cintura. — Eu conheço essa expressão no seu rosto.

Ela permaneceu no lugar, observando enquanto a caminhonete de Scott avançava. — Não acredito que você colocou uma bateria nova na caminhonete dele. Ele não pode estar dirigindo sozinho...

— Você prefere que ele fuja e fique preso em algum lugar com a bateria descarregada? — ele perguntou ríspidamente. — Nita, você tem que confiar que ele vai ficar bem.

Ela saiu de seus braços e se dirigiu para seu escritório, acelerando o passo enquanto a caminhonete de Scott passava pela entrada.

— Nita? — George chamou.

Instalando-se em sua mesa, ela abriu o laptop e ligou-o. Prendendo o cabelo em um rabo de cavalo apertado, ela observou a tela com impaciência, depois abriu um navegador e fez login no site de um software de rastreamento. Pontos azuis, vermelhos e verdes apareceram no mapa e ela soltou um suspiro de alívio.

Havia um dispositivo de rastreamento na caminhonete de Scott e um aplicativo instalado em seu telefone. O telefone era novo, comprado após seu retorno, o original deixado inutilmente em sua bolsa de futebol na noite de seu sequestro. Ela não poupou despesas com o telefone substituto ou com os discos de rastreamento que agora estavam afixados nas solas dos sapatos favoritos dele, embaixo do assento da bicicleta e na mochila e na carteira.

Ela não iria perdê-lo novamente. Contando lentamente até dez e inspirando profundamente para relaxar a tensão, ela observou o aglomerado de pontos movendo-se pela rua em direção à escola.

Uma hora era administrável. Ela poderia vigiá-lo daqui, chamar a polícia se alguma coisa acontecesse e tomar Xanax suficiente quando ele voltasse para afogar esse evento estressante em um mar de felicidade farmacêutica.

— Nita. — George apareceu na porta aberta do escritório. Ele estava no apartamento de sua amante na manhã em que Scott voltou para casa. Ela lidou com o desaparecimento do filho desmoronando; George resistiu caindo nos braços de outra pessoa. Ela não o culpava por isso. Alguém precisava manter a vida funcionando, manter o dinheiro entrando, as contas pagas, a equipe mantida, e ele tinha feito tudo isso. E desde que Scott voltou para casa, George esteve ao seu lado. Nenhum cheiro de outra mulher em suas roupas, nenhuma missão misteriosa que o levasse a sair no meio da noite. — Vamos sentar no jardim. Está lindo lá fora.

— Não posso. — Ela clicou em um botão para mudar para a visualização de satélite e um cata-vento girou lentamente no centro.

— Ele vai ficar bem. Ele está apenas...

— Por que, George? — Ela olhou para ele. — Por que ele vai ficar bem? Porque ele é um homem adulto? Adivinhe, ele ainda foi levado. Porque ele está em uma área legal? A escola dele também!

— Randall Thompson foi preso. — disse ele gentilmente. — Ele está na prisão. Scott está seguro.

Que declaração estúpida. Scott não estava seguro, e o mais

enlouquecedor disso era que ela não tinha como protegê-lo. Ele não estava seguro aqui na casa, e não estava seguro lá fora, e a vida tinha sido muito mais fácil quando ela estava felizmente inconsciente disso.

George murmurou alguma coisa e saiu, o escritório ficou em silêncio enquanto ela observava a imagem de satélite preencher a tela. Os pontos se moveram e ela aumentou o zoom. Seus olhos se estreitaram. Por que ele estava dirigindo para o sul na Santa Monica? A escola estava na direção oposta. Ela começou a ligar para ele, mas se conteve. Embora Scott estivesse ciente de sua paranoia e medos, ele surtaria com a ideia de que ela estava rastreando seus movimentos.

Em vez disso, ela verificou o telefone dele através do software. Bateria cheia. Serviços de localização ativados. *Ele vai ficar bem*, ela disse a si mesma. Ele estava dirigindo por aí. Ele não tinha um bom motivo para passar pela escola de qualquer maneira. Ele provavelmente estava indo para aquele drive-thru de hambúrgueres, que passava pelo Westwood Boulevard. Tirando os saltos altos, ela colocou os pés descalços no pequeno banquinho que mantinha embaixo da mesa e se forçou a soltar o aperto mortal que tinha no mouse.

Sua preocupação não era saudável. Foi isso que George e seu terapeuta disseram. Sua obsessão com os - e se - e os perigos a estava esgotando emocionalmente. Além disso, de acordo com Nan Singletary, que se tornou um guru da visualização depois de assistir a um documentário da Netflix, continuamente imaginando e esperando que algo corresse o risco de provocar esse evento. Ao ouvir isso, Nita imediatamente cortou o contato com Nan, porque agora era impossível não pensar em todos os perigos que Scott enfrentava, e ela não estava disposta a se sentir culpada por potencialmente desencadear um evento futuro com seus pensamentos.

A jornada de Scott continuou enquanto ele se movia por um estranho caminho para o sul, depois para o leste. Nita observou enquanto ele dirigia por Sepulveda, depois por Venice, depois virava para uma rua lateral residencial, onde finalmente fez uma curva e parou no meio do quarteirão. Ela olhou para os pontos piscantes, esperando que o telefone se separasse da caminhonete quando Scott

saísse do veículo. Os pontos permaneceram no lugar. Um minuto se passou. Depois dois.

Ela olhou para o relógio, anotando a hora. Talvez ele tivesse parado para retornar uma mensagem. Talvez para ligar para ela. Talvez para folhear o GPS e descobrir onde ele estava e como voltar para casa.

Ela soltou um suspiro lento e controlado. Isso não era motivo para pânico, ela lembrou a si mesma. Se ele ficasse ali sentado por tempo suficiente, ela sempre poderia ligar para ele.

O ponto verde ficou roxo e ela franziu a testa, pairando sobre ele para ver qual era a mudança.

Serviços de localização desativados durante a chamada.

Ele estava ao telefone. Uma explosão de alívio a atingiu. Ele estava ao telefone e parou por segurança. Durante anos, ela disse a ele para não dirigir e falar ao telefone, mas sempre presumiu que o conselho havia sido ignorado, especialmente porque ela e George frequentemente violavam a regra.

O ponto roxo ficou verde novamente, depois se moveu, separando-se dos outros enquanto o telefone de Scott se afastava da caminhonete. O ponto moveu-se de forma errática para a esquerda e depois para a direita na rua, quase como se ele estivesse andando de um lado para o outro. Ficou imóvel por um longo momento, depois voltou para a caminhonete.

Ela franziu a testa, depois trocou de tela, acessando os registros do celular dele.

A atividade de hoje foi tristemente vazia, exceto pela ligação mais recente, para um número desconhecido, com duração de chamada inferior a um minuto.

Ela considerou ligar para o número, mas optou por colocá-lo primeiro no mecanismo de busca. À medida que os resultados eram carregados, sua caminhonete finalmente se moveu, o grupo de pontos fazendo meia-volta no meio da rua residencial.

Isso foi estranho. O número era de uma imobiliária de San Diego.

Tomada por uma súbita explosão de percepção, ela procurou os endereços próximos ao estacionamento dele. Com certeza, um do outro lado da rua de sua vaga de estacionamento - 22 Terrace Drive - era uma de suas listagens. Scott deve ter visto a placa no quintal e ligou.

Ela assentiu, sentindo uma explosão de triunfo por juntar tudo isso.

Exceto... por quê? Era uma movimentação aleatória que gerou uma ligação curiosa? Ou Scott estava querendo comprar uma casa?

A segunda opção parecia absurda. Ele tinha dezessete anos e - se ela tivesse alguma contribuição - viveria sob o mesmo teto por mais três ou quatro anos, no mínimo. E ele não tinha emprego - certamente nunca seria aprovado para uma hipoteca, não sem que ela ou George assinassem.

Ok, então um passeio aleatório era a única solução, embora a teoria tivesse suas próprias falhas na trama. A menos que houvesse uma garota gostosa no jardim da frente, Scott não prestava atenção às casas e certamente nunca havia ligado para um número de uma placa imobiliária. Ela olhou para o software de rastreamento, a caminhonete de seu filho seguindo uma rota de volta para sua casa.

— Aqui. — George entrou no escritório com uma taça de vinho gelado na mão. Ele contornou a mesa dela e ela fechou a janela antes que ele pudesse ver a tela. Ele estendeu a taça e ela a pegou com um sorriso agradecido.

— Obrigada. — Ela tomou um gole.

— Sinto muito por ter agido pelas suas costas com a caminhonete de Scott.

— Apenas me diga que você colocou gasolina nela.

— Eu fiz. — Ele deu um aperto reconfortante no ombro dela. — Ele vai ficar bem, Nita.

Ela assentiu e deixou que ele colocasse o braço em volta dela. Ele não precisava saber sobre a ligação do corretor de imóveis. Agora não. Não até que ela pudesse descobrir o que realmente estava

acontecendo com o filho deles.

CAPÍTULO VINTE E UM



Passei dois dias imersa nos arquivos, cercada pela morte.

Randall Thompson, se fosse o Assassino do Coração Sangrento, matara seis meninos. Seis mortes e uma fuga. Meu trabalho era fazer uma avaliação independente com base nas informações que eu tinha sobre BH, o que significava descartar tudo o que eu sabia sobre Randall Thompson e abordar o perfil sem preconceitos.

Deveria ser fácil, dada a quantidade de informações que eu tinha à minha disposição. Arquivos completos de cada crime? Eu não tinha tantos dados desde meus tempos de doutorado.

Fiquei no meu consultório e olhei para a parede entre o meu escritório e o de Meredith. As duas gravuras emolduradas foram retiradas e encostadas no sofá de dois lugares, dando-me uma grande paisagem para trabalhar. Usei um pedaço de giz e dividi a parede verde-escura em três colunas, cada uma com cerca de um metro e oitenta de largura. A primeira coluna foi intitulada “Cenas de Crime”. A segunda foi rotulada como “Vítimas”. A terceira foi “Possíveis Suspeitos”. Olhei para o interior de cada coluna.

Todo serial killer é alimentado por uma razão.

Alguns não conseguem lidar com seus impulsos violentos. Cada interação com uma pessoa é um risco, e ela se controla através desses riscos até quebrá-los. Depois de quebrarem, eles experimentam uma espécie de reinicialização e continuam. A matança é como uma refeição, que satisfaz a fome por um período de tempo antes que eles

precisem comer novamente. Esse tipo de assassino costuma ser desleixado, comete crimes de conveniência e pode ser imprevisível na escolha da vítima.

Outros são sociopatas que consideram as outras pessoas dispensáveis. Matar não é feito por diversão, mas como solução. Se uma pessoa está atrapalhando ou causando um aborrecimento em suas vidas, ela lida com ela da mesma forma que lidaria com um mosquito: mata-o, joga-o para o lado e segue em frente. Eles não lamentam, não se arrependem, saboreiam ou pensam novamente no assassinato, a menos que essa ação cause consequências ou exija limpeza.

Então você tem os buscadores de atenção. Eles gostam da onda de poder que vem da matança e querem a atenção da mídia, as famílias chorosas, o medo. Eles abraçam a notoriedade, o jogo de gato e rato com a polícia, a crença de que estão enganando todo mundo. Esses assassinos costumam serem os vizinhos gentis e prestativos que todos amam, aqueles que ninguém acreditava que machucariam alguém. Eles exibem suas mortes em público e tomam decisões com base na quantidade de impacto na mídia e no status de lenda.

Meus passos iniciais foram simples. Primeiro, reúna todas as informações. Feito. Em seguida, estabeleça as características e detalhes comuns dos assassinatos.

Havia muitos pontos em comum, especialmente na categoria “vítima”. À medida que examinava cada arquivo, escrevia detalhes e fixava fotos nas colunas, construindo um mar de fontes e imagens brancas elegantes. As vítimas eram praticamente padronizadas por natureza. Sete alunos do último ano do ensino médio, todos atléticos, com constituição magra e tônus muscular moderado. Bonitos e caucasianos. Eles eram todos populares, ricos e queridos – os garanhões de suas respectivas escolas secundárias. No que diz respeito aos perfis criminais, tratava-se de vítimas de baixo risco que viviam em áreas seguras e não se envolviam em atividades perigosas. Esses não eram os malfeitores ou idiotas de suas escolas. Eles não traficavam drogas paralelamente, não eram ativos em gangues e tinham poucos ou nenhum inimigo.

Cada um foi retirado de uma escola diferente, o que indica planejamento. O assassino provavelmente perseguiu as vítimas antes dos sequestros e selecionou cuidadosamente cada uma delas entre seus pares.

Examinei todas as informações. Parecia organizado – até que você leu tudo e percebeu o quão desconexo parecia. Mesmo assim, eu estava progredindo. Eu tinha feito uma varredura superficial e agora estava mergulhando profundamente em cada morte, em ordem cronológica. Eu estava no terceiro menino e os padrões estavam começando a surgir. Tomei um longo gole de chá e olhei para a imagem de Travis Patterson, a vítima número dois.

Os meninos foram retirados de locais públicos. Sempre ao ar livre, normalmente em estacionamentos. As mortes nunca aconteceram no ponto de arrebatamento. Em vez disso - e esta foi a peça mais perturbadora do quebra-cabeça - BH levou-os para um local separado, onde os manteve detidos durante seis a oito semanas antes de os matar e largar os seus corpos num terceiro local.

Três locais eram arriscados. Foram três locais para possível transferência de DNA. Três locais onde ele poderia ser pego. Duas vezes ele teria que transportar um corpo e correria o risco de ser capturado pela câmera, ter problemas com o carro ou perder a vítima em uma fuga.

E havia algo profundamente pessoal no arquétipo dos meninos que desencadeou algo no assassino. Minha hipótese era que os anos de ensino médio do assassino foram traumáticos no que diz respeito ao seu crescimento mental. A teoria mais provável e fácil era que ele sofreu bullying por um garoto muito parecido com o perfil da vítima. Dada a natureza sexual da tortura infligida por BH, ele provavelmente foi molestado ou estuprado por esse agressor ou lutou contra uma paixão ou atração sexual pelo menino – uma atração que poderia ter sido nutrida ou rejeitada. Qualquer um dos dois poderia ter levado ao ódio ou à inadequação, que se agravou e acabou desencadeando esta série de assassinatos.

A porta do meu consultório se abriu e Meredith enfiou a cabeça para dentro.

— Apenas em meus próprios pensamentos. — Sentei-me no sofá e coloquei os pés debaixo de mim.

— Bem, eu venho trazendo chocolates.

— Nesse caso, puxe uma cadeira e acomode-se. — Dei um tapinha na almofada ao meu lado. — Feche a porta atrás de você.

— Coisas secretas, hein? — Ela entrou, parando quando viu minha parede de anotações. — Uau. Como os clientes estão reagindo a isso? — Ela apontou para a parede e me ofereceu o saco de M&M.

— Vou encontrá-los na sala de conferências esta semana. — Peguei e sacudi um punhado de chocolates coloridos.

— Boa jogada. Isso é um pouco assustador. — disse ela, apontando para as anotações.

— Conte-me sobre isso. — Estiquei os braços e rolei a cabeça para o lado para aliviar uma torção. — Estou vesga de olhar para essas coisas.

— Oh, por favor. — ela zombou. — Você adora. Arquivos completos do caso? — Ela olhou para as pilhas de pastas verdes. — Estou surpresa por não estar ouvindo seu orgasmo através das paredes.

Eu ri da analogia grosseira. — Eu não estou tão extasiada com eles. Mas sim. Isto é histórico. Se envolver e ter esse vislumbre dos casos... — Eu balancei minha cabeça. — Isso me faz querer abandonar o consultório particular e ingressar na força policial.

— Seriamente? — Ela me lançou um olhar cético. — Preciso lembrá-la do que você ganha em um ano?

Eu gemi. — Dinheiro não é tudo. No entanto... — Eu cedi. — Sim, você está certa. Eu disse que era tentador, não uma possibilidade séria.

— Você está no lugar certo. — disse ela. — Ser contratada por um advogado é o melhor dos dois mundos. — Ela estudou a parede. — Qual é a coluna da cena do crime?

— Tudo o que sei pelas evidências e autópsias. Normalmente não seria tanto, mas neste caso, as autópsias estão nos dando uma

cronologia do cativo dos meninos.

— O que você quer dizer?

Inclinei-me para frente e peguei o arquivo de Noah Watkins na pilha. — Aqui. — Eu fiz uma pausa. — Você já almoçou?

— Apenas uma barra energética. Mas não se preocupe. — Ela deu um tapinha na barriga. — Estômago de aço.

Eu abri o arquivo. — A partir de testes de drogas em seu cabelo, podemos ver que ele foi exposto a drogas quase continuamente durante as oito semanas em que esteve em cativo. Falando em tempo, ele foi detido por mais tempo. O assassino começou a encurtar os cumprimentos. Ou ele estava cada vez mais ansioso para matar ou estava conseguindo o que queria mais cedo.

— Jesus. — Ela estendeu a mão e puxou a foto da cena do crime de Noah. — É assim que todos eles são encontrados?

— Sim. — Desviei o olhar, ainda não condicionada a ver a posição humilhante do corpo de Noah, projetada para causar máximo impacto visual.

— Ele é o mesmo em todas as mortes?

— Bastante. Corpo de braços abertos, órgãos genitais removidos, um coração esculpido no peito. — Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha. — E sempre falta um dedo mindinho. Às vezes, outros dedos também, mas sempre um mindinho.

— Então por que ele não é chamado de Assassino do Dedo mindinho? — Meredith perguntou.

— É um detalhe que eles ocultaram intencionalmente da mídia.

Ela absorveu a informação. — Então, o cara fica com um dedo e o pênis?

Eu balancei minha cabeça. — Os órgãos genitais estão sempre em algum outro lugar da cena. Descartados como se tivessem acabado de ser descartados, sem pensar.

— Ai. — Ela devolveu a foto. — O que isso significa?

— Você é a terapeuta sexual. Você me diz.

— As mutilações são feitas enquanto o menino ainda está vivo?

— As amputações são pós-morte. A escultura do coração é feita enquanto eles estão vivos.

— E como eles morrem?

— Estrangulamento. As mortes mostram um pouco de misericórdia, embora seja um pouco tarde, dado tudo o mais que as vítimas passaram. — Acompanhei-a através do roteiro de tortura nos corpos. Queimaduras de cigarro. Contusões. Fissuras anais que indicavam penetração. Algemas e marcas de contenção.

Ela franziu a testa. — Qual era a experiência sexual das vítimas antes de serem levadas?

Eu fiz uma pausa. — Não sei. Não vi nenhuma menção a isso nos arquivos que examinei até agora. Por quê?

Ela balançou a cabeça. — Não sei. Só estou me perguntando se isso faz parte do padrão.

— Vale a pena investigar. — Voltei minha atenção para o quadro. — Alguma outra ideia?

Ela soltou um suspiro. — Mutilação genital pós-morte, tortura e penetração anal durante um longo período de cativeiro... Não sei. Eu ficaria muito curiosa para ver o que o garoto fugitivo... Seth? Scott?

— Scott. Scott Harden.

Ela assentiu. — Você precisa ver o que ele diz. O sequestrador o estava moldando? Cuidando dele? Houve cuidados posteriores? Espere... — Ela balançou a cabeça com pesar.

— O quê?

— Esqueci que você foi contratado pela defesa. Você não pode escolher a dedo o que usar no testemunho de Scott. Se ele apontou esse cara como o assassino, e seu cara está dizendo que é inocente, então por que importa o que mais Scott diz? Ou ele é confiável e seu cara é culpado, ou não é confiável e é uma perda de tempo ouvi-lo.

Ela estava certa. Quase tudo que eu sabia sobre Scott teve que ser ignorado. — Parece que estou perdendo meu tempo de qualquer maneira.

— Sim, mas você está recebendo muito dinheiro e adorando cada minuto. — Ela encolheu os ombros. — Fotos de autópsia e perfis psicológicos? Por favor. Você está no céu.

Eu sorri. — Ok, você me pegou. Quão terrível é que eu esteja gostando disso?

— É terrível. Mas passei a noite passada me masturbando pensando no meu novo cliente, então vamos para o inferno juntas. — Ela voltou sua atenção para a parede. — Ok, então o que você acha?

— Não sei... — eu disse lentamente. — Seja quem for, ele tem problemas suficientes para três pessoas. Também tenho que considerar o fato de que ele está encenando as mortes e colocando intencionalmente pistas falsas para chamar a atenção ou nos confundir.

Ela considerou a ideia. — Você acha que a mutilação genital e a escultura de coração poderiam ser apenas para exibição? — Ela se inclinou no sofá para me encarar.

— A escultura é definitivamente um cartão de visita. — confirmei. — Ele quer ser famoso e quer crédito por cada morte. Quanto ao resto... — Suspirei. — Existem inconsistências.

Tentei organizar meus pensamentos em ordem lógica. — Existem reforços psicológicos padrão e motivos intrínsecos para crimes. — Apontei para o chocolate. — É como o chocolate. Por que você quer o chocolate?

— Porque tem um gosto bom. — Ela jogou junto.

— É por isso que você acha que quer o chocolate. Essa é a reação de todo mundo quando essa pergunta é feita, mas quando...

— Eu entendo os gatilhos ocultos — ela me interrompeu. — Eu como porque meu corpo anseia por açúcar. Você come porque gosta do sabor. Jacob come porque colocar algo na boca é um hábito, e minha mãe come porque sua ansiedade requer dopamina.

— Certo — eu confirmei. — Bem, as pessoas matam por motivos diferentes. Principalmente prazer, mas variados tipos de prazer. A duração do cativeiro cheira a um tipo orientado para o controle, alguém que sente prazer em exercer seu domínio sobre a vítima. As amarras, o estupro, os corpos nus... parece sexual, mas tem mais a ver com fazer a vítima se sentir impotente, o que faz com que o assassino se sinta mais no controle.

— Estou sentindo falta da conexão com o chocolate.

— Estou chegando lá. Com as mortes de BH, a morte em si é quase misericordiosa. Rápido. Estrangulando-os até que desmaiem e morram. Os meios para atingir o fim versus uma atividade prazerosa. Como chocolate porque estou com fome e gosto mais do sabor dele do que da minha segunda opção. — Acenei com a cabeça para a barra de granola que estava pela metade na mesa lateral. — Eles matam porque gostam mais da ideia do que da alternativa. Mas na linha do tempo de tudo isso... — Acenei com a mão em torno do mar de arquivos, notas e imagens. — A morte é curta e rápida. Quase um não-evento. Há pouco ou nenhum prazer nesse ato específico. O que me leva a supor que o gatilho é que eles estão entediados com a vítima e prontos para passar para a próxima fase - a encenação do corpo e a atenção da mídia.

— Ou talvez eles sejam apenas um idiota. — Ela sorriu.

Ignorei o comentário. — O evento da morte mudou com a última morte. Enquanto os outros foram rápidos e gentis, o de Gabe Kevin não foi.

O sorriso dela caiu. — O que você quer dizer?

Eu me inclinei para frente. — Os primeiros cinco... estrangulados. Mas Gabe Kevin, embora tenha morrido por asfixia, não foi estrangulado.

— O quê? Afogado?

— Afogamento simulado.

Ela se encolheu. — Tipo, simulação de afogamento tipo CIA?

— Sim. É uma maneira extremamente dolorosa de morrer. Longo. Provavelmente lento. Então? Por quê? — Olhei para o outro lado da

sala, estudando a parede, a foto dele pregada ao lado de Noah Watkins. — O que tornou Gabe Kavin diferente?

Uma batida alta soou na minha porta e nós duas pulamos com o som. Ela se abriu e Jacob enfiou a cabeça para dentro. — Meredith, sua paciente das quatro horas chegou.

— Já vou embora. — Ela se levantou e olhou para a pilha de arquivos. — Pelo menos eu sei o que você tem feito nos últimos dois dias. Quando você se encontrará com o advogado novamente?

— Essa noite. — Virei meu relógio para poder ver o rosto da ostra. — Às cinco. O escritório dele fica no centro da cidade, então precisarei sair logo se quiser evitar o trânsito.

— Uh-huh. — Ela me deu uma olhada não tão sutil. — Terno Chanel, sem meia-calça. Minha mãe ficaria orgulhosa.

A mãe de Meredith tinha sido uma das madames mais notórias de Los Angeles, por isso aceitei o comentário como pretendido. — Não é esse tipo de reunião.

Ela colocou um chocolate vermelho na boca. — Ainda assim, fácil acesso até a saia... Esse sutiã se solta na frente?

Ignorei a insinuação e peguei minha caneca vazia. — Lembre-me de nunca mais contar sobre minha vida sexual.

— Ah! — Ela riu. — Querida, não é uma vida. Foi um peido em uma sala silenciosa. É por isso que fez um grande fedor. Acredite em mim, se você tivesse minha vida sexual, não estaria ainda pensando nesse cara. Você passaria para outro pula-pula musculoso e pronto.

— Por favor, não compare uma noite de paixão com um peido. E não estou ainda pensando nele. Pelo menos, não no sentido romântico.

Ela me deu um sorriso conhecedor. — Oh querida. Você conhece assassinos, eu conheço clientes sexualmente privados. Você definitivamente está pensando nele, e não há nada de errado com isso. — Ela apontou um dedo severo para mim. — Só não separe a fome da boa comida.

Robert Kavin era uma boa comida. Posso estar morrendo de

fome, mas o homem era um mestre chef do prazer. Engoli uma resposta e circulei a ponta da minha mesa. — Você pode dizer a Jacob que estou saindo em breve? Apenas no caso de ele precisar de mim para alguma coisa.

— Vou fazer. — Ela amassou o saco de doces vazio e examinou minha pilha de arquivos. — Boa sorte.

Esperei até ela sair, então abri minha gaveta lateral e considerei o pacote extra de meia-calça que eu guardava lá, caso eu tivesse uma corrida. Fiquei olhando para o pacote embrulhado por um longo momento, depois fechei a gaveta, deixando-o ali.

Não foi um peido alto. Isso foi simplesmente ridículo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS



Embora meu consultório parecesse o interior de uma ala psiquiátrica, o de Robert estava perfeitamente em ordem. Coloquei minha bolsa em sua mesa de conferência privada e examinei a sala. Muito masculino. Acentos de madeira escura, cores poderosas e ricas na arte. Só faltava uma cabeça de bicho de empalhado na parede. Lutei para não psicanalisar, mas a decoração era um cachorro mijando nas paredes, marcando o território e afirmando o domínio de Robert.

Ele estava ao telefone, com a voz baixa, a cadeira girada em direção à janela, e aproveitei a oportunidade para passear pelo espaço. Era enorme, um jogo de status claro, grande o suficiente para a mesa de conferência, um conjunto de assentos e sua enorme mesa. Havia uma estante de livros e parei ao lado dela, surpresa ao encontrar romances em vez de revistas jurídicas. Na segunda prateleira havia um pequeno aquário com borbulhador. Um peixinho dourado olhou para mim sem expressão enquanto um baú de tesouro se abria lentamente atrás dele.

Um peixe dourado. Isso era interessante.

— Dra. Moore.

Eu me movi. Robert havia encerrado a ligação e estava de frente para mim.

— Como está a boa médica hoje?

— Estou bem. — Olhei de volta para o aquário. — Você tem um peixe.

— Isso eu tenho. Uma linda mulher me disse que eu deveria ter um animal de estimação, então... ai está.

Ele era tranquilo, eu daria isso a ele. Para quantas mulheres ele havia entregado falas semelhantes? Dezenas? Centenas?

Voltei-me para ele. — Você sempre faz o que as mulheres 'lindas' mandam?

— Depende da mulher. — As palavras eram leves, mas pude ver o cansaço em suas feições. Ele se levantou e contornou a mesa. — Sente-se. Esses saltos devem estar matando você. — Ele se acomodou em uma das grandes poltronas de couro e eu fiz o mesmo. — Como está seu perfil até agora?

— Não tenho certeza — admiti. — Fiz uma rápida varredura nas mortes e agora estou analisando cada uma delas detalhadamente, cronologicamente. Estou na metade. Estou na terceira vítima agora.

— Noah.

— Sim. — Observei suas feições, percebendo a tensão rígida neles. Ele não precisava de um perfil psicológico. Ele precisava de um conselheiro de luto. Isso e férias a um milhão de quilômetros de distância de sangue e morte e fotos de adolescentes mortos. — Você examinou todos os arquivos?

— Sim.

— Sabe, você não pode se dessensibilizar a isso. Olhar as fotos dos outros meninos não torna a morte de Gabe mais fácil.

— Isso me ajuda. — Ele suspirou. — Eu não fui o único pai que falhou.

— Nenhum de vocês falhou. Você sabe disso.

— Sim, bem. Tantas pequenas decisões podem ter mudado isso. Se ele nunca tivesse visto Gabe, ele não o teria levado.

Eu balancei minha cabeça. — Você não pode entrar naquela toca do coelho. Para cada ação e decisão pela qual você se culpa, observe suas intenções. Você fez e continua fazendo, até agora, o melhor que pode para protegê-lo.

Ele forçou um sorriso. — Eu não preciso de um conselheiro, Gwen. Preciso saber o que você aprendeu.

Ele não sabia do que precisava, mas não era minha função forçar o tratamento a ele. Mudei para o modo profissional. — Bem, revisei os arquivos o suficiente para dar um esboço do assassino, mas é provável que isso mude quando eu terminar de revisar as coisas.

Ele relaxou um pouco com a mudança de assunto. — Vá em frente.

— Você está familiarizado com a metodologia da teoria fundamentada?

— Não.

— É a descoberta de padrões emergentes em dados e a geração de teorias a partir desses dados. Com cada vítima, crio uma lista de fatores. Fatores sobre a vítima, as circunstâncias, o assassinato e o tratamento dispensado à vítima desde o momento da captura até o momento da morte. Além disso, a eliminação do corpo. Eu o observei com atenção, me perguntando se precisava ser mais sensível com minha linguagem.

Ele assentiu, franzindo as sobrancelhas em interesse, e eu continuei.

— Depois de ter listas exaustivas de cada crime, posso encontrar pontos em comum entre eles e estabelecer padrões. Tanto nas consistências do assassino, mas também nas suas inconsistências. Ele está mudando seu MO de vítimas? Envelhecer ou rejuvenescer, ser mais inocente ou menos experiente... — Dei de ombros. — Até agora, essas vítimas são assustadoramente semelhantes. Esse é o padrão, e aponta fortemente para o assassino personificando a si mesmo em uma idade mais jovem ou alguém de seu passado.

— O que é mais provável?

— Alguém do passado dele. — eu disse imediatamente. — Provavelmente alguém que o machucou de uma forma muito traumática. Dada a duração do cativeiro das vítimas, o abuso foi provavelmente prolongado. Poderia ter durado anos.

— OK. O que mais? — ele perguntou.

— As cenas do crime são encenadas e extremamente limpas. Sem impressões digitais, DNA, marcas de pneus ou evidências. Eles são claramente planejados e executados de maneira cuidadosa. Entre isso e a preparação do corpo, estamos diante de um indivíduo muito detalhista e organizado. Alguém que é paciente e que gosta de jogos mentais. Os assassinos que exibem suas vítimas buscam atenção desde o início e provavelmente planejaram a série de assassinatos desde o início. Eles estão muito orgulhosos de suas mortes, orgulhosos de seu intelecto e confiantes em sua capacidade de escapar da polícia.

Eu fiz uma pausa. — Mesmo sem terminar a pesquisa, estou confiante nesses aspectos do assassino.

Ele assentiu com desdém, nada impressionado. — OK, então? Um indivíduo arrogante e organizado que gosta de jogos mentais. Você acabou de descrever metade deste andar, incluindo eu. Diga-me que há mais.

A próxima parte exigia que eu entrasse nos detalhes do assassinato. Seria uma queda leve, mas eu tinha plena consciência de que estava lidando com um pai enlutado. — Estou considerando a possibilidade de que o assassino seja bissexual ou gay, mas esteja vivendo como um homem heterossexual e sinta profunda vergonha e auto-aversão por sua orientação.

— Você está baseando isso na atividade sexual com as vítimas? — Robert não vacilou com a pergunta, mas também a descreveu como atividade sexual versus estupro, o que por si só era uma revelação emocional.

— Sim. — Eu hesitei. — Qual era a orientação sexual de Gabe?

Sua testa franziu. — Heterossexual.

— Tem certeza?

Ele se mexeu na cadeira, seu aborrecimento aumentando, e pude ver o momento em que ele se acalmou intencionalmente. Foi impressionante, uma completa emoção. Se eu pudesse empacotar a ação e ensiná-la aos meus clientes, seria aclamado como um gênio. Por outro lado, esse controle emocional não era particularmente saudável.

Uma rápida explosão de vapor evitou que a chaleira fervesse. Ele cruzou uma mão sobre a outra. — Porque pergunta?

— Se todas as vítimas fossem gays ou tivessem potencial homossexual, isso nos diria muito sobre BH e por que ele selecionou aqueles meninos em particular. — Eu fiz uma pausa. — E também estou tentando descobrir por que a morte de Gabe foi diferente das outras.

Ele esfregou os dedos indicadores sobre a boca e depois se endireitou na cadeira. — Você está falando sobre o afogamento a seco.

— Sim. — Queria me desculpar, odiei o rumo da conversa, mas ele iniciou essa jornada. Se ele representasse Thompson, haveria muito mais discussões desse tipo em seu futuro. — É um aumento significativo na agressão. Muito mais violento e doloroso. Mais emoção alimentada. Indica uma perda de controle. A questão é: por quê? Por que Gabe?

— Bem, não foi porque Gabe era gay. — disse Robert ironicamente. — Eu não conseguia mantê-lo longe das garotas. Tivemos um susto de gravidez com a namorada dele apenas duas semanas antes de ele ser levado. Agora... — Ele suspirou. — Fico pensando se ela estava grávida. Teríamos um bebê agora. Um com seus olhos, seu sorriso... — Sua voz falhou e ele pigarreou.

Eu rapidamente segui em frente. — Gabe bebia? Usava drogas?

— Ele bebia. Não muito. Festas de colégio, esse tipo de coisa. Drogas... — Ele fez uma careta. — Tenho certeza que ele fumou maconha em algum momento da vida. Qualquer coisa mais forte do que isso - fiquei de olho nele. Ele não tinha o hábito.

— Ok, isso ajuda. — Pensei nas pilhas de anotações manuscritas em meu escritório, muitas delas com pontos de interrogação gigantescos ao lado, e pensei em quanto mais poderia compartilhar. — Há... algo errado. Ainda não tenho certeza do que é.

Sua atenção despertou e eu não deveria ter dito nada até saber mais. — O que há de errado?

— Como eu disse, ainda não sei. É só um sentimento. Não sei se é

uma manipulação de evidências ou se é uma peça que falta, mas há algo e não consigo definir o que é. — Dei de ombros. — Poderia não ser nada. Eu poderia estar errada.

— Ou você pode estar certa.

Sim. Eu poderia estar certa. Inferno, eu estava certa. Algo estava errado. Cada vez que tentei traçar uma linha entre duas ideias, ela estava um pouco errada. Estava faltando alguma coisa, e era melhor que isso aparecesse logo, ou não sobraria nenhum fio de cabelo na cabeça.



Meia hora depois, bebi Coca Diet com um canudo de papel e olhei para Robert, do outro lado da mesa da sala de conferências. — Como você quer que eu use o caso de Scott Harden em meu perfil?

— Desconsidere isso completamente. — disse ele, enxugando a boca com um guardanapo, com um sanduíche italiano da delicatessen do lobby na mão. — Ele está mentindo.

— Mentindo sobre o quê? — Eu retruquei. — Você não acha que ele foi sequestrado?

— Não, acho que ele foi sequestrado. Mas ele está mentindo sobre Randall Thompson.

— Por quê?

— Por que ele não faria isso? — ele rebateu. — O serial killer mais cruel da história recente da Califórnia está por aí. Quem sabe com o que ele ameaçou esse garoto? E todos estão assumindo que o garoto escapou. Mas e se ele não escapou? E se o assassino o deixou ir?

— O deixou ir? — Eu fiz uma careta. — Por que ele o deixaria ir?

— Você é a psiquiatra. — Ele largou o sanduíche e pegou o

refrigerante. — Digamos que você sabia que ele o deixou ir. Por que ele faria isso? Qual seria o seu raciocínio psicológico por trás dessa motivação?

Suspirei, dando uma mordida no meu sanduíche e pensando na ideia. Mastiguei lentamente e depois engoli com um longo gole de refrigerante. — Ele não faria isso. Ele ficou mais violento com a sexta morte e depois soltou a sétima? Isso não... — Fiz uma pausa quando uma possibilidade, embora remota, veio à mente. — Espere. Se ele o libertasse... — eu permiti — ...e isso é um grande se, então foi planejado. Havia um propósito para isso e — se eu tivesse que adivinhar — fazia parte de uma estratégia de saída. Ele precisava que Scott Harden ficasse livre para que... — Fechei os olhos e tentei descobrir por que o BH Killer criaria intencionalmente um fio solto. Parte do jogo com as autoridades?

— Para que Scott pudesse apontar para outra pessoa. — A resolução na voz de Robert me fez abrir os olhos. O advogado assentiu, entusiasmado com a ideia. — Um bode expiatório.

— Uau. — Eu levantei minha palma. — Isso é um exagero. Não vamos esquecer dos troféus na casa de Randall Thompson.

— Poderia ter sido plantado lá. Além disso, eles ainda não encontraram os dedos.

Eu fiz uma careta. — Os mindinhos das vítimas?

— Sim. Passei um pente fino na casa do Randall e não encontrei nenhuma evidência de DNA de nenhuma vítima, nem dedinhos. Agora, você disse que o Assassino de BH é organizado. Planejou cada parte de seus crimes. Então ele planejou isso: libertar Scott Harden e fazer com que ele identificasse outra pessoa. — Ele abriu um saco de batatas fritas e ergueu as sobrancelhas para mim, desafiando-me a contestar o pensamento.

Por mais que eu odiasse admitir, não era uma teoria horrível. Eu hesitei. — As testemunhas oculares são convincentes. — admiti.

— Convincentes? — Ele balançou sua cabeça. — Dane-se isso. Eles são dourados. Confie em mim. Estou diante de júris todos os dias. Se

Scott Harden apontar o dedo para aquele tribunal e disser que Randall Thompson tirou a roupa e o amarrou na cama, isso supera as fibras de cabelo em um lixão. Nesse momento, os policiais param de procurar e a falta de provas deixa de ter importância.

— Então essa será a sua defesa? — Juntei meu lixo e coloquei-o no saco, em seguida, estendi a mão para o canto da mesa para pegar o dele. Nossos joelhos roçaram. — Scott Harden está mentindo?

— Você já abriu um par de algemas com um garfo?

— Não. — respondi. — Você já?

— Ninguém faz. É impossível. — Ele ergueu a mão. — Ok, não é impossível. Mas você não está fazendo isso com uma mão e veja as fotos da autópsia. Queimaduras de corda, não de algemas. Esses meninos estavam espalhados na cama, não acorrentados a aquecedores com as mãos próximas.

— É um exagero. — Argumentei. — Você está fazendo muitos alongamentos.

— Gwen. — O uso do meu nome chamou minha atenção e a prendeu. — E se eu estiver certo?

Se ele estivesse certo, então o assassino ainda estava por aí. Rindo de nós. Livre, enquanto Scott Harden devorava a imprensa e Randall Thompson era trancado em confinamento solitário. Era um pensamento preocupante e assustador, porque ele estava certo sobre uma coisa: os policiais não estavam procurando naquele momento. Eles estavam sentados e parabenizando-se por um caso bem resolvido.

— Se você estiver errado e libertar Randall Thompson, o que acontecerá?

— Eu não estou errado. — Ele encontrou meus olhos, por um momento, vi sua dor. Cru e sem filtro, o peso de sua dor estava bem ali, gravado em seus ombros e nos nós apertados em seu pescoço.

Talvez ele estivesse errado, mas ele era pai e estava sofrendo, e eu não podia argumentar contra isso.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS



Três dias depois, sentei-me no balcão da sala de descanso e observei Scott Harden falar em um microfone difuso com o logotipo do Canal 27.

— É uma segunda chance na vida — disse o jovem de dezessete anos. — Isso me faz querer ser uma pessoa melhor, merecer a vida que me foi dada. — Ele sorriu para a câmera e não havia dúvida de que o garoto era fofo. Ele tinha todos os atributos que fariam uma adolescente desmaiar, o que era evidenciado por sua crescente celebridade. Ontem à noite, verifiquei seus seguidores nas redes sociais e fiquei chocada ao ver o número se aproximando de um milhão de fãs.

Jacob soltou uma vaia e depois esvaziou sua lata de Mello Yello. — Ele é um grande devorador de câmeras. Aposto que ele pratica essas falas todas as noites na frente do espelho.

Eu não discordei, mas parecia errado falar besteiras sobre o único adolescente que evitou o fim horrível que os outros seis tiveram. — Quer seja brega ou não, ele está certo. — apontei enquanto vasculhava um saco de pipoca de microondas. — Ele escapou da morte. Isso faz com que as pessoas encarem a vida de uma maneira diferente.

De seu lugar à mesa, Meredith ergueu os olhos do telefone. — Você notou que ele nunca diz nada nessas entrevistas?

Eu fiz. No último dia, assisti a todas as entrevistas dele na televisão e no rádio que pude encontrar. E Meredith estava certa. Ele

relembrou seu tempo no cativeiro e pouco ou nada disse sobre o homem que supostamente o manteve prisioneiro.

O entrevistador continuou. — Quanta interação você teve com Randall Thompson antes de ele sequestrar você?

— Sr. Harden não falará sobre isso. — Juan Melendez, advogado de Scott Harden, deu um passo à frente e Jacob soltou outra vaia. Sorri, apreciando o momento alegre depois de um dia passado nos arquivos da morte.

Eu consegui passar pela quarta vítima e então tive que fazer uma pausa. Foi tudo incrivelmente triste. Seis vidas inteligentes e talentosas ceifadas. Seis famílias – pais, irmãos, avós – cujas vidas foram irrevogavelmente destruídas. E tudo para quê? O prazer distorcido de um indivíduo doente. Essa pessoa era Randall Thompson? Eu estava morrendo de vontade de pesquisá-lo, para ver se ele se encaixava no meu perfil até agora, mas me comportei. Eu não poderia permitir que a realidade dele alterasse minha análise, então estava compartimentando mentalmente o que já sabia sobre o homem e guardando para mais tarde.

— Eu não entendo o tour da mídia. — Meredith refletiu. — Ele está na TV toda vez que eu ligo. Ele não deveria estar em casa com os pais?

— Ele é um adolescente que tem a chance de ser famoso. — Mastiguei um punhado de pipoca. — Além disso, ele provavelmente está evitando o despejo de emoções. Isso vai atingi-lo em algum momento e ele vai desabar. Mas agora ele está se distraindo com tudo isso.

Vimos à câmera cortar para uma montagem de fotos das vítimas. Observei os rostos dos adolescentes que agora conhecia de cor. A foto de Gabe Kavin apareceu e meu coração afundou ao ver o quanto ele se parecia com Robert. O mesmo cabelo escuro. Os mesmos olhos conhecedores. Ele teria crescido e se tornado um destruidor de corações, assim como seu pai.

Saí do balcão antes que o programa voltasse sua cobertura para Randall Thompson. — Vou voltar ao trabalho. Jacob, Luke Attens está

chegando à uma hora.

Ele fez uma careta e apertou a lata de refrigerante vazia, amassando-a. — Certo, se ele aparecer. Esse cara é um idiota.

Eu não tive resposta para isso. Luke era um idiota e o mais volátil dos meus clientes. Ele não compareceu nas duas últimas consultas, o que era comum para ele. Ele seria regular por um tempo, depois sairia da cidade ou faltaria as consultas por um mês e depois voltaria como se tudo estivesse bem.

Eu não me importava. Seus compromissos eram exaustivos e ele pagava as faturas de não comparecimento sem reclamar. Eu ganhei tanto em sua ausência quanto em tempo faturável.

— Bem, ele me ligou esta manhã, então estou esperando que ele venha. — Sua ligação matinal foi o livro didático Luke. Conciso e exigente. Trinta segundos em que ele latiu para mim para avisar o horário da consulta e desligou abruptamente.

— Você vai encontrá-lo na sala de conferências, certo?

— Sim. — Enfiei o saco de pipoca no lixo e bebi o restante do refrigerante. Meredith grunhiu um adeus, sua atenção ainda na televisão.



Luke Attens estava sentado na minha frente, vestindo calça vermelha brilhante e uma camisa de seda com estampa paisley. Ele era uma contradição ambulante, e se algum dia eu tivesse que criar um perfil psicológico dele, isso envolveria muitos pontos de interrogação e linhas em branco.

Luke sofria de insegurança e abandono, com uma dose tripla de raiva incontrolável. Quando sua irmã ficou noiva, dois anos antes, isso levou Luke a atear fogo ao carro dela com os dois dentro. Luke não

lidava bem com o estresse ou com as emoções intensas, e era por isso que ele estava no meio da hiperventilação agora.

— Respire — eu instruí com firmeza. — Coloque as mãos em concha na frente da boca e respire pela barriga, não pelo peito.

Ele ofegou.

— Agora, prenda a respiração por dez segundos.

Ele balançou a cabeça, as mãos ainda cobrindo a boca, e eu levantei as sobrancelhas para ele. — Confie em mim, Luke. Prenda a respiração por dez segundos. Isso irá redefinir você. Vamos. Eu farei isso com você. — Fiz um grande show ao inspirar e prender a respiração. Ele hesitou e depois o seguiu.

Levantei um dedo, depois dois, prendendo a respiração junto com ele enquanto contava até dez. Então exalei lentamente e lembrei a mim mesma que Jacob estava bem do outro lado da porta, e se Luke me abordasse por cima da mesa, levaria pelo menos um minuto para ele me estrangular até a morte.

Seu ataque de pânico começou depois que me recusei a encontrá-lo em nosso local padrão: meu consultório. Ele me acusou de grampear a sala de conferências, e eu me ofereci para adiar nossa consulta até a próxima semana, quando meu escritório estaria de volta em ordem, mas ele recusou, afirmando que precisava falar comigo agora porque *ALGO TINHA ACONTECIDO*. Quando perguntei o que havia acontecido... bem, aqui estávamos nós.

Seus suspiros estavam começando a ficar sob controle. Fiquei no lugar e observei quando ele deixou cair à cabeça para trás na cadeira giratória e engoliu em seco. Ele sempre teve talento para o drama. Durante minha primeira consulta com ele, ele bateu com tanta força na minha mesa que meu porta-canetas caiu. Acho que a fúria dele tinha sido por causa dos meus juro, o que era engraçado, dado o seu nível de riqueza. Luke Attens era o filho mais velho da Família Attens, criadora da pizza mega-fatia, quarenta e dois mil locais de entrega e retirada em todo o mundo. Eu não conhecia essa estatística inicialmente, mas Luke gostava de gritar isso em momentos aleatórios se sentisse que sua masculinidade ou autoridade estavam sendo

questionadas, o que acontecia com frequência.

Era bom para Luke ser um Attens, porque qualquer indivíduo normal estaria na prisão depois do que aconteceu com sua irmã. Foi necessária uma equipe de advogados para convencer um juiz de que o incêndio havia sido um “acidente” e outra equipe de cirurgões plásticos para reparar os danos causados pelo incêndio. Mesmo dois anos depois, pude ver os enxertos de pele ao longo da mandíbula e a cicatriz ao redor do olho esquerdo. Sua irmã, a quem ele encharcou com gasolina antes de acender o fósforo, estava pior. Eu nunca tinha falado com Laura, que se mudou para a Flórida com o noivo e emitiu uma ordem de restrição contra Luke, uma ordem que ele já havia violado duas vezes.

Sua respiração se acalmou e eu esperei.

Já estávamos com vinte e cinco minutos de sessão. Eu ainda não sabia qual evento instigante havia ocorrido, mas esperava que pudesse ser encerrado e resolvido nos trinta e cinco minutos restantes.

Mais três minutos se passaram e Luke não era conhecido por prolongar as coisas. A qualquer minuto e ele iria...

— Você conhece esse serial killer que foi pego?

Juntei meus dedos. — Sim.

— Qual é a sua opinião sobre isso?

Escolhi minhas próximas palavras com cuidado. — Eu não tenho opinião. Ele está sob custódia.

— Ele é seu cliente? — Sua respiração estava começando a ficar mais difícil, seus olhos se arregalaram e ele estava perdendo o controle. Isso não era bom, e especialmente não era bom com alguém como Luke.

— Não, ele não era meu cliente. — *E ainda não é*, eu disse a mim mesma. Fui contratada por Robert, não por Randall.

— Você sabe, ele era meu *professor*. — Ele zombou da palavra.

Eu pisquei. — Ele era? Na Beverly High?

Isso não era uma grande surpresa. Todas as crianças ricas estudavam em Beverly High ou Montbrier. Luke era uma década mais velho que Scott, mas Randall Thompson ensinava ciências lá há quase vinte anos.

Luke levantou-se da cadeira e veio em minha direção. Olhei através das paredes de vidro da sala de conferências e encontrei Jacob nos observando. Sustentei seu olhar por um momento, depois voltei minha atenção para Luke.

Ele parou diante de mim, a fivela do cinto raspando na mesa da sala de conferências quando ele se inclinou tão perto que pude sentir o cheiro rançoso de seu hálito.

— O recepcionista disse o nome dele, então ele é seu paciente? — ele sibilou, e a saliva de sua boca salpicou meu queixo.

Talvez eu devesse ter deixado esse cara hiperventilar até a morte.

— Luke, você precisa se afastar de mim. — eu disse calmamente.

— Aquele pervertido — ele disse friamente — Colocou seu...

A porta da sala de conferências se abriu. — Tudo certo? — Jacob perguntou. Luke se virou para ele e aproveitei a oportunidade para recuar e me levantar.

Na minha visão periférica, vi as mãos de Luke cerradas em punhos. A escalada havia começado, embora eu não achasse que ele iria me machucar, com Jacob a história era diferente.

— Luke, vamos terminar isso outro dia. — Contornei a mesa, mantendo-a entre mim e Luke enquanto praticamente empurrava Jacob para o corredor.

Olhei para Luke e dei meu melhor sorriso calmo e reconfortante. — Ligue-me se precisar continuar esta sessão hoje. Você tem meu número de celular, Luke.

Uma respiração raivosa saiu de seus lábios e me lembrei da cobertura da imprensa após o incêndio do carro. O vídeo de sua irmã gritando da maca. Virei-me e caminhei direto pela área de recepção,

indo direto para o consultório de Meredith e fazendo sinal para Jacob me acompanhar. Ela estava ao telefone e eu fechei a porta atrás de nós e tranquei-a.

Ela imediatamente encerrou a ligação. — O que está errado?

— Potencialmente nada. Mesmo assim, chame a segurança e mande-os aqui.

Ela discou para a mesa do andar de baixo e transmitiu a mensagem. Encostei o ouvido na porta e tentei ouvir o que estava acontecendo no corredor. Houve um grito e depois a batida de madeira. Uma porta. Eu me endireitei, meu alarme aumentando quando ouvi um estrondo mais alto. Este não estava no saguão. Estava do outro lado da parede de Meredith.

Luke estava no meu consultório.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



Minha primeira preocupação foi com Matthew, nosso terceiro sócio. O minúsculo psicólogo tinha a presença física de um rato do campo. Eu sibilei para Meredith ligar para o celular dele e torci para que o homem estivesse enfiado em seu consultório, com a porta trancada. Luke não deveria ir atrás dele. Na verdade, assim que ele visse minha parede de anotações do Assassino do BH, ele as interpretaria mal e viria atrás de mim.

— O que está errado? — Meredith perguntou, vindo para ficar ao meu lado. — Quero dizer, além do óbvio. Você parece pálida.

— Ele está no meu consultório.

— Então?

— Ele tem algo contra Randall Thompson. Agora mesmo, ele perguntou se eu o representava.

— O que você não faz.

— Sim, mas... — Acenei com a mão na direção do meu consultório. — Não é isso que ele vai pensar quando vir todo o meu trabalho lá. — Os nomes das vítimas, em giz na parede. As colunas. As notas. Fotos da cena do crime, fixadas em uma grade organizada. Seria impossível perder. Levantei a cabeça, ouvindo. Luke estava quieto, provavelmente parado, olhando para tudo.

Por que a segurança estava demorando tanto?

— Eu quero saber qual é a perversão desse cara? — Meredith

perguntou suavemente.

— Eu gostaria de ter uma resposta fácil para isso. — Em termos leigos, Luke era um desastre ambulante. Em termos não leigos, ele era melhor conceituado como padrões recorrentes de características covariantes, em vez de uma única categoria diagnóstica.

— Mas ele é violento?

— Ele tem um temperamento que perde com frequência. — Mas não era apenas um temperamento. Houve premeditação por trás de suas explosões. O incidente com sua irmã ocorreu depois que Luke comprou duas latas, encheu-as de gasolina e depois ficou sentado por duas horas fora do trabalho dela, esperando que ela saísse. Duas horas em que sua raiva cresceu e se solidificou em uma resolução firme e mortal. — Sim — emendei. — Ele é violento.

Uma batida soou na porta e nós duas pulamos. — Não diga nada. — Meredith sussurrou.

— Dra. Moore? Dra. Blankner? É Bart, da recepção.

Eu imediatamente abri a fechadura e abri a porta para o segurança. — Você está com ele?

— Eles o pararam perto dos elevadores e o colocaram na recepção. — Bart passou a mão pela cabeça lisa e depois coçou a parte de trás dela. — Ele está dizendo que não fez nada de errado, a não ser quebrar uma luminária, coisa pela qual você pode cobrar.

— OK. — Endireitei minha blusa, um pouco envergonhada por estarmos encolhidas no escritório como bebês. — Dr. Reeker... nosso psicólogo. Ele está bem?

— Estou bem. — Um Matthew envergonhado espiou pela esquina. — Eu estava fazendo planos de contingência caso o Sr. Attens decidisse arrombar minha porta. Ele não fez isso.

— Quase gostaria que ele tivesse feito isso. — disse Bart, tirando um walkie-talkie do cinto. — Então poderíamos chamar a polícia e registrar uma acusação de agressão. Do jeito que está, temos que deixá-lo ir. — Ele levou o rádio à boca e transmitiu as instruções.

— Isso é bom. — Eu me abracei. — Eu só quero que ele saia daqui. Você pode impedi-lo de voltar?

— Sim, eles vão adicioná-lo à lista agora. Não se preocupe, doutora. Manteremos vocês seguros.

Manteremos vocês seguros. Isso era impossível. A equipe de Bart era ótima, e a presença deles foi o motivo pelo qual escolhi este prédio, mas eles não podiam fazer muita coisa, e sua proteção terminava nas portas do prédio.

— Você está bem? — Meredith perguntou enquanto o segurança se dirigia aos elevadores.

— Sim. — Frustrada, passei a mão pelo cabelo. — Não gosto de colocar nenhum de vocês em perigo.

— Meh. — Ela ignorou. — Você tem que lidar com meus pervertidos verificando você na sala de espera, e nós duas temos que sofrer com os clientes deprimidos de Matthew. Você já conversou com um deles no elevador? Eu juro, a depressão deles é contagiosa.

Pervertidos. Lembrei-me do rosto sombrio de Luke. — Aquele pervertido — ele fervia — Colocou seu...

O que Randall fez com ele? O temperamento de Luke não era um comportamento novo. Esteve presente durante toda a sua vida. Se Randall o tivesse molestado quando adolescente, ele teria revidado.

Meredith me cutucou e eu me esforcei para voltar à conversa. — Você tem razão. Quem se importa em ter sua garganta cortada quando temos que lidar com seus clientes gastando toda a loção para as mãos do banheiro?

Seus olhos enrugaram nos cantos quando ela sorriu. — Exatamente. Ver?

— Vou ver o quão ruim está meu consultório. — Dei ao grupo um sorriso agradecido e saí do consultório de Meredith, entrando no que antes considerava meu santuário.

Estava quase em ordem, com exceção da luminária de ouro rosa e vidro que agora estava quebrada ao lado da minha mesa. A julgar pelo

impacto e pelos esguichos de cacos de vidro, ela havia caído direto. Provavelmente passou por cima da cabeça e em direção ao chão de madeira escura.

Eu adorava aquela luminária. Foi um presente da minha mãe quando me mudei para o consultório e seria impossível substituí-la. Agachei-me ao lado do interior exposto e coloquei minha mão em concha, pegando os pedaços e juntando-os.

— Aqui. — Jacob estendeu a pequena lata de lixo prateada que normalmente ficava ao lado da minha cafeteira. — Por que você não me deixa limpar?

— Não, não. — Joguei o punhado na lata de lixo e peguei dele. — Eu cuido disso. Você tem que voltar para a sua mesa.

Ele hesitou, depois assentiu. Continuei a limpeza da melhor maneira que pude, deixando uma pequena quantidade de pó de vidro para as faxineiras coletarem em suas rondas quinzenais. Levantando-me, fiz um lento giro de 180°, vendo o consultório através dos olhos de Luke. A parede dos detalhes. As fotos. Os arquivos se espalharam por toda parte. Uma caneca de café esquecida ao lado da cadeira em que eu estava sentado. Fui para trás da minha mesa, examinando o conteúdo com um olhar crítico. Minha agenda estava fechada, o computador bloqueado e dormindo. Havia um bloco de anotações cheio de rabiscos e algumas linhas de anotações que não significariam nada para ninguém além de mim. Ao lado do telefone, o cartão de visita de Robert estava apoiado no meu peso de papel. Eu fiz uma careta e peguei. Luke tinha visto isso? Se tivesse, isso teria significado alguma coisa para ele?

Antes que eu pudesse duvidar da decisão, peguei o fone e disquei o número do escritório de Robert.

— Cluster e Kevin.

— Sr. Kevin, por favor.

— Posso perguntar do que se trata?

— É a Dra. Gwen Moore, sobre Randall Thompson.

— Por favor, espere.

Uma cadência suave tocou e puxei minha cadeira até a mesa e me sentei. Fechando os olhos, soltei um suspiro lento, lembrando-me das mesmas coisas que havia dito a Luke. Respire pela minha barriga. Relaxe. Ele não foi o primeiro cliente que perdeu a paciência comigo e não seria o último.

— Ei.

A saudação familiar de Robert fez algo tolo em meu peito. — Sinto muito incomodá-lo. Eu sei que você está ocupado.

— Não é incômodo. E aí?

— Isso provavelmente não é nada, mas eu queria mencionar isso para você, só para garantir. Um cliente acabou de sair do meu escritório. Seu nome é Luke Attens. Ele está um pouco obcecado com a prisão de Randall Thompson. Ele me fez muitas perguntas, queria saber se ele era meu cliente. — Eu fiz uma pausa.

— Ele não é. Ele é meu cliente. Você é uma consultora para mim. — ele respondeu.

— Eu sei. Eu não falei sobre isso com ele, apenas neguei. Ele pressionou o assunto, não acreditou em mim e ficou um pouco irritado.

— Ele é um indivíduo violento? — O tom de Robert era calmo, suas palavras comedidas e quase mortalmente frias.

— Ele foi no passado. — Torci a bobina do fio telefônico em volta do dedo. — Ele forçou a entrada em meu consultório e viu minhas anotações e arquivos. Apenas brevemente, mas se ele suspeitava que Randall era meu cliente antes, tenho certeza de que agora está convencido disso.

— Você está preocupada que ele venha atrás de você de novo?

— Eu tinha seu cartão de visita na minha mesa. Estou preocupada que ele tenha visto e possa ir ao seu escritório em seguida. Se você me colocar em contato com a segurança do seu prédio, posso dar-lhes uma descrição física dele.

— Acabei de colocá-lo online. Há uma foto. Isto está certo? Ele

colocou fogo em sua irmã?

— Infelizmente sim. — Limpei a garganta. — Ele disse que Randall era seu professor...

— Esta não é uma linha segura. — ele me interrompeu. — Vamos continuar essa conversa amanhã, às duas horas.

Olhei para o chão e parei, avistando minha bolsa no lugar contra a perna da minha mesa. O zíper estava aberto e eu me abaixei e arranquei-a do chão.

Eu nunca fui uma grande enchedora de bolsas. Não carrego band-aids e remédios, talões de cheques ou carregadores de telefone. Minha bolsa imitava minha casa – as necessidades básicas, em ordem. Dentro da bolsa Chanel estavam meu batom, talco, um pacote de lenços de papel para viagem, uma caneta e uma pequena lata de balas de hortelã.

Minha carteira estava faltando, assim como minhas chaves.

Não precisei refazer meus passos ou descobrir se havia esquecido minha carteira. Eu não tinha. E eu usei minhas chaves para destrancar meu consultório esta manhã. Se os dois não estivessem aqui, teriam sido levados. Pensei na minha carteira de motorista, com meu endereço residencial.

— Gwen? Você está aí?

— Eu tenho que ir. — eu disse fracamente.

— O que aconteceu?

— Ele pegou minha carteira e as chaves. Eu preciso ir. — Eu precisaria trocar minhas fechaduras. Ele estava indo para lá agora? Se sim, por quê? Pensei nele sacudindo uma lata de gasolina na irmã, em sua obsessão por fogo. Ele tocava no assunto com frequência. Minha linda casa. Todas as peças que trabalhei tanto para colecionar. Clem estava lá dentro, a fechadura da porta do gato bem fechada. — Falarei com você mais tarde. — Levantei-me e peguei minha bolsa, então percebi que não estava com as chaves do carro.

— Onde você está indo? — Ele demandou.

— Tenho minha gata em casa. Se ele entrar...

— Meu escritório é mais perto. Estou saindo agora. Chame a polícia e me encontre lá.

Ele desligou antes que eu pudesse responder.

CAPÍTULO VINTE E CINCO



Na minha garagem, uma viatura estava ao lado da elegante Mercedes de Robert. O nó de ansiedade em meu peito relaxou quando o carro de Jacob parou no meio-fio para me deixar sair. Ele olhou através do para-brisa para os dois homens que estavam no meu gramado. — Esse é o advogado?

— Sim. — Desabotoei meu cinto de segurança. — Esse é ele.

— Cara bonito.

Foi a primeira vez que Jacob comentou sobre um homem, e engoli minha surpresa. — Sim, ele é.

— Você quer que eu entre?

Estendi a mão e apertei seu antebraço. — Você fez mais do que o suficiente hoje. Vá para casa e quero que você tire folga amanhã. Vou enviar minhas consultas por e-mail e cancelá-las. Meredith e Matthew podem cuidar de si mesmos por um dia.

— Não. — ele protestou. — Estou bem.

— Não. Seriamente. Tire-o e aproveite um fim de semana de três dias. — Abri a porta e olhei para ele até que ele cedeu.

— Está bem, está bem. — Ele sorriu. — Obrigado, doutora.

— Obrigada pela carona. — Saí do Toyota amassado e fechei a porta. Verificando se havia tráfego em sentido contrário, atravessei a rua e subi a pequena inclinação do meu gramado.

— Ei. — Acenei com a cabeça para o policial e Robert. — Sou Gwen Moore, a proprietária.

— Oficial Kitt. — Ele ofereceu a mão e eu a apertei. — Fizemos uma varredura no perímetro, mas as portas estão trancadas. Nenhum sinal de ninguém.

— Obrigada. Eu tenho uma chave escondida. Se você não se importa, eu realmente apreciaria se você entrasse comigo e verificasse a casa.

— Claro. — O policial assentiu, assim como Robert. Encontrei seu olhar preocupado e dei-lhe um sorriso agradecido, passando por eles e subindo o caminho até a entrada lateral.

Robert me seguiu de perto. — Você está bem? Você está branca como um lençol.

— Estou bem. Apenas uma tarde louca. — Parei perto da porta lateral. — Vire-se.

— O quê?

— Não quero que você veja onde escondo minha chave. Vire-se.

O canto de sua boca se contraiu. — É uma varanda bem pequena. Eu poderia simplesmente descobrir.

Sob o peso do estresse, houve um estalo – um estalo que permitiu um breve momento de leveza. — Sou uma escondedora de chaves mestras. Você não descobriria.

Ele ergueu as mãos em sinal de rendição e se virou, esperando enquanto eu puxava a chave da luz da varanda e destrancava a porta. O policial, que estava no rádio na garagem, deu um passo à frente, a mão apoiada na coronha da arma. — Deixe-me verificar a casa primeiro, Sra. Moore.

— Claro.

Clem saiu correndo pela porta e entrou no quintal. Relaxei de alívio quando ela parou e examinou um novo botão de tulipa brotando no plantador da garagem. — Essa é a minha gata. — eu disse. — Não deveria haver mais ninguém na casa. — O oficial assentiu e entrou.

Um silêncio constrangedor caiu e eu me encostei ao pilar. — Você não precisava vir aqui.

— É minha culpa ele ter ido atrás de você. — Ele passou a pulseira do relógio pelo fecho. — Eu me sinto responsável.

Eu bufei. — Não. Tenho clientes de alto risco. Às vezes, eles são desencadeados por coisas obscuras.

Ele pegou a coluna oposta e passou a mão na frente da gravata. — Como você acabou com essa especialidade? Parece um pouco... — Ele olhou para a casa, procurando a palavra certa. — Macabro.

Observei enquanto Clem perseguia um lagarto. — As pessoas sempre me fascinaram. Suas motivações. Decisões. Gosto de descobrir como seus cérebros funcionam.

— Isso não responde à pergunta.

— Sim.

— Você poderia descobrir o cérebro de uma pessoa normal. Por que focar em indivíduos violentos?

— Por que defender criminosos?

Ele deu um sorriso sem humor. — Gwen.

Cruzei os braços sobre o peito. — Não é uma resposta curta.

— Eu posso respeitar isso. — Ele encontrou meus olhos. — Por que você não me conta isso durante o jantar?

— Ahh... — Eu enruguei meu nariz. — Não sei. Dado tudo em que estamos trabalhando, talvez devêssemos manter uma linha de limites profissionais.

— Talvez eu queira pular essa linha.

Eu sorri. — Outra noite, talvez.

A rejeição ricocheteou nele como borracha. — Eu não vou desistir.

— Falou como todo perseguidor que já tratei.

Ele estremeceu. — Excelente ponto. Mesmo assim, você tem que comer. Eu poderia trazer algo esta noite. Seria mais seguro ter companhia, caso esse idiota apareça.

Houve tantas bandeiras vermelhas. O contato visual confiante. A curva brincalhona de sua boca. A fina camada de controle sobre sua culpa. Se ele estivesse examinando uma lista de mulheres na tentativa de se distrair de sua culpa, ele poderia usar outra pessoa. Eu estive lá. Gostei disso. Embora uma noite com Robert Kavín tenha sido divertida, uma segunda poderia dar início a um jogo arriscado com meu coração.

Por outro lado, ele era um homem bonito e inteligente. Um amante habilidoso e generoso. Fui uma idiota por não abraçar esta oportunidade? Ele não era exatamente o que todas as mulheres desta cidade procuravam?

Além disso, eu havia terminado meu primeiro rascunho de perfil psicológico. Tudo o que restou foram ajustes e polimentos, bem como alguns dias para permitir que minhas determinações finais marinassem adequadamente em minha mente. Seria bom conversar com ele sobre alguns dos meus pontos difíceis e obter seu feedback.

— Por que sinto que você está fazendo uma lista de prós e contras na sua cabeça? — ele perguntou.

— Porque eu estou. — Olhei para a porta aberta da cozinha, imaginando quanto tempo mais o oficial demoraria.

— Eu conheço os prós. Quais são os contras?

— Ego, por exemplo. — Eu dei a ele um olhar astuto, que ele ignorou.

— O que mais?

— Eu simplesmente não estou no mercado para desgosto. Você pode namorar muito, mas eu não.

Sua atenção passou por mim e foi para a rua. Virei-me e vi um sedan escuro parar no meio-fio. Robert se moveu na minha frente. — Esse não seria seu paciente, seria?

— Não, a menos que a Ferrari dele esteja na oficina. — Apertei os olhos para o carro, minha preocupação diminuiu quando vi um homem negro alto sair. — Ah, eu o conheço.

Contornei Robert e encontrei o detetive Saxe no meio do caminho. — Tudo certo?

— Diga-me você, Dra. Moore. Ouvi seu nome e endereço pelo rádio. Você matou outro cliente? — Ele me deu um sorriso sem alegria.

— Engraçado — eu disse categoricamente. — Acabei de chamar a polícia por precaução. Alguém roubou minha carteira e minhas chaves.

Ele descansou as mãos nos quadris. — Você vai trocar as fechaduras?

— Sim. O chaveiro está a caminho.

Seu olhar se moveu para Robert, que se aproximou por trás de mim. — O que você está fazendo aqui?

Robert estendeu a mão. — Robert Kavin. Estou trabalhando com a Dra. Moore em um caso.

O detetive examinou a mão e depois a descartou. — Eu conheço você, Sr. Kavin. Você libertou Nelson Anderson depois que ele matou a esposa.

— Se eu o tivesse libertado, ele não estaria atrás das grades. — A expressão de Robert era agradável, um nítido contraste com a carranca rígida do detetive Saxe.

— Em um acordo judicial de merda. Ele sairá dentro de cinco anos. — A atenção do detetive voltou para mim. — Você poderia fazer melhor com seus amigos, Dra. Moore.

Ignorei a escavação. — Alguma atualização sobre John Abbott?

Ele semicerrou os olhos para mim e não estava tão ensolarado. — Nada para compartilhar.

Nada para compartilhar? O que isso significa?

Seu olhar varreu meu quintal. — Bem, parece que as coisas estão bem calmas aqui. Se ninguém precisar de mim, irei embora.

Ninguém precisa de você, pensei, e agradei com os dentes cerrados enquanto ele abria a porta do carro, me lançava um último olhar avaliador e depois desaparecia para dentro. Acenei.

— Cara alegre. — disse Robert. — Acho que ele confia em você tanto quanto confia em mim.

Eu me virei para olhar para ele. — Ele estava brincando.

— Ele estava? — Houve um momento de maior tensão, então ele abriu um sorriso. Dei uma risada estranha e desconfortável, depois virei à cabeça para o lado, vislumbrando o policial Kitt na porta da minha casa.

— A casa está vazia. — disse ele, mantendo a porta aberta.

— Obrigada. — Passei por ele e entrei na casa, olhando ao redor para encontrar tudo em ordem, minha cozinha impecável.

— Você tem um chaveiro vindo? — O oficial falou atrás de mim.

— Sim. — Eu me virei para ele. — Eles devem chegar a qualquer minuto.

— Posso esperar até eles chegarem.

— Não, vou ficar bem, obrigada.

— Eu ficarei com ela. — Robert entrou em cena.

O oficial olhou entre nós e depois assentiu. Nos despedimos e peguei seu cartão de visita. Entre a coleção dele e do detetive Saxe, eu estava começando a construir uma coleção.

Assim que ficamos sozinhos, Robert arqueou uma sobrancelha para mim. — Então, está resolvido. Jantar hoje à noite, digamos... sete horas?

Hesitei, autoconsciente o suficiente para perceber que meu maior problema com Robert Kavlin era minha atração por ele. Mesmo agora, com meus nervos ainda em frangalhos por causa de Luke Attens e com um policial saindo de ré na minha garagem, meu corpo respondia à presença dele. Se ele avançasse, se sua mão envolvesse minha cintura e me puxasse contra ele... Eu não seria capaz de resistir. E então?

E se eu dormisse com ele de novo? Não como dois estranhos que bebem cerveja barata, mas como a Dra. Gwen Moore e o advogado Robert Kavin – parceiros de negócios com uma confusão de segredos entre nós. E então?

CAPÍTULO VINTE E SEIS



Faltando três minutos para as sete, minha campainha tocou. Olhei através das vidraças da porta da frente e soltei um suspiro frustrado.

Robert trouxe flores. De novo. As últimas ainda nem haviam morrido. Abri a porta antes que tivesse a chance de repensar a ação. — Mais flores? — Eu dei ao buquê um olhar questionador.

Ele golpeou um mosquito. — Fui criado para trazer um presente quando você visita à casa de alguém. Trago uísque para homens e flores para mulheres. Não leve isso para o lado pessoal.

— Que sexista da sua parte. — Eu sorri. — Só para constar, eu também gosto de uísque.

— Vou me lembrar disso. — Ele fechou a porta no minuto em que entrou e apertou a fechadura. — Os insetos são terríveis.

Tentei não olhar para a porta trancada, as ferragens novas e brilhantes. Ele estava aqui para me proteger, lembrei a mim mesma. Um pouco de força muscular adicional, além do taco de beisebol que guardei no armário de casacos.

Ele parou no hall de entrada e cheirou. — Tem um cheiro delicioso aqui. Lamento que você tenha que cozinhar, mas estou morrendo de vontade de comer mais da sua comida.

Eu não respondi, ainda me opondo emocionalmente a esse jantar. Eu protestei, ele respondeu, e não foi fácil debater com um advogado.

Em parte porque não conseguia partilhar as verdadeiras razões da minha apreensão, que tinham menos a ver com a minha reputação jurídica e mais a ver com a onda vulnerável de esperança e atração que surgia sempre que o nosso contato visual se mantinha.

Houve muito contato visual, que era outra coisa que eu precisava para puxar as rédeas.

— Vou colocar isso na água. — Ele foi até a pia e eu olhei para a mesa da sala de jantar, grata por ter deixado de lado as velas e a porcelana de verdade e colocado alguns pratos de papel e talheres descartáveis. Se isso não transmitisse uma vibração nada romântica o suficiente, a calça de moletom e a camiseta larga que eu usava completariam a fachada.

A água começou a correr e estalei os nós dos dedos, um hábito nervoso que nunca consegui abandonar.

— Presumo que você não tenha ouvido nada do cliente? Aquele que está com sua carteira? — Ele virou a cabeça para que eu pudesse ouvi-lo com mais clareza. Ele ainda estava de terno e eu puxei a barra da minha camiseta. Talvez eu tenha exagerado na casualidade. Havia todo o ângulo “Os protestos são demais” a considerar.

O que ele me perguntou? Sobre Luke? Limpei a garganta. — Não. — A polícia foi até sua casa e interrogou a governanta, mas não encontrou o herdeiro da pizza.

— Qual a sua opinião sobre o estado de espírito dele?

— Não tenho certeza. — eu disse honestamente. — Preciso falar com ele e explicar o que vi no meu consultório. Essa é a solução mais fácil para o problema. Tentei o celular dele, mas ele não atende minhas ligações.

As últimas palavras de Luke, sua fúria contra Randall, pairaram em meus lábios. Eu estava morrendo de vontade de compartilhá-las com Robert, mas isso violaria a confidencialidade do cliente de Luke.

Ele desligou a água e eu me aproximei, observando enquanto ele combinava os novos lírios com as tulipas que havia trazido antes. — Então você vai dizer a ele que está trabalhando para mim?

— Direi a ele que estou analisando as mortes e criando um perfil.

Ele colocou as flores no parapeito da janela acima da pia e se virou para mim. — Você mencionou que seu perfil está pronto.

— Meu primeiro rascunho, sim. Estou perdendo a aplicação ou não aplicação no que se refere ao assunto.

— Randall — ele esclareceu.

— Sim. Estarei pronta para falar com ele esta semana, se você puder providenciar isso.

— Absolutamente. Apenas me avise em que dia. Eu farei isso acontecer.

Esta semana, eu me sentaria em frente ao suposto Assassino do Coração Sangrento. Eu joguei fora a menção da entrevista como se não me importasse, mas a ideia disso era constante. Ele se encaixaria no meu perfil? Quão alta era sua inteligência emocional? Como ele responderia a mim – e que perguntas eu deveria fazer?

— Gostaria de ver o perfil até agora.

Abri o forno e espiei a carne assada, que ainda tinha mais quatro minutos, segundo meu cronômetro. — Eu só preciso pensar em algumas partes disso. Posso enviar por e-mail amanhã.

Ele se encostou ao balcão e afrouxou o nó da gravata. — Você ainda sente que algo está errado?

— Sim — admiti. — Mas há outra coisa que quero ter certeza de que você entendeu.

Ele ergueu as sobrancelhas, esperando.

— Vou ser honesta com minha avaliação. Se você me colocar para depor, direi a verdade, incluindo como Randall Thompson pode se encaixar no perfil.

Ele ergueu a mão, com a palma voltada para fora. — Uau. Se eu esperasse um fantoche do júri, não teria perdido seu tempo entregando-lhe os arquivos. Eu teria apenas dito o que queria que você dissesse.

— OK. — Isso era válido. — Eu só queria ter certeza de que isso estava claro.

Ele baixou a mão. — Por que você tem certeza de que Randall se encaixa no seu perfil? Você tem pesquisado sobre ele? Porque foi você quem me disse...

— Eu não fiz nenhuma pesquisa sobre Randall. — eu retruquei. O cronômetro apitou e eu o silencieei, depois coloquei as mãos em duas luvas grossas de forno Garfield. — Mas eu conheço o básico de sua prisão. Você tem o testemunho e as provas da vítima.

— Você está se referindo à caixa de souvenir. — Ele esfregou a lateral do queixo, passando os dedos pelo cabelo curto, e eu cataloguei o movimento, caso fosse um sinal.

— Sim. Você está preso à inocência de um homem que tinha pedaços das vítimas em sua casa e Scott Harden o identificando pelo nome. — Tirei as luvas de forno. — Você está desperdiçando dinheiro ao me contratar. Não importa quais teorias psicológicas eu apresente no depoimento. Eles vão condená-lo. — *Porque ele é culpado.*

Como meu primeiro professor de lógica e raciocínio gostava de dizer, se algo cheirava a merda e tinha gosto de merda, não era preciso vê-lo sair da bunda de um cavalo. Eu levantei a mão e perguntei a ele como reconheceríamos com precisão o gosto da merda.

Olhando para isso de forma lógica, Randall era culpado. Então, por que Robert o estava defendendo? Para se aproximar do homem que matou seu filho? Para puni-lo de alguma outra forma?

Ele pegou uma toalha de mão e enxugou lentamente as mãos. — Não sei dizer se você está me frustrando intencionalmente ou apenas sendo obtusa.

— O quê? — Eu gaguejei.

Ele olhou para mim em silêncio, como se estivesse esperando por alguma coisa, como se eu tivesse escondido uma peça de um quebra-cabeça nas costas, e desta vez, o contato visual não fez meus joelhos tremerem ou meu coração disparar. Desta vez, senti-me culpada – e talvez seja por isso que o seu recorde de vitórias foi tão

impressionante. A pura força da admissão de culpa através do olhar.

O cronômetro disparou novamente, desta vez para o arroz, e eu apertei a tela sensível ao toque e tirei a panela do fogo. Quando me virei para Robert, sua expressão se transformou em desconfiança. Eu tinha falhado em um teste.

Mas que teste?



Comemos em um silêncio pétreo, nossos talheres de plástico raspando silenciosamente nos pratos de papel, e me lembrei do motivo pelo qual era solteira. Os homens eram idiotas. Idiotas frustrantes e ilegíveis. E pensar que eu estava preocupada com a sedução.

Ele quebrou o silêncio enquanto ensopava o último pedaço de molho de carne com seu pão. — Isso está delicioso. — Ele tomou um gole de vinho, que eu abri quando ficou óbvio que nenhum de nós iria conversar. — Onde você aprendeu a cozinhar? Sua mãe?

Dobrei meu guardanapo no colo e ri da suposição sexista. — Não, nenhum dos meus pais sabia cozinhar. — Cada refeição, independentemente do dia, data, feriado ou ocasião, era passada da mesma maneira – olhando para um cardápio crocante enquanto o garçom pairava, a caneta erguida em expectativa.

— Chef particular ou programas de TV? — ele perguntou com um sorriso cauteloso.

Eu fiz uma careta. — Quando eu era jovem, apenas comíamos fora. — Naquela época, os restaurantes sempre foram marcados por toalhas de mesa brancas e funcionários esnobes. Limpei a garganta. — À medida que fui crescendo e o dinheiro ficou mais escasso, as refeições do restaurante logo ficaram fora do nosso orçamento. — Os

filés com osso e os pratos de vinho foram lentamente substituídos por peitos de frango grelhados e saladas, e a espiral descendente atingiu um ponto dramático quando meu pai anunciou que teríamos que começar a comer em casa.

A coisa não correu bem e foi quase imediatamente seguida por outro anúncio: o meu pai teria de arranjar um emprego.

Minha mãe se jogou no sofá, no estilo Scarlett O'Hara, e começou a soluçar. Afinal, ela se casou com um rei das cabines telefônicas, com 172 cabines em dois aeroportos, quatorze estações de ônibus, cinco shoppings e inúmeros postos de gasolina, cada um ganhando quase cinquenta dólares por semana. Ela não estava preparada para sua nova realidade, com dívidas crescentes de cartão de crédito e 172 cabines que não cobriam o aluguel do próprio imóvel.

Os telefones celulares foram à morte de nosso sustento, eventualmente, de seu casamento.

Nossa transição para refeições em casa foi dolorosa. Mamãe parecia puni-lo a cada refeição. Tudo era muito brando, muito picante, muito cru ou queimado. Eu não sabia dizer se era intencional ou se ela era uma cozinheira terrivelmente ruim. Depois de algumas semanas, assumi a cozinha e aprendi enquanto avançava. Para minha surpresa e enorme gratidão do meu pai, eu era natural e logo estava preparando pimentões recheados com queijo derretido, fettuccine de frutos do mar e seu favorito, costeletas de porco fritas.

— Graças a Deus eu gostei. Foi o único aspecto positivo que resultou do que acabou levando ao alcoolismo de mamãe e ao retraimento emocional de papai. — Tomei meu próprio grande gole de vinho.

Robert, que permaneceu quieto durante a história, levantou-se e pegou meu prato vazio. — Eu também não era próximo dos meus pais. — Ele passou pela porta em arco até a cozinha e serviu uma segunda porção em seu prato. — Mas eu tinha dois irmãos, então tinha outra pessoa com quem me relacionar.

— Eu tinha um irmão mais velho, mas ele é sete anos mais velho que eu, então eu era filho único quando as coisas ficaram muito ruins.

— Peguei um pedaço de pão da cesta e rasguei-o ao meio. — Ser o único filho que ficou em casa me ensinou a ser mais independente. Para cuidar de mim emocionalmente. Foi bom para o meu personagem. — Olhei para ele. — Provavelmente foi bom para Gabe.

Ele gemeu. — Sem aconselhamento, por favor. Gabe é a última coisa sobre a qual quero falar.

Os pais enlutados muitas vezes falavam constantemente sobre os filhos, ou nem falavam. Parecia que Robert era o último. Ainda assim, a resistência à conversa não era um indicador de que o assunto deveria ser evitado. Muito pelo contrário.

— Você sabe, todas as vítimas de BH não tinham irmãos.

Isso chamou sua atenção. — Você tem razão. — Ele olhou para mim, surpreso. — Por que é quê?

— Poderia ser conveniência. — comentei. — É mais fácil levar um adolescente que vai e volta sozinho para a escola, por exemplo.

Ele ficou em silêncio por um momento. — Minha esposa... — ele pigarreou — ...queria outro filho. Eu não. Gabe... — Ele suspirou. — Gabe era difícil. Ele tinha acessos de raiva por qualquer coisa. Tudo começou quando ele tinha dois anos e eu não tinha paciência para isso, muito menos para um segundo filho. Ele melhorou à medida que envelhecia. Talvez se Natasha tivesse tocado no assunto de novo, quando ele tinha seis ou sete anos, eu poderia ter dito que sim, mas... — Ele se interrompeu. — Ela não fez isso. E então já era tarde demais.

Coloquei meu pé sob minha coxa. — Gabe tinha dez anos quando ela morreu?

— Sim.

— Ele te afastou ou se agarrou mais perto de você?

Ele cortou um pedaço de carne com a ponta do garfo. — Ambos. Cada dia era diferente. Inicialmente houve mais empurrões, depois mais apego. Tirei um ano de folga do trabalho e isso foi o máximo que ele já viu de mim. Ficamos muito mais próximos durante aquele ano. — Ele alisou a parte de trás do cabelo. — Agora eu gostaria de nunca ter voltado a trabalhar.

Puxei minha taça de vinho para mais perto de mim. — Há muito poucos pais que poderiam ter tirado um ano de folga para ficar com ele, ou que o fariam. Concentre-se nos aspectos positivos disso. E quanto a tirar mais seis anos para ficar com ele... — Eu balancei minha cabeça. — Vocês dois precisavam de um retorno à normalidade. Se eu fosse sua médica, teria recomendado fortemente que você voltasse ao trabalho, para o bem de vocês dois.

Ele terminou de mastigar e engoliu, tomando um gole de vinho antes de falar. — O que significa que tirei um ano de folga quando ela morreu, mas continuei trabalhando quando ele morreu?

— Diz que você não se deu permissão para chorar. E... aquele ano de folga foi focado na cura dele e não na sua.

— Sabe, eu não preciso de um psiquiatra, Gwen. Todas as perguntas, os estímulos, a exploração dos sentimentos... já fiz tudo isso antes. Contratei os melhores médicos do país para ajudar Gabe e estive ao lado dele enquanto eles tornavam tudo melhor.

A reação saiu de mim. Eu estava acostumada com a raiva e o ressentimento dos clientes. Meus primeiros quatro anos no ramo foram dominados por sessões ordenadas pelo tribunal com máquinas de raiva descontentes que não queriam ajuda.

— Parece que vocês tinham uma vida unida. — eu disse suavemente. — Mas tenha em mente que todas as técnicas de luto que você aprendeu com a morte de Natasha foram projetadas para um cônjuge ou filho. Com Gabe, sua dor é a de um pai. É um cenário diferente e carrega sua própria e única montanha de dor.

— Uma que estou cuidando. — disse ele, com a voz rouca.

— Bem, você está defendendo o suposto assassino dele. — apontei. — Então você seguiu um caminho de cura pouco ortodoxo, se é assim que você quer chamar.

— Está funcionando para mim.

— OK. — Derramei a quantidade final da garrafa de vinho.

— Então, os meninos eram todos filhos únicos. — Ele mudou de assunto. — Que outros pontos em comum eles tinham?

Continuei com o novo tópico, ansiosa para conversar sobre ele. — Há o óbvio: todos eles se encaixam em um determinado molde. Rico, bonito, popular, dezessete anos, homem. Você está familiarizado com a teoria psicodinâmica da criminologia?

— Vagamente. Tem a ver com personalidades inconscientes, certo?

Eu balancei a cabeça. — Especificamente, o desenvolvimento dessas personalidades inconscientes por meio de experiências negativas. A personalidade inconsciente, que chamamos de id, é o impulso primitivo que a maioria de nós desconhece. A vontade de comer. Dormir. Proteger nossos entes queridos. Fazer sexo. — Eu colori um pouco e continuei. — Esse id normalmente é mantido alinhado pelo seu ego e superego, que são as outras partes da sua personalidade que governam sua moral e expectativas sociais. Diz ao homem que, embora queira transar com a esposa, não deve fazê-lo no meio do supermercado. Ou, numa analogia menos grosseira, embora você possa odiar seu chefe, matá-lo não é a solução que faz mais sentido, dadas as consequências e a torpeza moral do ato.

Eu tinha toda a sua atenção, seu olhar no meu. Sua respiração desacelerou, os sentidos totalmente ativados, a comida esquecida. Foi inebriante e lutei para manter o ritmo.

— Os serial killers são frequentemente dominados por seu id, devido a um ego e superego fracos. A teoria psicodinâmica atribui esses egos fracos à falta de desenvolvimento adequado – normalmente durante a adolescência, e muitas vezes devido a traumas. Nesse caso... — Procurei a maneira certa de explicar isso. — Se o assassino sofreu bullying durante os anos de formação do ensino fundamental ou médio, isso poderia ter prejudicado o desenvolvimento pessoal de seu ego e superego, o que o coloca em risco muito maior de que seu id manifeste sentimentos latentes de opressão em relação a um indivíduo que o lembra daquele valentão.

— Espere. — Ele ergueu a mão. — Então o assassino foi intimidado por alguém que se enquadra nesse molde: rico, bonito, popular.

— *Talvez intimidado. Talvez molestado. Talvez manipulado.* Isto é apenas uma teoria. — enfatizei. — Uma possibilidade. Mas isso explicaria as semelhanças entre os meninos e os abusos. Ele não está apenas matando-os. Ele está brincando com eles. Ele está construindo um relacionamento com eles. Ele está lutando pela atenção deles de todas as maneiras que pode. E então, ou ele perde o controle e eles morrem, ou ele fica entediado com o garoto e acaba com tudo. Meu perfil aponta para o último. — Fiz uma pausa e tomei um gole de vinho.

— Ele fica entediado e os mata. — ele confirmou categoricamente.

— Sim. — Foi a minha vez de mudar de assunto. — Posso perguntar uma coisa sobre Randall? — Ao seu aceno, continuei. — Algum outro aluno se apresentou e disse alguma coisa? Homem ou Mulher?

Ele fez uma pausa. — Não particularmente. Quero dizer, nos últimos vinte anos? Algumas reclamações de estudantes insatisfeitos, mas nada grave.

— Estudantes do sexo masculino ou feminino? — Pensei em Luke, com os olhos vermelhos e o rosto tremendo de raiva. Ele não poderia ter sido o único. Certamente houve mais.

— Todas mulheres. — Ele pegou o garfo. — Agora, a inquisição pode parar por tempo suficiente para que eu possa desfrutar destes últimos pedaços de comida caseira?

Eu sorri. — Claro. Vá em frente.



Na pia, Robert abriu água quente enquanto eu empacotava as sobras para ele levar para casa. Olhei para ele enquanto colocava a tampa no lugar. Ele havia abandonado o paletó e perdido a gravata, as mangas rígidas da camisa agora enroladas até os cotovelos, a postura

relaxada. A mudança foi legal.

Ele passou por mim em busca de um pano de prato e nossos lados se roçaram.

— Então, o detetive que apareceu mais cedo... — Ele pegou uma esponja e começou a esfregá-la numa panela. — O que foi isso?

Coloquei o resto do pão em um saco ziplock e fechei bem. — Acho que ele está apenas de olho em mim.

— Por que você perguntou sobre a morte de John Abbott? Eles estão investigando isso?

— Acho que eles investigam todas as mortes, principalmente quando se trata de uma situação como essa, em que duas pessoas estão envolvidas.

— É suspeito?

Eu hesitei. *Ele é um advogado de defesa, lembrei a mim mesma.* Alguém que costumava separar os casos e observá-los de todos os lados. Ainda assim, meu desconforto aumentou. O que exatamente ele viu no arquivo de John? Empilhei os recipientes e coloquei-os num saco com o pão. — Acho que não. — eu disse cuidadosamente. — As pessoas têm ataques cardíacos o tempo todo. Embora Brooke fosse bem jovem, acho que ela tinha um histórico familiar disso. — John me disse isso uma vez, não foi? Ele disse algo sobre o remédio dela, algo sobre a mãe dela... Eu teria feito uma anotação se ele tivesse feito isso, especialmente porque o envenenamento sempre foi um método comum na longa lista de maneiras pelas quais John queria matá-la. Como farmacêutico, foi um dos caminhos mais lógicos a seguir, mas também um dos mais arriscados em termos de levantar suspeitas.

Foi mais um lembrete de que eu precisava fazer uma visão geral completa do arquivo de John. Eu já deveria ter olhado, mas estava adiando por causa da culpa e da distração mais recente e mais emocionante do meu tempo: o caso BH.

— Oh, então a morte de Brooke é a que eles consideram suspeita?

Tarde demais, percebi o erro em minha resposta. Eu respondi a ele sabendo a sequência verdadeira de eventos mais provável: John

mata Brooke, se mata. Observadores externos - tanto ele quanto o detetive Saxe - colocariam a maior parte da atenção e das suspeitas na morte por facada, não no ataque cardíaco. Foi por isso que o detetive Saxe perguntou se Brooke poderia tê-lo matado e a que Robert se referia quando perguntou sobre o caso.

Então, talvez ele não tenha lido o arquivo de John. Talvez ele não tivesse visto mais do que uma ou duas linhas. Talvez toda a minha paranoia estivesse completamente errada.

— Não. — emendei rapidamente. — Eles não consideram a morte dela suspeita. Eu estava apenas dizendo que problemas cardíacos eram comuns na família dela. E John era muito próximo dela. As pessoas lidam com a dor de maneiras estranhas.

— Então, você acha que é possível que ele tenha se matado?

— Sim. — Eu me virei para encontrar seus olhos. — Eu acho.

Ele assentiu, voltando sua atenção para o vaso, e por dentro meu desconforto floresceu.

CAPÍTULO VINTE E SETE



Acordei sozinha, com gosto de arrependimento, ou de vinho potencialmente azedo, na boca. Robert partiu sem incidentes ou algo tão ousado quanto um beijo na bochecha. Agora meu corpo se sentia enganado. Olhei para o teto e percebi, com uma forte dose de autoaversão, que esperava fazer sexo com ele.

Chega de minha postura severa em relação ao distanciamento profissional. Graças a Deus eu não fiz nenhum movimento, embora a conversa certamente tivesse se concentrado em tópicos que apagavam qualquer pensamento de romance.

Deixando de lado minha libido não resolvida, foi uma refeição produtiva. Tivemos algumas conversas leves sobre Gabe, mas não o suficiente para apaziguar minhas preocupações sobre o manejo do luto. Em vez de se concentrar na cura, Robert estava pegando mulheres soltas depois dos funerais e construindo o que, pelo que parecia, parecia ser uma defesa muito forte para o assassino de seu filho.

E essa era a outra coisa que me mantinha acordada à noite. As vítimas. Os rostos agonizantes dos pais no noticiário. Eu estava ajudando a libertar o assassino deles?

Eu não faria isso. Eu disse a Robert quealaria a verdade e ele pareceu aceitar, mas com aquela expressão maliciosa e meio divertida que indicava que conhecia meu jogo. Eu gostaria de me sentir tão confiante. Fiquei perdida, no meio do tabuleiro, sem saber se estava na frente ou atrás no placar. Provavelmente atrás. Muito provavelmente,

eu caí completamente do tabuleiro.

Clem estava na minha mesa de cabeceira, deitada em cima do meu celular, eu coloquei minha mão sob sua barriga e a retirei, provocando um silvo. Ignorando-a, desbloqueei meu telefone e verifiquei os alertas de segurança.

Nenhuma entrada não autorizada. Nenhum alerta de movimento da câmera de segurança. Uma noite tranquila. Soltei um suspiro de alívio e então, antes que me esquecesse, rearmeí-o. Normalmente eu deixava o sistema desligado durante o dia, muitas vezes mantendo as portas abertas para uma brisa, mas até falar com Luke, ou até a polícia falar, eu precisava ser inteligente.

Saindo da cama, tomei um banho quente e vesti uma calça cáqui creme e uma regata vermelha canelada. Puxando um novo cabelo grisalho que havia surgido em cena, preñdi meu cabelo molhado em uma trança, peguei Clem e desci as escadas, inalando seu cheiro. Ela passava a maior parte dos dias no meu cesto de roupa suja e cheirava como os lençóis da secadora com cheiro de linho.

A caminho da porta, Robert pressionou novamente para ver o perfil. Eu precisava enviá-lo para ele no início da tarde se quisesse cumprir meu cronograma. Não fazia sentido ficar sentada ali por mais tempo. Meu avatar principal – um assassino organizado e orientado para o controle que foi molestado ou estuprado durante sua adolescência por um adolescente rico e popular – havia se consolidado. Eu precisava tirar o rascunho da minha mesa e colocá-lo nas mãos dele para poder me concentrar em uma tarefa mais urgente: revisar novamente o arquivo do cliente John Abbott. As perguntas sobre a morte de Brooke me fizeram duvidar da menção dele ao histórico familiar de problemas cardíacos dela. Eu queria definir a possibilidade, de qualquer maneira, deveria fazer uma nova revisão. Com o detetive Saxe ainda à espreita, a possibilidade de meu arquivo de cliente ser intimado era uma preocupação plausível. Precisei copiar a ficha e estudar cada momento dela, da primeira à última consulta.

Antes de mergulhar, servi uma tigela de cereal e assisti a um reality show sobre namoro. Na tela, uma loira de seios grandes riu do competidor masculino. Minha mãe adorava esse show idiota. Em nossa

última ligação, ela passou dez minutos recapitulando completamente o episódio mais recente. Isso foi bastante doloroso, mas depois resultou em uma dissecação crítica da minha vida. Uma mulher solteira, sem filhos, com quase trinta anos, era motivo para pânico materno, e ela baliu sua preocupação no volume mais alto durante a maior parte da ligação. Meu trabalho, na opinião dela, era minha maior barreira para o amor. Afinal, onde eu iria encontrar um homem? No necrotério?

A vida seria mais fácil sem meu irmão, cuja esposa estava dando à luz filhos como uma torradeira no domingo de manhã. Você pensaria que todos aqueles bebês deixariam minha mãe feliz, mas de alguma forma isso apenas aumentou a expectativa do meu desempenho.

Comi uma colher de cereal com sabor de canela. Talvez minhas perspectivas amorosas tenham sido prejudicadas pelo meu trabalho. Embora os olhos de Robert tenham se iluminado no bar quando mencionei minha ocupação, a resposta típica foi mais um estremecimento cauteloso. Certa vez, um homem muito bonito, em um evento de encontros rápidos, perguntou se eu já havia matado alguém. Outro perguntou se eu planejava “fazer a coisa de conselheira” para sempre.

Talvez eu devesse começar a voltar para a igreja. Segundo minha cunhada, aquele era um viveiro de homens elegíveis. E eu precisava de um homem elegível – ou de um novo lote de baterias – algo para distrair minha mente do único solteiro de quem eu deveria ficar longe, muito longe.

Robert Kevin estava escondendo algo. Eu senti algumas suspeitas desde o início e fui ficando mais convencida da possibilidade com o passar do tempo. E o mais estranho era que quanto mais eu tinha certeza de que ele estava escondendo algo de mim, mais certeza eu tinha de que ele suspeitava de alguma coisa.

Inicialmente, pensei que a suspeita dele girava em torno da morte de Brooke, visto que ele tinha visto pelo menos parte do arquivo de John Abbott. Mas qual parte? Essa era a grande questão. Minha segunda pergunta era até que ponto Robert conhecia John. Ele compareceu ao funeral, então devia haver pelo menos um relacionamento de amizade. Eu não poderia dizer o primeiro nome do

meu farmacêutico, muito menos comparecer ao funeral dele - mas também não tive um filho diabético. Será que ele e John haviam se tornado próximos o suficiente para que ele protegesse a reputação do morto e não levantasse suspeitas sobre a morte de Brooke? Era possível, talvez até provável, visto que eu deveria estar sob investigação do conselho do Código de Ética neste momento.

E eu não podia ignorar a possibilidade de Robert não ter visto nada. Talvez eu tivesse deixado o arquivo aberto em um lugar inocente que não significava nada para ele, e meus medos fossem fruto da paranoia e de absolutamente nada mais.

Lavei minha tigela de cereal em água quente e coloquei na máquina de lavar louça. Antes de me envolver ainda mais, precisava ver onde havia deixado o arquivo de John aberto na minha mesa. Eu não seria capaz de lembrar o local exato, mas tinha uma noção geral de onde minha crítica havia terminado e quando o vinho e a sonolência haviam vencido.

Sequei as mãos e fui até o escritório, puxando a corrente rígida do abajur e iluminando a ampla superfície. Estava livre de arquivos, lição aprendida, meus documentos confidenciais agora trancados em uma das duas gavetas deslizantes da minha mesa. Movi o elefante dourado ao lado da lâmpada para o lado, revelando a pequena chave. Minha segurança ainda tinha espaço para melhorias.

Instalando-me em minha cadeira, abri o grosso arquivo de John Abbott e folheei as anotações da sessão até encontrar a área onde havia parado pela última vez. Puxando minha cadeira para perto da mesa, comecei a ler.

JA está nervoso e irritado. Sofrendo de TV³ por causa da esposa. Pior com temperamento. Incidente com hóspede - ar condicionado.

Eu me lembrei disso. Eles tinham um convidado hospedado com eles e o ar-condicionado havia desligado. John tentou consertar sozinho e não conseguiu.

— Eu tenho um QI de nível Mensa. — Ele me imobilizou com um olhar que ousou argumentar. — Tenho mais educação do que noventa e nove por cento das pessoas nesta cidade. Posso matar ou salvar

alguém com o conhecimento aqui mesmo. — Ele bateu na têmpora. — E ela quer ligar para alguém para consertar isso, não acha que sou inteligente o suficiente. E daí se o ar parou? Não é como se ele estivesse nos pagando para ficar lá! Deixe-o suar.

Eu não consegui descobrir se a solução dele era deixar o pobre hóspede suar ou se ele tinha planos de tentar novamente com o conserto. Levei a conversa de volta para Brooke. — Em que momento você sentiu que estava perdendo o controle?

— Ela simplesmente não parava. Bicando-me, era isso que ela estava fazendo. Limpando continuamente a testa para que eu entendesse que ela estava suando. Perguntando quando eu iria sair e dar uma olhada. Trazendo artigos em seu telefone e fazendo 'sugestões úteis'. — Ele colocou aspas no ar em torno das palavras. — Eu apenas olhei para ela, sentada no sofá, e imaginei sua barriga aberta.

Suas palavras me perfuraram, como se fosse meu próprio estômago em risco. Tão calmo. Tão prático. Como se ele cortasse carne todos os dias.

— Ela está engordando. — ele acrescentou. — Ela salta quando ela se move. Pensei sobre isso, me perguntei se seria mais difícil ou mais fácil de cortar. — Ele olhou para mim. — O que você acha?

Eu encontrei seu olhar sem vacilar, porque a maioria dos meus clientes queria uma reação. Para alguns, é por isso que matam, porque ficam ali, gritando com aqueles que amam, e não recebem o feedback que desejam. Eu não iria dar-lhe uma reação. — Acho que precisamos trabalhar para que você não tenha esse visual.

Agora, passei o dedo até a próxima linha manuscrita das notas e meu coração afundou com o que dizia.

Não apenas procurando a minha atenção – ele é uma séria ameaça para ela. Alto risco.

CAPÍTULO VINTE E OITO



Nita observou seu marido estacionar a Range Rover, o movimento deliberadamente lento, todos temendo esse momento. Ela se virou para destravar o cinto e olhou para o banco de trás, onde Scott estava sentado, o corpo caído contra a janela, o olhar voltado para o estacionamento da polícia.

— Eu não quero voltar para lá. — ele disse calmamente. — Você sabe o que eles fizeram comigo da última vez.

Ela fechou os olhos, bloqueando a memória. O médico legista lhe dissera que seria rápido: uma amostra de DNA de seus órgãos genitais e um kit de exame de estupro. Demorou apenas quinze minutos e Scott não olhou nos olhos dela quando voltou para a sala de espera. Ele até andou de forma diferente. Ela pensou na faculdade, quando sua colega de quarto ficou bêbada e desmaiou e Nita a levou no dia seguinte ao centro de crise feminina para ver se ela havia sido estuprada. Sua colega de quarto chorou durante todo o caminho para casa e disse que preferia não saber a fazer aquele exame.

— Eles só vão fazer perguntas. — O advogado deles, que fez faculdade com George, falou atrás dela. — E eu vou estar lá.

— Mas eu tenho que responder a todas as suas perguntas?

— Eu intervirei se eles perguntarem algo que seja inapropriado. Mas precisamos que você seja honesto com eles, Scott. Isso ajudará no caso contra o Sr. Thompson.

Scott puxou fracamente a maçaneta da porta e saiu lentamente do

carro. Nita encontrou os olhos do marido.

George deu-lhe um sorriso tranquilizador. — Vai ficar tudo bem. — ele disse calmamente.

Mas ficaria? Como poderia ficar tudo bem novamente?



Enquanto avançavam pelo corredor da delegacia, o salto da sandália de Nita ficou preso em um piso irregular e ela tropeçou para frente. George a pegou, ajudando-a a ficar de pé, e ela sorriu para ele em gratidão. Ela deveria ter usado sapatilhas. Depois de meses de pijama e chinelos, ela se sentia desequilibrada com os saltos altos. Supondo que ela não caísse de cara no chão, eles só precisavam passar pelo interrogatório para que pudessem voltar para casa. Eles não eram criminosos e Scott não estava sob suspeita. Embora eventualmente houvesse um julgamento, por enquanto eles poderiam encerrar essas investigações e depois voltar para sua Range Rover e ir almoçar. Ela poderia saborear uma mimosa gelada e eles poderiam discutir a faculdade. Não Vanderbilt, não mais. Ele deveria estar mais perto de casa, dado tudo o que havia acontecido. Pepperdine seria perfeito. Pequeno, privado e seguro.

Entrando na pequena sala de observação, ela olhou através do vidro para Scott, que estava sentado, com o advogado ao lado dele. Juan era bom, embora direito penal não fosse sua especialidade. Mesmo assim, ele conhecia Scott desde sempre, e esse interrogatório, como os detetives lhes garantiram, consistia principalmente em averiguar fatos. Quinze ou vinte minutos, no máximo.

A detetive Erica Petts pigarreou. — Scott, preciso que você me conte sobre o lugar onde você foi mantido.

Nita se mexeu nos saltos. Scott já havia dito a eles que não sabia, que estava com os olhos vendados. *Com os olhos vendados por sete*

semanas? eles perguntaram. Sete semanas de escuridão – não admira que ele não conseguisse dormir. Era incrível que ele não precisasse de uma lâmpada acesa em seu quarto.

— Eu não sei nada sobre isso. — ele murmurou. — Eu estava com os olhos vendados.

Olhe para cima, Nita queria gritar. Olhe nos olhos deles para que acreditem em você.

— Bem, você estava com os olhos vendados na sala. Mas então você escapou, certo? Então precisamos saber o que você viu quando soltou as mãos. Você tirou a venda então, certo?

— Estava escuro. — disse Scott. — Fui tateando até a porta e depois pelo corredor. Eu estava correndo. Eu realmente não vi nada até sair.

— E você não precisou descer ou subir escadas para sair?

Ele hesitou. — Não.

— Ele estava em casa? Ele morava lá?

— Eu... eu não sei.

Mas eles sabiam, não é? A polícia revistou a casa de Randall Thompson de cima a baixo e decidiu que ele não mantinha Scott lá, mas em algum outro local. E na manhã em que Scott escapou, ele estava na escola, ensinando. Nita soube disso não pelos detetives, mas pelas notícias. Os detetives os mantiveram no escuro sobre tudo.

A dupla o interrogou sobre o bairro por onde ele passou ao sair. O que ele descreveu – ruas tranquilas com casas degradadas – poderia corresponder a uma centena de bairros de Los Angeles. O que ela não tinha entendido, o que ainda não entendia, era por que ele não tinha parado em uma daquelas casas para pedir ajuda. Por que ele não fez sinal para um carro? Por que ele correu quilômetros até chegar em casa?

— Vamos voltar para o quarto onde você foi mantido. Entendemos que você não viu nada, mas vamos conversar sobre o que você pôde ouvir, o que sentiu. Você conseguiu ouvir alguma atividade

na casa? — Este era o outro oficial, o homem gordinho, que estava parado no canto, com um pé cruzado sobre o outro.

Scott fez uma pausa. — Eu não acho.

— Quando ele entrava na sala, ele abria uma porta? Você o ouviu vindo pelo corredor? Pense em como você sabia que ele estava lá.

Scott esfregou a testa. — Não sei. Acho que ouvi uma porta se abrir. Não me lembro de nenhuma escada.

— Não tenha pressa. — insistiu o detetive Harvey. — Na sala era carpete ou piso sólido? Você conseguiu ouvir os passos dele?

— Piso sólido. — Ele engoliu em seco. Isso era ridículo. Eles sabiam quem era o assassino. Por que esses detalhes importavam? Não era justo fazer Scott reviver tudo isso.

— Ok, então você não ouviu nenhum barulho vindo dos outros quartos? Que tal uma TV, talvez tocando por perto?

— Ah, acho que não.

— Barulho da estrada? Caminhões? Buzinas?

— Não.

— E a temperatura na sala? — O detetive passou na frente do vidro. — Estava quente?

— Às vezes.

— O espaço era climatizado? Você ouviu o ar condicionado ligando e desligando?

— Não sei.

Nita podia sentir a frustração deles, podia ouvi-la na maneira como as perguntas começavam a aparecer no final. Talvez eles parassem. Levante as mãos e deixe Scott ir embora.

— Ok, então não há som. E quanto ao cheiro? — A detetive Petts recostou-se na cadeira. — Talvez mofo ou umidade?

Scott inalou, como se estivesse sentindo o cheiro de novo. — Talvez um pouco como naftalina.

— Então, você abriu a fechadura das suas algemas, certo?

A mudança abrupta no questionamento pegou seu filho desprevenido. Seu olhar se dirigiu ao advogado e depois assentiu. — Sim.

— Não é uma coisa fácil de fazer com um garfo. — A detetive Petts olhou para Harvey, que concordou com a cabeça. Nita se endireitou, seus pelos se arrepiando com o tom da mulher.

— Bem, eu realmente não escolhi isso. — Scott se esquivou. — Não estava trancado no lugar certo. Normalmente estava apertado, mas desta vez não estava, então pude puxar minha mão.

Isso era novo. Nita franziu a testa, seu olhar encontrando o do marido. Ambos ouviram a história uma dúzia de vezes. Scott adorava falar sobre como abriu as algemas.

— Ah, agora, veja, isso faz mais sentido. Porque estávamos começando a nos perguntar. — disse Harvey.

Houve aquele tom novamente. Como se estivessem brincando com ele.

— Você disse que estava com os olhos vendados na sala e não sabe como entrou na sala, certo?

— Sim. — Scott parecia infeliz e ela precisava tirá-lo daqui.

— Então, como você sabe que foi o Sr. Thompson? Se você não pudesse ver, poderia ter sido qualquer um.

— Eu o vi quando fui levado. Ele estava ao lado da minha caminhonete. Foi ele quem me esfaqueou com alguma coisa.

Algum tipo de sedativo. Isso é o que eles disseram. A polícia suspeitava há muito tempo que o assassino de BH havia drogado os meninos com alguma coisa, mas Scott lhes deu a confirmação: foi uma injeção, e não nada colocado em sua comida ou bebida.

— E você reconheceu a voz dele? Na sala? Porque ele pode ter levado você, mas depois passado para outra pessoa.

Scott vacilou. — Não. — ele disse finalmente. — Era ele. Ele falava

comigo. — Ele assentiu, com o olhar colado à mesa. — Sim. Ele. Ele era um perverso. Ele me contou sobre coisas que tinha feito. Estudantes que ele estuprou.

Houve um momento de silêncio enquanto a sala absorvia a nova informação. George colocou o braço em volta de Nita e apertou-a ao seu lado.

— Alguma garota que você conhece? Nomes que você poderia nos dar?

Ele balançou a cabeça e cruzou os braços sobre o peito, e ela sabia quando um traço de teimosia estava chegando. Ele estava prestes a se calar. Para ser desafiador.

— Ele lhe contou por que estava fazendo isso?

Scott não se moveu, não falou, não respondeu à pergunta. Quente debaixo do braço de George, Nita se libertou e implorou mentalmente ao filho que respondesse.

— Ele apenas disse que precisava me colocar no meu lugar. — Ele encostou o queixo no peito e as palavras seguintes foram suaves, quase tão suaves que ela não conseguiu ouvir.

— O que era isso, Scott?

— Ele disse que era divertido. Que ele gostava de me machucar. E ele gostava de assistir.

— Assistir o quê?

Ela prendeu a respiração, quase com medo de ouvir a resposta.

Seu filho encolheu os ombros. — Tudo isso. — Ele passou a mão pelo cabelo loiro desganhado, puxando-o para frente sobre o rosto, e se levantou. — Eu preciso de um tempo. — Ele olhou para seu advogado. — Posso fazer uma pausa?

— Claro — disse o detetive Harvey. — Sem pressa.

Nita pensou que ele iria até ela, mas ele não o fez. Ele saiu da delegacia e foi até o SUV, onde ficou sentado por quase vinte minutos, apenas olhando pelo para-brisa. Imóvel. Ainda. O menino que não

conseguia ficar alguns minutos sem olhar para o telefone ficou sentado ali, como um zumbi, antes de finalmente abrir a porta do veículo e sair, seu andar lento e trabalhoso enquanto voltava para ela, George e Juan.

Quando ele se sentou novamente com os detetives, era uma versão diferente do filho dela. Alguém com as costas mais retas e uma voz mais lenta e confiante. E desta vez ele contou uma nova história.

CAPÍTULO VINTE E NOVE



Eu não conseguia tirar os meninos mortos da cabeça. Empurrando o carrinho de supermercado, passei por uma vitrine de morangos e tentei não comparar o tom vermelho vivo da fruta com as fotos da cena do crime com a carne ensanguentada.

Eu já tinha visto muito mal em minha vida, estudado inúmeros indivíduos que mataram sem razão ou intenção, mas essas mortes estavam grudadas em mim com uma intensidade semelhante a garras. Essas mortes não foram aleatórias. A estrutura cuidadosa e consistente das mortes... a aceleração. Até a fuga de Scott Harden... tudo isso significava alguma coisa.

Parei no balcão de carnes e peguei um pacote de coxas de frango e uma costela de cordeiro. Avançando, quase bati com meu carrinho na mulher à minha frente. Ela se virou e eu dei um sorriso de desculpas, então me sobressaltei em reconhecimento.

— Lela! Olá.

Seus olhos se iluminaram. — Dra. Moore — ela ronronou. — Como vai você?

— Estou bem. — Empurrei meu carrinho para fora do corredor principal. — Sinto muito por remarcar nosso compromisso na próxima semana. Tenho um processo judicial para o qual preciso me preparar.

Ela dispensou o pedido de desculpas. — Isso tem alguma coisa a ver com o Assassino de BH? Vi aquele belo advogado no seu consultório na semana passada. Aquele que está no noticiário, cujo

filho morreu.

— Não, é sobre algo não relacionado. — Exatamente o que eu precisava: Lela Grant espalhando por toda a cidade sobre Robert.

— Sabe, minha filha está na Beverly High. Ela conhece Scott Harden, quase saiu com ele uma vez! — Ela sorriu, como se fosse maravilhoso se sua filha pudesse estar ligada a um menino que foi sequestrado, torturado e quase morreu.

Peguei uma garrafa de vidro com amêndoas que não precisava e procurei uma forma de sair da conversa. — Como estão as coisas em casa?

— Oh, elas estão bem. — Uma versão mais jovem dela apareceu na esquina e jogou uma caixa tamanho família de cereal de marshmallow no final do carrinho. — Maggie, você pode dizer oi para a Dra. Moore?

A adolescente examinou minhas sapatilhas vermelhas com um sorriso de escárnio. — Posso dizer oi? Claro que eu posso.

Eu a ignorei completamente.

— Maggie — implorou Lela, e me perguntei se sua incapacidade de controlar a filha era um dos motivos pelos quais ela manifestava fantasias violentas sobre a cunhada, uma mulher que parecia ter um controle perfeito sobre sua vida.

A adolescente tirou o cabelo dos olhos e vi as cicatrizes na parte interna dos braços. Velha e nova. Cruzamentos de dor e depressão. Meus olhos encontraram os de Lela.

— Maggie, você pode pegar um sorvete para nós? — ela sugeriu brilhantemente. — Qualquer sabor que você quiser.

A garota se virou sem responder e saiu pelo corredor.

Esperei até que ela desaparecesse de vista e então falei. — Há quanto tempo ela está se cortando?

Ela suspirou. — Cerca de dois meses. Tento acompanhar com Neosporin, mas assim que as feridas cicatrizam, ela as abre novamente.

Algo sobre a declaração ficou preso em meu cérebro. O que foi isso? Balancei a cabeça educadamente enquanto tentava persegui-lo. — Você a levou para ver alguém?

— É apenas um desgosto adolescente. Você sabe, rapazes. — Ela descartou os recortes com um encolher de ombros. — Mas, sim, vamos levá-la ao Dr. Febber na Clínica Banyon. Eles são especializados em adolescentes. Na verdade, você nunca vai adivinhar quem vimos lá. — Ela se inclinou mais perto e suas rodas rangeram.

— Por favor, não me diga. — Forcei um sorriso educado. — A confidencialidade do paciente é uma das nossas irritações como médicos. Especialmente nas áreas de saúde mental.

Seu rosto caiu em decepção. — Oh. Sim. Claro.

— De qualquer forma, vejo você na próxima semana? De volta à nossa programação normal?

— Uh-huh — ela disse indiferente. — Claro.

Lela virou o carrinho e ergueu a mão em despedida. Eu repeti a ação. Pobre Maggie. Tive seis sessões com Lela e ela nunca mencionou as dificuldades da filha.

Virei pelo corredor de laticínios e peguei um galão de leite, depois uma caixa de manteiga com sal. O que houve em nossa conversa que me atingiu? Voltei a pensar nisso.

Sua filha... Beverly High... Scott...

Parei nos vinhos gelados e peguei uma garrafa de sauvignon blanc. Coloquei-o num espaço aberto ao lado do leite e empurrei o carrinho para frente. À minha frente, a fila da farmácia diminuía e acelerei o passo, na esperança de entrar enquanto não houvesse espera. Eu estava pegando alguma coisa e precisava de um spray nasal antes que ficasse muito ruim.

Estacionei meu carrinho, peguei minha bolsa e entrei na fila. Talvez eu não devesse ter apressado a conversa com Lela, especialmente porque não me encontraria com ela esta semana. A fila aumentou e fiz uma nota mental para continuar nossa conversa sobre a filha dela em sessões futuras.

Entediada, observei uma exposição final de bandagens, cremes antibióticos e outros suprimentos de primeiros socorros.

Tento acompanhar com Neosporin, mas assim que as feridas cicatrizam, ela as abre novamente.

Foi isso que ficou na minha mente? Se sim, por quê? Fechei os olhos, focando na imagem de Lela colocando Neosporin nos cortes de Maggie. Embora fosse um visual interessante, minha mente se recusou teimosamente a cooperar. Atrás de mim, alguém pigarreou. Abri os olhos e dei um passo à frente.

Neosporin... Neosporin... As feridas cicatrizam.

As imagens dos arquivos do BH apareceram. Closes de feridas. Queimaduras de cigarro. Cortes. Alguns curados, outros frescos. Abri o fecho superior da minha bolsa e peguei meu telefone. Verificando a hora, liguei para o escritório e torci para que Jacob ainda estivesse lá.

Sua saudação calma trouxe um sorriso ao meu rosto.

— Jacob, é Gwen. Você pode entrar no meu consultório? Preciso que você tire uma foto de uma coisa.

Esperei enquanto ele encontrava as chaves e destrancava meu consultório. Dando-lhe instruções, levei-o até a área da parede onde havia fixado fotos de todos os ferimentos.

Ele fez um barulho de desconforto.

— Eu sei, eles são sangrentos. Você pode tirar fotos de toda a seção? Perto o suficiente para que eu possa ampliar as fotos, por favor.

— Todos eles?

— Sim, você pode obter três ou quatro em cada foto.

— OK. Vou mandar uma mensagem para você.

— Obrigada. Por favor, certifique-se de trancar a porta quando terminar.

Encerrei a ligação e subi, agora apenas o segundo na fila. Eu estava passando meu cartão de crédito e aceitando o spray nasal quando meu telefone começou a vibrar com mensagens recebidas.

Voltando ao meu carrinho, abri o grupo de imagens e comecei a percorrê-las.

Era uma coisa boa eu não ter comido. As fotos eram um show de terror de dor, sendo a pior a dos closes da penectomia⁴. Passei rapidamente por elas e aumentei o zoom quando encontrei a imagem que havia despertado minha memória.

Era uma linha nítida de queimaduras de cigarro no centro das costas. Nada digno de nota, exceto pelo brilho que as cobria. Quase como se um caracol tivesse viajado pelas feridas. Era uma pomada ou aloe vera, aplicada em uma área que a própria vítima nunca poderia ter alcançado.

O Assassino de BH os estava tratando. Machucá-los e depois consertá-los. Por quê? Remorso? Culpa? Ou era outra coisa, algo mais profundo?

Levantei os olhos do meu telefone e pensei nas implicações disso. Isso estava errado - em completo conflito com o perfil psicológico que eu havia criado. Um assassino organizado e orientado para o controle não prestava primeiros socorros, a menos que fosse para manter sua vítima viva para um propósito específico. Essas feridas não representavam risco de vida, por isso não necessitavam de primeiros socorros. Isso era quase... Pensei em Meredith, em sua questão de cuidados posteriores. Sim. Tratava-se potencialmente de cuidados posteriores, que, novamente, não correspondiam ao meu perfil. Embora não existissem valores absolutos na psicologia humana, existiam padrões, e isso quebraria todos os padrões de comportamento humano.

Enfiei meu telefone na bolsa e agarrei as alças do carrinho, girando-o para a esquerda e indo em direção ao caixa, pulando o resto da minha lista de compras enquanto me dirigia para a fila mais curta.

Eu sabia que algo estava errado. Talvez essa fosse à chave para descobrir o que era.

CAPÍTULO TRINTA



Deixei as compras em casa e fui até o consultório. Estava escuro, o computador de Jacob estava desligado, a única iluminação vinha de uma placa de *SAÍDA DE EMERGÊNCIA* acima da escada. Acendi as luzes do meu consultório e liguei meu iMac. À medida que ele ganhava vida, limpei minha mesa e retirei a pilha de arquivos do caso.

Desfiz os elásticos grossos em volta de cada arquivo e os espacei pela grande superfície da minha mesa, colocando o de Gabe Kevin no meio.

Meu computador tocou e eu entrei e abri o perfil psicológico de vinte e duas páginas que havia enviado a Robert. Imprimi duas cópias do documento e peguei uma caneta vermelha. Acendendo a luminária da mesa, curvei o pescoço para que brilhasse nas pastas.

Minha primeira tarefa foi determinar se realmente havia cuidados posteriores envolvidos ou se a foto que Jacob me enviou era uma exceção à regra.

Abri o primeiro arquivo.

Trey Winkle tinha dezessete anos e era jogador de lacrosse de Serra Retreat. Ele foi encontrado em uma vala ao longo da estrada de entrada do Observatório Griffith. Fui até a seção de autópsia e examinei as descobertas.

Algun resíduo adesivo ao longo de um corte profundo na coxa. A ferida estava limpa e parecia cuidada. Um Band-Aid seria a provável explicação para o resíduo.

O meu assassino não usaria um Band-Aid.

Passei para a próxima vítima. Travis Patterson. Bem alimentado. Seu cabelo estava limpo. Feridas parcialmente curadas.

Peguei um bloco de papel e fiz anotações, percorrendo todos os cinco arquivos antes de chegar à pasta de Gabe Kavin.

Eu respirei fundo. Um padrão já estava estabelecido, mas Gabe era uma anomalia desde o início. Sua morte foi mais brutal – talvez seus cuidados tenham sido ignorados.

Mas isso não aconteceu. Como os outros, ele estava saudável no momento de sua morte. Também bem alimentado e cuidado, se você ignorasse a tortura e o estupro a cada dois dias.

Larguei a caneta e esfreguei minha têmpora. Se a culpa e o arrependimento fossem responsáveis pelas gentilezas, mas o indivíduo ainda estivesse envolvido em violência habitual, então estaríamos falando de um distúrbio. Não se tratava de transtorno bipolar ou transtorno de personalidade limítrofe. Isso seria caracterizado por oscilações ou episódios maníacos, e não havia como um indivíduo maníaco ser capaz de executar esse nível de mortes de padrões precisos e sem evidências.

Recostei-me na cadeira com um gemido e olhei para o teto da bandeja.

Se os cuidados posteriores fossem um padrão estabelecido, o que era...

Se os sequestros, o cativeiro e as mortes tivessem sido bem planejados e executados com cuidado no momento certo, o que realmente aconteceu...

Se os sinais apontassem para o histórico de trauma pessoal do assassino, o que era verdade...

A esquizofrenia paranoica – PS – ou o transtorno dissociativo de identidade – TDI – foram os culpados mais prováveis.

A esquizofrenia paranoica era o transtorno mental mais comum diagnosticado entre qualquer criminoso, mas especialmente entre

assassinos em série. David Berkowitz, Ed Gein, Richard Chase, Jared Lee Loughner... Randall Thompson poderia facilmente se juntar a eles. O transtorno era caracterizado por delírios, normalmente, em casos como esse, vozes ou visões que ditavam as ações de uma pessoa. Um indivíduo imaginário pode estar orquestrando e ordenando as ações violentas, e a verdadeira personalidade do assassino é aquela que cuida e conforta o paciente depois disso. Ou – e mais provavelmente – vice-versa.

O transtorno dissociativo de identidade era comumente conhecido como transtorno de personalidade múltipla. Se for preciso, significaria que o Assassino de BH estava agindo em personalidades separadas. Talvez duas, talvez mais.

Eu já tive um cliente com DID antes. Foi um dos diagnósticos mais complicados da psicologia e cada caso era diferente. Frequentemente, era desencadeado por um grave trauma emocional ou físico. Às vezes, poderia ser “curado” com terapia; muitas vezes não conseguia. Nos casos mais divulgados, as personalidades secundárias podem ser bastante violentas.

Por mais impossível que fosse, eu precisava falar com Scott Harden. Suas interações com o assassino me ajudariam a entender se era uma mudança clara de uma personalidade para outra ou uma comunicação mental com um delírio. Havia uma grande diferença, que ele deveria ter conseguido distinguir, especialmente depois de sete semanas como prisioneiro.

Embora o PS fosse praticamente um dado adquirido, o DID era um grande salto criminológico a ser dado. Se eu estivesse errada, seria um grande golpe para minha credibilidade e reputação. E assim que a imprensa soubesse disso, a cobertura mediática explodiria como um incêndio florestal na Califórnia em Setembro.

Bati a caneta na página. Simplificando, eu não tinha o suficiente para continuar e deveria guardar tudo isso para mim até saber mais.

Minha entrevista com Randall estava marcada para quarta-feira. Nessa primeira impressão, eu deveria ter pelo menos uma noção geral do tipo de indivíduo com quem estava lidando. E o escritório de Robert

precisava ter investigadores particulares que pudessem contratar. Indivíduos afetados por TDI deixaram pistas que um investigador poderia descobrir. Compromissos perdidos. Esquecimento. Explosões inexplicáveis.

O elevador apitou e olhei pela porta aberta do consultório, minha tensão diminuiu quando uma mulher e um carrinho de limpeza saíram do elevador e entraram na área de recepção.

Luke estava estranhamente quieto. A polícia finalmente o encontrou, interrogou-o e obteve boas respostas. De acordo com Luke, ele não pegou minha carteira nem minhas chaves. Denunciei o roubo de todos os meus cartões e desperdicei toda a tarde de domingo solicitando novas identidades, cartões do clube e um chaveiro substituto para meu carro. A polícia não tinha nada do que acusar Luke, então ele foi solto. Desde então, ele não fez nenhum esforço para entrar em contato comigo, o que deveria ter sido tranquilizador, mas não foi. Em vez disso, o silêncio parecia a pausa significativa de um filme de terror, logo antes do vilão empunhando a serra elétrica surgir.

Fechei o arquivo e me levantei, inclinando-me e reunindo cada pasta no lugar, depois empilhando todas no meio da minha mesa. Movendo o mouse, interrompi o protetor de tela e desliguei o computador.

Eu precisava chegar em casa, pelo resto da noite, tentar não pensar na morte.

CAPÍTULO TRINTA E UM



A porta de Robert estava entreaberta, sua atenção voltada para o monitor, bati levemente os nós dos dedos na madeira, depois me aventurei a entrar.

Ele olhou para cima e ergueu as sobrancelhas, surpreso. — Ei. Entre. Você poderia simplesmente ter me ligado de volta.

— Eu estava na área. Meu alfaiate fica a três quarteirões daqui.

— Frank e Pat?

Eu sorri. — Sim. As melhores agulhas de Los Angeles.

Ele apontou para as cadeiras diante de sua mesa. — Por favor, sente-se. Eu só queria falar sobre o seu perfil.

Sentei-me no assento esquerdo e olhei para o peixinho dourado. Continua vivo. — Claro.

— É um ótimo trabalho. Coisa boa.

Suspirei. — Mas?

Ele colocou as mãos diante do rosto e me estudou. — Parece que você está escondendo algo. O que é?

Malditos advogados. Os bons eram bons demais em ler nas entrelinhas e encontrar buracos. Eu mal tive a chance de minhas novas teorias se solidificarem em minha mente e não estava pronta para apresentá-las ou defendê-las. Ainda não, e não antes de falar com Randall Thompson. Limpei a garganta e evitei a pergunta. — Estou

escondendo alguma coisa? — Eu retruquei. — O que você está escondendo?

Ele ignorou a resposta. — Diga-me em quem se enquadra esse perfil psicológico.

— Eu não sei. — eu disse exasperadamente. — Ainda não entrevistei Randall.

— Foda-se Randall.

O verbo áspero me fez estremecer.

— Quem mais? — Ele me olhou como se eu estivesse no banco dos réus. — Isso se adapta a algum de seus clientes?

— Foi por isso que você me contratou? Para ter acesso aos meus clientes?

— Responda a pergunta, Gwen.

— Não. — eu gaguejei. — Este perfil não é como nenhum dos meus clientes. — Eu disse isso sem passar pela minha lista, porque *Dane-se ele*. Não importaria se um dos meus clientes fosse idêntico a este perfil. Eu fiz uma pausa. Eu não poderia dizer de boa fé que não contaria a alguém, porque contaria. Mas eu iria à polícia. Eu contaria ao Detetive Saxe, não a esse idiota. — Você sabe o quê? — Levantei-me da cadeira e peguei minha bolsa do chão. — Eu acabei por aqui. Não tenho tempo para jogar.

— Ele matou meu filho.

E assim, com aquelas quatro palavras quebradas, minha raiva diminuiu. Ele foi autorizado a jogar. Ele foi autorizado a se sujar. Alguém roubou seu filho, violou sua inocência, afogou-o e depois jogou seu corpo em uma vala de drenagem atrás de uma usina de reciclagem. Quem era eu para ficar brava com ele por alguma coisa, qualquer coisa, que ele fez na tentativa de pegar o assassino de seu filho?

— O que você não está me contando? — ele perguntou firmemente.

Eu me virei para encará-lo. — É apenas uma teoria. — consegui dizer.

— Sobre o assassino?

Agarrei o topo da cadeira de couro. — Sim.

— Diga-me.

Suspirei. — Não está confirmado e precisa de alguma pesquisa. Um investigador particular ajudaria. E preciso falar com Randall. Várias vezes, se possível. Eu poderia compartilhar minhas ideias com você agora, mas será apenas uma distração. O que está no meu relatório é mais sólido. Muito mais sólido.

Encontrei seus olhos, e a dor neles era crua e intensa. Fazia apenas nove meses desde que ele enterrou seu filho. Cedo demais.

— Pode estar errado. — apontei calmamente.

— Apenas me diga. — ele soltou.

— Há ações contrastantes por parte do assassino. Ele os machuca e depois coloca pomada em suas feridas. Tortura-os, mas alimenta-os bem. Suas ações mostram mudanças dramáticas em seus níveis de compaixão. Algumas ações são quase amorosas, então ele tem o ato bárbaro de remover a genitália.

Inspirei, preparada para o ridículo no momento em que minhas próximas palavras saíssem. — É *possível* que as oscilações sejam consistentes com alguém com esquizofrenia paranoica ou transtorno dissociativo de identidade.

Robert olhou para o perfil impresso diante dele e soltou um suspiro silencioso. Não foi exatamente uma risada, mas não foi à recepção inteligente da ideia que eu esperava.

— Como eu disse — respondi com firmeza — Não é algo que eu possa defender no tribunal.

— Mas você acredita. Se fosse seu filho quem tivesse morrido, você seguiria esse caminho de pensamento? — Ele olhou de volta para mim.

Não. Era muito arriscado. Engoli. — Eu manteria isso em mente, mas não me comprometeria com isso.

Ele manteve o olhar fixo em mim por um longo tempo, e era o tipo de olhar que você coloca em um quadro Onde está Wally. Um foco atento, procurando aquela peça que não combina com as demais. Eu me mexi, desconfortável sob o escrutínio.

— O quê? — Eu finalmente perguntei.

— Só estou tentando descobrir se você é realmente inteligente ou muito burra.

— Isso é engraçado. — eu disse secamente. — Passo a maior parte do meu tempo tentando descobrir se você perdeu a cabeça ou se consegue de alguma forma ver o futuro.

Ele riu. — Ok, vamos conversar sobre ideias discutíveis por um momento. — Ele bateu no topo de uma pilha de páginas e eu olhei para ela, reconhecendo a capa do meu perfil. — Você me deu uma imagem psicológica do potencial assassino. — Ele balançou sua cabeça. — Vou ignorar a possibilidade de um distúrbio psicológico por enquanto. Vamos supor que ele seja um homem solteiro, provavelmente abusado sexualmente ou seduzido por um colega adolescente popular quando era jovem. Altamente organizado, maníaco por controle, inteligente e analítico.

— Sim.

— Então vamos. — Ele pegou um pequeno molho de chaves em sua mesa. — Vamos ver se Randall se enquadra no perfil.

Olhei para o meu relógio. — Agora mesmo? Tenho um encontro marcado na quarta-feira para me encontrar com ele. — Parecia imprudente ir para a prisão sem planejamento e preparação emocional, especialmente devido aos meus novos diagnósticos potenciais. Este era grande, o maior momento da minha carreira. E se eu fizesse a pergunta errada? E se ele dissesse algo histórico e eu não estivesse preparada?

— Por que não? Você também pode ir na quarta-feira. — Ele manteve a porta do escritório aberta, as sobrancelhas erguendo-se em questionamento. — Achei que conversar com assassinos fosse o que você fazia.

— Achei que ele não fosse um assassino. — retruquei.

Um sorriso surgiu no canto de sua boca. — Bem, vamos descobrir.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS



— Você não parece nervosa. — Robert esvaziou os bolsos em uma pequena tigela estendida pelo segurança.

— Não estou nervosa. Um pouco excitada.

Ele riu. — Excitada... essa é uma emoção interessante de se ter.

Passamos pelos detectores de metal e esperamos que nossos itens passassem pela esteira transportadora. Eu olhei para baixo. — Meias fofas. — Elas eram um desenho animado cinza com pequenos flamingos impressos nelas.

Ele moveu os dedos dos pés em resposta. — Lindo esmalte. Você chamaria isso de magenta?

— Eu estava pensando em ameixa.

Ele tirou meus sapatos do cinto e os passou para mim. Sentamos nas cadeiras dobráveis de metal encostadas a parede e calçamos os sapatos. Olhei para os seguranças, que estavam rindo de alguma coisa. — Com que frequência você o visitou?

— Randall? Qualquer outro dia.

— Realmente? — Fiquei de pé e esperei que ele terminasse de amarrar os sapatos. — Isso parece muito. Você tem muito que conversar?

— Na verdade. A maioria delas é mais uma visita estimulante. — Ele se levantou e enfiou as costas da camisa. — Ele não está muito bem.

— Alguém se sai bem na prisão? — Perguntei.

Sua mão pousou suavemente nas minhas costas enquanto ele me guiava para o corredor esquerdo. — Estou preocupado com ele. Ficarei curioso para saber o que você pensa sobre sua fortaleza mental depois de conversar com ele.

— Ele ainda está mantendo sua inocência?

Ele suspirou. — Sim. — Ele apertou o botão de chamada do elevador e paramos, esperando.

Olhei para uma câmera que apontava para nós. — Você sabe que é estranho, certo? Que você está defendendo um homem que está sendo julgado pelo assassinato de seu filho?

Entramos no elevador.

— Eu não o defenderia se achasse que ele era culpado.

— Você já defendeu pessoas culpadas antes?

— Claro. — Ele selecionou o terceiro andar. — Mas eu não faria isso nesta situação, por razões óbvias.

— Então, você está disposto a ignorar a moralidade, a menos que envolva sua família.

Ele soltou um bufo irritado. — Eu não colocaria dessa forma. — Ele voltou seu olhar para mim. — Mas claro, minha bússola moral pode estar errada às vezes. Mesmo que a sua.

Cruzei os braços sobre o peito. — De que forma a minha está desligada?

— Bem, eu defendo os culpados. Você os protege. — As portas do elevador se abriram e esperei ele sair. Ele não fez isso.

Segui seu exemplo e permaneci no lugar. — Como faço para proteger os culpados?

Seu rosto endureceu. — Teste surpresa, Dra. Gwen. O que você faz quando um paciente lhe confessa seus segredos?

Fiz uma pausa e as portas do elevador se fecharam, isolando-nos

no pequeno espaço. — Depende do segredo.

Ele deu uma risada sem graça. — Oh, depende do segredo. Ok, vou jogar. Você já entregou um de seus clientes ou relatou algo que lhe foi dito em uma sessão?

Algo na maneira como ele fez a pergunta fez parecer que era errado eu nunca ter quebrado a confiança de um cliente. — Não. — eu disse cuidadosamente.

— Alguém já confessou um crime?

Eu hesitei. Sim, claro que sim. Foi por isso que muitos deles eram clientes. Para resolver a culpa e o arrependimento e aprender com o seu passado e como prevenir a ocorrência de violência futura. — Sim. — eu disse categoricamente.

— Algum deles lhe contou sobre um crime futuro que estava planejando?

Neste, fiquei em silêncio. Não sou eu quem está sendo julgada aqui. Eu não tinha que responder a ele. Eu tinha a confidencialidade médico-paciente do meu lado e - se você fingisse que John Abbott não existia - eu tinha um histórico impecável na decisão de quais segredos manter.

Um histórico impecável, supondo que seus clientes lhe contem tudo, sussurrou uma vozinha dentro da minha cabeça, e era a mesma que me mantinha acordada nas noites ruins. A verdade é que eu não sabia tudo o que meus clientes faziam. Eu sabia o que eles me disseram. Eles compartilhavam muito, mas também guardavam segredos de mim. Louis realmente parou de bater na esposa? Eu não saberia. Carlos ainda matava animais vadios? Ele já machucou uma pessoa?

Tudo que eu sabia era o que eles escolheram me contar. Era isso.

Robert apoiou seu peso contra a parede oposta, me dando bastante espaço. — Você ficou quieta de repente, doutora.

Estendi a mão e apertei o botão “3”, grata quando as portas se abriram imediatamente. Saindo para o corredor, segui em frente, esperando estar indo na direção certa.

— É nesta direção. — Robert gritou.

Claro que era. Dei uma volta apertada de 180° e forcei um sorriso alegre. — Por favor, mostre o caminho.

Ele me estudou por um momento, depois começou a caminhar pelo corredor. Balançando a cabeça, ele murmurou algo baixinho.

Eu não pedi para ele falar. Naquele momento, eu realmente não queria saber o que ele tinha a dizer.



Randall Thompson estava sentado numa cadeira dobrável no centro de uma sala envidraçada. Fomos levados para a sala adjacente e franzi a testa quando a porta foi fechada atrás de nós. — Por que não estamos com ele? — Eu já tinha feito isso várias vezes, e mesmo com criminosos violentos, estava sempre na mesma sala que eles.

— Segurança — disse Robert.

O guarda abriu uma cortina e ficamos expostos ao homem através de uma grande janela de vidro. O homem mais velho parecia meio adormecido, os pulsos e os tornozelos presos por algemas, estas últimas presas por um anel no chão. — Acho que ficaremos bem.

— Eles não estão preocupados conosco. — Ele coçou a nuca. — Eles estão preocupados comigo.

— Você? — Demorou um pouco para processar, então ficou absurdamente óbvio. Claro. Não havia nenhuma maneira de permitirem que os pais de uma vítima ficassem na mesma sala que seu suposto assassino. — Oh. — Deixei escapar uma risada estranha. — Bem, deixe-me entrar com ele.

— Ele pode nos ouvir e nos ver. — disse Robert. — Basta pressionar o botão e o microfone será aberto para que você possa falar

com ele.

— Não. — Bati na janela de vidro entre nós e o guarda. — Eu quero estar na sala com ele.

— Mas... — O comentário de Robert foi interrompido pelo guarda, que abriu a porta.

— Tudo certo?

— Gostaria de me encontrar com o Sr. Thompson em sua sala de reuniões. — Retirei minhas credenciais. — Estou na lista de aprovados.

O guarda olhou de mim para Robert. — Só você?

— Sim.

Robert ficou em silêncio, mas eu podia sentir a irritação irradiando dele.

O guarda encolheu os ombros. — Tudo bem.



Eles levaram cinco minutos para me aconselhar sobre o protocolo de segurança, certificar-se de que eu não tinha nenhuma arma ou contrabando comigo e fazer uma revista rigorosa. Verifiquei que teria privacidade dentro da sala, então entrei na área vazia. Randall Thompson virou a cabeça e olhou para mim.

— Quem é você? — ele perguntou cautelosamente.

— Eu sou a Dra. Gwen Moore. — Caminhei até o centro da janela e virei-lhe as costas, consciente de que Robert e os guardas observavam cada movimento que eu fazia. — Sou uma psiquiatra especializada em clientes com tendências violentas.

— Deixe-me adivinhar. Você está aqui para decidir se estou louco?

— Na verdade... — Arrastei uma cadeira do canto, seus pés gritando contra o chão em protesto. — Estou aqui para ver se Robert Kavim é louco.

Foi um movimento intencional, projetado para tirar o foco dele e melhorar o clima. Quem busca atenção reagiria imediatamente de uma forma que puxaria a conversa de volta para ele. Randall achou o comentário divertido. A mudança foi visível, seus ombros perderam um pouco da queda derrotada, sua coluna enrijeceu de volta à vida. — Você está falando sério?

— Completamente. — Sentei-me na cadeira. — Um pai enlutado defendendo o assassino de seu filho? — Eu fiz uma careta. — Vamos.

— Eu não sou um assassino. — Sua voz era baixa, mas firme. Resoluto, sem tentativa de contato visual e sem inquietação ou alteração na respiração. Ou ele era um bom mentiroso ou estava dizendo a verdade.

Ele poderia estar dizendo a verdade? Franzi a testa, preocupada com as implicações dessa possibilidade, o que significaria que o Assassino do Coração Sangrento ainda estava por aí.

— Ok — eu disse simplesmente. — Mas como Robert Kavim sabe disso?

Ele olhou para a janela. — Ele está aí?

— Sim. Mas ele não pode nos ouvir. Sou médica, então você e eu temos nossa própria forma de confidencialidade.

Ele se mexeu na cadeira, desconfortável com a conversa. A corrente entre seus tornozelos bateu no gancho do chão e pareceu lembrá-lo de sua posição. Ele ficou sério, olhando para a restrição no chão e depois para mim. — Não sei por que ele está me defendendo, mas ele é a única pessoa que acredita em mim. Se você está aqui para eu jogar sujeira nele, você está latindo para a árvore errada.

— Eu posso respeitar isso. — Inclinei-me para frente e apoiei os antebraços nos joelhos. — Tem alguma pergunta para mim?

Isso o surpreendeu e foi um método que usei muito com novos clientes. Eles estavam sempre tão alertas, tão acostumados a se

defender e se proteger, que normalmente aproveitavam a oportunidade para me perguntar alguma coisa. E não importa o que perguntassem, fui honesta com eles. Você não poderia ganhar confiança sem dá-la.

— É por isso que você está realmente aqui? Para me perguntar sobre ele? — Ele acenou com a cabeça para a janela, e Robert provavelmente estava fora de si tentando descobrir do que estávamos falando.

Prendi uma mecha solta de cabelo no coque. — Fui chamada pela sua equipe jurídica para escrever um perfil psicológico. Não para você, mas para dar a minha impressão de que tipo de pessoa é o Assassino do Coração Sangrento.

Suas unhas estavam roídas até o sangue rápido e seco ao redor de uma cutícula. Sua barba estava crescida e despenteada, suas sobrancelhas eram espessas em vez de domesticadas. A barba crescida poderia ser produto do tempo que passou na prisão, mas as unhas roídas eram um sinal de falta de autocontrole. As sobrancelhas eram indicativas de negligência física de longo prazo. Nenhum dos dois combinava com o Assassino de BH, embora a falta de higiene pessoal fosse um dos sintomas da esquizofrenia paranoica. O mesmo acontecia com os movimentos lentos, se Randall Thompson se movesse menos, estaria dormindo.

Limpei a garganta. — Criei um perfil psicológico e preciso comparar você com esse perfil e ver se combina. É por isso que estou aqui e fui contratada por Robert. Que, aliás, parece convencido da sua inocência. — Eu olhei para ele até que ele ergueu os olhos e encontrou os meus. — Como ele acabou como seu advogado?

— Ele apareceu logo depois que fui preso e se ofereceu para me representar. — Ele limpou a garganta. — Não estou exatamente em posição de ser exigente.

Não, ele não estava. Depois de enviar meu perfil para Robert, fiquei por dentro das reportagens de televisão e dos artigos de notícias sobre Randall. A mídia fez um excelente trabalho ao dissecar e documentar sua vida inexpressiva. Ele morava em uma casa decadente

que pertencera a seus pais, ganhava um salário insignificante como professor e era Papai Noel em um shopping a cada temporada de férias. Ele mantinha a barba e a barriga o ano todo e tinha a palidez de quem raramente via a luz do sol.

Eu não gostei. Não parecia certo para o Assassino de BH. Eu mudei de tática. — Conhecemos alguém em comum. — Prendi minha caneta no topo da minha pasta. — Luke Attens. — Observei-o atentamente, esperando uma reação à menção.

Ele olhou para mim sem expressão, a menos que esse cara desenvolvesse uma personalidade quando tomava café, eu não sabia como ele havia conseguido uma indicação para Professor do Ano.

— Luke Attens — repeti. — Ele foi seu aluno.

— Oh. — Ele assentiu, mas não havia nada ali. — OK. Há quanto tempo?

— Não tenho certeza exatamente. Provavelmente há dez anos.

Ele ergueu os ombros num meio encolher de ombros. — Muitas crianças passam pela minha sala de aula. Duzentos por ano. É difícil acompanhar todos eles.

Pensei em Luke, na raiva crua que tremia em suas feições e em como ele reagiria se soubesse que Randall Thompson não se lembrava dele.

Arrisquei-me e menti, preenchendo as lacunas que Luke Attens me dera e esperando que isso incitasse Randall Thompson a revelar alguma coisa. — Ele diz que você agiu de forma inadequada com ele. Sexualmente.

Suas feições imediatamente se fecharam, uma porta se fechando na minha cara. — Não. Absolutamente não.

— Talvez você não se lembre disso. — sugeri.

Ele me olhou bem nos olhos e foi a maior energia que ele me deu até agora. — Eu não sou bicha. — ele disse enfaticamente, e o canto do lábio se ergueu em um sorriso de escárnio.

Hum. Uma chave que se encaixa no lugar. Forte desdém pela

homossexualidade. E havia algo naqueles olhos, na explosão de emoção, que dizia predador. Eu estive perto de muitos indivíduos perigosos para não reconhecer nenhum em carne e osso. Este era lento e velho – provavelmente iria ofegar e morrer enquanto perseguia você pela floresta – mas ainda havia algo podre por trás daquele olhar cauteloso.

Minhas impressões sobre ele passaram pela minha mente. O que combinava com meu perfil, o que não combinava. Meus instintos sobre seu caráter versus minha opinião clínica e perfil. Ele não era um homem inocente, apesar dos protestos de Robert. Tinha sinais leves de esquizofrenia paranoica, mas falta de higiene e movimentos lentos não eram identificadores únicos.

A grande questão era: ele era o assassino de BH?



Robert esperou até sairmos da prisão e atravessarmos a metade do estacionamento antes de perguntar o que eu pensava.

— Eu não sei ainda. Deixe-me ver minhas anotações. — Notei uma van de notícias no final do estacionamento, uma câmera apontada em nossa direção e aumentei minha velocidade.

— Gwen... — Foi mais um aviso do que um apelo. Ele destrancou o carro e as luzes da Mercedes piscaram.

Encontrei seus olhos por cima do teto do carro e procurei em minha bolsa minhas próprias chaves. — Estes não são blocos de construção, Robert. Não posso simplesmente dizer se uma cavilha redonda cabe num buraco. Preciso absorver tudo o que ele disse.

— Tudo bem. Vamos conversar mais tarde esta noite. Bebidas na minha casa.

Olhei para as câmeras, ciente de que uma delas estava vindo em

nossa direção. — E amanhã? Vou ligar para o seu escritório e marcar uma consulta.

Seu sorriso era quase lupino quando se abriu naquela boca. — Oh, vamos lá. Se eu passar mais tempo no meu escritório, ficarei maluco. Podemos relaxar em casa. Sentar-se perto da lareira ao ar livre. Confie em mim, serei um perfeito cavalheiro.

E ele sempre era. A questão estava do meu lado. Eu nunca tinha estado na casa dele, mas presumia que era como o resto dele. Suave. Tentador. O toque de uma sereia para tirar os saltos, desabotoar a blusa e beber vinho como uma prostituta barata. — Amanhã. — tentei novamente. — Estou livre à tarde.

Ele abriu a porta do carro e se preparou para entrar, suas palavras finais foram jogadas por cima do teto do carro enquanto ele desaparecia lá dentro. — Venha em casa às oito. Vou te mandar uma mensagem com o endereço.

Não, pensei. Não. Seu motor ronronou e eu dei um passo para trás, então olhei ao redor em busca do meu carro. Ao avistá-lo três fileiras adiante, fui em direção a ele. Quando a Mercedes de Robert passou por mim, não virei à cabeça e não reconheci.

Não, pensei. Não estarei na sua casa às oito. Eu precisava de uma mesa entre nós. Papéis, pastas, grampos e luminárias de mesa. Uma recepcionista ao fundo. Ordem aplicada ao caos.

A postura parecia boa, mas eu já estava escolhendo lingerie e depilando as pernas, meu corpo cantarolando em antecipação ao que a noite poderia trazer.

Entrei no calor do meu carro e destranquei o teto, precisando de tanto ar fresco quanto pudesse. Eu tinha um problema maior do que minha libido, e era que os dois homens dentro daquela prisão – Robert e Randall – estavam mentindo para mim. Eu enfrentaria um deles novamente no tribunal e o outro em apenas algumas horas em sua casa.

Ambos estavam mentindo, mas ambos eram perigosos?

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS



Nita folheou um catálogo de móveis de jardim no balcão da cozinha. Ao lado dela, Beth, a chef, ligou a batedeira para preparar uma grande fornada de brownies.

— Gostaria que eu desligasse a televisão, Sra. Harden?

Nita olhou para a tela pendurada acima dos fornos duplos de aço inoxidável. O noticiário havia afastado a discussão sobre as regulamentações dos restaurantes e agora mostrava uma vista aérea da prisão onde Randall Thompson estava detido. — Não, está tudo bem. — Ela largou o catálogo e observou a câmera mostrar um close da placa da prisão. Seria esse o momento em que eles compartilhariam a atualização sobre Scott? Desde que ele mudou sua história e admitiu que mentiu... ela estava tensa, esperando que a mídia descobrisse a notícia e entrasse em ação.

Ainda não tinha acontecido, mas aconteceria. A qualquer minuto, a qualquer dia, a história iria estourar e eles se tornariam vilões instantâneos. Acusado de obstruir a justiça. Mentindo. O status de herói de Scott seria imediatamente retirado e sua reputação manchada para sempre.

O apresentador falou. — A equipe de defesa legal de Randall Thompson cresceu para incluir a Dra. Gwen Moore, uma psiquiatra especializada em comportamento criminoso.

A câmera deu um zoom nas portas de entrada, aonde o advogado de Randall conduziu uma morena alta de terno preto. O estômago de

Nita revirou instintivamente ao ver Robert Kavín. Quando Scott desapareceu, Kavín foi um dos primeiros a entrar em contato. Foi bom conversar com alguém que passou pela mesma coisa que ela e o marido, alguém que realmente conseguia entender a horrível montanha-russa de emoções que envolvia a perda de um filho e a impotência de encontrá-lo.

Mas ele era uma cobra, com um sorriso bonito e uma faca afiada escondida nas costas. Assim que Scott identificou o assassino, ele ressurgiu, oferecendo serviços jurídicos gratuitos a Randall Thompson e construindo um caso para desacreditar Scott.

A teoria de George era que Robert Kavín estava ressentido com o fato de Scott ter sobrevivido e seu filho ter morrido. Ele achava que Kavín os estava punindo porque havia perdido Gabe, então queria tornar a vida de Scott um inferno.

Nita se recusou a acreditar que um pai seria tão egoísta. Mesmo em seus momentos mais sombrios, ela nunca desejou mal a uma criança. Até mesmo o próprio Assassino de BH, se ele tivesse um. Randall Thompson não.

— Dra. Gwen Moore é conhecida por seu trabalho com o Departamento de Polícia de Los Angeles no tiroteio de Red River. — A câmera girou para mostrar um close de Gwen, que caminhava pelo estacionamento. Ela era uma mulher bonita. Cabelo escuro, pele pálida de porcelana. Ela tinha um nariz ligeiramente arrebitado, o que lhe dava uma sensação de juventude. Seus olhos capturaram a câmera e ela olhou para ela com frieza, depois continuou andando.

Ela parecia uma mulher que tinha todas as respostas, o que devia ser legal. No momento, Nita estava nadando em perguntas, todas relacionadas ao filho. Ela olhou para o teto, na direção do quarto de Scott. Fazia uma semana que ele confessara a verdade à polícia e ela mal o vira durante esse tempo. Ele permaneceu em seu quarto, com a porta trancada, e ignorou qualquer oferta de comida ou tentativa de tirá-lo de casa. Suas câmeras de segurança internas o flagraram descendo as escadas no meio da noite para comer e depois voltando rapidamente para seu quarto.

Talvez ela devesse levá-lo a um médico. Provavelmente era PTSD⁵. Havia programas nos quais eles poderiam inscrevê-lo, exercícios mentais que ajudariam em sua fortaleza emocional. E cães de proteção – criaturas enormes e intimidantes que podiam rastejar pelas janelas dos carros e manter sob controle o medo de um ataque. Ela já havia encontrado um na Alemanha, que poderia estar aqui dentro de duas semanas.

Cães de ataque e sessões de aconselhamento - foi a isso que chegaram suas opções parentais? No início desta manhã, ela pesquisou leis de obstrução à justiça e advogados criminais, no caso de o LAPD⁶ apresentar queixa contra Scott. E na noite passada, ela se conectou ao sistema de cobrança do celular e olhou a atividade de chamadas e mensagens de texto dele.

Ela não se reconheceu. Espiando seu filho. Rastreando seus movimentos, monitorando suas ligações, observando-o nas câmeras de segurança de sua casa. Há seis meses, as suas preocupações estariam centradas nas drogas e nas garotas. Agora ela estava com medo de perdê-lo mental, física e emocionalmente. Ao se deparar com essas possibilidades, ela teve que romper limites e invadir a privacidade dele. Ela não iria se desculpar por isso, mesmo que um dia ele a odiasse por isso.

Ela desceu do banquinho. — Vou subir para ver se consigo fazer Scott comer alguma coisa.

Beth largou uma colher e foi até o forno. — Espere, vou preparar um prato para ele. — Abrindo a porta, ela tirou a bandeja de cheeseburgers que mantinha aquecido na esperança de que ele descesse.

Nita esperou enquanto ela montava um com tiras de bacon e um pão, meio embrulhado em papel alumínio e colocado em uma bandeja com um punhado de batatas fritas crocantes e um frasco de ketchup.

— Ele quer mostarda ou picles? — Beth perguntou.

— Não, está bom assim. Obrigada.

Nita pulou as escadas e pegou o elevador, fazendo malabarismos

com a bandeja com uma das mãos enquanto fechava o portão e apertava o botão do segundo andar. Os registros telefônicos de Scott eram alarmantes, tanto que ela acordou George para saber sua opinião sobre eles. Houve atividade quase constante até o dia em que ele foi levado - depois, como esperado, silêncio total durante sete semanas. Depois, ao retornar, quase nada.

Quase.

Com exceção de sua única ligação para o corretor de imóveis, todas as suas ligações e mensagens de texto foram para um único número. Apenas um. Nenhuma ligação para Kyle, Lamar ou Andy. Nenhuma troca de mensagens com as dezenas de garotas que sempre estavam por perto, esperando por sua atenção. Este tinha sido apenas um número e dezenas de ligações e mensagens de texto para ele. As ligações foram curtas, com menos de um minuto de duração. E todos os textos enviados, sem nenhum recebido.

Então, algumas semanas atrás, ele parou e o uso do telefone celular parou. Como se ele tivesse ido embora novamente.

George disse a ela para ligar para o número, o que ela fez. Ele foi direto para uma caixa postal automática, que repetia o número, mas não dava nenhuma dica do proprietário.

O elevador tocou e ela desceu. Na porta de Scott, ela bateu e balançou a pesada maçaneta cromada. — Scott, é a mamãe.

A música tocava dentro do quarto e era assim que aconteciam os suicídios. O retraimento emocional sempre foi o primeiro sinal, de acordo com os artigos que ela lia online. E Scott estava de mau humor desde que voltaram da delegacia e ele e George tiveram aquela briga.

Deus, ela quase preferia aguentar os gritos ao invés do silêncio. Embora, mais tarde, George tenha concordado - gritar com Scott não foi a atitude certa. Sim, ele mentiu para a polícia. Sim, ele poderia estar enfrentando uma acusação de obstrução da justiça - mas estava vivo. Em casa. Seguro. Os outros detalhes não importavam.

— Scott, Beth acabou de fazer cheeseburgers com bacon. — ela tentou novamente. — Tenho um quente e pronto para você, com

aquelas batatas fritas crocantes que você gosta. Por favor, abra. — Ela encostou o ouvido na porta e escutou. Nada. Ele poderia ouvi-la?

No final do corredor, a porta do escritório se abriu e George saiu. Ele usava shorts de golfe verde-claro e uma camisa pólo branca e parecia tão bem-sucedido e organizado quanto na primeira vez que ela o viu, vinte e dois anos atrás.

— A porta ainda está trancada? — perguntou George.

— Sim. — Ela usou a ponta plana do punho para bater na porta. Produziu um baque suave, se ela tivesse batido com tanta força na porta do quarto de sua infância, teria quebrado o compensado barato.

George falou atrás dela. — Deixe-me arrombar a porta. Ele não vai abri-la.

Uma semana atrás, ela teria discutido com ele, mas sua preocupação com Scott estava começando a beirar o pânico. — Você não deveria ter sido tão duro com ele. — ela disse baixinho, embora estivesse bem ali ao lado dele, as vozes de ambos levantadas em frustração durante o trajeto da estação para casa.

— Scott — George gritou — Abra a porta ou vou quebrá-la.

A música diminuiu e Nita prendeu a respiração. Alguns momentos depois, Scott abriu a porta.

Ao ver o filho, ela colocou a mão no braço do marido e o empurrou suavemente. Entrando no quarto com a bandeja de comida, ela lançou um olhar de advertência para George e fechou a porta atrás dela.

— Vamos, mãe. — Scott gemeu, com os ombros caindo. — Eu só quero ficar sozinho.

Ela colocou a bandeja na mesa dele e foi até o frigobar. Abrindo a porta, ela deu uma olhada no conteúdo quase vazio. Todo refrigerante açucarado. Seu filho, que antes se preocupava muito com a saúde, agora era igual a qualquer outro adolescente americano. Saco de Cheetos entreaberto em cima do frigobar, uma lata de lixo transbordando com barras de chocolate e latas de refrigerante vazias. Ela tirou um refrigerante de laranja da geladeira e trouxe para ele. Ele

já estava com a bunda na cadeira da escrivaninha, o hambúrguer na boca. Mordidas rápidas e vorazes.

Ele estava sem camisa e o olhar dela traçou o contorno do coração que Randall Thompson havia cortado em seu peito. Ele limpou a garganta e ela percebeu que ele a estava observando.

Ela desviou o olhar. — Desculpe.

— Tudo bem. — Ele enfiou uma batata frita na boca.

— Posso colocar um pouco de pomada nisso. — ela ofereceu. — Tenho um creme reparador de cicatrizes que usei depois da cirurgia no joelho que realmente funcionou... — A oferta dela caiu quando ele se afastou, quase protegendo o ferimento dela.

— Não quero colocar nada nisso.

Ela franziu a testa. — Isso deixará uma cicatriz, Scott. Certamente você não quer...

— Não!

A ferocidade em seu tom a calou. Ela engoliu em seco e sentou-se na beira da cama dele. — Eu estava apenas tentando ajudar.

Seu rosto suavizou-se. — Eu sei, mãe. Eu só... não quero perder a cicatriz. Isso aconteceu comigo. Não vou esquecer.

Claro que ele não iria. E ela não estava tentando fazê-lo esquecer nada. Ela só queria curá-lo. Dentro e fora. — Sentimos sua falta, Scott. Você não precisa se trancar aqui.

— Não quero falar com ninguém.

— Eu sei, mas Scott... — Ela engoliu a vontade de fazer uma dúzia de perguntas e se contentou com uma. — Por que você nos contou que escapou? Por que você simplesmente não nos contou que ele deixou você ir?

Ele deu uma mordida no hambúrguer e mastigou, os olhos fixos na parede à sua frente, os ombros rígidos de tensão. No momento em que ele limpou a boca - ele nunca limpava a boca - ela estava pronta para estender a mão e sacudi-lo. — Não sei. Ninguém mais foi

libertado.

No mais recente depoimento de Scott à polícia, ele disse que Randall destravou as algemas e o colocou no porta-malas do carro, depois o levou a um posto de gasolina a alguns quilômetros de sua casa, onde o puxou e disse que ele o deixaria ir, mas apenas se ele corresse direto para casa.

**— Eu era diferente. — ele disse, com a voz carregada de emoção.
— Especial. É por isso que fui libertado.**

Especial? Algo na maneira como Scott disse isso enervou Nita. Havia gratidão em sua voz, uma centelha de orgulho em seus olhos. Mesmo agora, ele colocou a mão no peito, quase como se quisesse proteger a ferida.

— Então, você pensou que não iríamos acreditar em você? Foi por isso que você mentiu?

Ele engoliu o pedaço que estava mastigando e pegou o refrigerante. — Sim.

Sua intuição maternal explodiu, como vinha acontecendo desde o momento em que ele chegou em casa. Ele estava mentindo. Mentiu a primeira vez e ainda estava. As evidências conflitantes, anteriormente rejeitadas por ela, estavam começando a se acumular. Ainda esta manhã, o advogado lembrou-lhes que não tinham encontrado nada do seu DNA no baú do Sr. Thompson. Sua paciência acabou. — Scott, olhe para mim.

Ele virou a cabeça e seus olhos encontraram os dela, mas não havia nenhuma conexão ali.

— Neste momento, preciso que você me diga a verdade. Sem o seu pai ouvindo, sem a polícia por perto. Apenas fale comigo.

Ele piscou.

— Scott? — ela pressionou. — O que mais você está escondendo de mim?

Ele voltou para seu cheeseburger e o pegou. Estudando-o, ele baixou lentamente a cabeça e deu outra mordida.

Sua frustração aumentou. Sim, ele passou por uma provação traumática. Sim, ela estava grata por ele estar em casa. Mas um homem estava na prisão com base no seu testemunho. A polícia e os recursos do condado foram usados para preparar um processo judicial com base no que ele havia dito – sobre o que ele havia mentido. Sua nova história estava causando inúmeras horas de trabalho na mudança de evidências, relatórios e estratégias de defesa. E ainda assim ele não queria falar sobre isso. Ele ficou mais do que feliz em contar sua falsa história de fuga para quem quisesse ouvir, mas agora - com a verdade revelada - ele estava se calando.

Ela estendeu a mão e bateu com a mão na mesa dele, mas imediatamente se arrependeu da ação quando seu filho estremeceu em resposta. — Sinto muito. — ela disse rapidamente. — Mas fale comigo, pelo amor de Deus.

— Não posso simplesmente comer?

Seu celular estava sobre a mesa. Ela agarrou-o antes que ele pudesse detê-la, sua pressa desnecessária enquanto ele ignorava a ação. Ela pressionou a tela, mas nada aconteceu. Estava morto. Não admira que ele estivesse ignorando as mensagens dela. — Há quanto tempo seu telefone está mudo?

— Não sei. — Ele colocou algumas batatas fritas na boca.

— Eu olhei seus registros de chamadas, Scott. Por que você não tem conversado com nenhum de seus amigos?

Ele virou para encará-la. — Não olhe para minhas ligações.

— Nós pagamos pelo seu telefone. Temos o direito de saber com quem você está falando. — Deus, quando ela se tornou sua mãe?

— Então não tenho privacidade? É isso que você está me dizendo? Troquei uma prisão por outra?

Ela se encolheu. — Eu não chamaria isso de prisão, Scott. Você pode...

— Eu posso o quê? Não posso dirigir para lugar nenhum sem que você surte comigo. E não posso sair do meu quarto sem que você e papai gritem comigo, e agora você está aqui, gritando comigo...

— Para quem você está ligando? — Ela o interrompeu antes que ele ficasse nervoso. — De quem é esse número para o qual você ficava ligando?

Seu olhar disparou para o lado. — Ninguém.

Ela cruzou os braços sobre o peito. — Tudo bem. Não me diga. Vou descobrir sozinha.

A ameaça funcionou. Ele deixou cair à cabeça entre as mãos. — MÃE. — ele gemeu.

Ela esperou.

— É uma menina. — Ele suspirou, a cabeça ainda entre as mãos. — Alguém com quem namorei.

— Quando?

— No início deste ano. Liguei para ela quando recebi meu telefone de volta, mas ela não atendeu.

— É Jennifer?

— Você não a conhece.

— Ela estuda em Beverly High?

Ele soltou um grunhido frustrado. — Ela não mora mais aqui, então não importa.

— Quando ela se mudou?

— Ela se foi, mãe.

— O que você quer dizer com foi embora?

— Ela se mudou enquanto nós... enquanto eu estava fora. Passei pela casa dela e ela não mora mais lá.

A casa à venda. A chamada para o corretor de imóveis. O alívio correu através dela. Será que era isso tudo: ficar deprimido, ficar no quarto e se recusar a falar com eles...? Foi um desgosto adolescente?

— Oh, Scott. — Ela estendeu as mãos e o envolveu em um abraço. Assustado, ele ficou ali sentado, indiferente, e então deu um tapinha

desajeitado no ombro dela. — Sinto muito. — ela sussurrou. Ele provavelmente pensou nessa garota durante todo aquele tempo na casa de Randall Thompson, e finalmente conseguiu se libertar apenas para ligar para ela e ligar para ela, sem resposta. — Ela deve ter mudado de número quando se mudou. — disse ela.

— Sim. — Ele se libertou. — Tem mais hambúrgueres?

Ela sorriu. — Claro. Desça comigo. Eu prometo... — ela ergueu as mãos em sinal de rendição — ...que não faremos nenhuma pergunta sobre nada. Apenas deite no sofá e assista televisão enquanto Beth faz brownies.

Brownies eram seu ponto fraco, e ela viu um pouco de vida entrar em seus olhos. Ele assentiu, embora tenha sido uma pequena vitória, pareceu monumental.

Eles ficariam bem.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO



A casa de Robert era irritantemente perfeita. Linhas contemporâneas limpas, paredes escuras ricas e superfícies elegantes e brilhantes, com couro e tecido suficientes para aquecer tudo. Ele tinha duas garrafas de vinho respirando e o fogo crepitando em uma lareira ao ar livre. Eu absorvi tudo com uma sobrancelha levantada. — Por que sinto que você faz isso com frequência?

— Eu não. — Ele levou uma garrafa de cerveja aos lábios e acenou com a cabeça para o vinho. — Escolha o seu veneno.

Escolhi o chardonnay em vez do pinot e servi uma taça, depois apreciei a vista. Sua casa ficava em Hollywood Hills, alta o suficiente para mostrar a cidade, e um arco-íris de luzes começava a brilhar no crepúsculo. Meia hora antes e eu teria visto o pôr do sol. Ainda assim, era impressionante. Virei-me e peguei uma mecha de cabelo antes que ela batesse no meu rosto. — Sinto falta do cheiro de fogo.

Ele sorriu. — Meu empreiteiro queria colocar propano, mas gosto do cheiro da madeira, mesmo que grude nas suas roupas.

— Mesmo aqui.

Em frente ao fogo havia um tapete em semicírculo com almofadas azul escura e grandes almofadas brancas. Sentei-me de lado e tirei as sandálias, depois coloquei os pés debaixo de mim.

Ele sentou-se no meio, a dois metros de distância entre nós. — Como foi o resto do seu dia?

— Quietos. — Fui direto para casa e enchi minha banheira com bolhas com aroma de lavanda. Mergulhei na água quente e pensei em cada peça da caixa e em como Randall Thompson se encaixava nela.

Eu ainda - mesmo com mil páginas de arquivos do caso e uma entrevista pessoal com o acusado - não tinha o suficiente para prosseguir. Eu não sabia o que Randall tinha feito com Luke. Não sabia se ele exibía características de identidades secundárias. Ele certamente não tinha feito isso no meu tempo com ele. Se eu tivesse entrevistado Randall Thompson como parte de uma lista de possíveis suspeitos, eu o teria colocado na categoria “improvável”. Ele não foi preciso. Enfático e inabalável em sua inocência. Psicologicamente, ele estava errado por esse crime.

Mas havia o lado das evidências. Ele foi identificado por Scott Harden. Havia a caixa com lembranças das seis vítimas em sua casa. E havia algo inerentemente sombrio em sua alma. Eu reconheci isso, simplesmente não conseguia avaliar quão profunda era a depravação.

Robert rolou a garrafa de cerveja entre as palmas das mãos. — Antes de falar suas impressões sobre Randall, há algo que você deveria saber sobre Scott Harden.

Oh não. Meus dedos apertaram a haste da taça de vinho. Scott era tão jovem. Certamente ele não tinha...

— Ele mudou sua história.

O alarme saiu de mim em uma única respiração. — De que maneira?

— Originalmente, ele disse que escapou. Agora ele está dizendo que foi solto e deixado a alguns quilômetros de sua casa.

— Solto? — Isso era estranho e meu coração bateu mais rápido. Isso se prestou ao TDI, para o qual eu estava começando a me inclinar por causa da esquizofrenia paranoica. — Quando você descobriu isso? — Isso era enorme.

— Cerca de quinze minutos atrás.

Coloquei minha taça no braço do sofá, precisando de todo o meu juízo. — Uau. É interessante.

Ele deu uma risada amarga. — Sim. Isso me surpreendeu também. Se ao menos Gabe pudesse ter tido tanta sorte.

Revirei a nova informação em minha mente. — Você acredita nele?

Ele inclinou a cabeça para um lado. — Essa é uma pergunta interessante. O que você quer checar?

— Há duas coisas em jogo aqui. Primeiro, por que Scott Harden teria mentido inicialmente e depois dito a verdade? Eu tenho que resolver isso na minha cabeça. Como isso afeta a validade de sua identificação? Que motivações motivaram a primeira ação e depois a reversão dos fatos?

— E a segunda coisa?

— Bem, isso é sobre o assassino. Se Scott está dizendo a verdade, por que deixá-lo ir? O que tornou Scott diferente? O que aconteceu durante essas sete semanas? — Suspirei. — Se ele realmente o deixou ir, então isso dá credibilidade à sua teoria de que Scott está mentindo sobre o envolvimento de Randall. Ele poderia estar protegendo o verdadeiro assassino. Ele poderia ter desenvolvido uma lealdade ou quase um amor pelo homem.

— Como a síndrome de Estocolmo.

— Sim. — A síndrome não era um diagnóstico oficial, mas uma estratégia mental de enfrentamento, explorada por Hollywood e pelos romancistas, mas ainda muito real. Eu havia descartado o cenário inicial de Robert como irrealista, mas agora... com minha opinião sobre Randall Thompson já instável e a validade de Scott como testemunha em questão... estava começando a parecer uma possibilidade válida.

Coloquei a ponta do meu maxi vestido roxo escuro sob os joelhos. — Você não respondeu minha pergunta.

Ele olhou para mim e a luz do fogo brilhou em suas feições. — Lembre-me disso.

— Você acredita na nova história de Scott?

— Acho que ele provou que não é confiável. Quer eu acredite nele ou não, ele me deu a munição que preciso para garantir que o júri não acredite em uma palavra do que ele diz.

Ele estava certo. Inferno, eu estava tagarelando sobre a culpa de Randall. Se você tirasse a caixa de souvenir, eu teria certeza da inocência dele. Ele era uma figura quadrada que não se encaixava no meu perfil, e Scott Harden era oficialmente indigno de confiança. Tudo o que Robert precisava era de um jurado com dúvidas razoáveis. Ele conseguiria isso e Randall Thompson estaria livre.

Soltei um suspiro e considerei o pensamento preocupante de que o Assassino do Coração Sangrento ainda estava lá fora. Assistindo-nos. Olhei para a vista, o declive escuro diante do cenário de luzes distantes, e de repente não me senti tão aconchegante e protegida.

— Estou relendo seu perfil do BH.

— E? — Afastei uma mecha de cabelo da boca.

— Tem buracos.

Uma afirmação precisa. Um diagnóstico que um diagnóstico DID ou PS ajudaria a preencher. Tomei um gole de vinho e não respondi.

— Quão certo você tem de que o Assassino do BH é gay?

Ele estava se referindo à seção do perfil onde dissequei os estupros anais e a amputação peniana dos meninos. A natureza altamente pessoal e sexual do abuso, aliada à seleção da vítima, prestou-se a essa probabilidade.

— Não tenho certeza se ele é gay. Acredito que ele tem emoções violentamente fortes em relação à homossexualidade e reprimiria essas inclinações se as experimentasse na sua vida quotidiana.

— Bem, Randall Thompson não é gay. Cem mil por cento não é gay. — Ele se levantou como se a discussão fosse definitiva. Observei enquanto ele caminhava até uma lata de bronze e colocava a garrafa dentro dela.

— Como você sabe? — Eu desafiei. — Você falou com os alunos anteriores dele?

— Não, mas enviei a você por e-mail o arquivo de descoberta dele há uma hora. Você pode revisá-lo sozinha. Cada acusação feita contra ele foi feita por uma estudante, não por um homem. Randall é um pouco assustador? — Ele fez uma pausa. — Sim. Eu confiaria nele para tomar conta da minha sobrinha de quatorze anos? De jeito nenhum. Mas ele não é gay e está em péssimo estado, então não move corpos para dentro e para fora dos baús, a menos que tenha um inalador à mão e alguma ajuda.

Era um ponto válido e sublinhava o fato de Randall ser velho demais para o meu perfil psicológico. Ele estava pressionando a aposentadoria, e era muito mais provável que o Assassino do BH estivesse na casa dos quarenta anos, fisicamente apto e não em um ambiente onde estivesse cercado de estudantes todos os dias.

— Olha — cedi — Não vim aqui para convencer você de que ele corresponde ao perfil. Mas há algo errado com ele.

— Claro, ele é um predador sexual. — Ele encolheu os ombros como se a informação não fosse importante. — Três estudantes apresentaram queixas contra ele nos últimos vinte anos.

— Espere, o quê? — Eu fiz uma pausa. — Por que você não mencionou isso antes? Quando eu perguntei a você, o que... ? — Tentei pensar em quanto tempo tinha passado. — Uma semana atrás? Perguntei se algum aluno havia reclamado dele.

Ele puxou uma garrafa nova do balde de gelo e tirou a tampa. — Eu não queria que sua impressão inicial dele fosse manchada. Foi você quem pregou a necessidade de uma ficha mental limpa ao criar seu perfil.

Ponto justo. Ainda... — Se ele é um predador sexual, isso só dá mais validade...

— Eram todas mulheres. Meninas de treze e quatorze anos. É um MO completamente diferente.

Fiquei em silêncio e processei a informação. Ele estava certo, era um MO diferente. Foi essa a vibração que recebi de Randall? Molestador versus assassino?

Talvez eu estivesse errada.

Ele me estudou e depois se virou em direção a casa. — Chega de falar sobre a morte. Vamos para dentro. Eu quero te mostrar algo.



— O que você acha?

Olhei para a parede de itens, deixando meus olhos vagarem por cada um deles. Havia muitos para absorver, eu me aproximei, depois descii lentamente a linha. Cada um estava alojado em uma caixa transparente e iluminado por um holofote que se projetava da parede. — O que é isso?

— É minha coleção de curiosidades. A cada aniversário e Natal, compro algo único para acrescentar.

Eu avalei a coleção. Pelo menos trinta itens, que vão desde estatuetas até fotos. — Há quanto tempo você vem fazendo isso?

— Minha esposa começou a tradição. Ela sempre selecionava itens significativos, que carregassem uma história pessoal de nossa vida. Depois que ela morreu, Gabe e eu continuamos sozinhos.

A importância do que eu estava vendo foi percebida. Não apenas uma parede de bugigangas caras. Este foi um olhar íntimo por trás do véu. Embora a cozinha estivesse desprovida de vida, esta sala estava repleta dela. Poderia ter parecido sombrio e triste, mas havia paz na reverência. Robert parecia mais relaxado ali, mais à vontade. Parando diante de um par de espadas curtas, inclinei-me para ler a placa dourada. — 'Dividindo as sobrelhas.' O que isso significa?

— Essas são espadas de samurai do século XIX. Eles testaram a nitidez delas cortando um crânio humano ao meio. Depois de passarem no teste, o proprietário gravou o ditado na parte inferior delas.

Ele passou um dedo pela superfície brilhante da lâmina. — Gabe escolheu isso. *O Último Samurai* era seu filme favorito. Neste verão, tínhamos planos de passar duas semanas no Japão e visitar o distrito de Kakunodate e a cidade-castelo de Hagi. — Ele engoliu em seco, com os olhos úmidos, e puxou a mão de volta.

A realidade de sua vida me atingiu. Além dos ternos caros, da confiança, do histórico do tribunal, esse era um homem vivendo sozinho com fantasmas. Todos que ele amava foram tirados dele. Seria de admirar que ele tivesse aparecido em minha casa com flores e ficado tempo suficiente para montar um quebra-cabeça? Pressionado para jantar e quase me implorou por bebidas esta noite? Abordou uma estranha em um bar e foi para casa com ela?

Posso ter apenas meu gato e uma lista de reprodução de comédias românticas em DVR, mas minha vida estava isenta de tristeza, e essa força adicional pegou a solidão e a encharcou de agonia.

Limpei a garganta e desci pela parede, examinando uma bola de beisebol que parecia ter sido jogada no lixo. Ele me seguiu, seu braço roçando o meu, e eu me esforcei para não estender a mão e tocá-lo, para confortá-lo.

— Agora, aquele anel... — ele apontou para um solitário de esmeralda antigo, com moldura de ouro e rodeado de diamantes — ...tem uma história interessante.

Esperei, com medo de perguntar se pertencia à esposa dele.

Ele levantou a caixa aberta do anel, removendo-a do holofote. — Tem mais de quatrocentos anos e foi perdido duas vezes no mar. A primeira vez foi em 1622, quando um navio de tesouro espanhol afundou na costa da Flórida durante um furacão.

— O Atocha. — comentei, familiarizada com a história.

Ele ergueu uma sobrancelha, impressionado. — Isso mesmo. Quando os caçadores encontraram o tesouro em 1985, este anel foi recuperado, polido e presenteado à esposa de um importante investidor, Debbie Stickelber, que o usou no dedo todos os dias

durante dez anos. Todos os dias, exceto um. — Ele fez uma pausa e eu sorri para ele, apreciando a teatralidade da história. Não era de admirar que ele fosse bom no tribunal. Como jurado, eu o ouvia o dia todo.

— Na manhã de 4 de outubro de 1995, Debbie foi acordada pelo marido, que gritou para ela se vestir e pegar qualquer coisa de valor. Um furacão estava chegando. Os guarda-sóis e a mobília da varanda da casa à beira-mar já haviam se quebrado contra as grades. A tempestade estava começando a subir pela areia. — Sua voz assumiu o tom sombrio de uma história de fantasmas. — Ela pegou o pequeno cofre do escritório dele e um Van Gogh que estava pendurado do lado de fora do quarto e correu para o carro, deixando para trás a aliança de casamento, o relógio e este anel, ainda na mesinha de cabeceira, de onde ela os tirou a noite.

— Por que eles não saíram mais cedo? Você não sabe com dias de antecedência sobre um furacão?

— Os Stickelbers eram conhecidos por suas festas e decidiram enfrentar a tempestade com algumas dezenas de garrafas de licor e champanhe. Foi só naquela manhã, quando o marido acordou e percebeu o tamanho da tempestade, que decidiu que precisavam ir embora – e foi bom que o fizeram. O furacão Opal destruiu a casa deles, varrendo-a completamente da areia. Quando voltaram, uma semana depois, a única coisa que restou foram às estacas de concreto às quais sua casa estava amarrada. Junto com seus pertences, o furacão levou mais de quinhentas moedas de Atocha, seis barras de prata e suas joias. Um grupo de busca, completo com retroescavadeiras e mergulhadores, vasculhou a costa e o oceano durante semanas, em busca do tesouro perdido novamente.

Olhei para o anel. — E eles encontraram isso?

— Sim. Quatro casas abaixo, a cem metros de distância, sob sessenta centímetros de areia. Eles finalmente encontraram duas barras e cerca de metade das moedas. O resto nunca foi recuperado, ou... — ele me deu um sorriso irônico — ...suspeito que parte foi embolsada por membros da equipe de busca.

— Como você acabou com isso?

Ele riu. — Debbie Stickelber acabou deixando sua vasta propriedade – incluindo o ringue – para seus cães, uma decisão que enfureceu seus filhos e levou a uma grande batalha legal.

— Eu não sabia que você cuidava de litígios imobiliários.

Seu sorriso se alargou. — Eu não faço. Mas quando um filho tentou matar a irmã por causa da propriedade do poodle miniatura com patrimônio líquido de alguns países... foi quando fui contratada. Os bens foram congelados pelo tribunal, mas a irmã me deu este anel e encerramos o dia.

— Eu amo essa história. — Estendi a caixa do anel para ele.

— Você deveria ficar com ele. Considere isso meu pagamento pelo perfil.

Eu sufoquei uma risada. — O quê... o quê? Não. — Empurrei-o na direção dele. A pedra tinha dois quilates, senão três. O valor disso... com a história... Eu não conseguia nem imaginar. — Não seja absurdo.

— Não tenho ninguém para quem dar coisas, Gwen. — Sua voz caiu. — Apenas pegue isso. Por favor. Não quero ser aquele cara que deixa tudo para o peixinho dourado.

Encontrei seus olhos, e outra camada protetora desapareceu, suas emoções expostas, o olhar assombrado em seus olhos quase insuportável. Impulsivamente, estendi a mão e o abracei. Suas costas estavam rígidas, sua linguagem corporal tensa, mas eu ainda passei meus braços em volta dele e apertei. Depois de um momento, ele respondeu, suavizando o abraço. — Obrigada. — eu disse calmamente. — É a coisa mais bonita que já tive. E não há como o peixinho dourado sobreviver além desse mês.

Ele riu e beijou minha testa, um gesto surpreendentemente doce que me afetou mais do que deveria. Quando ele se afastou, meu corpo doeu para segui-lo. — Apenas me prometa que você não vai perdê-lo em uma tempestade.

— Eu não vou. — Fechei a tampa e olhei para o espaço vazio. — Vou pegar algo para substituí-lo. Não será uma esmeralda de valor

inestimável, mas encontrarei algo. Algo legal.

— Legal — ele repetiu, andando pela fileira, sua atenção já fora do lugar vago. — Acho que estou velho demais para ser legal.

— Qual é seu favorito? — Estremeci ao passar em frente à saída de ar, meu vestido fino não era suficiente para o quarto frio.

— É muito difícil escolher. — Ele olhou para mim e se aproximou, estendendo a mão para esfregar as palmas das mãos em meus braços. — Você quer sair para onde está mais quente?

Não consegui pensar em uma resposta, porque sua atenção estava voltada para minha boca, suas mãos apertando meus braços, e quando ele me puxou para frente, afundei em seu peito, como uma daquelas heroínas estúpidas de um romance. Direto para os braços da fera vulnerável e solitária.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO



Acordei nua em sua cama, enfiada sob camadas de lençóis sedosos e penas. Parecia um casulo, do qual eu nunca queria sair. Fechei os olhos e saboreei o momento antes que meu cérebro se engajassem totalmente e eu pensasse demais em toda a situação.

O colchão se mexeu, virei à cabeça e encontrei Robert sentado na beira da cama, vestido com calça e camisa de botão, o cabelo já no lugar, a gravata já amarrada.

Ele estava olhando para frente, com os olhos nas janelas. — Diga-me o que John lhe contou. Quanto você sabe sobre o que ele fez.

Eu me levantei e me apoiei nos cotovelos, segurando as cobertas contra o peito. — Com licença?

— John Abbott. — Ele virou a cabeça e olhou nos meus olhos. — Diga-me o que você sabe.

Engoli em seco, meu cérebro tentando desesperadamente acordar e agir. — Eu realmente não sei de nada. Quero dizer, além do que ele me disse. Mas eu...

— Você está mentindo para mim desde o dia em que te conheci. — Ele praguejou e depois passou as mãos pelo rosto. — Merda, Gwen.

— Não estou mentindo. — retruquei. — Eu não menti para você. — Eu me afastei mais na cama, então fiquei totalmente de pé.

— Você fez. Você sabia tudo sobre John. — Ele mediu e pesou suas palavras cuidadosamente, como se as estivesse triturando em uma

pedra. — O monstro que ele era. Você poderia tê-lo impedido.

Abaixei meu olhar, evitando o julgamento em seu rosto, mas ainda ouvindo em suas palavras. Semanas juntos, e ele sabia a verdade sobre a morte de Brooke o tempo todo. Ele estava esperando que eu tocasse no assunto? Assistindo para ver o que eu diria à polícia? — Sim. — eu disse suavemente. — Eu deveria ter feito mais. Eu deveria ter chamado à polícia.

O colchão se mexeu quando ele se levantou e procurei algo para dizer, uma explicação para dar. Quando finalmente encontrei coragem para levantar o olhar, ele estava passando pela porta do quarto, seus passos soando pelo corredor. Esperei, ouvindo, mas pude sentir o vazio da casa quando ela assumiu o controle.



Encontrei meu vestido e calcinha ao pé da cama, minhas sandálias em diferentes cantos do quarto. As cortinas estavam fechadas e eu as abri o suficiente para ver que já era fim de manhã. Meu telefone provavelmente ainda estava na cozinha, enfiado na bolsa. A bateria provavelmente estava descarregada e tentei lembrar como seria meu dia. Luke Attens finalmente ligou para o consultório e estava registrado às onze. Espero ter tido tempo de passar pela casa e tomar banho primeiro.

Entrei no banheiro tempo suficiente para usar o banheiro e lavar as mãos. Olhando no espelho, parei, parando um momento para alisar meu cabelo escuro e rebelde no lugar. Olhando nos meus olhos, respirei fundo.

Tudo vai dar certo. Repeti a frase duas vezes, inspirando e expirando profundamente. Talvez Robert estivesse indo à polícia agora. Talvez ele não estivesse. Afinal, ele me perguntou o que eu sabia. Ele não sabia da minha culpa com certeza. O que ele sabia era a

culpa de John. E agora, pela minha própria admissão, ele conhecia a minha.

Apesar do que Meredith disse, apesar de todas as desculpas que minha mente gostava de inventar, a morte de Brooke foi minha culpa. Se eu tivesse atendido a ligação de John naquela manhã. Se eu tivesse ouvido mais atentamente durante suas sessões. Se eu tivesse entrado em contato com Brooke e avisado ela, ou ido à polícia ou feito um trabalho melhor com meu cliente.

Devo destruir o arquivo de John? Queimar ou enterrar as evidências? Quanto devo fazer para me proteger? Inspirei profundamente enquanto meu estômago revirava e me inclinei sobre a pia, esperando o jantar da noite passada chegar.

Não aconteceu. O momento passou, meu estômago se acalmou e eu me endireitei. Eu precisava sair daqui. Passei pela porta em arco, voltei para o quarto e hesitei, vendo a caixa de veludo preto na mesinha de cabeceira de teca manchada. O anel. Pensei em colocá-lo de volta em seu lugar na parede, mas decidi deixá-lo lá, minha vontade de sair superava minha necessidade de devolver as coisas ao lugar onde pertenciam.

Eu precisaria preparar uma carta de rescisão do cliente o mais rápido possível. Eu tinha um modelo que usei antes e poderia fazer com que Jacob o completasse e enviasse para Robert. Minha fatura pendente, que ainda não havia enviado a Cluster & Kavin, poderia ser anulada. Peça a Jacob que incluía um anexo da conta cancelada, só para deixar claro que eu não pediria nenhum pagamento.

Tudo parecia muito pouco, muito tarde. Eu deveria ter terminado isso no momento em que começou. No bar, com amendoim e cerveja. Em vez disso, eu estava com água até o pescoço e tudo na minha vida corria o risco de se afogar.

Correndo pelo corredor, encontrei minha bolsa onde a havia deixado. Joguei a alça grossa sobre um ombro, peguei minhas chaves e fugi.



— Você parece uma merda. — Luke, que estava meticulosamente vestido com um terno azul-claro, cabelo penteado e óculos de sol Versace, olhou para meus jeans gastos e minha blusa larga com uma carranca crítica.

Não me incomodei em sorrir. Eu mal tinha chegado ao consultório a tempo para esta consulta. — Bom dia para você também, Luke. — Misturei um pacote de açúcar no meu café e gesticulei para a mesa de conferência. — Por favor, sente-se.

— Sério, o que há de errado com você? — Ele se sentou na cadeira mais próxima e me olhou com preocupação. — Secador com defeito?

— Nada está errado. — Olhei pela parede de vidro e encontrei Jacob e Bart no saguão, observando. — Podemos falar sobre Randall Thompson sem você gritar na minha cara?

Sua preocupação se transformou em aborrecimento. — Eu não estava gritando. Você exagerou e foi um bebê enorme durante tudo isso. — Ele tamborilou as unhas bem cuidadas no braço da cadeira. — E por que ainda não estamos em seu escritório? Eu sei o que tem lá, você sabe.

— Sim. — eu disse calmamente, sentando-me a uma distância segura. — A propósito, obrigada pela luminária quebrada. — Tarde demais, eu me corrigi. Eu sabia melhor do que isso. Declarações inflamadas não eram a maneira correta de lidar com Luke, e se eu não estivesse tão preocupada com Brooke e Robert, estaria ciente disso. Suavizei meu tom. — Luke, em nosso último encontro, você estava tentando me contar algo sobre Randall. O que era isso?

— Você mentiu para mim, doutora. — Ele apontou para o meu rosto, e foi um pouco agressivo demais para o meu gosto. — Você me disse que não estava trabalhando com ele.

— Eu não estava trabalhando com ele. Fui contratada para fazer

um perfil psicológico do Assassino de BH.

— Contratada por seu advogado. — Ele levantou o pé e apoiou o tornozelo no outro joelho. Foi um bom sinal, uma mudança na linguagem corporal, e relaxei um pouco com a nova pose. — Eu vi você no noticiário, doutora.

— Sim, fui contratada pela defesa dele. — admiti. — Mas eu desisti.

Ele olhou para mim com ceticismo. — Quando?

— Esta manhã. — O e-mail de Jacob foi enviado às 10h15 e até agora não houve resposta de Robert. Pensei na raiva que havia em sua voz. Tão cru. Tão emocional. Por que ele se importava tanto com John Abbott? Sim, fui negligente. Sim, uma mulher morreu. Mas eles mal conheciam Robert. Prestador de serviços e cliente. Se houvesse mais algum relacionamento ali, Robert nunca o mencionara.

Através das paredes de vidro da sala de conferências, vi movimento nos elevadores e fiquei tensa. Meredith passou e forcei minha mão a relaxar o aperto de ferro em torno da minha xícara de café. Eles viriam me buscar hoje? Seria o detetive Saxe ou outra pessoa? Ou será que Robert aceitaria minha confissão e continuaria com qualquer jogo de gato e rato em que estivesse envolvido?

Meredith parou perto da mesa de Jacob.

— Se você não trabalha mais para Randall, por que quer saber sobre ele?

— Honestamente? — Voltei minha atenção para Luke. — Curiosidade pessoal. Ainda não decidi se ele é inocente ou não. Me ajudaria se eu entendesse o que ele fez com você. Mas Luke... — pousei minha xícara de café — ...você e eu estamos protegidos pela confidencialidade médico-paciente. Independentemente de estar ou não trabalhando nesse caso, não posso compartilhar nada do que você me conta com ninguém. E obviamente, se você preferir não me contar nada, não conte.

— Randall nunca me tocou. — Ele girou a luneta de diamante do relógio.

Eu fiz uma careta. — Eu pensei...

— Não fui eu. Ele colocou as mãos na minha primeira namorada. Manteve-a depois da aula e prendeu-a contra a parede e tocou-a. — Sua fúria se foi, as palavras proferidas de uma forma fria e clínica que não chegava nem perto do Luke de antes. Onde estava sua raiva? Essa explosão foi por causa de Randall, ou Luke apenas estava passando por um colapso emocional?

Recostei-me, ligeiramente desanimada. — Ela contou a alguém?

— Não. Outra garota... uma caloura, disse ao orientador que ele a estuprou no laboratório de ciências... e ela foi ignorada. E lembre-se, isso foi há vinte anos. — Ele encolheu os ombros. — Naquela época o cara não era velho e gordo. Algumas garotas gostavam dele, a garota em questão já era uma vagabunda. Ninguém acreditou nela. Kristen não queria repetir o ato. E ela só me contou sobre isso anos depois, quando estávamos na faculdade.

Deixei cair à cabeça contra a cadeira e tentei tirar da cabeça as garotas silenciadas em questão. Embora a história fosse trágica, eu precisava me concentrar em como essa informação se encaixava no meu perfil. O problema era que era outra peça do quebra-cabeça que não funcionava. Correspondia ao que Robert havia dito: Randall era um predador sexual, mas em relação às mulheres, não aos homens.

Talvez Robert estivesse certo e Randall não fosse responsável pelas mortes do BH. No momento, não consegui encontrar um pensamento claro em nada disso.

Olhei de volta para Luke. — Você está com minha carteira e chaves?

— Não.

Uma mentira, se é que alguma vez ouvi uma. Cerrei os dentes e me perguntei se poderia dispensá-lo como cliente também.

Encontrei seu olhar, seu sorriso desagradável torcendo um lado de seu rosto, e levantei mentalmente o dedo médio para tudo o que ele representava. Por que não dispensá-lo? Se eu estivesse pegando fogo, eu poderia muito bem sair balançando.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS



Marta Blevins estava concorrendo ao prêmio de Corretora de Imóveis do Mês. Mais um contrato assinado e seu nome estaria na placa, seu Tahoe na primeira vaga de estacionamento. Ela precisava de uma venda, e esta exibição poderia ser isso.

Ao destrancar a casa, ela entrou, torcendo o nariz para o papel de parede verde sujo e a variedade barata de móveis. Ela se aprofundou na sala rasa e abriu as persianas, inundando o cômodo com luz. Pelo menos era legal. Na semana passada ela mostrou uma casa em Culver City que tinha pilhas de roupas rançosas por toda parte.

Na rua, o sedã azul de seus clientes parou no meio-fio. Os recém-casados do Texas ficaram consternados com os preços das duas últimas propriedades que ela lhes mostrou. Esperançosamente, o seu orçamento os ajudaria a ignorar o estigma causado pela história desta casa. Não que ela tivesse contado a eles. A lei da Califórnia foi branda com o que precisava ser divulgado, e as mortes estavam especificamente fora dessa lista.

Ela os observou pela janela. O marido estava ao telefone, o que lhe daria alguns minutos para percorrer o local. Nunca se sabia como os outros agentes saíam de casa, e houve um bom número de exposições desde a última vez que ela esteve aqui.

O quarto principal estava em ordem e ela aproveitou um momento para acender a luminária de cabeceira e abrir as persianas. O segundo quarto havia sido convertido em um escritório flexível, e ela pegou uma barata morta debaixo de uma esteira abandonada

estacionada contra uma parede. Olhando para a lavanderia, ela ficou grata ao ver a entrada suspensa do sótão facilmente acessível. O marido era inspetor residencial, fato que ele mencionou até a exaustão, ele queria ver o espaço para rastejar e o sótão de cada casa que eles visitaram. Preparando-se, ela puxou a corda, satisfeita ao ver a escada dobrável se estender suavemente, a construção bem feita e reforçada em vários lugares. Normalmente, essas escadas de acesso ao sótão eram armadilhas mortais pouco funcionais. Parecia algo que foi construído para durar.

Ao ouvir uma batida hesitante, ela correu de volta pelo estreito corredor para deixar o casal entrar.



Como esperado, o marido foi direto para o acesso, agarrando-se com entusiasmo aos corrimãos e subindo as escadas até o teto.

— Não sei... — disse a esposa em dúvida, olhando ao redor. — Você acha que eles considerariam uma compra de arrendamento? — Ela ajustou o cinto vermelho fino que cortava o meio de seu vestido branco. — Minha empresa está pagando quatro meses de aluguel de realocação. E perguntei se poderíamos usá-lo em uma hipoteca, mas eles disseram...

Do último degrau da escada, o marido pigarreou. — Hum... Marta?

— Sim? — ela gritou docemente, olhando furtivamente para o relógio. Os aperitivos custavam metade do preço até às seis e meia, o que significava...

— Você precisa ver isso.

Seu tom era estranho, impregnado de ansiedade, e ela olhou para ele da escada. — O que é? — Mofo? Amianto? Ela cruzou mentalmente os dedos. Por favor, não guaxinins.

Ele subiu os últimos degraus e desapareceu no buraco. Ela esperou com expectativa, mas ele se aprofundou no sótão sem responder.

Marta agarrou-se aos corrimãos das escadas e deu-lhes uma sacudida experimental, testando a sua estabilidade. Era realmente incrível. Os proprietários obviamente trocaram as etapas tradicionais por um conjunto de qualidade comercial. Ela deu o primeiro passo de forma duvidosa, depois ganhou confiança no segundo e depois no terceiro. No momento em que sua cabeça passou pela abertura do sótão, ela sentiu uma pequena explosão de realização. E o ex dela disse que ela nunca sujava as mãos. O que ele sabia?

Ela se virou em direção ao marido. Qual era o nome dele? Wyatt? Wayne? Wilbur?

Ele estava parado, com a atenção voltada para um colchão encostado em uma das paredes do sótão. E uau, esta era uma sala de verdade aqui! Metragem quadrada habitável, se você não se importar em fazer um pouco de desbaste. Ela se levantou e avistou uma luz de trabalho, daquelas que você vê em canteiros de obras, presa a uma viga próxima. Ela se atrapalhou na parte de trás e ligou. O espaço escuro iluminou-se com uma luz branca brilhante e ela voltou-se para o marido, satisfeita consigo mesma. Wes. Esse era o nome dele.

Ele ainda estava parado ali. Olhando para a cama. Não, na verdade não na cama. Em algo entre ele e a cama. Algum tipo de mesa de trabalho.

— Isso é muito bom. — ela disse, afastando as mãos e se aproximando, curiosa para ver o que ele achava tão intrigante. — Eu...

Suas palavras, sua frase, seus pensamentos cessaram. Tudo em seu subconsciente parou quando ela olhou para a fileira de dedos amputados.

Ela tropeçou para trás enquanto sua atenção varria a sala. O colchão, o lençol bege manchado com manchas secas de sangue. Os anéis de toalha fixados acima do colchão, com cordas penduradas neles. A câmera instalada ao lado da cama. Um balde com moscas zumbindo acima dele. Ela inalou e de repente percebeu o cheiro. Ferro

e merda. Suor. Medo. Esse som vinha dela? Aquele gemido baixo, aquele gemido horrível, horrível?

Ela balançou para o lado e procurou a escada, concentrando-se no buraco aberto no chão. A esposa chamava o nome dela, agora subia as escadas, mas não podia subir. Ninguém deveria estar aqui. Ela se lançou para a saída e escorregou, as mãos lutando pela superfície inacabada de madeira compensada. Lascas salpicaram suas palmas e ela engasgou com um tufo de cabelo preso entre duas tábuas.

Chegando à abertura, ela enfiou os pés, errando por pouco o rosto da esposa. — Vá! — ela gritou. — Mova-se! Saia do caminho!

— São ratos? — a mulher gritou, recuando apressadamente escada abaixo. — Baratas?

Marta saiu do acesso e correu pelo corredor o mais rápido que seus saltos permitiram. Pegando a bolsa do sofá, ela saiu pela porta da frente e respirou ar fresco. Vasculhando sua bolsa, ela praguejou, então caiu de joelhos na grama e a jogou de cabeça para baixo, sacudindo a bolsa de lona até que ela estivesse vazia, seu telefone finalmente visível entre maquiagem, canetas, cartões de visita e lenços de papel. Abrindo-o com a mão trêmula, ela respirou fundo e discou 9-1-1.

CAPÍTULO TRINTA E SETE



— Não acredito que você dispensou Luke Attens no meio da sessão. — Meredith puxou uma cadeira da mesa da sala de descanso e sentou-se nela. — Isso exigiu muita coragem.

— Foi estúpido — respondi, olhando para o corredor e fechando a porta para nos dar um pouco de privacidade. — Entre o tempo que perdi com Robert e a dispensa de Luke, minhas horas faturáveis este mês serão lamentáveis. Oh... além disso, um dos meus clientes morreu, então estou com Lela Grant e um punhado de aleatórios.

— Esta cidade está cheia de loucos. — disse Meredith alegremente. — E você estava na TV. Você é uma celebridade da lista D agora. Isso vai trazer os malucos.

— Oh, ótimo. — Abri a geladeira e me abaixei, vendo o que havia disponível. — Exatamente o que eu quero. — Além do café durante a consulta de Luke, eu não comi nada e meu estômago roncou em protesto contra as prateleiras quase vazias. O trabalho de Jacob era reabastecer a sala de descanso, e fiz uma nota mental para cutucá-lo com um lembrete.

— Ei, se o dinheiro ficar apertado, posso sempre enviar alguns dos meus sádicos sexuais. — ofereceu Meredith. — Tecnicamente, eles poderiam ser classificados como violentos.

— Sabe, acho que estou bem. — Agachei-me e olhei a coleção de recipientes de plástico. — Quantos anos tem esse espaguete?

— Ainda está bom. — Meredith me assegurou, pescando o

controle remoto na cesta no meio da mesa. — Dois dias de idade, no máximo. Deveria haver uma data em algum lugar. — Ela ligou a TV antiga que estava sobre o balcão e mudou para o canal de notícias granulado. — Alguma notícia do seu advogado sexy?

— Completo silêncio. — Retirei a tampa do macarrão que sobrou e coloquei no microondas. — Se os policiais saírem do elevador, mostre seus peitos para que eu possa sair pelos fundos.

— Odeio dizer isso a você, rainha do drama, mas eles não podem prendê-la por não relatar as deliberações emocionais de alguém.

Eu olhei para ela. — Uh, sim, eles podem. As deliberações emocionais são chamadas de premeditação.

— Se ao menos tivéssemos um advogado para perguntar. — ela entou, levantando-se. Ela estalou as costas e suspirou. — Honestamente, não consigo decidir se ele foi um cavalheiro ou um idiota para descarregar as acusações após a penetração.

Eu considerei as opções. — Ambos. — Definitivamente ambos. A única coisa que eu não precisava era aquele lembrete de como era sexo bom e intimidade. Enrolado ao lado de Robert na noite passada, houve um período sólido de tempo em que pensei que talvez ele e eu éramos alguma coisa. Algo com futuro.

Estúpido da minha parte. Eu não era tão estúpida desde a décima série, quando acreditei em Mick Gentry quando ele me disse que fazer sexo provava que estávamos apaixonados.

— O que você acha que ele vai fazer?

— Não tenho ideia. — admiti. — Estou tão confusa com a coisa toda. Por que me contratar? Por que não me confronta naquele momento, quando ele leu o arquivo de John?

— Talvez ele gostasse de você. — Meredith refletiu, abrindo a torneira e lavando as mãos. — Tipo, *gostei de você, gostei de você*.

Eu fiz uma careta. — Lembre-me de novo, quantos anos você tem?

Meredith fechou a torneira e arrancou um pedaço de papel toalha do rolo. — Ok, eu sei que você está tentando não pensar no caso, mas

não falo com você desde que surgiu a notícia sobre a falsa história de fuga. Então, posso apenas dizer o quão estranho é que o assassino tenha deixado esse garoto ir? — Ela secou as mãos e depois enrolou a toalha. — Por quê?

— Não sei. — admiti. — Scott foi à única vítima de Beverly High. Se o assassino era Randall Thompson e ele ia deixar alguém ir, não faz sentido para ele libertar uma vítima que pudesse identificá-lo. Randall não é um gênio, mas também não é estúpido. Quanto mais descubro, mais convencida fico de que ele não é o assassino de BH. E há uma chance de Scott Harden não ser vítima do BH.

— Você está anotando essas coisas? — Meredith perguntou. — Este pode ser o seu momento de negociação do livro. Seria incrível se Scott Harden não fosse uma vítima de BH? Seriamente. — Ela se encostou ao balcão e cruzou os braços sobre o peito.

— Totalmente incrível — eu brinquei, abrindo a porta do microondas e testando a temperatura da comida com o dedo.

Eu precisava de férias, decidi. Em algum lugar longe do trânsito de Los Angeles, da poluição e dos clientes que poderiam cortar minha garganta se eu perdesse um compromisso. Em algum lugar eu poderia passar uma semana inteira e não pensar no Assassino do Coração Sangrento ou em Robert Kavin ou nas esposas mortas de clientes horríveis. Talvez o Havaí. Ou Costa Rica. Na verdade, dane-se o calor. Alasca. Sempre quis ver uma baleia.

Virei-me para Meredith para perguntar se ela tinha estado no Alasca e fiz uma pausa; sua atenção estava voltada para a TV acima do balcão.

— Você está assistindo isso? — ela sibilou, estendendo a mão e apontando o dedo no botão de controle de volume.

Deixei o microondas aberto e fui para o lado dela, concentrando-me na manchete instável da notícia.

PRISÃO SEXUAL ENCONTRADA NO SÓTÃO - É O ASSASSINO DO CORAÇÃO SANGRENTO?

Uma foto aérea passou por uma rua dividida e por uma dúzia de

policiais uniformizados que entravam e saíam de uma casa de tijolos brancos. O apresentador falou e tive que segurar o braço de Meredith para ficar de pé.

— ...seis dedos mínimos foram encontrados e nossas fontes estão confirmando que este é, de fato, o covil do assassino mais notório desta década em Los Angeles...

Tanta coisa para não pensar na morte. Randall Thompson era, de fato, inocente, e os nomes agora exibidos abaixo do rosto do apresentador eram dolorosamente familiares.

John e Brooke Abbott.

CAPÍTULO TRINTA E OITO



Voltei para casa, acelerando pela La Cienega e atravessando os fundos do meu bairro. Estacionei na garagem e perdi a chave duas vezes, minhas mãos tremendo quando finalmente coloquei a chave na fechadura da porta lateral e virei. Clem miou para mim do parapeito da janela e eu a ignorei, largando minha bolsa e as chaves no balcão e praticamente correndo para o meu escritório. Acendi o interruptor de luz na parede, sentei-me à minha mesa e puxei o arquivo de John Abbott para o centro da mesa. Fazia apenas uma semana que eu o abri, uma semana desde que vasculhei a seção que Robert tinha visto, com medo do que ele tinha lido.

Agora, eu tinha um motivo totalmente diferente para abrir o arquivo. Estendi a mão, meus dedos tremendo por cima da capa de papel pardo, e então parei. Abrindo minha gaveta, folheei as abas e encontrei o segundo item que precisava. Retirei-o e coloquei-o ao lado do arquivo de John.

O ASSASSINO DO CORAÇÃO SANGRENTO: PERFIL PSICOLÓGICO E ANÁLISE.

DRA. GWEN MOORE, MD

Eu não sabia por onde começar. O arquivo de John levaria um dia inteiro para ser revisado adequadamente, mas me daria uma visão mais aprofundada. O perfil psicológico pode estar errado. Afinal, eu o escrevi, e se as últimas doze horas provaram alguma coisa, foi que a Dra. Gwen Moore era uma péssima juíza de caráter. Mesmo assim, neste momento, eu precisava organizar meus pensamentos e

realmente explorar essa possibilidade. Respirei fundo e abri o perfil psicológico. Selecionando uma caneta Cross dourada e um bloco de notas novo da gaveta, escrevi no topo da página:

John Abbott é o Assassino do Coração Sangrento?

Olhei para a linha, sem vontade de acreditar que pudesse ser verdade. Todo esse tempo, enquanto eu assistia às reportagens e elaborava possíveis cenários e motivações - será que ele estava ali? Sentado à minha frente. Compartilhando.

Folheei as páginas introdutórias do relatório, passei pelas revelações idiotas e pela história dos crimes, e diminuí a velocidade quando cheguei a primeira carne de verdade.

O assassino irá pesquisar e perseguir suas vítimas antes de capturá-las. Ele conhecerá seus horários e vida social. Ele será extremamente cauteloso ao escolher quando capturar as vítimas e planejará tudo detalhadamente.

O detetive Saxe compartilhou as citações de voyeurismo. John foi pego várias vezes. Todas mulheres ricas. Na época, eu não acreditei na notícia, certa de que John Abbott não estava sexualmente interessado em nenhuma mulher além de sua esposa, e talvez eu estivesse certa. A polícia presumiu o cenário mais provável, mas John não estava interessado nas mulheres ricas de meia-idade. Mesmo sem conhecer as informações das mulheres, aposto que eram mães. *Ele estava espionando seus filhos adolescentes.*

Li mais adiante na página, minha seção sobre os traços de personalidade do BH.

Meticuloso em sua aparência e asseio. De natureza pura e analítica. Tem um trabalho que requer atenção aos detalhes. Preciso em seu estilo de vida. Consciente do que as outras pessoas pensam.

Era John para a T, como se eu tivesse escrito a análise só para ele. Segurei minha testa com as mãos e inalei, sentindo minhas palmas tremerem contra minha testa. — Oh Deus — eu sussurrei. — Isto é ruim.

Onde estavam os sinais? Eu tinha sentido falta deles? Ele mencionou as vítimas em nossas sessões? Ele queria tratamento para

essas inclinações e usou Brooke como desculpa?

Não. Embora eu possa ter perdido algumas referências aos meninos, recusei-me a aceitar que ele não tivesse realmente lutado contra inclinações violentas em relação à esposa. A emoção que ele demonstrou em nossas sessões, a raiva acalorada que transpareceu em seu rosto, a falha em sua voz... ele tinha sido vulnerável e honesto naqueles momentos. Eu sei que ele tinha.

Fechei os olhos e pensei na minha última sessão com ele. Ele começou a gritar, saliva saindo de sua boca enquanto falava sobre Brooke e seu vizinho.

— Posso ver isso na maneira como ela olha para ele. — John ficou de pé, andando pela área entre nossas cadeiras com passos curtos e rígidos. — A maneira como ela fala sobre ele. Ela está pensando nele durante o sexo, posso sentir isso. Ela está brilhando como uma maldita garota do ensino médio. — ele zombou. — E ela fica sozinha em casa o dia todo? Eles estão trepando, eu sei que estão. — Ele chutou a pequena cesta de lixo ao lado da minha mesa, e ela voou pela sala e bateu contra a parede.

Isso aconteceu apenas duas semanas antes da libertação de Scott Harden e das mortes de Brooke e John. John tinha me contado que o cara era um vizinho novo, mas olhando a linha do tempo... e se tivesse sido Scott Harden?

Inspirei profundamente, tentando desacelerar meu processo de pensamento. Se o ciúme de John fosse sobre as interações de Brooke com Scott Harden - e antes disso, Gabe Kavin - então isso significava que Brooke estava interagindo com as vítimas. Que ela estava ciente do que John estava fazendo.

Eu pensei que John era paranoico, mas talvez não fosse. Talvez Brooke estivesse dormindo com os homens. Os estupros... Ela estava envolvida?

A pomada. Os gestos gentis. Eu presumi que fosse uma identidade dissociativa, mas e se não fosse uma segunda personalidade? E se fosse uma segunda pessoa?

Brooke.

Um terrível pressentimento atingiu o centro da minha alma como uma faca enquanto as possíveis implicações eram absorvidas.

Uma mulher poderia explicar por que Scott Harden mentiu. Um adolescente inexperiente, dormindo com uma mulher adulta - era um salto muito mais fácil para a síndrome de Estocolmo, especialmente se ela fosse uma boa policial, em vez de uma má policial de John. Ela desenvolveu sentimentos verdadeiros por Scott Harden? Foi ela quem o deixou ir? E foi por isso que John a matou?

As datas se alinharam. Eu nunca tinha somado dois mais dois, mas Brooke e John morreram na mesma manhã em que Scott Harden reapareceu. Minha mão tremia e apertei minha caneta para interromper o movimento.

Pensei na repetida insistência de John de que ela estava desenvolvendo sentimentos pelo vizinho. O que ele havia dito na manhã de suas mortes? Que ele pensava que ela iria deixar John e fugir com ele. Talvez ele estivesse certo.

O pavor de repente se instalou quando meia dúzia de peças se encaixaram no lugar.

Eu disse a ele para se livrar do paisagista.

Praticamente rasguei a frente do arquivo de John e folheei furiosamente as páginas, passando o dedo pelas anotações do nosso primeiro mês de sessões. Informações básicas... sua história com sua esposa... lá. O paisagista.

John estava preocupado que eles estivessem chegando perto demais. Tinha os ouvidos rindo juntos. Mantendo contato visual um com o outro. Encontrou louça suja na pia e especulou que ela havia preparado o almoço para ele.

Meu roteiro elegante registrou minha solução para suas inseguranças agonizantes.

Sugeri que ele resolvesse o problema demitindo o paisagista.

Esses encontros iniciais com John foram dominados pelas

preocupações dele com ela e o paisagista. John queria *matar* Brooke por medo de seu suposto caso e sentimentos pelo homem. Então eu o empurrei pelo caminho de menor resistência. Foi fácil. Retire o paisagista da equação e concentre-se em reconstruir e fortalecer seu relacionamento com sua esposa.

Mas se o vizinho em nossas sessões mais recentes fosse realmente Scott Harden, então o paisagista era... Soltei um soluço de dor e coloquei as mãos no cabelo. Gabe Kavin. *Eu disse a ele para se livrar de Gabe Kavin.*

O afogamento seco. A morte que foi diferente das outras. Será que seu ciúme furioso foi o gatilho para a forma violenta de morte? Ohhhh, eu entreguei a ele a solução, minha voz suave, a opinião pronunciada com confiança.

Fechei os olhos com força, tentando bloquear as fotos da autópsia. Seu olhar vítreo. O sangue endureceu ao redor do coração. Ele era tão jovem. Tão inocente.

— Olá, Gwen.

Eu me encolhi, minhas mãos se afastando da cabeça quando olhei para cima e vi Robert na porta do meu escritório. Solta ao seu lado, com a lâmina refletindo a luz, havia uma faca.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE



Scott Harden ficou no chuveiro e inclinou a cabeça em direção à grande chuva. O vapor subia de sua pele enquanto a água quente salpicava suas bochechas e ombros. Apertando os lábios, ele fechou os olhos e deixou a tensão sair dele.

Durante aquelas sete semanas no sótão, ele sonhou com esse banho. E agora, no meio daquele espaço gigante, os pés descalços apoiados nas pedras planas do chão, ele só queria estar de volta. De volta ao sótão. De volta à cama. De volta àquela cadeira dobrável de metal onde ela passava uma esponja gigante em seu corpo nu. Sobre seus cortes. Ao longo de suas costas. Entre suas coxas. Pensando nisso agora, ele endureceu, mas quando se abaixou e se acariciou, a mesma coisa de antes – um amolecimento instantâneo. Como se ela fosse a única com o poder de lhe trazer prazer.

Talvez fosse porque ela foi à primeira dele. As meninas da escola sempre falavam sobre isso - como se o cara que tirou a virgindade delas tivesse algum tipo de poder sobre elas. Ele sempre riu da ideia, mas talvez elas estivessem certas. Talvez tenha sido por isso que ele caiu tão rápido e com tanta força. Era por isso que ela não saía da mente dele?

Ele pegou o shampoo e esguichou um pouco do líquido roxo-claro na mão. Não havia uma maneira fácil de lavar o cabelo no sótão. E ela não confiava nele o suficiente para deixá-lo descer. Ele passou os dedos ensaboados pelos cabelos e se lembrou das unhas compridas dela, de como elas arranhavam e massageavam seu couro cabeludo. O

roçar suave dos lábios dela na testa dele.

Era diferente estar com uma mulher mais velha. Todas as meninas da escola pareciam tão inúteis e imaturas comparadas a ela. Seu olhar confiante enquanto ela montava em seu corpo nu. O ronronar sedutor da voz dela em seu ouvido. Ela o amava. Isso foi o que ela sussurrou em seu ouvido enquanto aquele idiota observava. Ela havia *entendido* Scott.

E todos os dias, depois que o marido saía para trabalhar, ela mostrava a ele. Ela beijou e tratou as feridas da noite anterior. Ela vestiu sua roupa de renda e deitou-se ao lado dele e conversou sobre a vida que compartilhariam. Sem Jay. Sem escola. Ela não o tinha visto quando criança; ela o via como um homem. Ela o queria.

E ele a queria. Mesmo agora, um mês depois. Especialmente agora.

— Scott?

Ele xingou ao som de sua mãe. Ela não o deixaria sozinho. Sempre pairando. Sempre observando, uma linha nítida no meio da testa, como se ela estivesse tentando entendê-lo. Ele desejou que ela simplesmente parasse. *VÁ EMBORA*. Monitorando suas ligações? Ele não tinha mais privacidade?

Ele colocou a cabeça debaixo d'água, lavando o shampoo, e ignorou a segunda chamada de seu nome, desta vez mais alta. Mais perto. Ainda bem que ele tinha trancado a porta. Ela provavelmente estava com a boca aberta, aqueles peitos falsos gigantescos empurrados contra a madeira.

Por que ela conseguiu isso, afinal? Papai não se importou. Papai mal tinha notado.

Os seios de Brooke eram perfeitos. Ela o deixou passar o dia inteiro tocando-os, deixou-o fazer as perguntas que quisesse sobre eles. Eles tinham sido naturais, ela disse isso a ele.

Houve um estalo alto e algo caindo do lado de fora da porta do box. Scott limpou a condensação do vidro e viu a porta do banheiro aberta, seus pais parados ali. Que diabos? Ele estendeu a mão e

desligou a água.

— Scott?

Por que sua mãe continuou dizendo seu nome? Ele puxou a toalha da prateleira de aquecimento.

— Scott, as notícias mostram algum tipo de quarto que encontraram. Um sótão. — Seu pai falou em um tom severo que Scott não ouvia há muito tempo.

Ele fez uma pausa, a toalha pressionada contra seu rosto. Um sótão. Ele enxugou a água dos olhos e lentamente envolveu-se com ela. Ele abriu a porta do chuveiro e saiu.

Seus pais ficaram lado a lado, os ombros se tocando. Sua mãe com blusa vermelha e short branco. Seu pai, com cabelos quase totalmente grisalhos, com as mãos apoiadas nos quadris.

— Posso ter um pouco de privacidade?

— Você nos ouviu? — sua mãe repetiu. — Eles encontraram um sótão cheio de coisas e estão dizendo que era onde você foi mantido.

— E não está na casa de Randall Thompson. — acrescentou seu pai severamente.

Claro que não foi. Randall Thompson era um peão, alguém que merecia apodrecer em uma cela pelo resto da vida pelo que fez a Brooke. Scott colocou a toalha em volta dos quadris e passou por eles em direção ao seu closet.

— Você foi mantido em um sótão? — sua mãe perguntou.

Ele puxou uma camiseta branca da pilha e se perguntou o que a polícia sabia. Como eles encontraram o sótão? Se a casa estivesse à venda e Brooke e Jay tivessem partido, eles não teriam esvaziado o sótão na mudança?

— Esta é a casa onde foi encontrado. — Sua mãe segurou o celular perto do rosto dele. Ele tentou se virar e ela se aproximou. — *OLHE*, Scott. Reconhece esta casa?

Claro que sim. E é claro que ele não podia admitir isso. Porque, de

acordo com o que ele disse à polícia, ele foi solto a alguns quilômetros de sua casa e não viu onde foi mantido.

— Não sei. Não. — Ele tirou o braço dela do caminho.

— Eles encontraram dois cadáveres nesta casa no dia em que você apareceu aqui. — A voz de sua mãe era de aço, seus pés firmemente plantados.

Dois cadáveres? Sua mão, que estava pegando um short, parou no ar. — Quem?

— John e Brooke Abbott. — Ela passou o dedo na tela do telefone e ergueu uma nova imagem para ele ver.

John e Brooke Abbott

John e Brooke Abbott

John e Brooke Abbott

John e Brooke Abbott

John e Brooke Abbott

Tudo em sua mente parou na imagem do casal. Brooke estava usando um vestido de verão vermelho, seus longos cabelos em cachos ondulados sobre os ombros, um sorriso no rosto. Jay estava com uma camisa de colarinho e calça cáqui, o cabelo tingido de preto caído sobre a testa calva. Eram eles, logo abaixo de uma manchete preta e em negrito que dizia: OS ASSASSINOS DE CORAÇÕES SANGRADOS REVELADOS.

Jay. John era o nome dele? Não admira que Scott não tivesse encontrado nada sobre eles na internet, embora isso fosse impossível de qualquer maneira sem saber seus sobrenomes. Agora, ele pegou o telefone da mãe e olhou para a foto deles. O homem que destruiu sua vida e a mulher que a salvou. Três meses, ela dissera. *Espera três meses e depois me ligue.* Ela colocou um bilhete com seu número dentro do bolso dele. *Três meses. Ela o beijou nos lábios. Então poderemos ficar juntos.*

Mas ele não conseguiu esperar três meses. Ele enlouqueceu sem ela, sentiu-se perdido em sua antiga vida e tinha muitas perguntas. O que dizer à polícia, se ela o tinha visto na televisão e se ele podia vê-la.

Só de longe, pelo menos. Se ele pudesse apenas falar com ela, então talvez a sensação de entorpecimento que o dominava parasse.

Então, ele ligou para ela. Cedo, ele sabia. Mas ele ainda esperava que ela atendesse ou pelo menos retornasse suas ligações. Quando ela não o fez, ele começou a enviar mensagens de texto para ela. E então a caixa postal dela ficou cheia, e ele quebrou todas as regras e traçou o caminho que percorreu de volta para a casa deles. Ele não tinha um plano. Ele só ia passar de carro. Talvez estacione algumas casas abaixo e passe por lá. Talvez esperasse até ela sair de casa e depois siga-la.

No dia em que ele dirigiu até lá, haviam se passado apenas três semanas desde sua fuga, e ainda assim eles haviam partido. As persianas das janelas foram fechadas. Carro sumiu. A grama estava recém-cortada e havia uma placa de *VENDE-SE* no quintal. Quando ele ligou para o número da placa, uma senhora disse que não morava ninguém na casa.

Brooke o havia deixado. Abandonou seus planos de um feliz para sempre e foi embora. Isso foi o que ele pensou, com o coração partido ao voltar para sua vida vazia, ignorar as perguntas dos pais e se deitar na cama.

Mas talvez ela não tivesse ido embora. Talvez ela tivesse...

— Scott, foi quem levou você? — Foi à vez de seu pai segurar um telefone, e sua tela agora estava em uma foto do rosto de Jay, aquele sorriso feio expondo a fileira superior torta de seus dentes brancos e branqueados. Ele deu aquele mesmo sorriso quando parou Scott no estacionamento da escola. Manteve aquele sorriso enquanto prendia Scott no colchão e abria as pernas. Mais tarde, Brooke disse que era uma coisa de dominação. Que Jay havia sido abusado quando criança e que algo sobre aceitar a dor e a inocência de outra pessoa lhe dava paz.

Jay precisava de muita paz. Quanto mais Scott gritava e implorava através de sua mordaça, mais amplo aquele sorriso estúpido se tornava. E Brooke ficou lá sentada em silêncio e observou tudo acontecer. Deixou acontecer porque se ela não tivesse feito isso, ele teria virado tudo contra ela. Ela tinha sido uma prisioneira, assim como ele. E ela o curou todos os dias enquanto Jay estava no trabalho,

e ele a curou também.

Seu pai o sacudiu com tanta força que seu pescoço doeu com a força. — Scott!

— Quem está morto? — Brooke não estava morta. Isso não estava certo. Não foi por isso que ela não respondeu.

— John e Brooke Abbott. — Sua mãe se aproximou e ele se sentiu preso no pequeno espaço, os dois chegando cada vez mais perto, olhando para ele como se ele tivesse feito algo errado. — Scott, a polícia estará aqui em breve e vão prender você.

Ele olhou do rosto dela para o do pai, mas ainda não entendeu.

Ela estava viva. Ela o empurrou porta afora com um beijo, a sensação dela permanecendo em sua boca, e eles teriam um futuro juntos. Três meses. Três meses, depois para sempre.

CAPÍTULO QUARENTA



Pesei minhas opções com muito cuidado. Robert ficou na única saída da sala. Meu telefone estava na mesa ao meu lado, ao alcance do braço se eu tentasse pegá-lo. Ele deu um passo à frente e eu enrijei, observando enquanto ele arrastava a ponta curta da lâmina pelo topo da minha mesa. Ele cortou perfeitamente a capa de couro, dissecou o fio do telefone e de repente, aquela tábua de salvação desapareceu.

Encontrei seus olhos, e este era um novo Robert, um que eu não tinha visto antes. Alguém que se apegava à sanidade e à razão com um aperto muito cansado. Ele me olhou com uma mistura de pena e desgosto. — Você deixou meu filho morrer, Gwen.

Ele estava certo e errado. Embora minhas intenções fossem verdadeiras, minha consciência era falha. Um psicólogo melhor poderia ter feito perguntas diferentes e revelado a verdadeira depravação dos pensamentos de John. Com esse conhecimento em mãos, um psicólogo melhor poderia ter chamado à polícia, salvado Gabe e trancado John muito antes do inferno que Scott Harden passou.

Mas eu saberia sobre Brooke? Eu teria encontrado aquela peça? Provavelmente não. E John tinha sido inteligente. Ele estava calculando. Ele sabia exatamente o que me dizer e que linha seguir sem me alarmar a ponto de chamar as autoridades.

Posso ter cometido erros, mas nada do que fiz ou deixei de fazer foi intencional. Meu engano, minha evasão... tudo o que aconteceu depois das mortes de Brooke e John e não teria mudado nenhum desses acontecimentos horríveis.

Robert levantou a faca, mas manteve minha atenção em seu rosto, procurando por um toque de compaixão em seus olhos. Não havia nada, apenas ódio cansado e não filtrado. Ele não era um assassino. Eu sabia que ele não era um assassino. Ele estava ferido. Ele estava com raiva. Mas ele não me faria mal, não se soubesse de tudo.

Eu acreditei. Eu tinha que acreditar.

— Robert — sussurrei — Eu não sabia que John era o assassino.

— Besteira — ele cuspiu. — Você me disse que sabia. John Abbott estava vendo você enquanto amarrava meu filho no sótão. Ele estava vendo você quando matou meu filho. Ele estava vendo você quando roubou Scott Harden da família dele. — Ele cerrou as palavras e reposicionou a faca em sua mão, conseguindo segurá-la melhor. Pensei no tom sombrio do detetive Saxe quando deu a notícia da morte de John.

O homem foi esfaqueado no estômago. O ângulo e a situação nos levam a acreditar que foi autoinfligido.

— Não! — Balancei a cabeça, procurando desesperadamente em minha mesa algo que provasse minha inocência. — Quando você perguntou se eu sabia o que John tinha feito, pensei que você estava perguntando sobre Brooke. Ele matou Brooke. Era isso que eu estava escondendo de você. Isso é o que eu deveria ter contado à polícia. — Pressionei as palmas das mãos, implorando a ele. — E eu estava tratando John porque ele estava se comportando de forma violenta com ela.

Ele fez uma pausa e pelo menos estava ouvindo. A natureza humana ditaria que ele quisesse acreditar em mim. Eu só tive que dar a ele as peças para justificar isso em sua mente. Tentei não olhar para a faca. Agora não era hora de lembrá-lo disso.

— Não. — ele disse firmemente. — Não. Você disse que os clientes confessaram coisas para você. Você disse que poderia tê-lo impedido de matar, e não o fez.

— Eu estava falando sobre Brooke. Tudo o que conversamos foi sobre Brooke. — eu disse com firmeza, então coloquei minha mão no

arquivo de John. — Este é o arquivo dele. Tem todas as sessões que já tive com ele. Leia-o. Todas as minhas anotações estão aí. Brooke o estava traindo e ele estava furioso com isso. Ele estava preocupado em machucá-la e estávamos trabalhando nisso.

— Trabalhando para impedi-lo de matar sua esposa? E meu filho?
— Ele cerrou a mão livre em punho.

— Eu não sabia sobre Gabe. — eu disse suavemente. — Eu não fazia ideia. — Apontei para o perfil e meu bloco de notas, ainda praticamente em branco. — Acabei de ver a notícia, sobre o sótão, e voltei direto para casa. Eu precisava passar por tudo e ver... — Eu vacilei, a emoção tomando conta de mim, apertei meus lábios e tentei engolir a emoção. — Eu precisava ver... — Tentei novamente. — Como eu tinha perdido algo tão horrível. Ele me deu pistas e eu não as peguei? — Minha voz ficou presa. — Sinto muito, Robert. — Eu engasguei com o pedido de desculpas. — Eu sinto muito.

Ele engoliu em seco, e eu vi o desmoronamento de suas feições, a perda de controle de um homem que estava tão ferido que iria quebrar. Ele lentamente afundou na cadeira, seu olhar fixo no meu. Seus olhos intensos e penetrantes. — Não minta para mim, Gwen.

— Eu não estou. — Mantive o contato visual e respirei fundo, precisando me recompor, controlar minhas emoções e manter o equilíbrio. Sua raiva estava diminuindo, mas ele ainda era muito perigoso e emocionalmente volátil.

Pensei na vez em que estivemos nesta sala. Quando ele estava de pé sobre minha mesa, o movimento lento de sua cabeça em minha direção quando entrei na sala. As perguntas contínuas sobre John Abbott alimentaram meu medo de que ele soubesse sobre Brooke. Mas ele não tinha. Sua raiva era pelo Assassino do Coração Sangrento, não pela morte de Brooke. Então se...

Minha mente passou por todos os momentos suspeitos, pela sensação constante de que ele estava dois passos à frente do jogo, por sua insistência inabalável de que Randall Thompson era inocente e Scott Harden estava mentindo. — Você sabia. — eu disse calmamente. — Você sabia que John era o Assassino do BH.

Seu rosto não mudou. Ele não assentiu. Ele não reconheceu isso. Ele não negou. Mas eu sabia que estava certo. As pistas estavam todas lá - eu só tinha perdido algumas cartas.

— O que você acha? — Eu perguntei lentamente. — Você pensou que eu sabia que John Abbott era o assassino e ainda montei esse perfil ridículo?

— Foi muito certo para ele — disse ele calmamente. — E eu perguntei se combinava com algum de seus clientes.

— Bem, eu não estava pensando nos meus clientes mortos. — eu disse, frustrada. — E minha entrevista com Randall Thompson foi o que... um teste? Cada conversa que tive com você, onde discuti sobre a inocência de Randall... você pensou que era isso? Eu fingindo ser uma idiota? — Minha voz aumentou, e discutir com um homem armado e emocionado era a maneira número um de ser morta, mas não consegui me conter.

— Eu precisava saber o que John havia lhe contado. — Um pouco de fogo estava voltando aos seus olhos, e essa mudança de assunto foi à ideia mais inteligente ou a mais estúpida que eu já tive. — E você foi cautelosa sobre isso, então finalmente saí e perguntei a você.

Resisti à vontade de verificar se a faca ainda estava em sua mão. — Você não veio me perguntar se John era o Assassino do BH. Você me perguntou uma coisa... — Soltei um suspiro frustrado. — Algo como... eu sabia o que ele fez, ou algo geral como o inferno que tomei como uma referência a Brooke. Você acha que se eu estivesse escondendo a identidade do Assassino do BH eu teria deixado você chegar a trinta metros de mim? Contratar-me? Dormir nu na minha cama? — Levantei as mãos em frustração. — Acho que todos podemos concordar que meus poderes de intuição e dedução, no que diz respeito a John Abbott, eram...

— Horríveis — ele forneceu inutilmente.

— Falhos — eu permiti. — Mas eu não sou idiota. Eu não sou idiota. Diga-me que você acredita nisso.

Em resposta, ele lentamente colocou a faca entre nós, na minha

mesa. Ele fez uma pausa e depois a soltou. Um ramo de oliveira com lâmina de dez centímetros.

Olhei para ele e senti cada músculo do meu corpo dar lugar ao alívio. Não era segurança, mas ele acreditou em mim.

— Robert — eu disse cuidadosamente — Quando você descobriu que John era o cara?

Seu rosto se contraiu e havia mais ali. Eu havia confessado meus crimes e ele precisava confessar os dele. — Dois de outubro.

Olhei para minha mesa, clicando na linha do tempo em minha mente.

— Foi um dia antes de ele morrer. — Sua voz era monótona e prosaica. Quando estudei seu rosto, ele era sombrio, mas sem remorso. — Um dia antes de eu matá-lo.

E aí estava. A confissão.

— Eu... uh... entrei na cozinha e o encontrei ajoelhado sobre a esposa. Ele estava chorando. Sacudindo ela. Fazendo respiração boca a boca, mas ela estava morta.

Não fiquei surpresa ao saber que John havia se arrependido da ação. Eu disse a ele, tantas vezes, em tantas sessões, que matá-la não resolveria nada. Que seria um breve momento que arruinaria toda a sua vida. Ele a amava ferozmente, de uma forma não natural, no tipo de apego raro que o egoísta reserva para seus brinquedos.

— Ele não me ouviu. Eu tinha uma arma, mas coloquei-a em cima do balcão e tirei uma faca do bloco.

Suas palavras estavam empoeiradas, como se tivessem esperado muito tempo para sair. Ele examinou a palma da mão, esfregando os dedos contra a superfície dela. Ele baixou as mãos e encontrou meus olhos.

— Eu sabia que Scott tinha ido embora. Eu estava vigiando a casa. E isso... parece tão errado, mas fiquei bravo quando vi Scott sair. Eu não entendia por que ele poderia ser dispensado, mas Gabe não o foi. Eu... — Ele fez uma pausa e respirou fundo. — Eu estava de luvas. Eu

me agachei atrás dele, estendi a mão e o esfaqueei o mais forte que pude, no abdômen. — Ele franziu a testa. — A faca era longa. E afiada. Ele caiu para trás e não conseguiu se mover. Ele tentou. Ele tentou sentar-se, rolar, mas não conseguiu.

Fiquei em silêncio e pude imaginar isso. Tudo o que ele estava dizendo. A expressão que teria surgido no rosto de John. A dor que aquela ferida teria causado. Mas ele tinha apreciado isso? Será que ele olhou para Brooke, morta ao seu lado, e sentiu que merecia esse destino?

Robert deu um sorriso triste. — Ele me reconheceu. Ele sabia por que eu estava lá. E ele não conseguia se mover, mas conseguia falar. Sentei-me à mesa, durante quinze minutos, observei-o morrer.

Três batidas fortes soaram na janela da porta da frente e nos fizeram estremecer. Robert levantou-se e saiu para o corredor. Observei enquanto ele olhava para baixo, em direção à porta da frente. Eu sabia o que ele estava olhando. Minha porta da frente era moderna, três retângulos altos de vidro que eliminavam a necessidade de um olho mágico.

— Quem quer que seja pode ver você. — eu disse. — Está escuro lá fora, há luz aqui. — A faca estava na minha frente. Se eu me esticasse, poderia arrancá-la da beirada da mesa. Mantive minhas mãos no colo.

Ele olhou para mim. — É a polícia.

CAPÍTULO QUARENTA E UM



Não tive oportunidade de processar o anúncio antes de Robert caminhar pelo corredor e desaparecer de vista. Levantei-me para segui-lo e ouvi a porta da frente se abrir.

— Detetive Saxe — disse Robert calorosamente, e o homem merecia um prêmio de atuação.

Entrei no corredor e caminhei lentamente em direção à porta da frente, me perguntando por que o detetive estava aqui. Anteriormente, eu estava preocupada com a possibilidade de ser presa por não ter relatado as premeditações de John em relação à Brooke. Agora, com seu selo Assassino do BH instalado, isso realmente importava?

Outra possibilidade entrou na briga. O detetive Saxe poderia ter a mesma opinião que Robert tinha: que eu sabia a identidade do assassino do BH esse tempo todo. Meu estômago revirou.

— Boa noite, Sr. Kavin. — O detetive estava na varanda da frente e me olhou quando parei ao lado de Robert. — Dra. Moore.

Limpei a garganta. — Oi. Entre.

Robert foi para o lado e o detetive entrou, com o distintivo brilhando no quadril. Fiz um gesto para que eles entrassem no escritório e acendi uma luminária ao lado da cadeira.

— Então, vocês dois estão aqui. — O detetive olhou para cada um de nós. — De novo. Isso é uma coisa ou vocês realmente adoram falar sobre pessoas mortas?

Esfreguei a testa e desejei ter comido o espaguete no escritório. Eu me sentia tonta por falta de comida e precisava de toda a minha capacidade intelectual limitada agora. — Vimos à notícia. Estou surpresa que você não esteja no local.

— Eu estava, mas apenas porque originalmente era minha cena. A força-tarefa e os federais assumiram o controle agora. Os detetives estão indo para a casa de Scott Harden, mas pensei em passar por aqui primeiro. Tentei ligar, mas você não atendeu.

Olhei na direção da cozinha, minha bolsa ainda no balcão onde a havia deixado. — Desculpe, meu telefone está na cozinha.

— Bem, estamos tentando descobrir o que aconteceu. Temos dois serial killers mortos e um garoto que escapou na manhã em que morreram. Antes de começar a investigar Scott por aquele assassinato, queria saber se você tinha alguma ideia, especialmente porque John Abbott ligou para você naquela manhã.

Encontrei os olhos de Robert por um instante, depois desviei o olhar. Quantas pessoas, além dele e eu, sabiam que ele havia matado John?

E como ele sabia que John era o Assassino do BH? Esta última era uma pergunta para a qual eu ainda precisava de uma resposta.

— Certo? Não foi isso que você me disse inicialmente? Que John deixou uma pequena mensagem de voz pedindo que você ligasse de volta para ele? — O detetive Saxe ergueu os olhos de um pequeno tablet. — Quer mudar alguma parte dessa história?

— Dois serial killers mortos? — Eu fiz uma careta. — Você tem provas definitivas de que Brooke Abbott estava envolvida?

— Não tem como ela não estar. Não com ele mantendo os meninos em casa. Agora... — Ele soltou um suspiro frustrado. — Mais alguma coisa que eu preciso saber? Porque tenho que lhe dizer, doutora, dado o que seu paciente estava fazendo, sua linda cabecinha está prestes a receber muito mais atenção.

Ele estava certo. E se era nesse momento que perdi minha licença médica, que assim seja. — John matou sua esposa. Não tenho certeza

disso, mas sei que o desejo dele de matá-la era o motivo pelo qual eu o estava tratando, e passei um ano ouvindo-o falar sobre isso. Você provavelmente fez um exame toxicológico nela em busca de venenos, mas eu verificaria se havia vitaminas que podem ser mortais em combinação com qualquer que fosse o medicamento para o coração. — Percorri a curta distância até o assento mais próximo e sentei-me, imediatamente aliviada pela confissão.

O detetive Saxe olhou para mim como se eu fosse louco. — John Abbott queria matar sua esposa? Você espera que eu acredite que foi por isso que você o estava tratando?

— Sim. A ficha de paciente dele está no meu escritório. Leve-a com você, se precisar.

— Uau. De repente cantando e pronta para revelar as confidências dos pacientes. — Ele olhou para mim com um desgosto velado. — Você poderia ter me contado isso desde o início. Economizado muito tempo para o departamento e para mim.

— Ambos estavam mortos. — eu disse simplesmente. — Eu não sabia sobre os adolescentes. Achei que ele era apenas um marido ciumento, que tentava não machucar a esposa.

— Não acho que a Dra. Moore deva dizer mais nada. — Robert interveio, e foi fofo como um homem que veio aqui para me matar estava agora protegendo meus direitos legais.

Saxe fez uma pausa e eu acenei para ele avançar. — Continue.

— E John Abbott nunca disse nada sobre os meninos amarrados a um colchão em seu sótão?

Forcei-me a não entrar na toca do coelho do psiquiatra, mas os detalhes eram fascinantes. A consciência de Brooke sobre os atos. Seu potencial envolvimento romântico com as vítimas. Mantendo-os em sua casa.

No silêncio expectante, balancei a cabeça. — Não. Ele nunca mencionou isso. Nunca sequer insinuou isso. Voltei para casa assim que ouvi a notícia, para examinar seu arquivo e ver se havia algo que eu perdi, mas... — Olhei entre os dois homens. — Acho que não. Eram

dois personagens separados. Moralmente, ele estava bem em ser o Assassino do BH. Gostado, se eu tivesse que adivinhar. Mas seus pensamentos sombrios se voltaram para Brooke... isso o assustou. É por isso que ele veio até mim. Eu simplesmente não percebi com o que estava lidando. — Engoli.

Pela expressão do Detetive Saxe ficou claro o que ele pensava da minha competência. Bem, dane-se ele. Eu tentei o meu melhor com as informações que recebi. Sim, eu mantive as coisas em segredo, para proteger minha carreira. Mas Robert também. E provavelmente, em algum momento, o detetive Saxe também. Era da natureza humana se proteger.

— Então, John matou Brooke? — Saxe perguntou.

— Tenho quase certeza. Como eu disse, eu faria o exame toxicológico.

— E quem matou John?

A sobrelha de Robert se contraiu e agora era o momento. Eu poderia simplesmente contar a Saxe, agora mesmo. Ele estava armado, ele poderia me proteger. Prender Robert e levá-lo embora. Esse era meu dever cívico, certo? Em vez disso, apertei meus traços faciais com uma expressão confusa. — Achei que você tivesse me contado que ele se matou. Esfaqueou-se no abdômen.

— Eu fiz... — ele disse lentamente. — Mas agora sabemos mais. Há muito mais motivos para alguém querer que ele morra. — Ele olhou para Robert. — Veja o Sr. Kavin, por exemplo. Seu filho foi à sexta vítima. Tenho certeza de que se colocássemos uma faca nas mãos de algum dos pais, eles teriam cometido o crime. Você concordaria?

Se eu estivesse suando, Robert ficaria frio como gelo. — Eu o teria estripado como um peixe. — disse ele sem hesitação.

O detetive Saxe riu. *Riu*. Acho que não fui a única incapaz de identificar um assassino quando ele estava bem na minha frente. O policial voltou sua atenção para mim. — Então, você acha que o suicídio ainda é consistente com a mentalidade dele?

— Ele estava perdidamente apaixonado pela esposa. Se ele

quebrasse e realmente a machucasse... a matasse? Sim. Absolutamente. Matar-se teria sido muito plausível, se não fosse esperado. — Como não havia mais ninguém sentado, agarrei os braços da cadeira e me levantei.

— OK. — O detetive assentiu. — Entrarei em contato novamente caso tenha mais perguntas. Kavin, parece que você deu uma pausa com seu cliente.

— Eu não chamaria isso de uma pausa. — disse Robert. — A vida de Thompson foi arruinada.

— Bem, processe Scott Harden, não o departamento de polícia. — Ele enfiou o tablet no bolso da camisa. — Fique na cidade, Dra. Moore. Provavelmente voltaremos para buscar esse arquivo.

— Claro. — eu disse sarcasticamente, e nem me senti nem um pouco culpada por deixá-lo acreditar que John havia se matado.

Quando o detetive saiu, Robert permaneceu no hall de entrada. Ele se virou para mim e houve um momento de silêncio enquanto estávamos a poucos metros de distância.

— Não se sinta culpada pela morte de Brooke. — ele disse rispidamente. — Ela era tão monstro quanto ele. Enquanto ele estava morrendo, ele me contou tudo. — Ele fechou os olhos e respirou fundo dolorido. — Foi ruim, Gwen. Ele era físico com os meninos, mas ela era emocionalmente cruel. Era um jogo sexual e emocional entre eles, com os meninos como peões. Ela merecia morrer, e de uma maneira muito pior do que morreu.

Abracei meus braços sobre o peito. — Vou tentar não fazer isso, mas a culpa ainda está lá. Agora, em cerca de cem novas maneiras.

Da rua, o carro do detetive ganhou vida. Robert girou a maçaneta e abriu a porta da frente. — Adeus, Gwen.

Eu dei um passo à frente. — Espere. Robert.

Ele me ignorou, indo até a varanda e fechando a porta, rápido o suficiente para quase me atingir. Recuei e observei-o através das finas vidraças. Ele entrou no pátio escuro e não olhou para trás. Alguns segundos depois, as luzes do carro acenderam no meio-fio e então

partiram.

Girei a fechadura, fui até a cozinha e repeti a ação na porta lateral, irritada comigo mesma por deixá-la destrancada. Voltando ao meu escritório, sentei-me na cadeira e peguei a faca que ele havia deixado para trás. Era uma das de sua coleção, sobre a qual ele não havia contado nenhuma história. Virei-a nas mãos, coloquei-a na gaveta da escrivaninha e soltei um suspiro, olhando os papéis espalhados diante de mim.

Há uma hora, eu estava desesperada para olhar o arquivo de John e encontrar as pistas que poderia ter perdido. Agora, era a última coisa que eu queria fazer. E isso realmente importava? Em algum momento, o arquivo seria confiscado pela polícia ou pelos tribunais. Meu trabalho seria uma notícia, um verbete na Wikipédia e uma conversa em um coquetel. Eu ficaria famosa como a psiquiatra mais inepta de todos os tempos. Randall Thompson seria libertado. Scott Harden... Eu fiz uma careta, sem saber o que seria dele. Obstrução da justiça, certamente. Isso também estava no meu futuro?

Eu não me importei. Eu passei o último mês paralisada de culpa pelo assassinato de uma mulher, e ela se revelou um monstro. Eu agora tinha o sangue de dois adolescentes na consciência e passaria as próximas décadas micro analisando cada conversa que tive com John Abbott.

Há apenas uma semana, eu estava muito entusiasmada com a oportunidade de falar com Randall Thompson. Eu considerei uma oportunidade única na vida sentar em frente ao Assassino do Coração Sangrento. Agora, eu sabia que tive um ano de interações. Eu rabisquei nas margens do meu caderno enquanto o assassino reinante de Los Angeles falava.

Eu tinha falhado e não tinha certeza se algum dia me perdoaria por isso.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

UM MÊS DEPOIS



Scott Harden estava parado na grama alta e observava Randall Thompson pela janela. Ele se sentou à mesa, a cadeira puxada para perto, a barriga encostada na borda, e levou garfadas de macarrão até o rosto. Seu olhar estava fixo e imóvel na tela em sua mão. Os sons fracos de vozes entravam pela janela, uma comédia passando no aparelho.

Na mão de Scott estava a faca. A mesma faca que Brooke lhe dera naquela manhã, quando o levou para fora, o plano deles em ação no momento em que o carro de John saiu da garagem. — Só por precaução. — ela disse, depois deu um beijo na testa dele. Eles não haviam discutido o que seria coberto por precaução, mas matar Randall Thompson era um motivo tão bom quanto qualquer outro, que teria deixado Brooke orgulhosa. Um que, se John Abbott realmente amasse sua esposa, ele teria cuidado por si mesmo.

Mas ele não tinha feito isso, e agora esse idiota estava processando Scott, e seus pais, e o departamento de polícia, e iria receber dez milhões de dólares, de acordo com seus advogados.

Não era assim que deveria acontecer. Não era isso que Brooke queria. Foi ela quem arriscou tudo e entrou furtivamente na casa do estuprador, colocando a caixa de souvenirs debaixo da cama dele. Foi ela quem planejou tudo para que esse saco de merda finalmente conseguisse o que merecia. Foi ela quem confiou em seu professor e em troca teve sua inocência despojada.

O professor de ciências estuprou Brooke. Estuprou-a sem camisinha, quando ela perdeu a menstruação, teve que contar à mãe, que ainda se recusava a acreditar que era ele, mas a levou até a clínica e a repreendeu durante todo o processo de rescisão.

Brooke contou a Scott que ninguém acreditou nela. As meninas da escola a chamavam de vagabunda. Todos rejeitaram suas reivindicações, até mesmo seus pais. Ela teve que ficar na aula de Randall, sentada na primeira fila, e sentir o calor do olhar dele sobre ela durante todo o semestre.

Ele tinha feito isso com ela e com outras pessoas, e nunca foi forçado a pagar por suas ações – não até agora. Scott contornou a casa e foi em direção à porta dos fundos. Lá dentro, Randall riu. Ao lado de Scott, um ar condicionado ganhou vida.

Scott pensou em Brooke, seu cabelo macio caindo em seu rosto enquanto seus lábios roçavam os dele. Ele desceu pela varanda lateral estreita e estendeu a mão para a maçaneta.

— Scott.

Ele pulou e se virou, erguendo os punhos em legítima defesa. Fazendo uma pausa, ele olhou para o pátio escuro. Uma pequena figura com um macacão de veludo azul se aproximou e suas mãos caíram. — Mãe. O que você está fazendo aqui? — ele sibilou.

— Dê-me essa faca. — Ela subiu os degraus da varanda de madeira flácida e avançou, arrancando a faca da mão dele antes que ele tivesse a chance de segurá-la. — Estamos indo para casa.

— Não. — Ele estendeu a mão e ela recuou, com uma expressão severa e sem espaço para discussões. — Você não sabe o que ele...

— Conte-me sobre isso no caminho de carro para casa e então encontraremos uma solução – juntos. Mas entrar na casa de um homem com uma faca só vai acabar mal, e *NÃO VOU PERDER VOCÊ DE NOVO*. — A voz suave dela tremia de emoção, e ele não conseguia fazer isso, não conseguia lidar com as lágrimas que brotavam dos olhos dela.

Uma risada fraca veio pelas janelas, e ele olhou para dentro, onde Randall continuava a comer, alheio à conversa que acontecia em sua

varanda.

— Vamos — ela ordenou, agarrando seu antebraço e puxando-o com a força de uma mulher com o dobro de seu tamanho. — Vamos entrar no carro e você pode me contar tudo.

Ele não queria contar tudo a ela. Ele queria Brooke e queria a vida que eles haviam planejado, e não aguentava nem mais um minuto com as coisas horríveis que sua mãe dizia constantemente sobre ela. Ela odiava Brooke e nem a conhecia. Não entendia que Brooke o estava protegendo, cuidando dele. Que Brooke o amava.

Sempre que ele tentava explicar, sua mãe apenas olhava para ele como se ele fosse louco.

Ela puxou o braço dele e ele resistiu, olhando para a janela, onde Randall Thompson estava abrindo a tampa de uma cerveja fresca. Por um último momento, ele considerou arrancar e arrombar a porta. Envolvendo as mãos em volta daquele pescoço velho e grosso. Apertando até seu rosto ficar roxo e saliva borbulhar entre seus lábios.

Ele considerou, saboreou e depois seguiu a mãe em direção aos veículos.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

DOIS MESES DEPOIS



Um alerta de mensagem de texto apareceu no meio da longa e desinteressante recapitulação de Lela Grant sobre a sessão da Netflix da noite passada. Olhei para o meu celular, não reconheci o número no display e voltei minha atenção para ela.

— Então, o pior é que o cara é na verdade o padrasto dela, mas você não percebe isso até a última cena, quando ele saca a arma e atira no rosto dela! — Seus olhos se arregalaram o suficiente para eu ver seu delineador roxo brilhante.

— Interessante. — pensei. — Então, você recomendaria o filme? — Desenhei uma borda decorativa ao redor do título do filme em meu bloco de notas.

— Bem não. Agora que você sabe tudo o que acontece. — Ela parecia desanimada, então se animou novamente. — Vi que o LAPD está finalmente investigando Randall Thompson por molestar suas alunas.

— Sim, eu ouvi isso.

— Acho muito legal como todas as mães das vítimas do Coração Sangrento se uniram e criaram uma fundação de defesa das vítimas. E eles estão investigando crimes antigos? — Ela fixou os olhos em mim.

Sem saber a resposta correta, balancei a cabeça. — Sim. É muito bom.

E era. Observei atentamente a cobertura da imprensa e pude ver o impacto poderoso e positivo que o grupo sem fins lucrativos já estava a ter – não apenas junto das vítimas, mas entre si. Eles sentiram-se desamparados durante os raptos dos seus filhos, e depois em luto e sozinhos depois de os corpos dos seus filhos terem sido encontrados. Mas agora estavam unidos num objetivo comum: ajudar aqueles que não têm voz a encontrar justiça. Eles eram formidáveis, bem financiados e adotaram as acusadoras ignoradas de Randall Thompson como seus primeiros clientes pro bono.

— Você sabe, Sarah estudou em Beverly High.

Ah sim, Sarah. A horrível cunhada, digna de matar.

— Estamos acompanhando as atualizações do caso juntas nas redes sociais.

Esperei por um comentário sobre Lela torturando Sarah para obter informações ou planejando enrolar uma extensão de laptop em seu pescoço, mas ela permaneceu em silêncio.

— Isso é legal. — eu consegui. — Juntas? Ou...

— Oh não. — Ela balançou a cabeça. — Quero dizer, ela mora em Pasadena. Mas temos enviado mensagens de texto sobre isso. Ela quer ir comigo à primeira audiência. Ela não o tinha como professor, mas ela era estudante lá e o via nos corredores, tipo, todos os dias. Além disso, ela conhecia Jamie Horace - que foi uma de suas vítimas - pessoalmente. Elas eram líderes de torcida juntas, praticamente melhores amigas. — Ela sorriu. — Solicitei para ser amiga de Jamie no Facebook, como era amiga em comum de Sarah, e não um perseguidor aleatório, ela me aceitou. — Ela torceu uma mecha de cabelo com um dedo. — Então é legal, porque ela tem essa ligação, e eu tenho toda a minha ligação com você... então nós duas estamos realmente investidas no caso.

Digeri aquela pilha de lixo açucarada e consegui não reagir. — Então, você está se dando bem com Sarah?

— Sim. Acho que superei a coisa de ‘matá-la’. — Ela franziu a testa. — Quero dizer, não que eu queira interromper as sessões ou

algo assim. Eu tenho outros problemas se isso for...

Eu levantei minha mão. — Estou feliz por estar aqui para ajudá-la, sem necessidade de violência. Podemos conversar sobre qualquer coisa que você queira falar em suas sessões.

— Oh, que bom. — Ela saltou um pouco na cadeira e eu lutei contra a vontade de sorrir. Ela era, por mais ridícula que fosse, uma agradável explosão de inocência em dias agora cheios de escuridão. Minha reputação profissional, que eu considerava condenada, na verdade cresceu nos meses que se seguiram à investigação do Coração Sangrento. Eu tinha aparecido em uma dúzia de entrevistas, recusado dois contratos de livros e tinha uma lista de espera de clientes, todos ansiosos para falar sobre suas agressões internas. Foi revigorante sentar aqui com Lela e conversar sobre filmes, fofocas sobre celebridades e as melhorias de sua filha. Maggie estava agora em sessões regulares com um terapeuta e progredindo bem.

Poucos minutos depois, acompanhei Lela até a porta e acenei um adeus, passando-a para Jacob, que merecia uma medalha de ouro em puxa-saco. Voltando para minha mesa, peguei meu telefone e verifiquei minhas mensagens. A mensagem do número desconhecido era curta.

**Faz algum tempo. Espero
que esteja bem. — Robert.**

Fiquei olhando para a mensagem, sem saber como responder. Depois que ele saiu da minha casa naquela tarde fatídica, ele desapareceu. Nenhuma mensagem de texto, nenhum telefonema e – quando verifiquei na internet – o perfil dele estava fora do site da empresa. Quando minha curiosidade tomou conta de mim, fui até seu escritório em Beverly Hills e peguei o elevador até seu andar. Ao sair, fiquei surpresa ao ver que seu nome havia sido removido das elegantes portas de vidro, uma mulher agora visível através da porta aberta de seu antigo escritório.

Eu não tinha dirigido até a casa dele. Eu já tinha ido longe demais ao bisbilhotar seu escritório. Eu tinha aceitado que se Robert Kevin quisesse falar comigo, ele poderia me ligar. E agora ele tinha. Tipo isso.

Coloquei meu celular na mesa e o empurrei para longe de mim. Eu não sabia como responder à mensagem, e o enxame de borboletas invadindo meu peito definitivamente não era uma coisa boa. O homem veio à minha casa para me matar. É verdade que não fez, mas e se eu não o tivesse convencido da minha inocência?

Indivíduos são não se voltavam para o assassinato. Por outro lado, a morte de uma criança pode fazer com que qualquer pessoa perca a cabeça. Eu não o culpei por matar John Abbott, e não o culpei por direcionar sua raiva e ódio contra mim quando ele pensou que eu tinha deixado seu filho morrer de boa vontade.

Nos últimos três meses, uma investigação dissecou minuciosamente cada momento da horrível história de John e Brooke. Eu revirei meus arquivos, por mais inúteis que eu acreditasse que fossem, e fiquei horas interrogando. Felizmente, o estado acreditou na minha história e não apresentou nenhuma acusação por obstrução da justiça, voltando rapidamente o foco para os horrores crescentes de John e Brooke Abbott.

Os assassinatos do Coração Sangrento não foram seus primeiros crimes. O primeiro foi um colega de escola de John que - se eu tivesse que adivinhar - havia abusado sexualmente de John Abbott. Uma auditoria na farmácia de John revelou um grande número de receitas arquivadas incorretamente e apropriadas, juntamente com uma ligação entre as vítimas. Pelo menos quatro dos seis adolescentes tinham receitas médicas atendidas na Farmácia Breyer.

Pegando meu celular, considerei responder. Que mal havia em um texto simples?

Estou bem.

Lá. Ninguém poderia chamar isso de flerte. Deixei meu celular na bolsa e me aproximei da minha mesa, prometendo retornar todos os meus e-mails pendentes antes de olhar meu telefone novamente. Um leve zumbido veio de dentro da minha bolsa.

Ok, quatro novos e-mails. Cliquei em um, li o primeiro parágrafo duas vezes, desisti e peguei meu telefone. Recostando-me na cadeira,

abri o novo texto.

Devíamos tomar uma
bebida e conversar.

**Uma bebida. Parecia tão simples, tão inocente. Digitei uma
resposta antes que pudesse me questionar.**

Claro. Quando?

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO



Nós nos encontramos dois dias depois em um bar à luz de velas na South Beverly Drive, que tinha uma Bugatti estacionado na frente e uma recepcionista com mais diamantes e cirurgia plástica do que bom senso. Ele já estava lá, sentado em um banco dourado no bar, e fez uma pausa antes de me aproximar, sem ter certeza se era ele.

Em três meses, Robert Kavin tornou-se um homem diferente. Sua barba curta agora era espessa e combinava perfeitamente com uma cabeleira áspera de cabelo grisalho. Ele estava bronzeado e seus olhos tinham um novo brilho de vida que não tinham antes. Ele usava uma camisa de gola de golfe e shorts azul-escuros com pequenas baleias bordadas.

— Uau. — Parei ao lado de seu banco. — Você parece... praiano. — Olhei para minha roupa. Eu ainda estava com o terno azul-marinho e salto alto que usei no escritório. — Eu provavelmente deveria ter sugerido um lugar mais casual. E me trocado.

Ele se levantou e se inclinou, roçando minha bochecha com um beijo. Sua barba parecia estranha contra minha pele, e ele cheirava a coco e sabonete. — Eu gosto de você assim. No entanto... — Ele apontou para o banco aberto ao lado dele. — Eu adoraria ver você soltar o cabelo. Literalmente e figurativamente. — Ele puxou meu coque baixo e eu afastei sua mão, irritada ao ver que ele havia roubado um grampo de cabelo.

— Eu gostaria de ver você com menos cabelo. — Eu fiz uma careta para ele. — Qual é o visual do homem das cavernas?

Ele sorriu. — Joguei fora minha navalha quando me liberei dos meus ternos. — Ele puxou a lateral da barba curta. — Você não gosta disso?

— Está tudo bem. — eu disse de má vontade e peguei o menu do bar. Na verdade, ele parecia bem. Muito bom. Bom para derreter a calcinha. — O que os clientes gostam?

— Eu não saberia. Saí do escritório e mudei para Venice Beach. Encontrei uma casa na água e estou reformando. — Ele pegou minha mão e eu a puxei. — Você estava errada, você sabe.

— É um choque. — eu brinquei. — De que maneira?

— Meu peixinho dourado ainda está vivo.

Eu ri. — Você o trouxe para casa?

— Sim. Dei-lhe o quarto de hóspedes. Ele está me ajudando com escolhas de design. Ele parece gostar de morar na praia.

— Parece que você também gosta. — Ele parecia mais leve, sem o manto de intensidade.

— Oh, eu amo Venice. Sempre disse a mim mesmo que me aposentaria em uma ilha do Caribe, mas... — Ele encolheu os ombros.

— Sem extradição? — Eu perguntei secamente.

Ele riu. — Bem, não, mas minha relutância em partir foi um pouco mais nobre do que isso.

Chamei a atenção do barman e pedi uma vodca tônica. — Sim?

— Bem, você está aqui.

Fiz uma pausa, confuso. — E?

— E temos assuntos inacabados. — Ele me olhou. — Acha que pode adicionar mais um cliente?

Eu fechei o menu. — Sabe, aconselhamento de luto realmente não é minha especialidade. Meus clientes normalmente são um pouco mais sombrios do que isso.

— Tenho alguns esqueletos no meu armário. — ele admitiu.

— E eles fazem a barba.

Ele estremeceu. — Eu posso fazer a barba.

Passei meus dedos por sua mandíbula e puxei os tufo grossos e selvagens. — Não. Mantenha-a.

Ele puxou a ponta do meu banco, trazendo-me para mais perto dele. — Eu também queria te dar isso. Você deixou na minha casa.

Ele pressionou algo na palma da minha mão e olhei para baixo para ver o anel de esmeralda. — Robert... — protestei.

— Pare — ele ordenou. — Já discutimos sobre isso. É seu. Pegue. Considere isso uma oferta de paz por eu querer matar você. — Ele estremeceu. — Agora, você pode me perdoar?

— Não sei. — Deslizei o anel no dedo anelar da minha mão direita. — Você pode me perdoar por não perceber o monstro que John Abbott era?

Ele me estudou, suas pupilas se movendo minuciosamente enquanto ele lia, julgava e processava o que via em meus olhos. — Acho que já fiz isso.

Ele não tinha. As chances eram altas de que ele nunca me perdoaria.

— Como você sabia que ele era culpado? — Perguntei. A pergunta foi à única coisa que ficou sem resposta e me acompanhou por três meses.

Ele suspirou, e eu sabia que ele não queria voltar por aquele caminho, mas eu precisava saber o que ele tinha visto e que eu havia perdido. — O relatório da autópsia de Gabe. Os exames laboratoriais de sangue. — Ele voltou para o bar e pegou sua bebida. — Seus níveis de insulina estavam perfeitos, como se ele tivesse usado a bomba o tempo todo. Mas para fazer isso, ele precisaria de conjuntos de infusão.

— Então por que você não suspeitaria de outro diabético?

— Existem dezenas de variações de conjuntos de infusão, mas o mais importante é que eu não recebi a ligação para pegar a receita dele. O que eu não percebi ou pensei na época. Quer dizer, meu filho

estava desaparecido. Eu mal sabia qual era meu nome do meio, muito menos se não tivesse recebido uma ligação da farmácia. E se eu tivesse notado, teria atribuído isso ao fato de eles saberem que ele estava desaparecido. Mas meses depois, quase sete meses depois de ele ter partido, eu estava na farmácia, comprando algo, e pensei sobre isso. — Ele olhou para mim. — Então verifiquei com a seguradora e outra pessoa pegou suas receitas. A insulina e também o inalador dele.

— E então você descobriu que era ele?

— Não. — Ele suspirou e tomou um gole de cerveja. — E então fiz verificações de antecedentes e perdi muito tempo olhando para todos os funcionários errados da farmácia antes de descobrir que era John.

— Oh. — Era uma ironia cruel que a única coisa que provavelmente colocou Gabe Kavin no radar de John fosse à mesma que levou ao seu assassino.

— Tive uma dúzia de conversas com John sobre Gabe, antes, durante e depois de seu desaparecimento, e nunca suspeitei de nada. — Ele encontrou meus olhos. — Fui um idiota ao presumir que seria diferente com você.

Dei de ombros. — Eu sou uma profissional. Era meu trabalho ter visto alguma coisa. E nós dois fomos, em vários pontos desta jornada, idiotas e mentirosos.

— Aqui. — Ele ergueu a garrafa. — Para embalar as tristezas para dormir.

Eu bati meu copo no dele. — Eu vou beber a isso.

Sorri com o brinde familiar, lembrando-me de quando o fiz no decadente bar rural. Parecia que foi há muito tempo. Éramos estranhos, a nossa história estava ligada sem que soubéssemos, o nosso foco era a distração da nossa dor e dos nossos problemas.

William S. Burroughs disse uma vez que ninguém é dono da vida, mas qualquer pessoa que consiga levantar uma frigideira pode criar a morte. Ele estava certo. Matar é a parte fácil. O ato de viver – de encontrar a felicidade na vida – é a parte difícil. Superando a dor e a culpa e aprendendo a amar e a confiar... Eu queria seguir esse

caminho, mas gostava de embalar minhas mágoas. Aproveitar o poço da emoção, a prova de que uma alma empática ainda existia em meu peito dolorido.

Um dia, eu seguiria em frente e me perdoaria. Eu viveria uma vida adequada. Mas por hoje, eu só precisava sobreviver. Para sobreviver e abrir espaço na minha agenda para um novo cliente. Um assassino barbudo e desalinhado que cheirava a protetor solar e tinha um peixinho dourado como animal de estimação.

Robert pegou minha mão e desta vez eu não o afastei.

Fim



NOTAS

[←1]

Fármaco utilizado no tratamento de insônia.

[←2]

É um passeio plano, semelhante ao Waltzer na Europa, projetado para uso em parques de diversão.

[←3]

Taquicardia Ventricular.

[←4]

Remoção total ou parcial do pênis.

[←5]

Transtorno de Estresse Pós Traumático.

[←6]

Departamento de Policia de Los Angeles.